

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA E PRÁTICAS SOCIAIS

CÁTIA CANÊDO

**DO CONSELHEIRO XX AO IRMÃO X: estratégias de patemização nas crônicas
de Humberto de Campos (vivo e redivivo)**

Brasília – DF

2023

Cátia Canêdo

**DO CONSELHEIRO XX AO IRMÃO X: estratégias de patemização nas crônicas
de Humberto de Campos (vivo e redivivo)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília/UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Letras: Literatura e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Claudia da Silva.

Brasília – DF

2023

Canêdo, Cátia
CC221cc DO CONSELHEIRO XX AO IRMÃO X: estratégias de patemização
nas crônicas de Humberto de Campos (vivo e redivivo) / Cátia
Canêdo; orientador Ana Claudia Silva. -- Brasília, 2023.
212 p.

Tese(Doutorado em Literatura) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Humberto de Campos, 1886-1934 crítica e interpretação.
2. Crônicas brasileiras. 3. Teoria da patemização. 4.
Literatura espírita. I. Silva, Ana Claudia, orient. II.
Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Tese intitulada **“DO CONSELHEIRO XX AO IRMÃO X: estratégias de patemização nas crônicas de Humberto de Campos (vivo e redivivo)”**, de autoria de Cátia Canêdo, apresentada à Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Dr^a. Ana Claudia da Silva (UnB)
(Presidente)

Prof. Dr. Dirlenvalder do Nascimento Loyolla (Unifesspa)
(Membro externo)

Prof^a. Dr^a. Marina Arantes Santos Vasconcelos (SEDF)
(Membro externo)

Prof. Dr. Wiliam Alves Biserra (UnB)
(Membro interno)

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB)
(Suplente)

Esta pesquisa se efetiva a partir de um ideal e muita dedicação.

Portanto, dedico este trabalho a todos e a todas que, de alguma forma, estiveram comigo, seja presencialmente ou à distância: seja por meros minutos ou por muitos dias, meses ou anos. Sob diversos aspectos, mesmo que de forma inconsciente, muitos contribuíram para o meu crescimento e fortalecimento. A todos que se colocaram disponíveis, seja apoiando, ensinando, criticando, mas, acima de tudo, fazendo com que eu conseguisse superar todas as dificuldades, anseios e receios.

Aos meus familiares, principalmente à querida Tia Neuza, Tâina, Enivaldo, Radimê, Natalina, Selma e Telma, Miria, Cristiane, Divino, Dona Rosa, amados irmãos, aos cunhados, cunhadas, enteadas e sobrinhos que sempre acreditaram na minha capacidade, e que representam minha base de amor irrestrito.

À minha eterna amiga, companheira e mãe Terezinha (*in memoriam*), por toda dedicação e apoio, exemplificando a cada dia a importância do amor e sabedoria generosa.

Ao meu querido pai, Domingos Canêdo, modelo de honra e doçura, que me fazem lutar todos os momentos para me tornar uma pessoa melhor.

Às minhas filhas maravilhosas, Bárbara, Samantha e Rajah, bem como à minha neta querida, Maitê, pela compreensão por meu distanciamento e ausências para que pudesse me dedicar à concretização deste sonho.

Ao meu companheiro de vida, meu esposo e cúmplice, Raimundo Oliveira, por toda parceria e apoio incondicional; pelo incentivo e críticas, por me impulsionar a continuar acreditando em mim e na minha capacidade. Sua generosidade e estímulo nos momentos difíceis fizeram deste sonho uma realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Claudia da Silva, devotada profissional cujo brilhantismo se revela em tudo o que se propõe a fazer. Infelizmente, devido à pandemia, não tivemos a oportunidade de maior convivência; contudo, através dos diversos encontros remotos, das nossas longas conversas, pude ser orientada e conhecer essa professora íntegra e generosa a quem tenho muita admiração e respeito. Obrigado por compartilhar descobertas e experiências, por sua solidariedade durante essa árdua jornada acadêmica, e também por sua compreensão durante os meus erros, minhas inseguranças e minhas dores. Por sempre acreditar e me encorajar nesta pesquisa. Por toda sua contribuição, entusiasmo e doação a este projeto.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília/UnB; aos coordenadores, e a todo o corpo docente, técnicos, pela oportunidade, por todo trabalho e colaboração. Em especial:

- ao Prof. Dr. Rogério da Silva Lima, pela contribuição, sensibilidade, generosidade, doação carinhosa e atenção que me dispensou nesta etapa de meu percurso;
- ao Prof. Dr. Alexandre Simões Pilati, pela atenção e consideração sempre marcadas pela visão crítica e apurada dos contrapontos;
- ao Prof. Dr. Pedro Mandagará Ribeiro, pelo aprendizado, atenção sincera a mim dispensados.

Por fim, agradeço a Deus pela vida, por todas as oportunidades de aprimoramento e de aprendizagem durante esta minha esplêndida jornada. Compreendo que foram as minhas alegrias e tristezas, sucessos e derrotas, e também as facilidades e as dificuldades que me impulsionaram a ser a Cátia que sou. E, sem dúvida alguma, foi a fé em Deus, a esperança de dias melhores que me sustentaram e me fortaleceram para que eu pudesse acolher e encarar os acontecimentos diários como desafios e oportunidades de evolução.

Ler passa a ser, então, sentir os “afetos” provocados pelo texto
(Beatriz dos Santos Feres *in*: Mendes; Machado, 2010, p. 127)

RESUMO

Humberto de Campos (1886-1934) foi um renomado jornalista, político e escritor maranhense, membro da Academia Brasileira de Letras que fez muito sucesso como cronista entre os leitores brasileiros nas décadas de 1910 e 1920 sob o pseudônimo Conselheiro XX. Ligado ao grupo neoparnasiano/beletrista/academicista de Coelho Neto e Olavo Bilac, Campos caiu no ostracismo quanto à percepção de sua obra por parte da crítica nacional, não chegando nem mesmo a figurar atualmente nos manuais mais importantes de história da literatura brasileira. Ocorre que, poucos anos após o seu falecimento, vários textos psicografados começaram a ser publicados pela Federação Espírita Brasileira (FEB) como sendo de autoria do Espírito Humberto de Campos, que também passou a assinar sob o pseudônimo Irmão X. Sendo assim, embora raramente publicado pelas editoras nacionais e pouco estudado no âmbito acadêmico, Humberto de Campos acabou se tornando um grande sucesso editorial no meio espírita, estando atrelado a mais de dez publicações exitosas. O campo literário espírita conta com uma quantidade enorme de obras psicografadas e não-psicografadas, engloba publicações classificadas como ficção e não-ficção e, nos últimos trinta anos, vem sendo fortalecido por uma crescente crítica literária acadêmica, através de dissertações e teses. O tema desta pesquisa, nessa perspectiva, surgiu tanto do interesse em se estudar a crônica assinada em vida pelo escritor quanto aquela publicada sob o rótulo de literatura espírita. O objetivo aqui proposto é o de se analisar nesses textos recursos retóricos que buscam emocionar o leitor; para tanto, optou-se pela teoria da patemização ligada à semiolinguística de Patrick Charaudeau, a qual lida com os efeitos persuasivos que se escondem na estrutura textual. Pautada em pesquisa bibliográfica e análise de crônicas, esta tese de doutorado conta com o seguinte suporte teórico: Agra (2014), Charaudeau (2006; 2007; 2010; 2019), Chinellatto (1989), Dias (2006), Fernandes (2001), Gonçalves (2011), Haluch (2005), Lignani (2000), Lebert (1956), Medeiros (2010), Mendes e Machado (2010), Machado, Menezes e Mendes (2007), Oliveira (1990), Picanço (1937), Prata (2016), Reis, Carvalho e Souza (1986), Rocha (2001; 2008), Scheibe (2008), Silva (2012), Silva (2014), Sousa (2001), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Humberto de Campos. Crônica. Psicografia. Literatura espírita. Patemização.

ABSTRACT

Humberto de Campos (1886-1934) was an important journalist, politician and writer, a member of the Academia Brasileira de Letras who was very successful as a columnist among Brazilian readers in the 1910s and 1920s under the pseudonym Conselheiro XX [Counsellor XX]. Linked to the neo-Parnasian group of Coelho Neto and Olavo Bilac, Campos was ostracized in terms of the perception of his work by the national critics, not even appearing today in the most important manuals in the history of Brazilian literature. After his death, several psychographed texts began to be published by the Brazilian Spiritist Federation (FEB) as authored by the spirit of Humberto de Campos, who also began to sign under the pseudonym Irmão X [Brother X]. Published by national publishers and little studied in the academic field, Humberto de Campos ended up becoming a great editorial success in the spiritist environment, being linked to more than ten successful publications. The spiritist literary field has an enormous amount of psychographed and non-psychographed works, encompasses publications classified as fiction and non-fiction and, in the last thirty years, has been strengthened by a growing academic literary criticism, through dissertations and theses. The theme of this research, in this perspective, arose both from the interest in studying the chronicle signed in life by the writer and the one published under the label of spiritist literature. Our objective is to analyze in these texts rhetorical resources that seek to thrill the reader; for that, we opted for the patemization theory linked to Patrick Charaudeau's semiolinguistics, which deals with the persuasive effects that are hidden in the textual structure. Based on bibliographic research and analysis of chronicles, this doctoral thesis has the following theoretical support: Agra (2014), Charaudeau (2006; 2007; 2010; 2019), Chinellatto (1989), Dias (2006), Fernandes (2001), Gonçalves (2011), Haluch (2005), Lignani (2000), Lebert (1956), Medeiros (2010), Mendes and Machado (2010), Machado, Menezes and Mendes (2007), Oliveira (1990), Picanço (1937), Prata (2016), Reis, Carvalho e Souza (1986), Rocha (2001; 2008), Scheibe (2008), Silva (2012), Silva (2014), Sousa (2001), among others.

KEYWORDS: Humberto de Campos. Chronicle. Psychographic writings. Spiritist literature. Patemization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro <i>O miolo e o pão</i> – Estudo crítico e antologia de Humberto de Campos. Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor (1886-1986).....	11
Figura 2 – Capa do livro <i>O espírito da paraliteratura: um estudo da obra Psicográfica de John Wilmot Rochester</i> (1989).....	26
Figura 3 – Capa da revista <i>A Maçã</i>	75
Figura 4 – Os contos do Conselheiro XX em <i>A Maçã</i>	76
Figura 5 – Retrato do heterônimo Conselheiro XX na seção “Senhoras e Senhores” – Jornal <i>O Imparcial</i>	81
Figura 6 – Detalhe da Figura 3.....	82
Figura 7 – Caricatura do heterônimo Conselheiro XX na seção “Senhoras e Senhores” do Jornal <i>O Imparcial</i>	83
Figura 8 – Detalhe da Figura 5.....	84
Figura 9 – Detalhe da Figura 3.....	99
Figura 10 – O cajueiro de Humberto de Campos.	106
Figura 11 – Placa explicativa – monumento “Cajueiro Humberto de Campos” ...	106
Figura 12 – Famosa cena do filme <i>The Seven Year Itch</i> [No Brasil: <i>O pecado mora ao lado</i>]	135
Figura 13 – Capa do Jornal <i>Daily News</i> , de 06 de agosto de 1962.....	136

LISTA DE ABREVIATURAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
EDTL	E-Dicionário de Termos Literários
EDUFF	Editora da Universidade Federal Fluminense
FEB	Federação Espírita Brasileira
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IBCT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INL	Instituto Nacional do Livro
LE	<i>Livro dos Espíritos</i>
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

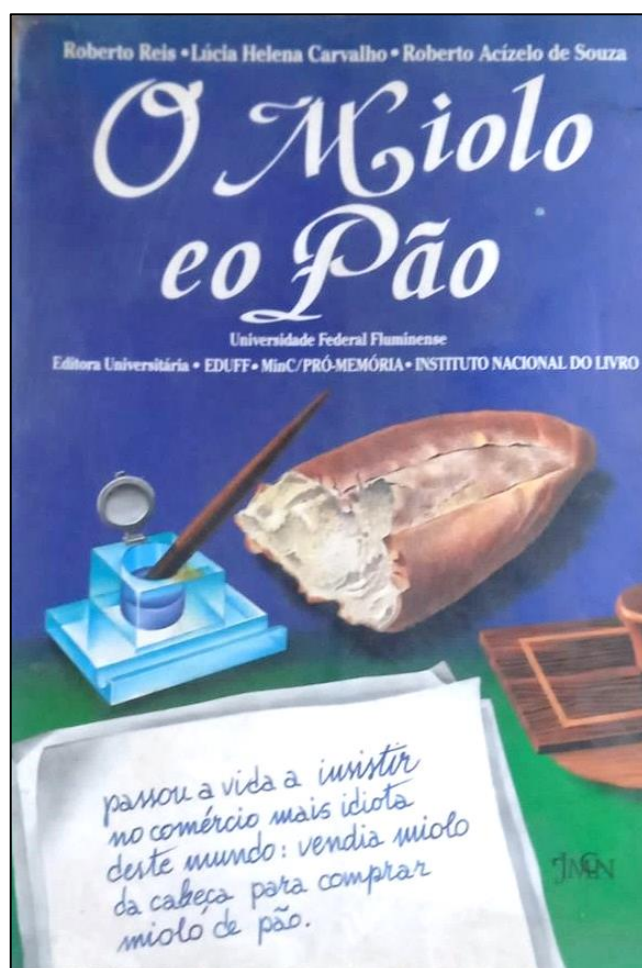
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DA LITERATURA ESPÍRITA.....	24
3 HUMBERTO DE CAMPOS: UM CASO SINGULAR NA LITERATURA BRASILEIRA	50
3.1 DE MIRITIBA AO RIO DE JANEIRO: <i>MEMÓRIAS</i>	50
3.2 O CONSELHEIRO XX.....	74
3.3 HUMBERTO DE CAMPOS REDIVIVO/IRMÃO X	89
4 ACERCA DO CONCEITO DE PATEMIZAÇÃO.....	93
5 ESTRATÉGIAS DE PATEMIZAÇÃO NAS CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS.....	103
5.1 ANÁLISE DE CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS (VIVO).....	105
5.1.1 “Um amigo de infância”	105
5.1.2 “Carta a Sanny Wsaka”.....	111
5.1.3 “Aos meus amigos da Bahia”	114
5.1.4 “A Santa Casa”	122
5.1.5 “O ninho do curió”	127
5.2 ANÁLISE DE CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS (REDIVIVO)	133
5.2.1 “Encontro em Hollywood”	133
5.2.2 “Desapontamento de um suicida”	143
5.2.3 “Judas Iscariotes”	148
5.2.4 “A escrava do senhor”	152
5.2.5 “Carta aberta”	157
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS.....	172
ANEXO – TEXTOS INTEGRAIS DAS DEZ CRÔNICAS ANALISADAS	

1 INTRODUÇÃO

Em 1986, ano em que se comemorava o centenário de nascimento de Humberto de Campos (1886-1934), o Instituto Nacional do Livro (INL) rendeu homenagem ao escritor maranhense com o lançamento da antologia *O miolo e o pão*. Nessa edição comemorativa, publicada em parceria com a Editora da Universidade Federal Fluminense (EDUFF), seus organizadores afirmam que Humberto de Campos figurou entre os escritores mais conhecidos do Brasil no início do século XX, embora pouco ou quase nada se escrevesse sobre ele nos idos dos anos 1980.

Figura 1 – Capa do livro *O miolo e o pão* – Estudo crítico e antologia de Humberto de Campos. Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor (1886-1986).



Fonte: Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/roberto-reis-e-outros/o-miolo-e-o-pao/621708954>. Acesso em: 22 ago. 2022.

Segundo Roberto Reis, Lúcia Helena Carvalho e Roberto Acízelo de Souza (1986), organizadores da referida antologia, poucos homens de letras do país experimentaram tamanha e tão rápida glória pública quanto Humberto de Campos; cedo, ele viu criada em torno de si uma verdadeira aura de consagração capaz de elevá-lo a posições de prestígio tanto na literatura quanto no jornalismo e na política: o escritor tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras com apenas 34 anos e foi eleito Deputado Federal pelo Maranhão em 1927, sendo reeleito em 1929.

Com efeito, Humberto de Campos representa um caso *sui generis* na história da literatura brasileira. Tendo ascendido rapidamente no campo literário do início do século XX, ao falecer, no dia 05 de dezembro de 1934, era um dos autores mais lidos e mais queridos pelo público brasileiro, como atestam alguns de seus biógrafos, como Almir de Oliveira e Maria de Lourdes Lebert. Oliveira (1990, p. 17), por exemplo, afirma que a morte de Campos promoveu grande comoção nacional, tomando “conotações de verdadeira tragédia”, posto que, “de norte a sul” do país o povo lastimava a sua perda e os principais jornais da época dedicavam matérias de primeira página a Campos. Lebert (1956, p. 55), por sua vez, informa que o corpo dessa grande figura pública foi velado na Academia Brasileira de Letras e que o seu sepultamento “abalou o Rio de Janeiro”, já que lá estava presente praticamente “a metade da população local”. Foram prestadas muitas homenagens, as quais vieram de literatos, intelectuais e políticos.

Aos organizadores da antologia *O miolo e o pão*, portanto, chama atenção o fato de que no centenário de Humberto de Campos a obra desse imortal da literatura brasileira fosse praticamente desconhecida pelo grande público nacional, restando esquecida pelas nossas editoras e pelo meio acadêmico. Nos estudos críticos que integram o livro há um importante levantamento sobre a bibliografia ativa e passiva do autor que revela o grande desnível existente entre o tamanho de sua gigantesca produção literária e o de sua escassa fortuna crítica estabelecida ao longo dos anos. Como bem afirma Reis (*in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 13), uma das mais importantes “tarefas a serem encetadas na crítica literária brasileira, na qual há tanto por se fazer, é rever o *corpus* consagrado, repensando os escritores descartados pela história literária”. Se, portanto, o caso de Humberto de Campos já era merecedor de atenção por parte da crítica especializada em 1986, hoje faz-se muito mais importante que novos estudos sobre a sua obra venham a lume, já que pouco se fez desde então. Há trinta e seis anos, informavam Reis, Carvalho e Souza (1986) que datavam da

década de 1960 os últimos trabalhos conhecidos sobre o legado literário de Campos, e que era muito perceptível a falta de interesse dos críticos pela sua obra, principalmente nos anos subsequentes ao seu falecimento.

Uma das razões apontadas pelos organizadores está ligada ao fato de que Campos permaneceu alheio às mudanças estéticas empreendidas pelo advento do Modernismo de 1922, mantendo-se fiel à tradição beletrista neoparnasiana. Até o fim da vida, continuou preso à perspectiva erudita, preciosista, helenista/clássica de mestres e colegas de Academia Brasileira de Letras, como Coelho Neto e Olavo Bilac. Como chegou, inclusive, a criticar abertamente a proposta modernista, também tornou-se alvo das mesmas críticas ferrenhas da nova geração dirigidas aos medalhões da ABL. Sendo assim, sua literatura “envelheceu” muito rapidamente, quando comparada àquela produzida a partir dos modernistas (primeira geração, geração de 1930 e de 1945). É possível, portanto, que a própria crítica literária acadêmica, que substituiu a crítica de rodapé (feita pelos jornalistas) e que se estabeleceu no Brasil a partir dos anos 1940, tenha contribuído para certo apagamento da figura de Humberto de Campos. Isso justamente pelo fato de que tal crítica universitária já nascia sob a influência das novidades modernistas e das teorias estéticas do século XX, bastante contrárias à perspectiva neoparnasiana defendida por escritores como Campos e seus colegas de *Belle époque*.

Vale notar que Humberto de Campos consagrou-se como exímio jornalista, ficcionista e editor cujo talento nato o permitia redigir textos diversos que iam do jocoso e picante ao filosófico e culto, transitando entre a crítica sociopolítica e a crônica de costumes. Como cronista, sua especialidade era o trato com histórias do cotidiano que provocavam risos – histórias inusitadas envolvendo personalidades da política brasileira, intelectuais ou personagens comuns. Sua obra, dentro dessa perspectiva, é um ótimo exemplo daquele tipo de literatura produzida no Brasil do início do século XX que revela as “oscilações naturais que sofre o texto literário submetido aos compromissos nascidos entre literatura e jornalismo” (Carvalho *in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 31).

De acordo com Rocha (2008), Humberto de Campos causou enorme sensação no meio jornalístico nacional através da seção “Ecos”, coluna de política onde, ao lado de crônicas bem ao gosto popular, também começou a publicar contos humorísticos, os quais assinava sob o pseudônimo de Conselheiro XX. Com o Conselheiro XX, Campos produziu uma literatura classificada como “fescenina”, de tal modo que

escritores e críticos da época o tacharam de *imoral*. Ele, portanto, fez sucesso tanto através do caráter ferino de sua crônica, quanto através de algumas de suas publicações que beiravam a obscenidade e a pornografia.

Para Rocha (2008, p. 23), os escritos assinados pelo Conselheiro “deram ao escritor uma enorme popularidade, só superada pelas crônicas dos primeiros anos da década de 30 assinadas com seu verdadeiro nome”, onde Campos, gravemente enfermo, tornou-se o principal personagem de seus textos. Em decorrência da doença que o levaria à morte em 1934, diagnosticada como hipertrofia da hipófise, o autor alterou consideravelmente o seu modo de escrever e de se relacionar com o público. Nesse sentido, o tom dos seus textos muda: passa a escrever de forma mais sentimental e/ou confessional, até mesmo intimista. Ele escreve sobre os conflitos humanos, apresentando-se como um autor que objetiva aconselhar e consolar os leitores; através das suas crônicas ele expõe sua vivência, narra seu sofrimento, mas ele se coloca não como um homem que clama compaixão ou misericórdia, mas como uma pessoa que consegue resistir às adversidades.

Eleito para a ABL muito jovem, para os padrões desse grêmio literário, o escritor também faleceu precocemente, aos 47 anos, vítima de hipertrofia da hipófise (acromegalia). Segundo Agra (2014), sua rara doença se manifestou no início dos anos 1920, mas apenas em 1928 houve um diagnóstico seguro e definitivo. Seus últimos anos de vida foram de muito trabalho literário; todavia, também foi um período marcado por uma enorme reclusão; o afastamento da vida pública deveu-se ao fato de que sua doença lhe causava vários sofrimentos, como o “inchaço de várias localidades do corpo (mãos, pés, cabeça, lábios) e pressão interna sobre os órgãos, afetando, especialmente, os nervos oculares, a bexiga e a próstata” (Agra, 2014, p. 39).

Segundo Scheibe (2008), nos últimos anos de vida o escritor passou a receber cartas de leitores de todo o Brasil; algumas delas eram bem afetuosas, com mensagens de solidariedade e incentivo frente à doença. Outras, porém, eram de leitores angustiados, que lhe enviavam pedidos de ajuda e/ou de orientação face a problemas pessoais ou de família. Ao que o escritor correspondia por meio de crônicas/cartas que eram publicadas nos principais jornais. Em tais crônicas ele demonstrava ser uma pessoa conhecedora das amarguras humanas, sensibilizando-se com as dores dos outros. Em alguns momentos o autor se mostrava como um

escritor conservador e moralista; todavia, já em outros trechos, ele também se posicionava como um escritor com opiniões bem modernas e inusitadas para a época.

A glória literária alcançada por Humberto de Campos está intrinsecamente ligada à sua popularidade como cronista: mesmo que sua entrada na Academia Brasileira de Letras tenha sido por intermédio do valor literário de seus poemas, foi a sua intensa atividade jornalística a maior responsável pelo seu renome como escritor de sucesso no Brasil. De acordo com Saliba (2002), os textos anedóticos assinados pelo Conselheiro XX causaram grande escândalo nos círculos letrados, de modo que o mesmo Humberto de Campos reverenciado pelo público leitor era visto de soslaio por muitos acadêmicos devido às características provocadoras, imorais e pornográficas dos textos do referido Conselheiro.

O texto que integra a capa da antologia *O miolo e o pão* (Figura 1) é revelador do importante aspecto da vida profissional de Humberto de Campos que se entende pelo trabalho nos periódicos; nele se lê: “passou a vida a insistir no comércio mais idiota deste mundo: vendia miolo da cabeça para comprar miolo de pão” (texto este que, originalmente, encontra-se em: Campos, 1941c, p. 25). A metáfora da busca pelo *pão de cada dia* a partir do esforço de seu trabalho como escritor tornou-se uma imagem bastante recorrente nos seus textos, como é possível depreender a partir deste outro excerto:

Eu queria a vida para consagrá-la principalmente às minhas letras; à realização de uma obra que trazia no pensamento. Isso tornou-se impossível. E **minhas horas são consumidas, todas na conquista do pão de cada dia** (Campos, 1954a, v. 2, p. 164, grifo nosso).

Ter a literatura como única fonte financeira foi um dilema vivido por grande parte dos escritores dos séculos XIX e XX. São inúmeros os literatos do período, os chamados “homens das letras”, que, por necessidade, buscaram outros espaços visando o próprio sustento. Nesse sentido, muitos também desenvolveram outras profissões concomitantemente com o trabalho literário. Foram professores, advogados, funcionários públicos, médicos, jornalistas e políticos. Assumir essa dupla jornada, para grande parte dos escritores, não era motivo de orgulho, mas sim de lamento, posto que, no geral, todos tivessem o sonho dourado de viver apenas da literatura.

Humberto de Campos fez parte de uma geração de literatos brasileiros que, no início do século XX, trabalhou nos grandes jornais nacionais e promoveu uma literatura influenciada por uma dinâmica atuação da imprensa. Em vários de seus textos ele lamenta não ter tido condições de se dedicar a uma obra mais profunda, menos frívola e mais elaborada. O autor dedicou a sua vida ao trabalho literário. Elegeu a escrita como sua atividade principal, e escreveu praticamente durante toda a vida para a imprensa, em prosa e verso, tendo sido um cronista muito ativo. Nesse contexto, era, de certa forma, obrigado a muito escrever, não necessariamente por puro prazer artístico, mas por necessidade financeira, isto é, para cumprir com suas obrigações de literato assalariado. O próprio escritor se dizia um “operário da pena”, afirmando que era “obrigado a inverter quotidianamente o milagre de Santa Izabel da Hungria, transformando flores em pão”; para ele, “não é por prazer que um homem das letras escreve três ou quatro artigos por dia” (Campos, 1935, p. 63).

Com relação ao seu modo de trabalho, em *Os Párias*, na crônica “Uma voz na sombra”, que se trata de uma resposta a uma carta, ele faz um desabafo sobre o quanto as dificuldades financeiras interferiam na sua aspiração de ter reais condições para se dedicar a uma obra literária “maior”:

Não há na minha vida, ambição maior, minha ilustre camarada desconhecida, **que a de escrever obras que se tornem úteis aos homens de hoje e fiquem na memória dos homens de amanhã.** Como poderei eu, porém, fabricar um móvel majestoso e sólido, se na minha existência de **carpinteiro das letras** tenho de pôr à venda, cada manhã, no mercado, a tabua aplanei a noite? Como poderei escrever um romance forte, um trabalho de meditação ou de observação, se tenho de vender, a retalho, as ideias miúdas que me vêm, e se não há compradores na praça para as outras de maior porte? Que aspiração pode alimentar, ainda, um escritor, cujas ilusões caíram todas, e morreram, como pássaros, na gaiola da realidade, e que tem de ralar diariamente com o cérebro por ordem imperiosa do estômago? (Campos, 1941c, p. 24-25, **grifo nosso**).

Em um trecho do seu *Diário Secreto* ele revela algumas características dessa sua árdua batalha:

Tive de lutar penosamente pela subsistência, mantendo-me, e a uma família numerosa, exclusivamente com o trabalho da minha pena. **Os meus dias, as minhas horas, os meus minutos, passaram a ser convertidos em pão.** Quem tem fome não planta árvores de luxo, que só produzem ao fim de cinco anos; planta leguminosas comuns, que frutificam em cinco semanas. Foi o que eu fiz (Campos, 1954a, vol. II, p. 84, **grifo nosso**).

Para um autor que publicou tanto (cerca de 45 livros) e que, em vida, colheu tantas glórias literárias, causa estranheza o fato de que, no âmbito da crítica, pouquíssimo se tenha escrito sobre a sua obra desde 1934 até o presente. Benício Medeiros concorda com tal perspectiva, uma vez que verifica a ausência de referências ao escritor nos grandes manuais brasileiros de historiografia literária:

A despeito da imensa popularidade de que desfrutou nas primeiras décadas do século XX, a crítica em geral não inclui Humberto de Campos entre os escritores brasileiros mais importantes. Na sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi cita-o duas vezes – e de passagem, e a propósito de outro autor, sem ater-se a nenhuma de suas obras. Na *História da Literatura Brasileira*, de Nelson Werneck Sodré, ele não merece mais que três referências, e assim mesmo em notas de pé de página (Medeiros, 2010, p. 5).

Para Medeiros (2010), a figura literária de Campos contrasta-se, por exemplo, com a de Lima Barreto (1881-1922), uma vez que o escritor pré-modernista carioca tenha sido amplamente rejeitado pelos críticos de seu tempo, mas venha sofrendo um processo de reabilitação por parte da crítica contemporânea. Humberto de Campos, por seu turno, colheu em vida, “fartamente, os louros ofertados pelos inúmeros leitores” (Medeiros, 2010, p. 6), e teve uma das mais extraordinárias trajetórias literárias do nosso mundo das letras; e, no entanto, desapareceu por completo de quase todos os manuais.

Para Souza (*in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 19), a crítica acerca do legado literário de Campos ainda está por ser plenamente desenvolvida. Para ele, toda a obra do escritor “espera a paciência e a aplicação dos chamados críticos textuais, a fim de que seu texto seja estabelecido em bases dotadas de um mínimo de rigor”. De acordo com o pesquisador, há determinados problemas ligados à correta fixação dos textos de Campos pela crítica – problemas estes que, de alguma forma, talvez impediram ou inibiram um pleno exercício crítico sobre tal legado. Haveria, portanto, segundo Souza, algumas lacunas editoriais que podem estar dificultando o desenvolvimento da fortuna crítica sobre o escritor. A primeira delas estaria ligada ao fato de que boa parte do que Campos escreveu tenha sido publicada originalmente na imprensa e só depois reunida no formato de livro. Ocorre que, segundo ele, nem o autor e nem o editor de tais livros esclarecem certos detalhes importantes, tais como: “o critério para a reunião dos vários textos num livro” ou mesmo “o veículo de imprensa em que os textos foram

originalmente publicados, com as datas respectivas” (Souza *in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 19).

A segunda grande lacuna apontada pelo pesquisador recai sobre as antologias organizadas por Campos: no entendimento de Souza, tais obras, que são compiladas com o rótulo de “Pesquisas históricas e literárias”, são bastante “imperfeitas na referência de suas fontes”, de tal modo que, às vezes, “ficamos sem saber se Humberto de Campos nos está oferecendo uma paráfrase, uma tradução ou uma transcrição fiel do texto original (Souza *in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 19).

A terceira lacuna, por sua vez, estaria ligada à considerável obra póstuma de Humberto de Campos (18 volumes), cujo arranjo final não passou pelo crivo do autor: *Sombras que sofrem* (1934), *Destinos* (1935), *Sepultando os meus mortos* (1935), *Notas de um diarista* [primeira série] (1935), *Reminiscências* (1935), *Um sonho de pobre* (1935), *Notas de um diarista* [segunda série] (1936), *Contrastes* (1936), *Últimas crônicas* (1936), *Perfis* [primeira série] (1936), *Perfis* [segunda série] (1936), *Fatos e feitos* (1949), *Crítica* [terceira série] (1935), *Crítica* [quarta série] (1936), *Memórias inacabadas* (1935), *Fragmentos de um diário* (1939), *Diário secreto* [2 volumes] (1954a) e *À sombra das tamareiras* (1934). Tais obras, portanto, dentro dessa perspectiva, guardam problemas de organização (isto é: não há, muitas vezes, um fator de ligação ou temática comum entre os textos que formam um mesmo livro).

Por fim, Souza afirma que, como se não bastasse o fato de a obra de Campos ser tão extensa e tão malcuidada do ponto de vista editorial, é importante observar que o seu *corpus* foi acrescido, “por artes mediúnicas”, “de mais algumas dezenas de livros, psicografados pelo famoso Chico Xavier” (Souza *in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 19). O crítico faz menção ao fato de que, em 1937, três anos após o falecimento do escritor, o médium espírita mineiro Francisco Cândido Xavier passou a publicar pela Federação Espírita Brasileira (FEB) uma série de textos psicografados cuja autoria era atribuída ao Espírito Humberto de Campos, que depois passou a assinar as obras sob o pseudônimo de Irmão X. De acordo com Rocha (2008), do ponto de vista editorial, os seus livros psicografados revelaram-se um enorme sucesso de vendas, fato este que revitalizou consideravelmente o nome do autor na mídia ao longo dos anos.

Por meio da psicografia, já no ano seguinte à morte de Humberto de Campos, textos inéditos passaram a ser publicados. Tais textos foram ganhando grande repercussão e destaque no meio intelectual brasileiro recebendo “reconhecimento de

alguns, como Agripino Grieco, e críticas de outros, como Viriato Correia, Guilherme Figueiredo e Malba Tahan, classificando as obras como “pastiche grosseiro” (Agra, 2014, p. 282). No campo literário espírita, contudo, a obra psicografada de Humberto de Campos possui excelente aceitação e influência, mantendo um ritmo contínuo de republicações até os dias atuais.

Mesmo esquecido pelos grandes manuais de história literária, Humberto de Campos foi lembrado em pelo menos seis trabalhos acadêmicos importantes (teses e dissertações) realizados nos últimos vinte e um anos, sendo eles: *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*, de Alexandre Caroli Rocha (dissertação/2001); *A Maçã: manifestações do design no início do século XX*, de Aline Haluch (Dissertação/2002); *A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos*, de Roberta Scheibe (Dissertação/2006); *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*, de Alexandre Caroli Rocha (Tese/2008); *Quando a doença torna a vida um fardo: a trajetória de Humberto de Campos (1928-1934)*, de Giscard Farias Agra (Tese/2014) e *As representações da morte em “O monstro e outros contos”, de Humberto de Campos*, de Ivane Santos Diniz (Dissertação/2020). Como é possível perceber pelos títulos de tais estudos, pelo menos dois trabalhos sobre o autor (ambos de Alexandre Caroli Rocha) são relativos à sua produção “rediviva”, isto é, produzida e publicada por intermédio de psicografia.

Este trabalho, pertencente à linha de pesquisa “Representação na literatura contemporânea”, inscreve-se justamente no eixo de interesse “Literatura Espírita Brasileira” do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Fazendo jus ao preceito inovador e democrático que subjaz à área de concentração “Literatura e práticas sociais”, que vem há anos abrindo espaço para olhares não-canônicos em relação aos objetos literários, o referido eixo de interesse busca investigar a literatura espírita enquanto um “objeto que se realiza na confluência entre os estudos literários e os estudos da doutrina espírita, os quais conformam uma cosmovisão específica que se revela nas obras literárias espíritas” (Silva, 2021, p. 14).

Nesta tese de doutoramento, nosso interesse é realizar um estudo acerca da crônica de Humberto de Campos. Todavia, escolhemos como objetos de análise tanto crônicas redigidas em vida pelo escritor maranhense quanto textos psicografados e publicados sob o rótulo de Literatura Espírita, gênero este ainda pouco explorado pela crítica literária tradicional, mas que vem, aos poucos, recebendo merecida atenção por parte do meio acadêmico brasileiro, como demonstram os estudos universitários

pioneiros de Chinellatto (1989), Lignani (2000), Rocha (2001), Fernandes (2001), Sousa (2001), Dias (2006) e Rocha (2008), além de outros trabalhos posteriores, como os de Gonçalves (2011), Silva (2012), Silva (2014), Prata (2016) e Abreu e Silva (2020).

Em nossa proposta de estudo desenvolvemos uma análise das crônicas de Humberto de Campos usando como parâmetro metodológico o conceito de *patemização* – conceito este retirado da Semiologia, ramo da Análise do Discurso. Isso se deve ao fato de que tanto nos textos publicados em vida (ou mesmo póstumos, desde que assinados por Humberto de Campos), quanto naqueles psicografados e atribuídos ao seu espírito, há uma enorme carga patêmica (emocional) que pode ser reconhecida através de certos mecanismos retóricos presentes em tais textos.

Dentre os gêneros textuais, a crônica encerra uma característica bastante peculiar que é dar ao texto uma dimensão dissertativo-argumentativa ao mesmo tempo em que se abre para a exploração de recursos necessariamente retóricos que buscam explorar a emoção dos leitores. Em seus estudos sobre retórica, na Antiguidade, o pensador grego Aristóteles lançou as bases para o entendimento contemporâneo segundo o qual a argumentação deve ser estudada como uma prática discursiva que visa “alterar o pensamento, as crenças, as ações e mesmo as emoções do interlocutor” (Silva; Gouvêa, 2019, p. 854). Aristóteles entendia que quando o orador deseja convencer alguém, ele tem ao seu dispor três princípios retóricos, a saber, o *logos*, o *ethos* e o *pathos*. O *logos* diz respeito ao aspecto racional da linguagem verbal (o uso dialético da palavra e a plena concatenação de ideias); o *ethos*, por sua vez, já estaria ligado à percepção por parte do ouvinte sobre a autoridade e performance do orador em relação ao assunto que discute. Por fim, o *pathos*, para o pensador grego, estaria ligado ao princípio retórico que pode ser usado a fim de se extrair certo nível de emoção do interlocutor.

Proveniente da mesma raiz etimológica do *pathos* aristotélico, que diz respeito à ideia de *emoção*, o termo *patemização* foi cunhado pelo linguista francês Patrick Charaudeau para designar os efeitos persuasivos do texto no âmbito da teoria semiológica da análise do discurso. Para Charaudeau, a análise do discurso não possui metodologia que a possibilite investigar a emoção vivenciada por um sujeito, mas faz-se perfeitamente possível a ela estudar, no texto, o processo discursivo através do qual a emoção pode ser provocada.

Digno de nota é o fato de que tanto em sua crônica “viva” quanto em sua obra “rediviva”, Humberto de Campos demonstre determinadas características discursivas importantes que dizem respeito à arte de emocionar o leitor, de persuadi-lo através de estratégias patêmicas que vão desde o riso à comiseração e que merecem a atenção da crítica especializada. Sendo assim, a partir do que foi exposto acima, buscamos neste trabalho desenvolver uma análise de cinco crônicas assinadas pelo escritor Humberto de Campos e cinco crônicas atribuídas ao Espírito Humberto de Campos (ou Irmão X) levando em consideração as estratégias de patemização constantes em ambas as dimensões textuais.

A partir da estruturação do tema em questão, organizamos o seguinte problema de pesquisa: posto que tanto a obra publicada por Humberto de Campos quanto aquela atribuída ao seu espírito tenham ganhado notoriedade quanto à sua capacidade de emocionar o público de várias maneiras, far-se-ia possível analisar as suas crônicas e os textos atribuídos ao Espírito Humberto de Campos (Irmão X) sob a perspectiva da teoria da patemização de Patrick Charaudeau?

O *corpus* da pesquisa está centrado nas seguintes crônicas, assinadas e publicadas por Humberto de Campos: (1) “Um amigo de infância”; (2) “Carta a Sanny Wsaka”; (3) “Aos meus amigos da Bahia”; (4) “A Santa Casa” e (5) “O ninho do curió”. Da mesma forma, também faz parte do *corpus* outras cinco crônicas assinadas pelo Espírito Humberto de Campos (ou Irmão X): (1) “Encontro em Hollywood”; (2) “Desapontamento de um suicida”; (3) “Judas Iscariotes”; (4) “A escrava do senhor” e (5) “Carta aberta”.

O plano de trabalho desta tese prevê a redação de quatro capítulos, a saber: (I) “Fundamentos metodológicos para o estudo da Literatura Espírita”; (II) “Humberto de Campos: um caso singular na literatura brasileira”; (III) “Acerca do conceito de patemização” e (IV) “Estratégias de patemização nas crônicas de Humberto de Campos”.

No capítulo 2, intitulado “Fundamentos metodológicos para o estudo da Literatura Espírita”, refletimos acerca de algumas pesquisas já realizadas sobre o tema da literatura espírita na área de Letras no Brasil. Obviamente, para tanto, também discutimos trabalhos que lidam com a referida temática que pertencem a outras áreas de estudo, como História, Sociologia ou Ciência da Religião. A proposta é fazer um levantamento acerca do que já se produziu sobre o assunto a fim de

balizarmos nossas próprias discussões sobre o legado “redivivo” de Humberto de Campos/Irmão X sob a perspectiva dos estudos literários.

O capítulo 3 desta pesquisa, é intitulado “Humberto de Campos: um caso singular na literatura brasileira”, sendo subdividido em três seções, quais sejam, “De Miritiba ao Rio de Janeiro: *Memórias*”, “O Conselheiro XX” e “Humberto de Campos redivivo/Irmão X”. Em linhas gerais, nesse capítulo traçamos um estudo sobre a carreira meteórica de Humberto de Campos nas letras brasileiras, chamando atenção para certas peculiaridades da vida e da obra desse autor. Dentre as características *sui generis* desse escritor está o fato de ter gozado de enorme popularidade em seu tempo, colhendo louros tanto literários quanto políticos ao longo de sua carreira, ter sofrido uma espécie de ostracismo literário quanto ao seu legado de escritor “vivo”, mas ser um autor extremamente importante no âmbito da literatura espírita (isto é, quanto ao seu legado de autor “redivivo”). Nesta seção também refletimos sobre aspectos importantes da escrita de Humberto de Campos, chamando atenção para as suas estratégias técnicas enquanto cronista e também como editor – isto é, sua forma perspicaz e eficiente de conquistar a simpatia de seus leitores através do apelo à emoção.

O capítulo 4 deste trabalho, “Acerca do conceito de patemização”, busca esclarecer os pormenores da chamada teoria da patemização, abrindo espaço para reflexões gerais sobre a Semiolinguística, de Patrick Charaudeau (2006; 2007; 2010; 2019). Buscamos, nesta seção, fazer um estudo sobre as estratégias gerais almejadas ou alcançadas por um escritor, editor ou publicitário no sentido de tentar captar a atenção de um destinatário.

O nosso capítulo 5, efetivamente, o capítulo de análise da tese, no qual organizamos um estudo sobre cada uma das dez crônicas selecionadas como *corpus* da pesquisa. Tal seção intitula-se “Estratégias de patemização nas crônicas de Humberto de Campos”, e subdivide-se em duas partes, sendo a primeira “Análise de crônicas de Humberto de Campos (vivo)”, e a segunda “Análise de crônicas de Humberto de Campos (redivivo)”.

Para o estudo das crônicas selecionadas levamos em consideração aspectos notadamente patêmicos da obra jornalística de Humberto de Campos “vivo”, como seu tino editorial de vanguarda e seu modo particular de tentar conquistar a confiança do público leitor, seja fazendo-o rir, compadecer-se ou chorar. Da mesma forma, organizamos um estudo acerca da dimensão do *pathos* nas crônicas psicografadas

por Francisco Cândido Xavier e cuja autoria cabe ao Espírito Humberto de Campos, que também assina como Irmão X. Neste *corpus* analisamos especificamente certas estratégias marcantes de patemização que dizem respeito ao modo como os textos buscam seduzir o leitor, seja através de temas polêmicos, da dramatização ou seja pelo uso de frases interrogativas. Uma questão importante ligada à figura autoral do Espírito Humberto de Campos diz respeito ao fato de que ele busca se colocar, por vezes, como um “cronista de além-túmulo”; isto é, como um jornalista que, estando desencarnado, busca entrevistar vultos históricos, bíblicos, e celebridades da cultura *pop* também desencarnadas – procedimento este que, ao seu modo, consegue estimular a curiosidade e o sentimento dos leitores.

Por fim, é importante destacar que o que propomos neste trabalho não visa uma comparação entre características patêmicas presentes nos textos de Humberto de Campos (vivo e redivivo) com vistas a se legitimar ou não legitimar sua autoria. Buscamos, sobretudo, realizar uma dupla função, que é resgatar a obra de um importante escritor do passado que foi extirpado do cânone nacional ao mesmo tempo em que também oferecemos uma ferramenta metodológica para analisar textos da literatura espírita atribuídos a esse mesmo autor. O exercício aqui realizado pode ser visto como uma forma de equacionar o distanciamento entre a literatura tradicional e a espírita trazendo-as para o nível do discurso, onde ambas se nivelam.

2 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DA LITERATURA ESPÍRITA

O universo acadêmico se desenvolve dentro de um tempo próprio, no qual reelabora sua perspectiva sobre os objetos: nega determinadas coisas, depois as aceita; renega verdades cristalizadas ao longo dos anos ao propor-se a uma eterna tarefa de revisar os próprios conceitos que ajuda a criar. Na área dos estudos literários, o século XX foi palco de uma série de transformações que incluíram no debate o viés linguístico, que potencializou intrinsecamente a leitura das obras. Analisadas primeiramente de forma extrínseca, isto é, sob o amparo de outras disciplinas, como a História, a Pedagogia, a Sociologia ou a Filosofia, os estudos sobre literatura caíram posteriormente numa intensa voragem formalista/estruturalista que acabou se tornando visão quase unânime nos círculos universitários ao redor do mundo (salvo o trabalho solitário de núcleos teóricos alinhados à crítica marxista). A partir dos anos 1960 até o fim dos anos 1990, porém, passou-se a um meio-termo: cansada de correntes estruturalistas intransigentes que buscavam negar completamente a dimensão histórica, geográfica, econômica ou sociológica das obras, a academia buscou uma espécie de conciliação. Daí surgiram correntes pós-estruturalistas que, metodologicamente, tentavam unir as leituras extrínseca e intrínseca em nome de uma análise mais completa das obras (Eagleton, 2003).

Existentes desde os anos 1960/1970 na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas plenamente desenvolvidos no Brasil no fim dos anos 1990, os chamados Estudos Culturais representam hoje um campo do conhecimento que vem tomando a cena acadêmica num crescendo vertiginoso no tocante à análise de obras literárias e afins. Seu viés metodológico é voltado para a investigação de objetos que não se encaixam nos estudos literários tradicionais, seja por sua temática não-hegemônica ou sua forma não clássica. Os Estudos Culturais procuram analisar as obras sem a preocupação com a valoração tradicional típica do campo dos estudos sobre literatura. Dentro dessa perspectiva, as obras passam a ser analisadas enquanto produto da cultura (de um povo, num lugar, num tempo). Fora do crivo da valoração e da tradição (cujas raízes são greco-latinas), qualquer obra, escrita por qualquer pessoa, sobre qualquer tema, em qualquer lugar, torna-se passível de ser analisada. Ganham realce, portanto, dentro dessa visão, leituras que lançam mão da História, da Geografia, da

Economia, da Antropologia, da Comunicação Social e da Sociologia (Mattelart; Neveu, 2004).

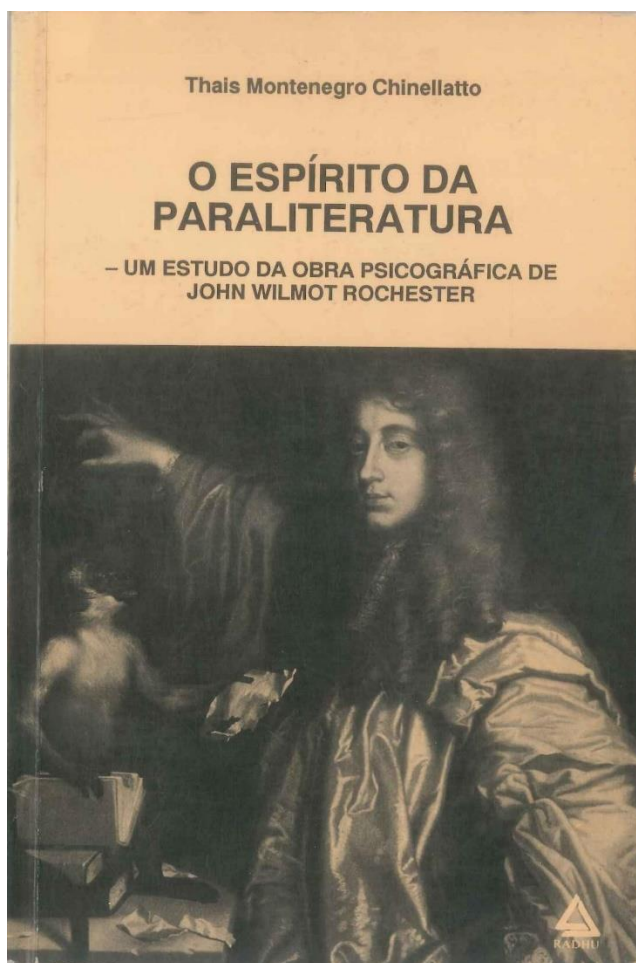
A relação (nem sempre pacífica) entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais pode ser vista como um bom exemplo da questão do “tempo” próprio da academia ao qual aludimos acima. Diante das novidades materiais (novos objetos estéticos) e conceituais (novas teorias) surgidas nos últimos cento e vinte anos, a crítica acadêmica também precisou se movimentar no sentido de acompanhar as novas tendências. E os Estudos Literários tradicionais, nesse sentido, por mais concessões que tenham feito no âmbito das correntes pós-estruturalistas, não criaram mecanismos suficientemente capazes de analisar as novas narrativas visuais surgidas, como o cinema, a *graphic novel*, as telenovelas, as séries de TV e os *games* (se o fizeram, fizeram com muitas ressalvas, dando a impressão de que tais objetos jamais perderiam seu rótulo de não-legítimos); da mesma forma, pode-se pensar na questão da música *pop* e de outras formas artísticas que, hoje, são consumidas em demasia pelas novas gerações, que vêm em tais objetos tanta legitimidade quanto existe no romance, no poema ou na peça teatral.

Os Estudos Culturais, portanto, vieram suprir uma carência metodológica no que tange à análise de objetos considerados como não-legítimos, isto é, não aceitos ou valorizados pela tradição. Outra característica importante dessa prática também está ligada ao estudo de obras que não pertencem ao cânone literário, ou seja, obras cujos autores não são vinculados a eixos literários consagrados ou não lidam com temáticas específicas que contrariam o padrão de escrita *mainstream* (Mattelart; Neveu, 2004). O relativismo cultural empreendido pelos Estudos Culturais representa uma importante democratização no espaço acadêmico da área de Letras; democratização esta através da qual busca-se legitimar investigações sobre obras que, porventura, possam estar classificadas sob o rótulo de “literatura marginal”, “literatura de mercado”, “literatura erótica”, “literatura policial”, “literatura pós-colonial”, “literatura *queer*”, etc.

Em sua pioneira dissertação de mestrado sobre psicografia e espiritismo, defendida em 1989, Thais Montenegro Chinellatto fundamentou o estudo que faz da literatura mediúnica nas discussões a respeito da paraliteratura. O trabalho de Chinellatto, intitulado *O espírito da paraliteratura: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester*, foi desenvolvido na área de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP). No mesmo ano da sua defesa, o texto foi

transformado em livro, tendo sido publicado pela Editorial Espírita Radhu com título idêntico ao da dissertação.

Figura 2 – Capa do livro *O espírito da paraliteratura: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester* (1989).



Fonte: Disponível em: <https://www.skoob.com.br/o-espirito-da-paraliteratura-747594ed750649.html>. Acesso em: 05 set. 2022.

Segundo o *E-Dicionário de termos literários* (Ceia, 2011), a palavra paraliteratura diz respeito a todas as formas não canônicas de literatura, como a autoajuda, os folhetins romanescos, a literatura cor-de-rosa, a literatura de cordel, a literatura oral e tradicional, os mangás, histórias em quadrinhos, a literatura marginal, pornográfica, policial e popular, etc., que, em geral, não são aceitos por certas instituições acadêmicas ou certos meios de comunicação:

A vantagem da designação paraliteratura (em vez de infraliteratura) reside no tom não depreciativo que o prefixo para- tem, uma vez que remete para tudo aquilo que fica na margem de e não necessariamente tudo aquilo que não entra na categoria de um clássico, por exemplo. Também não fica garantido que um gênero (*sic*) paraliterário não se torne numa dada época um gênero (*sic*) maior de literatura. Os gêneros (*sic*) principais (romance, textos de poesia e textos de teatro) não foram gêneros (*sic*) maiores em todas as épocas. O que permanece hoje é a ideia de que todo o texto que se refugie numa categoria não convencional é porque pertence a um gênero (*sic*) marginal de literatura a que convém então o nome de paraliteratura. O problema é que muitas vezes esta classificação resultada aplicação arbitrária de um critério de qualidade que não corresponde inteiramente ao rigor de uma classificação científica (Ceia, 2011, p. 238).

Chinellatto (1989), portanto, ao escrever sobre a obra psicografada do escritor inglês John Wilmot, Segundo Conde de Rochester (1647-1680), lida com a literatura espírita enquanto texto paraliterário. Atualmente, é possível encontrar vários trabalhos acadêmicos sobre obras consideradas como paraliteratura, principalmente no que diz respeito às relações entre a literatura e o mercado; no geral, tais estudos estão balizados em teóricos dos Estudos Culturais, quando não em pensadores da Escola de Frankfurt (base para os Estudos Culturais). Nas referências bibliográficas usadas por Chinellatto (1989), inclusive, constam os nomes de três teóricos da teoria crítica frankfurtiana, a saber, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. A estratégia usada pela autora em focar na paraliteratura e na relação entre a literatura e o mercado foi muito importante, para a época, posto que, no Brasil, tal dissertação tenha sido o primeiro trabalho de conclusão de curso, em âmbito universitário, a ter como objeto de análise uma obra da literatura espírita (analisada estritamente com foco em aspectos linguísticos e literários).

Na Apresentação do livro *O espírito da paraliteratura: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester*, o editor do volume afirma que o trabalho desenvolvido por Chinellatto é memorável porque pode ser visto como um “reconhecimento da literatura mediúnica no Campus Universitário, fato que qualquer estudioso do Espiritismo e de literatura não pode deixar de saber” (*in*: Chinellatto, 1989, p. 11). A própria autora estava bastante ciente da originalidade do trabalho no espaço acadêmico brasileiro, já que na Introdução do referido livro ela afirma:

[...] intentamos com este trabalho não apenas **introduzir um precedente no meio acadêmico para novas pesquisas sobre o discurso psicográfico**, mas encontrar um novo espaço para essa literatura, além das prateleiras espíritas, isentando-a do caráter proselitista (Chinellatto, 1989, p. 15-16, **grifo nosso**).

Naquele contexto de fins dos anos 1980, a autora afirma que os estudos sobre literatura mediúnica ainda estavam restritos a “artigos em revistas espíritas e a

algumas publicações literárias (como a 11ª edição de *Parnaso de Além-Túmulo*, acrescida de um apurado estudo sobre estilística poética)” (Chinellatto, 1989, p. 17). O seu trabalho, portanto, buscou criar uma abordagem acadêmica para o problema, evitando, dessa forma, incorrer no senso comum ao condicionar o tema ao universo da doutrina espírita:

[...] cercar a investigação de bibliografia Kardecista seria construir uma metalinguagem cujo rigor científico teria apenas bases espíritas, condicionando o tema às balizas da doutrina e não à normatividade acadêmica (Chinellatto, 1989, p. 17).

Importante ressaltar que a originalidade de Chinellatto (1989) está em trabalhar com a temática espírita em nível universitário desenvolvendo um estudo voltado para aspectos linguístico-literários de textos psicografados. Antes dela, muitas outras pesquisas acadêmicas foram feitas tendo o Espiritismo como objeto ou temática; todavia, tratam-se de trabalhos realizados no âmbito da Antropologia Social, da História, das Ciências Sociais, da Ciência da Religião e da Psicologia Social que não estão preocupados fundamentalmente com a literatura mediúnica em si. Em pesquisa realizada no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) encontramos grande quantidade de trabalhos acadêmicos em torno do tema do Espiritismo que vêm sendo defendidos desde os anos 1970 até os dias atuais¹.

Depois de Chinellatto (1989), cujo trabalho está situado entre as áreas de Comunicação e Letras, só a partir do ano 2000 que começaram a surgir outras dissertações e teses sobre a literatura espírita vinculadas estritamente ao campo da linguagem, dentre as quais podemos citar: *Psicografia e inscrições discursivas – A escrita de Chico Xavier*, de Ângela Maria de Oliveira Lignani (UFMG, 2000); *Chico Xavier em comunicação: personagem, biografias, edições e psicografia*, de Magali Oliveira Fernandes (PUC SP, 2001) e *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*, de Alexandre Caroli Rocha (Unicamp, 2001).

Os trabalhos de Lignani (2000) e Fernandes (2001) estão ligados, ao mesmo tempo, pela perspectiva culturalista que apresentam em relação à literatura mediúnica, pela análise do discurso e também pela semiótica. Chama a atenção em

¹ Ao fazermos a pesquisa na BDTD pelo termo de busca “Espiritismo”, tendo também a palavra “Espiritismo” como filtro de busca, encontramos setenta e oito (78) resultados para o campo “Título” e cento e cinco (105) resultados para o campo “Assunto”. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 05 set. 2022.

ambos os estudos a forma como as pesquisadoras lançam mão de elementos verbais e não verbais, como matérias de jornais, revistas e fotografias para traçarem um estudo sobre a obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier. Já o trabalho de Rocha (2001) busca investigar o livro de poemas *Parnaso de além-túmulo*, clássico da literatura mediúnica brasileira e primeiro livro psicografado/publicado por Xavier. A dissertação de Rocha (2001) pode ser vista como um marco importante nesse campo de estudo já que busca levantar algumas questões pertinentes à teoria literária suscitadas pela literatura espírita, tais como a autoria, o pastiche e o estilo.

Importante destacar a dissertação *A study of reincarnation of Poe's "Ligeia" and "Morella"*, de Francisco Alves de Sousa (UFPB, 2001) que, apesar de não lidar especificamente com textos mediúnicos, mas sim com contos do escritor norte americano Edgar Alan Poe, faz uma abordagem da reencarnação também sob a ótica do Espiritismo; igualmente digna de nota é a dissertação de mestrado intitulada *"Conforme compadre meu Quelemém é quem diz"; uma voz espírita em Grande sertão: veredas*", de Sandra Mara Moraes Lima (UFES, 2005). Apesar de também não ser um trabalho voltado para a análise de um texto mediúnico, mas sim para o estudo do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, a dissertação de Lima (2005) é muito importante no sentido de dar legitimidade à questão espírita no espaço acadêmico, já que ela é mencionada dentro de um dos maiores clássicos da literatura brasileira. Em seu trabalho, a pesquisadora analisa o discurso espírita que está por trás da personagem Quelemém, da referida obra de Rosa, que a narrativa sugere como sendo kardecista.

Ainda nos anos 2000 foram defendidos mais dois trabalhos importantes para os estudos sobre a temática espírita; são eles a dissertação de mestrado *A Evolução (1892-1893): uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita*, de José Roberto Lima Dias (FURG, 2006), e *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*, de Alexandre Caroli Rocha (Unicamp, 2008). O trabalho de Dias (2006) é muito importante para a área de Letras, pois lida com a historiografia literária ao investigar aquilo que chama de sistema literário espírita, visando abarcar o conjunto de atividades literárias espíritas inicialmente desenvolvidas no Brasil. Tendo, em 2001, realizado pesquisa de mestrado sobre a obra *Parnaso de além-túmulo*, em 2008 o pesquisador Alexandre Caroli Rocha defende sua tese de doutorado voltada para a análise da questão da autoria literária em torno da obra do Espírito Humberto de Campos.

É importante que se faça menção a mais quatro trabalhos acadêmicos os quais foram desenvolvidos ao longo da década de 2010. São eles *Na discursivização de Nosso Lar: as verdades do Espiritismo*, de Iracilda Cavalcanti de Freitas Gonçalves (UFPB, 2011); *As cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*, de Cintia Alves da Silva (UNESP, 2012); *A caridade é, em tudo, a regra de proceder: análise do discurso espírita kardecista*, de Tamiris Vianna da Silva (UNESP, 2014); e, por fim, *De Allan Kardec a Chico Xavier: uma visão histórica das poesias e dos romances mediúnicos*, de Denise Adélia Vieira Prata (UFJF, 2016).

Tal como Dias (2006), o caminho metodológico seguido por Prata (2016) para a confecção de sua tese de doutorado foi pautado na historiografia literária, já que ela se propõe a realizar uma investigação histórica acerca da literatura mediúnica. Sua intenção foi a de oferecer uma contribuição à história, à divulgação e à recepção da literatura mediúnica, ressaltando poemas e romances publicados desde a época da codificação do Espiritismo por Alan Kardec, na França, até as reproduções desses dois gêneros através da obra de Francisco Cândido Xavier. Segundo a pesquisadora, o principal motivo que a impulsionou a estudar a literatura mediúnica “é a contundente abstenção da crítica literária e do meio acadêmico, em geral, em desenvolver estudos e pesquisas em relação a este tipo de literatura” (Prata, 2016, p. 12). Sendo uma pesquisa relativamente recente, posto que tenha sido realizada há cerca de sete anos, a autora reclama do fato de que as universidades do país (principalmente no que tange aos cursos da área de Letras) ainda não desenvolveram plenamente investigações sobre a literatura espírita a despeito de sua importância e alcance na cultura brasileira.

Já os trabalhos de Gonçalves (2011), Silva (2012) e Silva (2014) estão interligados pela mesma proposta iniciada em Lignani (2000) e Fernandes (2001), que diz respeito à leitura de obras espíritas sob o viés da análise do discurso ou da semiótica. Trata-se de uma perspectiva de investigação acerca da literatura espírita que indica um produtivo caminho metodológico a ser trilhado, posto que, nele, questões problemáticas e caras aos estudos literários tradicionais, como valoração, estilo e pertencimento ao cânone deixam de ser o foco principal no cômputo geral da análise.

De todos os estudos da área de Letras aqui abordados, provavelmente sejam os de Rocha (2001 e 2008) os que estejam mais isolados quanto à sua perspectiva metodológica. Tanto em sua dissertação quanto em sua tese tal pesquisador produziu análises suscitando questões acerca de problemas textuais bastante caros à teoria

literária, seja por intermédio da teoria da intertextualidade, seja pela leitura através dos estudos da narrativa, da autoria, do pastiche, do estilo ou da natureza da literatura. Dentro dessa perspectiva, ele talvez seja o autor que mais aproxime uma investigação sobre a literatura espírita dos estudos literários tradicionais. O problema de Rocha (2001; 2008) talvez tenha sido o de enveredar em demasia pelo terreno da discussão extraliterária acerca da autoria mediúnica; isso se dá porque um espaço considerável de seus trabalhos é dedicado ao exercício de análise sobre possíveis pontos em comum existentes entre as obras psicografadas e as obras dos autores espirituais publicadas em vida. Ou seja: grande parte de seu trabalho analítico é comparar a obra “viva” e a obra “rediviva” dos autores chamando a atenção para detalhes de estilo que podem ou não podem ter correspondência numa e noutra dimensão.

Apesar do fato de que o tema da autoria mediúnica, por si só, já seja motivo para numerosos e calorosos debates fora do espaço acadêmico, é importante perceber que o estudo científico da Literatura Espírita não deve se limitar à extenuante discussão quanto à veracidade ou não-veracidade dos textos psicografados. Isso porque a reflexão fatalmente acabará entrando numa improfícua discussão entre dois pontos conflitantes, quais sejam: (1) se existem realmente espíritos desencarnados capazes de escrever obras através de médiuns psicógrafos e (2) se tais médiuns escreventes não seriam tão somente charlatões habilidosos (profissionais na técnica do pastiche).

Entendemos como improdutiva essa reflexão para o campo da literatura espírita posto que torne extremamente limitada a atividade de qualquer pesquisador da área, que passaria a maior parte de seu tempo cotejando textos em busca de “provas” para a manutenção de um ou outro ponto. O crítico literário é um cientista e, portanto, não deve fazer de sua análise um discurso panfletário da crença kardecista, já que estaria ferindo uma das balizas principais do método científico que é o distanciamento adequado do objeto que se está analisando. Da mesma forma, por não ser ético e ferir os direitos humanos, ele também não pode assumir uma postura de ataque a uma crença legítima e já centenária ao tentar mostrar evidências materiais que contradigam o dogma espírita.

A literatura espírita já possui idade, materialidade e legitimidade suficientes para ser analisada de forma autônoma, sem a necessidade de contínuas comprovações técnicas sobre a validade ou não validade dos textos psicografados. A

grafoscopia²², por exemplo, que é um exame que visa ao reconhecimento de uma grafia, por comparação de detalhes de letra, já foi usada em relação às cartas psicografadas por Francisco Cândido Xavier. Silva (2012) comenta pelo menos dois livros publicados sobre o assunto, nos quais há um trabalho de análise de características gráficas constantes em cartas psicografadas e em textos redigidos em vida pelos autores espirituais. As obras em questão são *A psicografia à luz da grafoscopia*, de Carlos Augusto Perandréa (1991) e *A vida triunfa*, de Paulo Rossi Severino (1992).

Silva (2012) informa que, além da grafoscopia, houve também outras técnicas empregadas em tais estudos a fim de conferir “maior isenção e objetividade” a essas investigações, optando-se por realizar:

[...] uma análise comparativa, com a utilização de computadores, das informações coletadas nas cartas, bem como das obtidas por meio de questionários aplicados aos familiares dos mortos. Ao final do estudo, a equipe pôde constatar, no material analisado, a existência de diferentes formas pelas quais cada “autor espiritual” se faria identificar: **estilo peculiar, palavras, frases características, gírias** que teriam sido empregadas pelas pessoas enquanto vivas e confirmadas pelas famílias [...]. Além desses elementos, a pesquisa apontou, também: a presença de assinaturas idênticas aos dos falecidos (em 35,6% dos casos); referências a nomes de familiares, acompanhados dos graus de parentesco; e descrições de situações de conhecimento restrito (fatos compartilhados apenas entre um parente e o ente falecido, supostamente desconhecidos do médium) (Silva, 2012, p. 29).

As análises comparativas realizadas com o auxílio de programas de computador dizem respeito à *Deep Learning* ou Aprendizagem Profunda, ramo da Engenharia da Computação ligada ao aprendizado de máquinas. Lima Júnior (2020), nesse sentido, afirma que no ano de 2017, três conjuntos de obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier foram submetidas a um exame minucioso feito por esse tipo de Inteligência Artificial. Em linhas gerais, o objetivo foi tentar comprovar por meio da máquina se os diversos textos psicografados pelo mesmo médium possuíam características de um só redator (o médium) ou se os textos evidenciavam características dos três autores espirituais (Emanuel, André Luiz e Humberto de

²² “A grafoscopia, conhecida também pelas denominações de grafística (num passado bem longínquo), grafotécnica ou grafotecnia, é a parte da documentoscopia que estuda o grafismo ou escritas verificando a autenticidade, a falsidade ou a autoria gráfica, através do estudo das características que os individualizam” (Santos, 2015, n.p.).

Campos). Segundo Lima Júnior (2020, n. p.), os resultados foram positivos para o Espiritismo, já que os técnicos chegaram à conclusão de que “tornou-se impossível para os modelos encontrarem os mesmos padrões literários entre as entidades espíritas”, o que os levou a concluir com base nesta experiência que havia diferença marcante do estilo literário entre os autores – não se extinguindo aí a possibilidade de que Xavier realmente dominasse algum tipo de genialidade capaz de fazê-lo criar e dominar diferentes estilos ao mesmo tempo, fingindo se passar por múltiplas pessoas.

Questão instigante no âmbito do senso comum, a semelhança de estilo entre os textos de Humberto de Campos e os do Espírito Humberto de Campos figurava, no pré-projeto, entre os principais pontos que deveriam ser analisados nesta tese de doutorado. Antes de chegarmos à conclusão de que tal exercício analítico em nada contribui para o verdadeiro debate acadêmico acerca da literatura espírita no Brasil fizemos um levantamento tendo como base várias obras de Humberto de Campos (vivo e redivivo).

O resultado preliminar acerca da questão do estilo em textos de prosa de Campos “vivo”, sejam assinados com seu próprio nome, sejam assinados como Conselheiro XX mostram uma peculiaridade neste escritor que é iniciar certas obras usando como primeira palavra do texto um nome próprio – o qual, muitas vezes, é o nome do personagem principal da narrativa. Abaixo, transcrevemos os trechos iniciais de alguns desses escritos:

José Guilherme não escreveu anteontem (Campos, 1941c, p. 65, “José Guilherme”).

Sénac de Meillhan costumava dizer que a vida é um tecido de má qualidade cujo valor está todo no bordado (Campos, 1941a, p. 5, “Contrastes”).

Patrocínio Filho escreveu, há nove ou dez anos, uma revista, para um dos teatros do largo do Rocio [...] (Campos, 1941a, p. 233, “O Cabral e o Brasil”).

Octaviano Cabreira Rocha andava pelos quarenta e cinco anos quando, fatigado daquela vida de solteiro, resolveu montar, também, a sua casa (Campos, 1943, p. 44, “Desigualdade”).

Abraão Macalon, filho de Samuel Macalon, era tipo legítimo de sua raça (Campos, 1943, p. 71, “A queda de Abraão”).

Bertoldo Catanhede da Silva era célebre nos anais da malandragem nacional [...] (Campos, 1943, p. 84, “O regenerado”).

Moisés tem uma linda mulher (Campos, 1943, p. 102, “As pesquisas de Moisés”).

Frei Andoche, da ordem dos capuchinhos, que fora a Vannes pregar pela Quaresma, é um santo feio como um diabo (Campos, 1943, p. 126, “A penitência”).

Absalão Bandeira tornara-se famoso no quarteirão pelo seu ciúme desordenado (Campos, 1943, p. 141, “O ranzinza”).

Tomaz Gonçalves da Gama, o famoso mundano de roupas tão cuidadas e maneiras tão distintas, polia as unhas tranquilamente [...] (Campos, 1943, p. 162, “O perigo”).

Heloísa Thompson Gomes era uma das encarnações mais encantadoras do Diabo (Campos, 1943, p. 171, “Por um fio”).

Tomaz Vicente da Cunha era um desses homens que desconfiam, sempre, de si mesmos (Campos, 1943, p. 232, “Os gêmeos”).

Bismichnitt, o conhecido e próspero banqueiro berlinense, não queria ter filhos (Campos, 1943, p. 270, “O maltusianismo de Bismichnitt”).

Andrelisa, era o nome dela (Campos, 1943, p. 280, “O dominó”).

Frederico Pires Bolacha, funcionário do Ministério da Agricultura, é uma dessas figuras masculinas de encantadora ingenuidade (Campos 1943, p. 288, “Falta de costume...”).

João Paulino de Sousa Macário comia ainda, aos vinte anos, em uma pequena capital do nordeste, o cuscuz sem côco penosamente adquirido pela pobre mãe costureira, quando chegou alí uma ordem do Rio de Janeiro para abertura de um concurso na Delegacia Fiscal (Campos, 1947, p. 141, “Boa viagem, meu irmão!...”).

Alfredo Miguel de Rezende, não obstante a sua condição de oficial do Exército, era um espírito profundo, mente religiosa (Campos, 1954b, p. 59, “O devoto”).

Maria Flávia acabava de abandonar o piano, quando a mãe, penetrando na sala de visitas, a tomou pela mão, fazendo-a sentar-se no canapé forrado de almofadas (Campos, 1954b, p. 79, “Obediência à moda”).

Carlos Florêncio da Mota iniciava, no Rio, os seus exercícios de aviação roncando com o seu hidroplano de estudo sobre a lagoa Rodrigo de Freitas [...] (Campos 1954b, p. 94, “O aviador”).

Libório Batista Borges podia ser um homem sem caráter, sem brio, sem dignidade: o que, porém, ninguém diria, jamais, sem flagrante injustiça, é que ele não tinha inteligência (Campos, 1954b, p. 205, “Vingança de marido”).

Ronaldo Botelho fôra, desde menino, uma dessas criaturas ingênuas que, por mais que arregalem os olhos, não conhecem o mundo (Campos, 1954b, p. 270, “Os gêmeos”).

Rosina Batalha Gomes era ainda uma criança quando o Souza Robledo, encantado pelas suas maneiras infantis, pela criancice de todos os modos, a pediu em casamento (Campos, 1954b, p. 316, “Um, de cada”).

Hermógenes Bôto, funcionário público em Belo Horizonte, havia prometido a dona Pérola, num encontro na Avenida, aparecer em sua casa, em Botafogo, afim de receber umas encomendas para a família (Campos, 1954b, p. 323, “O rato”).

Gabriel Antunes Damásio havia atingido o patamar da velhice, depois de haver subido, um a um, na escada da vida, os degraus dos prazeres (Campos, 1954b, p. 354, “Quem sai aos seus...”).

Maria do Carmo achava-se na cozinha da velha casa de cômodos, da Saúde, soprando um fogareiro de carvão em que preparava o jantar, quando o Raimundo, seu filho único, de doze anos, entrou da rua, na carreira, gritando-lhe de longe (Campos, 1960, p. 55, “A morte do 845”).

Cantidiano Bermudes de Oliveira entrou para o Tesouro Nacional, após um concurso brilhantíssimo em que “colou” apenas dois terços das provas [...] (Campos, 1960, p. 211, “Cantidiano”).

Dona Carmelita é uma senhora casada, modelo 1919 (Campos, 1967, p. 69, “Efeitos do tango”).

Tal característica de estilo própria de Humberto de Campos, exemplificada acima, é repetida em muitas obras do autor. Apenas no volume *O Brasil anedótico* (Campos, 1962b) contamos quarenta e duas ocorrências que seguem essa mesma lógica. Vale lembrar, no entanto, que em tais obras também existem muitas ocorrências que só se diferenciam das demais devido à existência de um artigo definido que antecede o nome próprio que inicia o texto. Vejamos alguns exemplos:

O tabelião Vicente Veloso havia sido vítima de uma congestão cerebral, quando, restabelecida em uma Casa de Saúde de Botafogo, notou em si uma assombrosa curiosidade (Campos, 1967, p. 186, “O homem que lia nas almas”).

O Dr. Octacílio Fernandes roncava compassadamente no seu profundo sono da madrugada, quando acordou com uma forte pancada no meio da alcova (Campos, 1967, p. 216, “O sonho”).

O Dr. Silvestre da Cunha espiava, atento, pela pequena lente do microscópio no seu laboratório da rua da Assembléia, quando D. Elisa

entrou radiosa, e risonha, no pequeno gabinete do médico (Campos, 1967, p. 292, “A pulga”).

O Pereira Guedes, da firma Rocha & Guedes, já se achava no escritório, encarapitado no seu alto banco de guarda-livros [...] (Campos, 1954, p. 42, “O revoltado”).

O Tomaz Lourenço estudava na Escola de Realengo, fazendo pacificamente o seu curso de infantaria [...] (Campos, 1954, p. 121, “Escola de cadetes”).

O Coronel Basílio da Mota, falecido ontem na Casa de Saúde do Dr. Poggi, era uma dessas figuras masculinas que têm o destino moral das mulheres (Campos, 1954, p. 131, “O defunto”).

O Comendador Agostinho Gaudêncio estava no apogeu da fortuna [...] (Campos, 1954, p. 196, “A vaidosa”).

O Alberto Santos era, desde menino, a personificação da timidez (Campos, 1954, p. 216, “Pedido de casamento”).

O Antoninho andava pelos oito anos e já lia correntemente, quando lhe puseram nas mãos, no Colégio Borborema, a História do Brasil, de Lacerda (Campos, 1954, p. 282, “A antropóloga”).

O Joaquim Jorge da Cunha estava no escritório, somando as parcelas de uma conta-corrente, quando o chefe da casa, o sr. Aníbal, o chamou em particular (Campos, 1954, p. 313, “O pacifista”).

O Altino Praxedes andava já pelos trinta anos quando, casado, e com um filho, abandonou a sua fazenda das “Três Pedras”, no Estado do Rio [...] (Campos, 1943, p. 20, “Número, faz favor”).

O Octaviano Robledo era simples segundanista de medicina quando foi morar na Pensão Fabrício, à rua Haddock Lobo, em frente, mesmo, à residência do Coronel Viana Guedes (Campos, 1943, p. 26, “O seio da família”).

O sr. Gaudêncio Guimarães de Oliveira Filho, sempre, um homem intransigente em negócios de honra [...] (Campos, 1943, p. 58, “Justificação”).

O Capitão Vicente Bandeira estava já no segundo sono, quando, pelas três horas da madrugada, percebeu barulho na sala de jantar (Campos, 1943, p. 94, “O ladrão honesto”).

O advogado brasileiro Joaquim Taludo de Menezes havia se notabilizado, no Rio, pelos seus famosos expedientes de rábula (Campos, 1943, p. 116, “Para salvar Melila”).

O Hildebrando Borges Santos não primava pela delicadeza, quer de maneiras, quer de sentimentos (Campos, 1943, p. 131, “A grinalda”).

O Pedro Gaudêncio, estudante de medicina, é de escrúpulo comovedor (Campos, 1943, p. 196, “Os escrúpulos do Gaudêncio”).

O Dr. Raul Leite, proprietário de uma das maiores casas de laticínios do Rio de Janeiro, nasceu predestinado (Campos, 1943, p. 226, “Vocação”).

O almirante Bonifácio Marinho examinava cuidadosamente uns mapas [...] (Campos, 1943, p. 228, “O vendedor”).

Os vários exemplos de primeiros parágrafos de textos de Humberto de Campos, como se pode perceber, indicam que esse escritor realmente demonstrava certa predileção estilística por iniciar o primeiro período de seus contos e crônicas com nomes próprios.

Caso fosse o nosso interesse cotejar os estilos dos autores Humberto de Campos “vivo” e Humberto de Campos “redivivo”, perceberíamos que tal artifício também está presente em obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier, como é o caso do livro *Reportagens de além-túmulo* (2014a) e *Estante da vida* (2013) (este assinado como Irmão X):

Severiano Fagundes era dos melhores doutrinadores do Espiritismo numa das grandes capitais brasileiras (Campos [Espírito], 2014a, p. 17, “O irmão Severiano”).

Benício Fernandes era assíduo frequentador de um grupo espírita, mas nunca se furtara à enorme contrariedade por não participar da visão direta dos quadros movimentados da esfera invisível (Campos [Espírito], 2014a, p. 23, “A vidência esquecida”).

Jehul, elevada entidade de uma das belas regiões da vida espiritual, foi chamado pelo caricioso apelo de um nobre mensageiro da verdade e do bem, que lhe falou nestes termos [...] (Campos [Espírito], 2014a, p. 29, “Espíritos protetores”).

Jovelino Soares, na sua vida calma de interior, desde algum tempo andava todo entregue às primeiras experiências mediúnicas (Campos [Espírito], 2014a, p. 49, “O transporte revelador”).

Raimundo da Anunciação viera do materialismo para o conhecimento da Doutrina dos Espíritos [...] (Campos [Espírito], 2014a, p. 55, “O livre-pensador”).

Constantino Saraiva tornara-se muito conhecida por suas produções mediúnicas e, embora sua cota de tempo e possibilidades materiais continuassem exíguas, conquistara amizades numerosas, ensejando involuntariamente enormes expectativas a respeito do seu nome (Campos [Espírito], 2014a, p. 177, “Assistência espiritual”).

Leonel e Benjamin, dois velhos amigos do plano espiritual, mutuamente associados no erro e na reparação, depois de minucioso

exame do passado, decidiram-se a pedir concessão de novas experiências no mundo (Campos [Espírito], 2014a, p. 185, “Dois companheiros”).

Benvinda Fragoso tornara-se amplamente conhecida pelas suas queixas constantes (Campos [Espírito], 2014a, p. 191, “A queixosa”).

Dona Marcela Fonseca vivia os últimos instantes na Terra (Campos [Espírito], 2014a, p. 219, “A crente interessada”).

Virgulino Rocha era médium de qualidades apreciáveis no serviço do bem, no entanto, não conseguia furtar-se à preocupação de insistir com os amigos para que lhe seguissem os passos na interpretação religiosa (Campos [Espírito], 2014a, p. 239, “Proselitismo de arrastamento”).

Teodomiro Ferreira e Cássio Teles saíam do templo espírita de que se haviam feito assíduos freqüentadores e o diálogo entre ambos rolava, curioso. Teles, agarrado aos conceitos de ciência pura; Ferreira, atento aos ideais religiosos (Irmão X, 2013, p. 12, “Diálogo e estudo”).

Armando Pires efetuava os últimos arranjos no carro, para conduzir seu amigo Jorge Bretas à estância de repouso que distava quarenta quilômetros (Irmão X, 2013, p. 68, “O poder do bem”).

Delfim Mendes era estudante aplicado, na escola do Espiritualismo cristão, sempre atencioso nas discussões filosóficas, a cujo brilho emprestava diligente cooperação; entretanto, fugindo aos testemunhos pessoais no trabalho renovador, vivia em regime de perenes reclamações (Irmão X, 2013, p. 90, “A arte de elevar-se”).

Como é possível perceber, o artifício estilístico aqui evidenciado é o mesmo tanto em Humberto de Campos “vivo” quanto em Humberto de Campos “redivivo”. De posse de tal informação, a grande questão a ser resolvida, a partir de então, seria o que fazer, num trabalho acadêmico, com tal evidência. Se nosso intuito for usar tais excertos como “provas” textuais de que ambos os autores sejam, de fato, a mesma pessoa, saímos da esfera científico-acadêmica e entramos num perigoso espaço de afirmações que remontam ao senso comum. Por outro lado, caso nossa intenção seja a de mostrar que os textos psicografados sejam mero produto da técnica de um pastiche muito bem elaborado por Francisco Cândido Xavier, e nada mais do que isso, também incorremos num problema, pois estaríamos negando uma questão extremamente sensível do ponto de vista de uma doutrina religiosa (um tipo de enfoque investigativo que fatalmente seria impedido de prosseguir caso fosse analisado por qualquer comitê de ética em pesquisa).

Como já afirmado, acima, entendemos que a necessidade de contínuas comprovações técnicas sobre a validade ou não-validade dos textos psicografados contribuem para uma depreciação do campo, já que não traz bons resultados do ponto de vista acadêmico nem quando “comprova”, nem quando “nega” tecnicamente a existência da autoria espiritual. Talvez esse tipo de exercício tenha ampla repercussão nos veículos de comunicação de massa, entre o público em geral; provavelmente tenha sido necessário nos primórdios de tais estudos no meio acadêmico; todavia, com o passar do tempo, tende a tornar-se algo obsoleto.

Como trabalho acadêmico concernente à questão espírita e também defendido na área de Linguística, Letras e Artes, faz-se importante citar, aqui, por último, a dissertação de mestrado de Verônica Bemvenuto de Abreu e Silva intitulada *Cinderela e os pequenos leitores: a percepção infantil de figuras femininas nas obras literárias **Família da Cinderela**, de Roque Jacintho, e **Cinderela em Família**, de Kate Lúcia Portela*. Defendida na Universidade de Brasília, no ano de 2020, o trabalho de Abreu e Silva (2020) busca entender como crianças espíritas percebem a representação feminina nas duas obras literárias expressas em seu título. Trata-se de um estudo multidisciplinar, envolvendo pesquisas bibliográfica e de campo, que interligou vários saberes, como aqueles provenientes dos contos de fadas, da literatura infantil, da literatura espírita, do feminino, do ensino de literatura e da educação.

Uma questão importante atrelada ao estudo de Abreu e Silva (2020) diz respeito ao fato de que ele é fruto do Grupo de Pesquisa “Literatura e Espiritualidade”, certificado pela UnB, coordenado pelo professor Doutor William Alves Biserra, e criado em 2017. O grupo em questão reúne pesquisadores interessados nas relações entre a literatura e sagrado, bem como na literatura espírita brasileira, propriamente dita. Seu objetivo é promover estudos sobre a relação entre a produção literária e os discursos das religiões e de outros sistemas simbólicos místicos. Desenvolvendo pesquisas a respeito do diálogo entre os estudos literários e as diferentes formas ou expressões religiosas ou doutrinárias, o grupo tangencia diversos núcleos de interesse, como a mística, a mitologia, o sagrado e suas representações, influências bíblicas e sua representatividade na literatura, tradições e culturas cristãs. Em 2020, os coordenadores do grupo de pesquisa participaram da organização do dossiê “Literatura e Espiritualidade”, publicado no número 53 da *Revista Cerrados*, da própria UnB.

Um dos artigos que integram o referido número da *Revista Cerrados* é o texto “Literatura espírita e figurações do feminino em *Há dois mil anos*, de Emmanuel”, escrito por Ana Claudia da Silva e Verônica Bemvenuto de Abreu e Silva – pesquisadoras que, um ano antes, publicaram na revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* (UnB) o artigo “Quem lê livros espíritas?”. Trabalho que visa divulgar resultados de pesquisa realizada no âmbito do Grupo “Literatura e Espiritualidade”, o artigo “Quem lê livros espíritas?” pode ser visto como um importante documento para essa área de investigação, já que buscou verificar o perfil do leitor de livros espíritas a partir de um estudo qualiquantitativo que contou com a participação de 15.619 entrevistados em todo o território nacional. Segundo Silva e Abreu e Silva (2019), os dados obtidos ao término da investigação permitem traçar o perfil do leitor médio de livros espíritas, o qual seria do gênero feminino, com cerca de 50 anos, além das seguintes características:

[...] nível superior e renda entre cinco e dez mil reais; gosta de comprar livros que depois da leitura ornem suas estantes particulares. Essa leitora lê principalmente para obter conhecimentos, é estudiosa e praticante da Doutrina dos Espíritos, o que lhe traz também consolação e conforto (Silva; Abreu e Silva, 2019, p. 14).

As pesquisadoras também chegaram à conclusão de que, embora o número de leitoras seja superior ao de leitores, há ocorrência de “mais autores e médiuns do sexo masculino que autoras e médiuns femininas” (Silva; Abreu e Silva, 2019, p. 14). Esse fato leva ao entendimento de que há certo paralelo entre o quadro da literatura espírita e aquele da literatura tradicional, no qual a “incidência de autoria feminina fica ainda muito aquém, em números, da masculina” (Silva; Abreu e Silva, 2019, p. 14).

Orientadora da pesquisa de mestrado de Abreu e Silva (2020), além de autora e coautora em outros estudos envolvendo a questão espírita, a pesquisadora Ana Claudia da Silva é uma das principais responsáveis pela criação do eixo de interesse “Literatura Espírita Brasileira”. Tal eixo temático funciona dentro da Linha de Pesquisa “Representação na Literatura Contemporânea” do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília – cujo interesse é estudar a história, os fundamentos e os autores representativos da literatura espírita produzida no Brasil. A concepção e o desenvolvimento de um eixo de interesse como este pode ser visto como um precedente de grande monta, já que abre importantes horizontes de

pesquisa para temáticas que ainda não encontram grande receptividade no meio acadêmico nacional, como um todo.

Até aqui, portanto, percebemos que a literatura espírita já representa um campo de investigação legítimo no âmbito universitário e, especificamente, na área de Letras, sob quatro vieses: da teoria da literatura, da historiografia literária, dos estudos culturais e dos estudos linguísticos. Produto da cultura, produto da linguagem, tal produção literária merece ser explorada enquanto tal, estimulando novos olhares e procedimentos metodológicos sobre o que já se produziu sob o rótulo de “literatura espírita”, dentro e fora do país. Trata-se de um nicho bastante profícuo da literatura cujos impressionantes números editoriais não podem ser negados.

A Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1884 com o objetivo de difundir o Espiritismo, criou sua editora em 1948, e desde então a FEB Editora tem se tornado a maior expoente no segmento espírita no mundo. Conforme o Catálogo editorial da FEB, de 2021:

Atualmente publica mais de 500 títulos em português e mais de 120 títulos em outras línguas. Em 137 anos de existência publicou mais de 50 milhões de livros, apresentados em forma de romances, poesias, contos, crônicas e relatos de acontecimentos concernentes à vida no Mundo Espiritual (FEB, 2021, p. 2).

Segundo tal catálogo, Allan Kardec figura como o autor francês mais lido no Brasil, já que seus livros “venderam mais de 60 milhões de exemplares e são a base de um mercado editorial de mais de 6 mil títulos, com mais de 100 milhões de livros vendidos no Brasil” (FEB, 2021, p. 5). Outro dado importante é que o médium Francisco Cândido Xavier tornou-se, com o passar dos anos, um “verdadeiro sucesso editorial, atingindo mais de 40 milhões de exemplares, somente na língua portuguesa” (FEB, 2021, p. 15). Por fim, também é digno de nota o nome de um outro médium brasileiro ligado a obras psicografadas e publicadas pela FEB: Divaldo Pereira Franco, que já lançou cerca de 260 obras, “com mais de 15 milhões de exemplares”, sendo que, dentre essas obras, houve cerca de 80 versões para 17 idiomas (FEB, 2021, p. 49).

Quando nos debruçamos sobre o conceito de “literatura espírita”, inicialmente precisamos pensar na correta definição dos dois termos que compõem tal expressão, quais sejam: “literatura” e “espírita”. Começamos pelo segundo termo, que é de fácil entendimento, já que se refere ao Espiritismo, uma doutrina específica iniciada na

França, na segunda metade do século XIX, e cujo codificador foi Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, nascido em 1804 e falecido em 1869). A codificação foi feita por Kardec a partir da publicação de cinco obras que contêm os fundamentos doutrinários do Espiritismo: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Segundo Chinellatto (1989, p. 43), tal doutrina e se caracteriza como sendo “não profética, cujas bases filosóficas e científicas apresentam aspectos morais que lhe conferem o caráter de religião”.

Já no que tange à conceituação do primeiro termo, “literatura”, a questão já é um tanto quanto mais complexa, já que pressupõe várias perspectivas teóricas cujas bases remontam à Antiguidade. Para um melhor aproveitamento de tal conceito, preferimos a acepção defendida pelo teórico Antonio Candido em seu livro *Formação da Literatura Brasileira*, para quem a existência de uma literatura depende da correlação harmônica entre três instâncias, quais sejam: o AUTOR, a OBRA e o PÚBLICO.

Para Candido (2012, p. 25), a literatura deve ser considerada como um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase”. As fases de uma literatura, dentro dessa perspectiva, corresponderiam às alterações, ao longo do tempo, sofridas por tais denominadores comuns, como a língua, os temas e as imagens, “elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização” (Candido, 2012, p. 35). Nesse sentido, o autor afirma que é essencial para a manutenção do sistema “a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel” (dimensão do AUTOR); “um mecanismo transmissor” (dimensão da OBRA) e “um conjunto de receptores” (o PÚBLICO).

A proposta teórica de Antonio Candido não aceita a existência do referido sistema sem a interação dinâmica entre os três elementos dessa triangulação. Ou seja, para haver literatura, seguindo tal raciocínio, é necessário haver escritores que se reconheçam numa tradição produzindo obras que são veiculadas de tal forma que cheguem a um grupo considerável de leitores. A interação proposta é dinâmica na medida em que o público leitor, por seu turno, também influencia na criação/publicação de novas obras (já que se a instância consumidora continua comprando determinado tipo de obra, isso funciona como um sinal para a instância

autoral, que continua produzindo-a, sendo que a lógica contrária também é válida – ou seja, se um tipo de obra não agrada mais ao público, a tendência é que não seja mais produzida). Portanto, sem um azeitado funcionamento desse mecanismo não há, de fato, literatura, mas apenas o que Candido (2012) irá chamar de “manifestação literária”. Uma obra escrita que não circula só alcança duas dimensões (AUTOR e OBRA) do que deveria ser um sistema triangulado (AUTO-OBRA-PÚBLICO), não podendo merecer, nestes termos, o nome de literatura.

Portanto, nesta pesquisa, quando pensamos no conceito de literatura espírita, temos em mente o entendimento do fenômeno literário proposto por Candido. É certo que a literatura espírita possui uma dimensão autoral (a qual, por vezes, é “duplicada” quando se trata de texto psicografado, pois entram aí as figuras do autor espiritual e do médium escrevente); os números impressionantes de publicações citados nesta seção, conforme catálogo editorial da FEB, informam que mais de 6 mil títulos compõem o universo editorial espírita, sendo que só no Brasil já foram vendidos mais de 100 milhões de obras – fato este que, portanto, assegura o processo de triangulação próprio para a existência de uma literatura, já que temos grande número de obras circulando e grande número de leitores consumindo-as. Importante que seja considerado também, nesse aspecto, o nível de engajamento e organicidade dos autores envolvidos na produção literária espírita, já que todos produzem os seus textos, com raras exceções, vinculados intertextualmente aos princípios doutrinários codificados por Allan Kardec em suas obras.

Um passo importante para que discutamos os fundamentos metodológicos para o estudo da literatura espírita está na reflexão sobre o conceito de campo literário, o qual, por sua vez, pode ser analisado conforme a teoria dos campos sociais desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002). Primeiramente, é importante compreender que tal pensador busca explicar a sociedade de forma diferente de Karl Marx, que a enxergava como que dividida em classes. Para Bourdieu, preocupado com as dinâmicas sociais do século XX (que Marx não conheceu), a divisão por classes não alcançava uma explicação atualizada do problema, sendo a divisão por “campos” a melhor forma que ele encontrou para compreender plenamente a sociedade de seu tempo: os campos seriam espaços metafísicos de representação onde trocas simbólicas ocorrem o tempo todo.

De acordo com Dirlenvalder Loyolla (2014), Bourdieu percebe o meio social como que caracterizado por um sistema de valores marcado pelas relações entre

diversos tipos de capital (*econômico, cultural, escolar e social*), sendo perfeitamente normal que enxerguemos a existência, na sociedade, de uma espécie de mercado dos bens simbólicos. Com efeito, uma das principais características da obra de Bourdieu foi o seu interesse em investigar o papel da cultura na formação e na luta de classes; estudar essa verdadeira economia das trocas simbólicas que se organiza dentro de um campo social; daí a sua preocupação constante com reflexões sobre fenômenos de distinção social dentro dos variados campos:

A ideia do sociólogo era mostrar que, dentro da sociedade, há outros mecanismos de distinção além daquilo que comumente entendemos como sendo o *capital econômico*; o *capital cultural*, nesse sentido, pode ser visto como um conjunto de qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. A associação entre os termos *capital* e *cultura* tem lugar a partir de uma analogia “ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais”. Além do capital cultural, existiriam as outras formas básicas de capital: o capital econômico, o capital social (os contatos) e o capital simbólico (o prestígio) [...] (Loyolla, 2014, p. 22).

Todas as sociedades, assim, são formadas a partir de campos específicos: há, por exemplo, “o campo jornalístico, o campo acadêmico, o campo literário, o campo político, etc. Todo campo é regido por regras específicas” que condicionam o embate dos indivíduos rumo à obtenção de poder (Loyolla, 2014, p. 160).

No que diz respeito especificamente ao campo literário, Maria Fernanda Abreu Coutinho (2003) entende que tal conceito está ligado a um modo mais versátil de compreensão da engrenagem existente por trás da produção, da circulação e do consumo de obras literárias:

Estreitamente vinculado à noção de valor, [o campo literário] pressupõe tomadas de posição que definem a boa ou má acolhida das obras em seu interior e sua duradoura ou efêmera permanência na memória do sistema literário. Trata-se, em suma, de esquecer o papel que cada um destes elementos: escritores, leitores, editores, livreiros, críticos, etc. exerce de *per se* e reenquadrá-los através de uma lógica interativa (Coutinho, 2003, p. 54).

Apesar de discutir a questão do campo social em vários de seus trabalhos, é na obra *As regras da arte – gênese e estrutura do campo literário* que Pierre Bourdieu concentra a maior parte de suas reflexões sobre o universo da literatura. Em linhas gerais, nessa obra ele procura analisar a relação entre os literatos e o fazer literário

sob o viés da sociologia da literatura. Busca, assim, desconstruir a visão romântica da noção de escritor idealizado como um ser demiúrgico (imagem teológica de um Deus criador diante de sua obra). Para o pensador, é preferível entender a figura do autor como a de um sujeito que constrói a obra, mas que, ao mesmo tempo, também é “construído” pelo seu campo literário. Dentro desse contexto, Bourdieu explicita que o fazer literário dentro desse campo também está sujeito a dois tipos de desenvolvimento:

[...] o campo literário tende a organizar-se segundo dois princípios de diferenciação independentes e hierarquizados: a oposição principal, entre a produção pura, destinada a um mercado restrito aos produtores, e a grande produção, dirigida para a satisfação das expectativas do grande público (Bourdieu, 1996, p. 141).

Assim, dentro de um campo literário qualquer, é comum a existência de um tipo de obra produzida com foco em valores da tradição e destinadas, sobretudo, à satisfação dos mais puristas (sejam os próprios escritores ou os críticos literários). Da mesma forma, haveria um outro tipo de produção literária menos “pura”, mais voltada para o público em geral e com vistas às exigências do mercado.

Em sua dissertação *A Evolução (1892-1893): uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita*, Dias (2006) defende a existência de um campo literário espírita. Para ele, a publicação da obra *O Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec, em 1857, foi um divisor de águas nessa questão, posto que isso tenha feito com que o fenômeno espírita passasse a ser visto sob um outro aspecto, abandonando-se a “fase de curiosidade das “mesas girantes”³, que fora apenas um prelúdio”, e concentrando-se num “corpo de doutrina abarcando todas as questões que diziam respeito aos interesses da humanidade” (Dias, 2006, p. 68). A partir desse momento, segundo o pesquisador, “a doutrina despertou a atenção dos homens sérios tomando um rápido desenvolvimento”, de modo que em pouco tempo tais ideias encontraram “sustentação entre muitos simpatizantes em todos os níveis da sociedade e em todos os países” (Dias, 2006, p. 68).

³ Segundo Machado (1996), as mesas girantes foram um dos primeiros meios de comunicação entre encarnados e desencarnados, segundo a crença espírita. Consistia na reunião de certo grupo de pessoas ao redor de uma mesa ou banquetta, com suas mãos colocadas com as palmas para baixo sobre o tampo do objeto, que passa a se movimentar conforme vai acontecendo a interação com os espíritos.

Para Dias (2006), o célebre escritor Victor Hugo (1802-1885) figura entre os “homens sérios” da França cujo nome ajudou a legitimar o Espiritismo nos círculos intelectuais. Se em vida ele fez muito pela doutrina, após o seu falecimento também o fez, já que suas obras psicografadas ajudaram a criar uma certa tradição literária espírita, propiciando um ambiente de legitimidade literária que o campo necessitava no início do século XX:

Os conceitos espíritas encontram em Hugo o propulsor da imortalidade da alma e da palingenesia⁴ espiritual, por isso é preciso considerar que, através de suas obras, expressa postura, sedução e admiração, destacando-se como um dos fundadores que exerceu influência e possibilitou criar uma rede de relações no contexto histórico da segunda metade do século XIX. Isso significa dizer, conforme Michel Foucault, que autores como Hugo se encaixam perfeitamente no conceito de iniciadores de práticas discursivas que produzem não só a sua própria obra, mas a possibilidade e as regras de formação de outros textos. É uma nova relação que se estabelece entre a escrita literária e o mundo, através dos conceitos espíritas determinantes para uma tomada de posição no campo literário, conforme termos de Bourdieu, os quais são percebidos como manifestos e posicionamentos em relação a outras obras e gêneros literários. Nesse sentido, a produção literária de Hugo, fundamentada em sua experiência religiosa, manifesta-se como uma espécie de foco de expressão, influenciando seus discípulos e criando uma possibilidade indefinida de discursos (Dias, 2006, p. 72-73).

Da mesma forma que ocorreu na França, a garantia de legitimação do campo literário espírita no Brasil deu-se a partir de certa identificação e interação de parte da *intelligentsia* brasileira com os conceitos espíritas. Mas muito disso deveu-se à influência de escritores franceses, como Victor Hugo e demais autores simpatizantes da doutrina, os quais já eram reconhecidos e idolatrados por serem parte do campo literário tradicional.

Em seu livro *Os intelectuais e o Espiritismo*, publicado em 1996, Ubiratan Machado organiza um excelente trabalho jornalístico sobre a entrada dos ideais espíritas no Brasil na década de 1860 e sua difusão entre o meio intelectual. A obra faz um levantamento das primeiras publicações a respeito do tema espírita, fala sobre os primeiros adeptos e simpatizantes, dentre os quais contam figuras importantes como a Princesa Isabel e também nomes de relevo da literatura brasileira, como Castro Alves e Coelho Neto.

⁴ Renascimento.

Vimos acima que, para Bourdieu (1996), uma das características de um campo literário está na existência de dois tipos de produção: uma lavra mais “pura”, atenta à tradição e aos especialistas, e outra menos “pura”, mais voltada para o mercado e para os leigos. Quando observamos as produções literárias espíritas nos últimos sessenta anos, portanto, chama a atenção o fato de que no campo literário espírita brasileiro já se é possível perceber esse mesmo tipo de dualidade anunciada por Bourdieu em sua obra.

Segundo o médium e escritor Divaldo Franco, ao discorrer sobre o crescente número de leitores da literatura espírita, “o vigor do mercado editorial espírita” poderia ser explicado pela própria “mensagem libertadora” que o Espiritismo carrega, posto que o pensamento espírita desperte “amplo interesse em todos os que procuram entender o sentido da vida e o papel da morte à luz de sua consoladora afirmação da pluralidade das existências” (Franco, 2018, n.p.). Para ele, “não faltam autores, tanto no plano espiritual quanto encarnados, que se propõem a missão de abrir horizontes, partilhar vivências, esclarecer as mentes e consolar os corações”, sempre de acordo com a Doutrina Espírita e sua Codificação realizada por Allan Kardec. Os textos aos quais se refere Franco dizem respeito à, digamos, literatura espírita *mainstream*, já que atualmente também exista um tipo de produção que se vende como literatura espírita, mas que não necessariamente corresponde aos princípios básicos do Kardecismo.

Tal situação vem motivando certas reclamações de alguns estudiosos do assunto, como José Passini (2008), para quem a literatura mediúnica tem aumentado de maneira assustadora nos últimos tempos, mas sem um controle adequado das respectivas casas editoriais quanto ao conteúdo das publicações sob o rótulo de literatura espírita:

Diariamente, aparecem novos médiuns, novos livros, alguns bem redigidos, se observados quanto ao aspecto gramatical, mas de conteúdo duvidoso se analisadas as revelações fantasiosas, que iludem muitos novatos, ainda sem conhecimento doutrinário que lhes possibilite um exame criterioso daquilo que lêem (Passini, 2008, n.p.).

O crítico continua afirmando que muitas pessoas que conheceram recentemente a doutrina espírita, antes de estudarem Kardec e outros autores conceituados, estão se deparando com “obras fantasiosas, escritas em linguagem vulgar” (Passini, 2008, n.p.).

Atualmente, dentro dessa perspectiva, também é possível encontrar no mercado obras como *Repercussões de outrora: a janela do castelo*, romance que inaugura uma trilogia de autoria do professor universitário Ricardo Ribeiro Alves. A obra visa fazer o leitor acompanhar a trajetória de personagens históricos que reencarnam nos dias atuais “envolvidos em tramas de roubos, trapaças, traições, assassinatos, histórias de amor e de ódio” (Alves, 2022, n.p.), conforme consta na sinopse do livro. A obra de Alves se enquadra no mesmo tipo de publicação criticada por Passini, posto que seja um tipo de narrativa à *la* literatura espírita, e não literatura espírita de fato, já que tenha como público-alvo simpatizantes do Espiritismo ou mesmo neófitos no assunto.

Em discussões que envolvem a questão entre a literatura espírita e o seu milionário mercado editorial é comum a menção ao nome da escritora Zíbia Gasparetto (1926-2018) que, em 68 anos de atividade como médium, publicou 58 obras e teve mais de 18 milhões de livros vendidos (Giraldi, 2018, n.p.). A autora, aliás, foi tema de uma matéria intitulada “A senhora dos espíritos”, que saiu no número 2272 da Revista *Isto é*, de três de junho de 2013; importante ressaltar que o título da chamada de capa do periódico, “O império espírita de Zíbia Gasparetto”, gerou muita polêmica no meio kardecista. A controvérsia deu-se pelo fato de que a própria escritora não se considerava mais espírita há muito tempo, apesar de ter sido vinculada à doutrina no início da carreira. Na entrevista que integra a matéria ela afirma:

Sou muito grata à Federação e ao espiritismo kardecista. Frequentei a Federação e dei aula na escola de médiuns deles durante 27 anos. E o que eu aprendi lá serviu de base para todo o meu trabalho. Mas tem muita coisa boa que eles não aceitam, como a umbanda e a sabedoria dos pretos velhos e dos caboclos [...], por exemplo, ou a livre interpretação da revelação espiritual (Gasparetto *in*: Loes, 2013, n.p.).

Para Marco Milani (2013), a revista errou ao buscar criar sensacionalismo com o título da capa, posto que a própria autora tenha explicado na entrevista que não era mais espírita. Já noutro ponto da entrevista ela responde de forma bem objetiva quando inquirida sobre a questão dos lucros obtidos com a venda dos livros:

ISTOÉ – Há quem critique a sra. por ganhar dinheiro com o trabalho dos espíritos. Como responder a essas pessoas?

ZÍBIA GASPARETTO – O que essas pessoas têm contra o dinheiro? Como alguém vai fazer o trabalho que eu faço sem dinheiro? Recebo pelo tempo que dou para a empresa, que é um tempo que dedico à escrita, à escolha de acabamento dos livros e à administração do negócio. Sou uma exímia secretária e recebo para dar prosseguimento ao trabalho dos espíritos. O dinheiro é do mundo! E fica (Loes, 2013, n.p.).

Milani (2013) também critica a postura do periódico por tentar induzir o leitor a associar o enriquecimento da mencionada escritora ao Espiritismo, fato este que, para ele, estaria desvirtuando o preceito espírita de não se cobrar pela atividade mediúnica. Vale mencionar que a referida matéria mostra que não só a autora, mas também seus filhos obtiveram lucros milionários com a questão espírita, posto que, juntos, tenham se tornado responsáveis pela editora Vida & Consciência, a qual vem publicando os livros de Gasparetto desde os anos 1980. Do ponto de vista do estilo, as obras psicografadas e publicadas por Zíbia Gasparetto exploraram a temática espírita de forma inovadora, abrindo esse universo a milhões de brasileiros, já que tratam o Espiritismo de forma leve e romanceada, ao modo dos chamados romances cor-de-rosa (Loes, 2013).

A percepção de tal fenômeno discutido acima a partir dos exemplos da família Gasparetto e do escritor Ricardo Ribeiro Alves é importante para a confirmação de que o campo literário espírita existe, e existe de tal forma que já reproduz perfeitamente a lógica interna dos campos prevista por Pierre Bourdieu, segundo a qual haverá no campo literário um tipo de produção mais “pura”, afinada com tradição, e outra menos “pura”, voltada para o mercado e para os leigos.

3 HUMBERTO DE CAMPOS: UM CASO SINGULAR NA LITERATURA BRASILEIRA

3.1 DE MIRITIBA AO RIO DE JANEIRO: MEMÓRIAS

Maranhense de Miritiba, Humberto de Campos foi um escritor que adquiriu fama e prestígio no Rio de Janeiro, principalmente a partir da década de 1920. Na época, chegou mesmo a ser considerado como um dos mais populares cronistas do Brasil (Rocha, 2008). Sua fama era tão grande que o próprio município de Miritiba (Miritiba de São José do Piriá) alterou oficialmente o seu nome, passando a se chamar município de Humberto Campos, oito dias após o falecimento do escritor⁵.

Exímio jornalista, Campos escrevia para os mais diversos jornais, e seus textos eram redigidos, ora de modo formal, ora de modo informal. O tom um tanto quanto malicioso de alguns de seus escritos deleitava os leitores do período, uma vez que suas ideias transitavam entre a crítica político-social e a crônica de costumes. Sua especialidade era o trato com histórias do cotidiano que provocavam risos – histórias inusitadas envolvendo personalidades da política brasileira, intelectuais ou personagens comuns.

Importa ressaltar que, como cronista, ele transitou tanto entre os leitores mais humildes quanto entre a elite carioca da época. Escreveu e retratou os hábitos e costumes de ambas as esferas. Talvez venha daí a sua ampla aceitação em todos os círculos. Uma das razões que contribuíram para a admiração de seus leitores provavelmente esteja na sua forma de aproximação com seu público, fazendo troça de episódios triviais e versos com situações do cotidiano. Ao fazer isso, ele atingiu grande parte dos leitores brasileiros, fazendo-se compreendido por leitores comuns e também pelos intelectuais.

Ao longo de sua carreira, Campos demonstrou ser muito afetuoso com seus leitores, de modo que ele recebia todos os dias cartas de mulheres e homens, ricos, pobres, doentes e presidiários, todos em busca de conselhos. Suas respostas vinham, por vezes, em forma de crônicas, nas quais o autor se propunha a aconselhar os sofredores e a se solidarizar com seus ávidos leitores (Scheibe, 2006).

Proveniente de uma família de poucos recursos financeiros, Humberto de Campos teve uma infância marcada pela pobreza e desde cedo lutou intensamente contra as dificuldades que a vida lhe impôs. Não chegou sequer a concluir o primário; porém, “aprendeu sozinho, para melhor estudar os autores de sua preferência no

⁵ A alteração do nome da cidade deu-se através da Lei Estadual nº 743, de 13-12-1934 (IBGE, 2017).

original, o latim, o francês, o espanhol e o italiano” (Oliveira, 1990, p. 19) e tomou como hábito literário citar autores estrangeiros no original sem fazer uso de tradução.

Todos os seus biógrafos são unânimes em ressaltar o caráter obstinado de Humberto de Campos – o que, de certo modo, dá à sua vida uma aura de *self-made man* que saiu de uma condição de extrema adversidade para conquistar um lugar de destaque tanto na carreira literária (sendo autodidata) quanto na vida jornalística. Campos perdeu o pai aos seis anos de idade e, devido à instabilidade financeira da família desde a morte paterna, precisou trabalhar desde muito cedo para ajudar sua mãe na subsistência do lar. Desenvolvendo várias atividades ao longo da vida, foi aprendiz de alfaiataria, trabalhou na limpeza de uma casa comercial, foi lavador de garrafas, administrador de seringais, aprendiz de tipógrafo, jornalista, editor e deputado federal.

Embora curta, a fase como ajudante de tipógrafo parece ter sido decisiva para o jovem Humberto de Campos, posto que em suas *Memórias* ele tenha afirmado: “foi na oficina que eu recebi, quase insensivelmente, esta paixão pelas letras, alegria e tormento da minha vida” (Campos, 1982, p. 424). Em seu primeiro contato com a tipografia, aos treze anos de idade, ficou plantada a semente pelo gosto literário. O trabalho em questão deu-se em sua experiência nas oficinas do jornal *O Comercial*, um jornal quinzenal editado pelo senhor Floriano Serra na cidade piauiense de Parnaíba, para onde sua mãe e irmãos mudaram-se após o falecimento paterno:

Foi aí na tipografia que eu comecei a corrigir-me. Tendo de passar o dia encarcerado entre quatro paredes tristes, em companhia de um homem simples, bom e trabalhador, como era esse obscuro Floriano Serra, fui me acostumando a vida humilde, compreendendo a minha condição de órfão sem arrimo enchendo-me de paciência, e de cordura, para carregar o pesado fardo da minha pobreza. Comecei, então, a adorar minha mãe, e prometi a mim mesmo fazê-la feliz [...] (Campos, 1941, p. 391).

Foi nesse período em Parnaíba que ele conhece as obras de Coelho Neto, “autor a quem consagrava admiração comovida e profunda” (Campos, 1935, p. 141). Bastante influenciado pela obra do famoso conterrâneo, Humberto de Campos, ainda menino, residindo em Parnaíba, começa a ensaiar os primeiros textos de ficção. Encantado com as obras de Coelho Neto, que viria a ser o seu grande amigo, no futuro, ele escreveu três contos, os quais mostrou para a mãe. Não contente, saiu em busca de público maior, resolvendo lê-los para as suas primas que residiam na outra

margem do rio Parnaíba. Já era noite e, na tentativa de travessia, ele naufraga e os contos se perdem nas águas do rio. Mais tarde, em suas memórias, acaba confessando que tais escritos eram, em sua grande maioria, meras cópias dos textos daquele famoso escritor brasileiro; as narrativas escritas nesse período, para ele, possuíam “assuntos surrupiados do mestre, e modificados, apenas, pela minha ignorância” (Campos, 1935, p. 142).

Foi, portanto, através dos livros que ele começa a conhecer o mundo que até então não sabia existir. Numa de suas reminiscências, no seu livro *Memórias* (1941), o escritor relembra um período da sua adolescência, quando frequentava assiduamente a biblioteca pública de sua cidade:

E comecei a frequentar a sala de leitura, todas as tardes, isto é, depois do meio-dia, até às cinco horas. Lia, e as minhas predileções eram por Júlio Verne. Atravessei, com ele, a África. Visitei, em sua companhia, o México. E fui à Lua; e desci ao Amazonas, e subi ao Himalaia; ora mergulhando nas nuvens; ora mergulhando no mar; cobrindo-me de gelo nos polos; queimando-me com sol nos desertos; mas enriquecendo a minha alma de sonho e meu espírito de conhecimentos, como companheiro invisível e nervoso dos meus viajantes imaginários (Campos, 1941, p. 463-464).

Foi nesse período que ele descobriu coisas novas, pondo-se a “devorar com sofreguidão” não apenas obras literárias, mas também textos filosóficos, posto que quisesse “entender os segredos da Natureza e as verdades filosóficas” (Campos, 1935, p. 156). E assim, começou a estudar os teóricos, principiando com Max Nordau, Luiz Buchner, Herbert Spencer, Auguste Comte até se encantar com o escritor Samuel Smiles (1812-1904), que passou a ser seu guia, seu “melhor amigo” na adolescência.

Samuel Smiles foi um escritor britânico conhecido, sobretudo, por ter escrito livros que exaltam as virtudes da autoajuda e biografias que visavam enaltecer os feitos de figuras heroicas. Ele selecionou os tópicos das suas biografias como modo de enfatizar as suas teses da autoajuda. Estas obras são um vivo exemplo dos valores da sociedade vitoriana para o leitor de hoje (Briggs, 1955). Smiles produziu uma série de livros de autoajuda, tais como: *Autoajuda* [*Self-Help*] (1859), *Caráter* [*Character*] (1871), *Poupança* [*Thrift*] (1875), *Dever* [*Duty, London*] (1880) e *Vida e trabalho* [*Life and Labour*] (1887). Os princípios defendidos por Smiles marcariam profundamente o

espírito do jovem Humberto de Campos; tanto que durante toda a sua vida ele se orgulha dos seus feitos, do seu trabalho e da alegria silenciosa causada por ele.

A leitura das obras de Smiles fez com que Campos passasse a dar muito valor à perspectiva biográfica de grandes vultos da história – grandes inventores e escritores que passaram por inúmeras dificuldades, pobreza e tormentos diversos, mas que, a muito custo, galgaram seu lugar no mundo. Desde cedo, os livros passam a ser seu guia, seus amigos, sua religião. Humberto de Campos vai aprimorando seu conhecimento, aperfeiçoando sua formação ideológica e enriquecendo-se intelectualmente.

Sedento por conhecimento, ele se lança num novo mundo, o qual jamais pensou existir, e isso lhe trouxe um grande consolo – posto que, criado desde pequeno dentro dos dogmas católicos, temia o inferno, pois fora um garoto muito travesso, e o pecado poderia levá-lo ao inferno: “Era essa esperança que às vezes me animava, quando Comte e Haeckel, que divulgava Darwin, me consolaram. O inferno não existia. [...]” (Campos, 1935, p. 161). A partir de então, não mais temia o inferno ou mesmo sonhava com o céu; passou a ser dono do seu próprio destino:

O evolucionismo que doutrinavam deu-me a consciência de um lugar definido do universo. Um volume brasileiro de Teixeira Bastos, divulgando a obra Comte, facultou-me o que era a noção de positivismo. E eu, filho de mãe católica membro de uma família que não dera, jamais, um rebelde, levantei dentro de mim mesmo um grito de libertação, e, o peito inchado de orgulho, me proclamei perante mim próprio, - Positivista! (Campos, 1935, p. 158-159).

Leitor e estudioso precoce, Campos já tinha suas preferências e opiniões formadas em tenra idade. Para Medeiros (2010, p. 23), por exemplo, o positivismo de Comte, “a teoria evolucionista, a prevalência da ideia científica sobre a religião e a fé e uma visão agnóstica de mundo irão marcar, daí por diante, toda sua obra”.

Sua caminhada passa ainda por muitos percalços materiais até alcançar a glória. Em 1903, já em Belém do Pará, Campos chega a passar fome. Finalmente consegue trabalho como revisor na redação do jornal *Notícias* e depois, curiosamente, foi ser administrador de seringais em Mapuá, entre o Pará e o Amazonas. Em 1908, de volta à Belém, consegue casa e comida como hóspede de um amigo, e um emprego com ordenado mensal como redator do jornal *Folha do Norte*, assumindo definitivamente o papel de profissional das letras, como ele próprio confessa: “E eu,

que até então me consagrara ao comércio, passei a viver exclusivamente da minha pena, ou, melhor, do meu lápis, anotando pequenas novidades da rua” (Campos *apud* Picanço, 1937, p. 166).

Segundo Picanço (1937), foi em 1909, nas colunas da *Folha do Norte*, que o autor deixa transparecer seu espírito combativo, sua revolta e protesto ao descrever as mazelas nas quais viviam os seringueiros e os demais trabalhadores do interior da região Norte. Seus textos denunciavam tais situações deploráveis de vida ao mesmo tempo em que defendem melhores condições de trabalho para as pessoas.

Seus protestos e críticas ecoaram entre os poderosos, de tal modo que em pouco tempo o seu nome já era conhecido pelos empresários e políticos do Pará. Não tardou muito para que um dos homens mais importantes do Estado, o então prefeito de Belém, o senhor Antônio Lemos, o convidasse para que fizesse parte do corpo de redatores do importante jornal *A Província do Pará* (do qual era o dono). Campos aceita o convite e, como grande estudioso e amante dos livros dos mais variados temas, viu ali uma oportunidade que a vida lhe apresentava para mostrar suas qualidades de homem culto. Através do seu trabalho e dedicação, acabou conquistando a todos e, principalmente, a Antônio Lemos, que, segundo Picanço (1937, p. 167) o fez, sucessivamente, “seu secretário particular, chefe da seção da prefeitura de Belém, diretor da Secretaria do Conselho Municipal, Secretário da comissão Executiva do Partido Republicano e secretário da Municipalidade de Belém”.

E foi ali em Belém, portanto, que Humberto de Campos transforma-se oficialmente em escritor. Tornando-se redator de um dos periódicos de maior circulação da região norte do país, frequenta as salas da elite política paraense. Percebe, então, que aquele era um bom momento para publicar o seu primeiro livro de poemas, intitulado *Poeira*, cujo lançamento deu-se em 1911.

Cumprir observar que a publicação de *Poeira* foi um grande sucesso; em quase todos os jornais da época o livro foi muito elogiado pelos críticos: inclusive na capital federal, como bem relembra Mucio Leão, seu sucessor na cadeira n. 20 da ABL, no seu discurso de posse:

Publicado, em 1911, o seu primeiro livro de versos, obteve Humberto de Campos a celebridade repentina. Carlos de Laet saudou-o, num dos artigos do *Microcosmo*, de *O País*, como a um candidato à Academia. “Mais alguns anos (dizia Laet) e teremos o Humberto na Academia, coroadado de louros, com um discurso por cima”. O Sr.

Afonso Celso, Medeiros e Albuquerque cobrem de rosas a musa adolescente (Leão, 1935, n.p.).

Sua estreia como poeta foi coroada por elogios, que partiam principalmente dos literatos da capital brasileira. E foi justamente para o Rio de Janeiro que o escritor partiu ao ver-se obrigado a migrar devido a sérios problemas envolvendo o seu padrinho político Antônio Lemos. Após a destituição de Lemos, em 1912, vítima de um golpe armado, Campos rumou para o Rio de Janeiro, sendo recebido por ninguém menos que o famoso escritor e ídolo Coelho Neto, que o recebe com grande distinção e amizade.

Campos já não era um anônimo, posto que seu livro *Poeira* já lhe rendera certa fama entre os literatos. Foi Coelho Neto que o apresentou aos escritores cariocas, como: Olavo Bilac, Luís Murat, Aníbal Teófilo, dentre outros. Logo, ele já estava se familiarizando, frequentando as confeitarias, as livrarias, a Avenida Central e a rua do Ouvidor. Pouco tempo depois de instalado no Rio, começa a trabalhar no jornal *O Imparcial*, como relata Mucio Leão no seu discurso de posse:

Humberto é agora redator do Imparcial. Estamos numa das fases mais vibrantes da imprensa brasileira. Acabamos de vir de uma grande campanha nacional. Há poucos anos, Rui sacudiu a maré-morta de nossos prelos com a agitação salutar do civilismo. Agora, ou pouco depois, teremos as vibrações novas, que aqui despertam os ecos da luta que se desencadeia na Europa.

O Imparcial refletia, na sua vivacidade inquieta, o ambiente do Brasil e do mundo. Em sua redação congregavam-se nomes dos mais brilhantes das letras brasileiras, naquele momento. Dois de seus redatores, Osório Duque-Estrada e Goulart de Andrade, acabavam de transpor os umbrais de vossa Casa. Humberto de Campos ligou-se desde logo com os mais representativos nomes de nossas letras. São seus amigos Coelho Neto, Olavo Bilac, Emílio de Menezes (Leão, 1935, n.p.).

Através do mesmo estilo demolidor que o destacou no jornalismo em Belém, Humberto de Campos logo ganhou notoriedade no Rio de Janeiro através do jornal *O Imparcial*. Os adversários ideológicos do cronista foram atacados impiedosamente, a exemplo do escritor e inimigo ferrenho Paulo Barreto, o famoso João do Rio.

Seus biógrafos são unânimes quando afirmam que Campos se entregou de corpo e alma à carreira de jornalista, a qual durou mais de vinte anos. Escrever passou a ser sua árdua e viciante tarefa que se multiplicou ao longo de sua vida. Ele escreveu

para diversos jornais, de tal modo que seus artigos apareciam simultaneamente nos mais importantes periódicos do país, seja no Rio, em São Paulo, no Recife, na Bahia e também em outros lugares.

Nas folhas cariocas seus “ecos” são diários, e, para isso, utilizava-se de pseudônimos e heterônimos. Às vezes, numa única folha é possível encontrar dois ou mais textos do autor. Todos os dias ele escrevia várias crônicas, tal como ele mesmo relata no seu *Diário Secreto*:

Trabalho intenso, e contínuo. Um artigo, diário, assinado, para *O Jornal*; um outro, anônimo, igualmente diário, sobre comunismo, para a mesma folha; ainda, todos os dias, para o *Diário da Noite*; três páginas por semana, para o jornalzinho humorístico *Não pode!*; anúncios comerciais para *A Capital*; e, a cada noite, 400 vocábulos para o *Vocabulário Ortográfico da Academia* (Campos, 1954a, vol. II, p. 162).

Nesse momento, ele chegou a manter colunas diárias e quinzenais em jornais de diversos estados brasileiros, como: *São Paulo-Jornal*, *Correio Paulistano*; *A Tarde*, da Bahia; *Diário de notícias*, do Rio Grande do Sul; *Jornal do Recife*, de Pernambuco; e *O Jornal*, e *Correio da manhã*, do Rio de Janeiro; além de escrever para as revistas *O Cruzeiro* e *Dom Quixote*.

De acordo com Nelson Werneck Sodré (1972), o jornalismo, nesse período, era uma espécie de sustentação para a vida intelectual brasileira. Por diversos motivos, como problemas de editoração e preço final da obra, era o jornal, e não o livro, o melhor caminho para se atingir o público. Os livros eram publicados em partes nos jornais, em forma de artigos, e só depois eram compilados e publicados em formato de livro.

No início do século XX as redações dos jornais eram repletas de literatos. Segundo Machado Neto (1973, p. 90), alguns críticos literários eram contra a literatura de jornal, como José Veríssimo, para quem a literatura “faz-se mais no jornal do que no livro, o que basta para lhe explicar a inferioridade”.

Com vistas a atingir a maioria da população e não apenas um círculo intelectualizado e restrito de leitores, os jornais foram se adaptando rapidamente ao longo dos anos conforme o aumento do público leitor no país. Essa lógica parece ter se estendido à própria criação literária, em geral. Adequar-se a uma linguagem mais simples, com textos curtos e de fácil entendimento virou a meta dos literatos no início

do século XX. Com um público cada vez mais vigoroso, a literatura vai conquistando mais aceitação dos leitores e espaço para a atividade literária. Segundo Machado Neto (1973, p. 90), o resultado desse comércio foi que o escritor se viu transformado em “vedete”, tendo que “brilhar para agradar o respeitado público”, o qual ia sempre com pressa às páginas dos diários buscar os mais variados tipos de textos: a crônica chorosa ou alegre, o poema, o folhetim romanesco ou mesmo a reportagem galante escrita aos modos de João do Rio.

Para Carvalho (*in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 31), a obra extensa e variada desse “operário das letras” que foi Humberto de Campos forma um conjunto de mais de quarenta volumes que podem ser subdivididos em oito seções, a saber, (1) Crônica, (2) Crítica literária, (3) Memorialística, (4) Conto humorístico, (5) Conto, (6) Poesia, (7) Pesquisa histórica e literária e (8) Conto infantil.

No cômputo geral, acabaram sendo as crônicas, os textos de crítica literária e, sobretudo, os contos humorísticos o mais expressivo “resultado do trabalho incessante desse operário das letras que foi Humberto de Campos”, um escritor cuja “atividade documental do repórter e jornalista acabou por predominar sobre o desejo do ficcionista” (Carvalho *in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 31).

De acordo com Machado Neto (1973), os escritores brasileiros do início do século XX que, de alguma forma, insistiam em viver apenas da “pena”, na sua maioria, passaram por severas privações. Trabalhavam excessivamente, contraíam dívidas com agiotas e, no fim, recebiam uma irrisória remuneração. Ainda segundo o pesquisador, havia na época alguns literatos que recebiam, enquanto gozavam de ligeira fama, um rendimento bem razoável, mas ao mesmo tempo havia casos de indecorosa exploração dos escritores, tanto pelos jornais como por parte dos editores livreiros.

O crítico literário e historiador José Brito Broca (1903-1961), em sua obra *A vida literária no Brasil: 1900*, revela trecho da carta de Euclides da Cunha a seu pai, datada de 25 de fevereiro de 1903, em que afirma que o seu livro *Os sertões*, em termos financeiros, pouco lhe rendeu, apesar de seu grande êxito nas vendas. Assim se explica o escritor:

[...] as despesas foram, de fato, grandes – de sorte que, dividindo o líquido, terei um ou dois contos de reis. É possível que serei mais feliz na 2ª edição. Os homens, apesar do que dizem (e nesta terra, são fáceis os juízos temerários), me parecem sérios. O que sobretudo me

satisfaz é **lucro de ordem moral obtido**, a opinião nacional inteira que, pelos seus melhores filhos, está inteiramente ao meu lado. (Cunha apud Broca, 1975, p. 146, **grifo nosso**).

Por certo, no início do século XX, o escritor recebia por suas obras um impreciso e exíguo pagamento, e muitos tinham que se contentar com o “lucro de ordem moral”, como bem colocou Euclides da Cunha. Quando a obra alcançava o sucesso, o autor não recebia proventos equivalentes à venda; porém, ser reconhecido como um grande escritor poderia lhe render fama e ótimas oportunidades de inserção social e intelectual. São inúmeros os escritores da época que relatam as dificuldades financeiras enfrentadas pela classe.

A precária remuneração desses profissionais das letras fez com que até escritores já renomados, que gozavam de fama e prestígio, vendessem seu talento e sua arte para proverem algumas necessidades financeiras urgentes. Há um caso curioso narrado por Humberto de Campos em seu *Diário Secreto*, datado de 15 de julho de 1929, o qual tem como personagens principais Coelho Neto e Olavo Bilac. Segundo ele, certo dia, o velho amigo confessou a Bilac que necessitava urgentemente da quantia de um conto de reis para quitar uma conta inadiável. Acontece que Bilac, não possuindo a quantia, mas querendo ajudar o amigo, disse-lhe que havia recebido há pouco tempo uma proposta de um editor que lhe prometera três contos de réis por uma obra pornográfica/indecorosa.

Bilac recusara a proposta, mas, devido à emergência do amigo, propôs a ele que ambos escrevessem o texto e recebessem o dinheiro. Sendo assim, sem outra alternativa no momento, os dois decidem aceitar a encomenda. Os dois então produziram juntos a obra. No fim da história, Humberto de Campos diz que o nome da obra de Neto e Bilac era *Almanaque do Ânus* – título este que, por si só, já expõe a situação delicada à qual a falta de dinheiro impelia mesmo escritores do porte de ambos.

O próprio Humberto de Campos precisou, mesmo a contragosto, algumas vezes elogiar ou desmoralizar figuras da elite brasileira em sua coluna nos jornais, como no exemplo revelado no *Diário Secreto* registrado no dia três de janeiro de 1915:

O Sr. Costa Rêgo, rapazola enfatuado do “Correio da Manhã”, enviou ao Leônidas, em um bilhete, um telegrama que forjou no seu jornal sugerindo a sua candidatura a deputado por Alagoas, e pede que “O Imparcial” diga alguma coisa a seu respeito. Coube-me a mim

satisfazer a vaidade desse cretino, cujos escrúpulos e cujo mérito podem ser aferidos por essa solicitação. O seu bilhete fica no meu arquivo (Campos, 1954a, vol. I, p. 12).

Mas sua pena também podia ser feroz: poucos jornalistas se aperfeiçoaram como ele em atingir os confrades. Há, inclusive, uma menção a isso no *Diário secreto*, num registro do dia dezesseis de abril de 1917, onde Campos relembra o seu primeiro encontro com Afrânio Peixoto que, em visita ao jornal *O Imparcial*, apresenta-se a ele:

- O senhor é o Humberto de Campos?

E como eu sorria, em confirmação, atira-se a mim, atropelando as palavras:

-Olhe, eu tenho vindo aqui para conhecê-lo em pessoa. O senhor é um homem a quem admiro e a quem eu temo. Antes: o senhor é dois homens: um, destruidor implacável, o jornalista que mata, aniquila, destrói o adversário; outro, o poeta, o escritor, o homem de erudição. Eu quero ser amigo de ambos (Campos, 1954a, vol. I, p. 38).

Através destes artigos o autor vai se apurando cada vez mais, utilizando-se de falsetas para fazer severas críticas nos mais diversos assuntos, seja de cunho pessoal, político, religioso ou mesmo referente a obras literárias. Como no registro do dia 19 de abril de 1917:

Eu consegui, com a minha formação literária na imprensa, uma individualidade literária que os meus amigos me vêm mostrando agora. Há, em mim, a volúpia da perfídia. Não é, propriamente, volúpia, pois que isso às vezes me desagrade a mim mesmo. A perfídia tornou-se em mim uma função, ou antes, um produto mecânico. Eu louvo, ou ataco, de tal forma, que o indivíduo alvejado não sabe se me há de mandar um agradecimento ou um tiro. O que eu escrevo tem matéria para todas as interpretações. Ainda agora, a propósito de um artigo sobre Olegário Mariano, este se manifesta lisonjeado, ao mesmo tempo que os seus amigos se manifestam indignados comigo. É característico o que me sucedeu hoje com uma crônica sobre a guerra europeia: recebi parabéns de acidófilos e de germanófilos: cada grupo descobriu nela uma evidente manifestação a seu favor! (Campos, 1954a, vol. I, p. 41).

Escritor de grande polidez, mas que também podia ser implacável e ferino em relação a outros, Humberto de Campos desenvolveu sua prática literária nesse universo dinâmico da Primeira República. Em suas crônicas expôs a falsa moral da sociedade do Rio de Janeiro do início do século XX. Já tendo publicado em 1918 e

1919, respectivamente, *Seara de Booz e Vale de Josafá*, Humberto de Campos foi eleito em 30 de outubro de 1919, para a Academia Brasileira de Letras. Tal consagração foi para ele uma verdadeira vitória, pois o menino humilde que saiu do interior do Maranhão se tornou um dos mais jovens “imortais” das letras nacionais.

Na ABL Humberto de Campos foi um membro muito participativo e comprometido. Fez parte da comissão de gramática responsável exclusivamente pela reformulação gramatical da língua portuguesa escrita no Brasil, como vemos no registro no diário do dia 1 de novembro de 1929:

Sessão da Academia. Deve-se votar, definitivamente, a reforma ortográfica. Falo, para encaminhar a votação. Lamento a displicência, o desinteresse, o descaso dos acadêmicos por um assunto de tal relevância. E proponho não somente que a votação seja nominal, mas, também, que se registre na ata o nome dos que assinaram o livro de presença, receberam os cem mil-réis, e se retiraram, como de costume, sem tomar parte dos trabalhos.

Foi esse o único recurso para obtermos número para as votações e, mesmo, certo entusiasmo nos debates. O meu discurso, que se acha integralmente na ata, foi publicado com alguns cortes na imprensa, a fim de não humilhar a Academia (Campos, 1954a, vol. I, p. 369).

Além disso, o escritor sempre se posicionou como um defensor comprometido com as reformas ortográficas, colocando-se como um garantista do uso da reforma ortográfica aprovada pela Academia. Segundo Almir de Oliveira (1990), enquanto deputado, ele apresentou um projeto de lei que orientava que todas as repartições públicas, estabelecimentos de ensino e a imprensa oficial do governo adotassem a reforma ortográfica aprovada pela Academia (Oliveira, 1990, p. 69).

A saúde de Humberto de Campos nunca foi muito boa, como atestam os seus biógrafos. Porém, foi a partir de 1920 que surgiram os sintomas mais agudos da hipertrofia da hipófise – doença que acabou lhe tirando a vida em 1934. O diagnóstico só foi conhecido por ele em 1928. A hipertrofia da hipófise é uma enfermidade degenerativa que provoca deformidades, fraqueza, paralisia, surdez e cegueira – combinação trágica para alguém como ele que vivia para o trabalho diário de leitura e escrita.

No dia 8 de setembro de 1928 ele escreve em seu *Diário secreto*:

Tenho lido e escrito muito. As ideias multiplicam-se no meu espírito, como as formigas à boca de um formigueiro alvoroçado. Tenho planos

de romances, de contos, de ensaios literários, de obras de pesquisa e comentário. Trabalho dez, doze horas por dia, aos domingos e feriados, e, nos dias úteis, durante todo o tempo que os deveres políticos me dispensam. Às vezes, sinto-me fatigado, sucumbido, com vertigens e atordoamento. Mas o cérebro continua a trabalhar, ágil, fértil, disposto, como se não estivesse em contato com o resto do corpo. É que a máquina que dá o impulso não está de acordo com o resto do aparelho, que obedece. O motor é forte, mas o carro já está ficando velho... (Campos, 1954a, vol. I, p. 276).

Percebemos no texto de Campos detalhes de sua resistência e dedicação ao trabalho de sua vida, que foi o debruçar-se sobre as ideias e sobre os textos literários. Seu relato expõe seu caráter de exímio estudioso que não foi destruído nem pelo impacto da terrível doença que lhe acometeu a saúde. Os últimos anos de Humberto de Campos foram marcados por muito sofrimento físico e muitos desgastes emocionais causados por preocupações financeiras. A crítica especializada na obra do autor, como: Macário Picanço, Roberta Scheibe, Benício Medeiros e Hermes Vieira, entendem que tal sofrimento no fim de sua vida acabou “renovando”, aos poucos, o seu modo de escrever, pois ele passou a se despir de sua verve irônica e ferina assumindo um caráter mais reflexivo, memorialístico e moralizante.

Em 1933 ele publica o seu livro mais famoso, *Memórias* (1886-1900), que veio a ser considerada a sua maior obra. Livro de caráter autobiográfico, em que o autor relata sua infância e início da adolescência, a continuação dessa obra ficou incompleta, mas mesmo assim foi publicada sob o título de *Memórias inacabadas* (edição póstuma). Na elaboração de uma autobiografia, seja um livro de memórias, seja um diário, o autor revela sua intimidade, formando um discurso sobre a sua pessoa; trata-se de um texto de tom confessional em que há um certo acordo entre o autor e o leitor, que encara todos os relatos como fatos verídicos.

A narrativa das suas dificuldades emocionou bastante os seus leitores, posto que em tal obra o autor expusesse seus erros e “pecados”, mostrando-se não como um “super-homem”, perfeito e impoluto, mas sim como um ser humano falho e em busca de redenção. Segundo Giscard Farias Agra (2014), por exemplo:

Humberto de Campos, assim, cada vez mais doente, acabou por reelaborar-se diante do seu público leitor, revestindo as suas narrativas de uma perspectiva trágica sobre a vida, perspectiva, esta, que, já presente em seu diário íntimo desde 1928, espalhou-se pelas suas crônicas a partir de 1931 e, finalmente, informou o olhar que lançou às suas próprias lembranças, sendo o fio condutor que orientou a reelaboração do seu passado como narrativa autobiográfica no

aclamado *Memórias*, 1886-1900, oferecido ao público no início de 1933 (Agra, 2014, p. 211).

Como já afirmado na Introdução desta tese, um fato importante ligado à figura de Humberto de Campos é que sua popularidade fez com que ele passasse a receber cartas de leitores, os quais lhe escreviam de lugares diferentes do país; algumas dessas missivas eram homenagens, mas a grande maioria dizia respeito a correspondências de homens e mulheres que escreviam ao literato enquanto almas sofredoras em busca de ajuda e de certo conforto por meio de suas palavras. Solicitando conselhos e até mesmo emprego, as pessoas entravam em contato com ele querendo orientações quanto aos mais diversos assuntos. Doentes pediam remédios, detentos escreviam pedindo favores para seus familiares; mulheres, na sua maioria, solicitavam orientação amorosa; algumas delas estavam amando pela primeira vez, enquanto outras eram casadas, porém, descontentes com os maridos.

O escritor respondia às demandas de seus leitores: em alguns casos, também por meio de cartas; noutros, por meio de crônicas que ele publicava nos jornais:

Quando se referia ao "seu eu", Campos também se apresentava como mártir do povo. Ele recebia cartas de todas as partes do país e as publicava, submetendo-as ao seu próprio julgamento e proporcionando ao leitor que fizesse o mesmo. Assim, o escritor solicitava, por meio de jornais, a fundação de hospitais; pedia pão aos que não tinham o que comer, cobertores aos que tinham frio, albergues para as pessoas que precisassem de ajuda. Em seus textos, alguns nada conservadores e moralistas, sempre se achava no direito de aconselhar as pessoas, em especial, as mulheres (Scheibe, 2006, p. 50).

Seu público, dessa forma, pelos jornais, vai acompanhando o desenrolar da vida desse autor, uma vez que o sucesso das suas confissões o instiga a continuar a escrever. Seu discurso nessa situação, porém, não é de medo ou comiseração, mas sim de resignação e de coragem. Um exemplo dessa perspectiva está no seguinte trecho da crônica aos seus amigos da Bahia, do livro *Sombras que sofrem*:

Trabalhei sempre, escrevi sempre, e não cessei de prover, com os recursos da minha pena, as necessidades da minha casa. Retirei os meus filhos do colégio, a menina com quinze, o menino com treze anos, atirando-os ao trabalho, de modo a prepará-los para o momento em que lhes faltasse o meu braço. Mas, não desanimei nunca. Uma alegria diabólica me enchia o coração toda a vez que, numa crise mais violenta, vencida a morte, que rondava a minha porta. Raro era o dia,

por isso, em que não aparecia, na imprensa, o meu artigo alegre. A ironia das minhas crônicas era, quase, o esgar da caveira que fazia sorrir aos que tinham carne nas faces. [...] Mas trabalho contente. Sinto que a minha alma se purifica no sofrimento e que o meu coração, trabalhado pelas dores próprias, se preparou melhor para a compreensão das dores alheias. Perdi, com minha casa hipotecada, tudo que possuía como fortuna terrena. Mas o trabalho não me falta, e, com o produto do meu trabalho, tenho tudo o que desejo, porque hoje desejo pouco (Campos, 1960, p. 272-273).

Foi por intermédio da construção da figura de um escritor “mártir” que Campos notabilizou-se ainda mais nos últimos anos de sua vida – popularizou-se através da figura de um intelectual que sofre e que, pelo sofrimento, torna-se cada vez mais sábio e, por isso mesmo, capaz de dar direcionamento às vidas alheias.

Talvez seja através das obras *Memórias – Primeira Parte 1886-1900* (1941), *Memórias Inacabadas* (1935) e *Diário Secreto I e II* (1954a) que possamos conhecer com mais profundidade o ser humano Humberto de Campos: suas mágoas, traumas, alegrias e anseios. É através de obras como estas que passamos a compreender que esse homem de letras teve muitos percalços ao longo da vida; ainda na infância passou por infortúnios e dores, mas teve sua personalidade formada com base na constância e na persistência. Aprendeu a acreditar em si mesmo e, com trabalho e tenacidade, obteve ascensão social.

O livro *Memórias – Primeira Parte 1886-1900* (1941), provoca reflexões e questionamentos sobre a força e perseverança do escritor que nasceu sob o jugo da pobreza, num sistema opressor que lhe aguçou a percepção desde cedo. Trata-se de uma narrativa autobiográfica, na qual Humberto de Campos conta a história da sua vida, desde seu nascimento, em Miritiba, no Maranhão, apresentando cenas de sua infância, de sua adolescência em Parnaíba, no Piauí, até o fim do século em São Luís. O texto é escrito em tom memorialístico e confessional, não apenas recordando seus feitos, mas também refletindo sobre o caminho percorrido, desde sua árdua infância até os seus quinze anos de idade.

Segundo Agra (2014), o projeto deste livro de memórias sofreu algumas mudanças, uma vez que, embora escrevesse desde 1912 as suas memórias, o texto publicado em 1933 havia passado por um processo de reescrita; isso foi feito “inutilizando a maior parte do que havia escrito das vezes anteriores, reelaborando completamente os seus escritos, reescrevendo a sua história a partir de valores diferentes daqueles que o orientavam nas outras oportunidades” (Agra, 2014, p. 230).

O escritor retoma esse projeto em maio de 1931, como podemos perceber no registro do diário do dia trinta e um de maio de tal ano:

Tendo iniciado, **sob novos moldes**, as minhas “Memórias” iniciadas em 1912, mas que se ressentiam do meu estilo e da minha cultura naquele tempo, passei a distribuir a matéria em pequenos capítulos de modo a aproveitar os miúdos episódios da infância. Nada aproveitei, a não ser o assunto, da obra antiga, que já se achava adiantada (Campos, 1954a, vol. II, p. 154, **grifo nosso**).

O homem que em 1931 reescreve suas memórias já não era o mesmo de 1912; muitas mudanças negativas haviam acontecido: perdera o mandato de deputado e, com ele, a verba para pagar a hipoteca da sua tão sonhada casa; volta a morar de aluguel. Seus filhos precisaram deixar a escola e começaram a trabalhar. E a doença que tanto o maltratava a cada dia avançava mais; começa a perder a visão.

Em sua obra, o escritor narra sua construção enquanto homem, com detalhes sobre os primeiros quinze anos de sua vida. Fala do menino órfão de pai que, aos seis anos de idade, inicia sua árdua e sofrida jornada. Uma trajetória que, num primeiro momento, teve início sem maiores expectativas, posto que tenha começado por mera subsistência, sem nenhuma esperança de êxito; porém, logo depois idealizou ser um comerciante, como seu tio abastado; sua ambição era ainda limitada, restrita ao seu pouco conhecimento de mundo.

E depois de travar muitas batalhas ao longo do percurso, perdendo algumas e ganhando outras, Humberto de Campos vai conquistando seu lugar. Como podemos perceber no prefácio das suas memórias:

Os objetivos da obra iniciada com este volume, e principalmente os dele, são, todavia, aqueles que se poderiam descobrir em Santo Agostinho, entre os antigos, em Jean-Jacques, há dois séculos, e em Gorki, entre os contemporâneos: a confissão pública de faltas particulares, numa penitência de possíveis pecados de egoísmo e de orgulho; e a demonstração de como pode um homem, pela simples força da sua vontade, desajudado de todos os atributos físicos e morais para a vitória, libertar-se da ignorância absoluta e de defeitos aparentemente incorrigíveis, desviando-se dos caminhos que o levariam ao crime e à prisão para outros que o poderão conduzir a uma poltrona de Academia e a uma cadeira de Parlamento (Campos, 1935, p. 23).

O autor se coloca como um indivíduo simples, que erra, mas também busca demonstrar que há novos caminhos, que é possível traçar um rumo novo, e que é preciso coragem para não se render à violação ou ao delito:

Escrevo a história da minha vida não porque se trate de mim; mas porque ela constitui uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres, de esperança aos desenganados, e, dessa maneira, um roteiro útil à mocidade que a manuseie. Os vícios que a afeiam, os erros que a singularizam e que proclamo com inteira tranquilidade de alma, os rochedos, em suma, em que bati, mesmo esses me foram proveitosos, e sê-lo-ão, talvez, aos que me lerem (Campos, 1935, p. 24).

Ao longo de seu trabalho, é importante notar que Humberto de Campos busca apresentar-se como um exemplo de vida para a nova geração, uma esperança para os miseráveis:

[...] A vida de um homem não deve ser medida, efetivamente, pela extensão, mas pela intensidade. *Senectus non annis computanda, sed factis*, diz o velho Sêneca, na sua velha sentença. E, como intensidade, como trabalho, como sofrimento, a minha infância durou um século. Aqui fica, deste modo, o primeiro volume das minhas Memórias, que são as de um homem que fez sozinho a sua marcha desde as vizinhanças do berço, e lutou, sozinho, contra todos os obstáculos da sua própria condição e contra todas as tentações que o assaltaram pelo caminho. Não cheguei muito alto, de modo a ombrear com os escritores notáveis do meu país, porque vim de muito baixo. Mas percorri maior distância do que eles, porque vim de mais longe. “Os indivíduos bem nascidos – observou Sainte Beuve – levam uma vantagem de, pelo menos, dez anos sobre os seus contemporâneos de origem humilde”. Pascal avalia em trinta anos essa diferença. Chego aos quarenta e seis anos ao fim da minha vida. Chego vencido, e fatigado, quando outros se encontram no apogeu da saúde e da força. Eu fiz, porém, repito, caminho mais longo, mais áspero, sem água e sem pão. E, chegando onde me encontro, faço como aqueles gregos antigos, que cansados de peregrinar pelo mundo, sentavam-se, um dia, para morrer, à porta dos templos, oferecendo aos deuses, numa última bênção à vida, as suas sandálias, o seu cinto e o seu bordão (Campos, 1941, p. 24-25).

Por um período o autor acreditou haver alcançado seu ideal, pois conseguiu se tornar um escritor, ombreando com grandes nomes da literatura brasileira. “Era, então, o autor mais lido no Brasil, o cronista mais popular entre o grande público leitor, o imortal mais atuante e produtivo da Academia Brasileira de Letras” (Agra, 2014, p. 18). A prática jornalística diária foi o seu principal meio de subsistência ao longo da vida e,

através dela, granjeou fama e sucesso profissional. Veio daí sua eleição para deputado federal pelo estado do Maranhão.

Assim, Humberto acredita que, enfim, atingiu a glória e, doravante, não precisaria trabalhar tão intensamente em suas colunas jornalísticas, sobrando-lhe tempo para estudar e escrever muito mais pelo prazer do que pela necessidade financeira.

No registro do diário do dia 1.º de janeiro de 1928 ele afirma:

A crônica dos meus dias é rica de ensinamentos, de lições aos rapazes pobres e desprotegidos, e poderá servir, um dia, àquele que a conhecerem e sobre ela meditem. Considero-me, literária e politicamente, um produto da vontade e do trabalho, podendo-se ver, pelas conquistas que realizei, que um homem, em um país como o nosso, pode construir, sozinho, o edifício da sua glória e da sua fortuna.

A história da minha vida é um roteiro oferecido à mocidade que um dia a manuseie e, particularmente, aos meus filhos. Os rochedos que em que bati, mesmo esses me foram úteis, e deverão sê-lo aos que me lerem. Conhecendo-os, saberão aqueles que vierem depois de mim, que devem evitá-los, fugindo aos perigos que enfrentei e, conseqüentemente, procurando, nessa altura, outros caminhos (Campos, 1954a, vol. I, p. 85).

Coisas muito ruins ainda estavam por vir, como o trágico diagnóstico da hipertrofia da hipófise, e a perda do mandato com o advento da Revolução de 1930, que dissolveu o Congresso. Passando por muitas dificuldades financeiras, perde a casa e aceita então ocupar os cargos de inspetor de ensino e diretor da Casa de Rui Barbosa, mas logo pede demissão e volta a sobreviver da sua escrita.

É esse sofrido Humberto de Campos, portanto, que experimentou os revezes da vida, que confessa seus pecados, dores, e, talvez, suas mais profundas inquietações em seu livro de memórias. Para além de muita dor e padecimentos, suas memórias de juventude apresentam um menino que durante sua travessia para a adolescência vai dando novo sentido à sua existência. Em suas lembranças, conta que sua mãe tristemente lhe falara, certa vez, que para ele seria impossível estudar, já que a família trabalhava muito para conseguir prover o básico do dia a dia; sendo assim, pagar por uma escola seria um “luxo” do qual eles não poderiam desfrutar.

Desde que começou a trabalhar numa tipografia, aos treze anos, seu gosto pelas letras se intensificou: sempre que lhe sobrava algum tempo livre do trabalho, ele

o dedicava à leitura. Aos olhos do pequeno leitor, o mundo foi se descortinando cada vez mais; e foi buscando sempre mais livros na ânsia de obter novos saberes que o futuro escritor autodidata acumulou erudição, fato este que lhe abriu novas paragens, novos horizontes e uma nova perspectiva de vida.

Como já citamos anteriormente, um dos autores que mais marcaram a vida de Humberto de Campos foi Samuel Smiles, que, de acordo com a historiadora Maria Helena Câmara Bastos (2000), é considerado o pai do livro de autoajuda. Suas ideias contribuíram para a consolidação de noções vitorianas, principalmente a de que cada indivíduo é totalmente responsável pelo seu próprio sucesso ou pelo seu fracasso. Segundo tal concepção, qualquer indivíduo pode se tornar próspero, pode se destacar e ascender desde que demonstre senso de disciplina e muito esforço. A vida de quem almeja elevar-se, dentro dessa perspectiva, deve ser embasada no exercício de virtudes morais.

E assim, tendo como guia as ideias de Smiles, Humberto de Campos acreditou que, por seus próprios esforços, dedicação e coragem conseguiria vencer na vida, a exemplo de tantos outros grandes nomes da história – nomes este que, como ele, também tiveram uma infância difícil, atravessaram grandes tormentos e, inspirados pelo dever, atingiram a glória.

Smiles dedicou sua vida a escrever as histórias de grandes homens que vieram de origem humilde, mas que atingiram o sucesso a partir de méritos próprios, sempre com grande demonstração de inteligência e perseverança. Em suas memórias, Humberto de Campos, portanto, parece lançar mão dessa mesma perspectiva desenvolvida por Smiles em seus trabalhos. Na obra do escritor de Miritiba sempre são retratadas cenas de sua árdua jornada rumo ao sucesso, com espaço para a descrição de vários dissabores e decepções ocorridas ao longo de sua intensa existência.

Campos se vê como um exemplo de vida, como um dos heróis de Smiles, mas coube ao próprio Humberto de Campos narrar sua história de ascensão. O escritor memorialista e confessor de 1931 é um homem que busca ressignificar sua existência, posto que, após a ascensão, veio-lhe a queda. O que ele vive aos 46 anos de idade é muito diferente: não tem mais o mandato como deputado, não tem mais sua casa própria, grande parte dos seus amigos se foram e a doença degenerativa castiga seu corpo com intensas dores e dificuldades.

Segundo Agra (2014), foi depois das dificuldades impostas pela doença que lhe degenerava o corpo, principalmente nos anos de 1932 e 1933, que o autor, sem mandato e “jogado ao ostracismo político, passou a se desnudar diante do seu público, elaborando para si uma faceta que os leitores não tinham visto, narrando-lhes histórias que seriam as suas; histórias, acima de tudo, tristes” (Agra, 2014, 276).

Dentro deste contexto Campos abandona a formalidade. Suas crônicas são escritas em tom confessional, a partir do qual o autor se desnuda e expõe seus sentimentos, sua dor e seu padecimento; isso intensifica o envio de cartas por parte dos leitores. Há, assim, maior interação entre ele e seus leitores, pois estes lhe enviam cartas de consolo e desejos de recuperação. Ocorre, porém, que muitos desses leitores viam no cronista a imagem de uma pessoa “íntima” a quem poderiam pedir amparo e auxílio. A algumas dessas cartas ele responde publicamente, através dos jornais, em forma de cartas-crônicas; nelas, atende aos mais diversos apelos, expondo o seu posicionamento.

Tais cartas-crônicas são verdadeiros diálogos nos quais ele faz citações de trechos da missiva recebida, então inserindo o seu comentário, na intenção de amenizar e confortar a dor do remetente. Tais comentários, vale dizer, não são de interesse apenas do leitor remetente, mas de todos os leitores que passam por adversidades similares. Em algumas destas crônicas ele vem a público denunciar as mazelas relatadas e pedir providências aos órgãos do governo, atuando também como porta-voz dos seus leitores. Como exemplo de algumas destas crônicas faz-se possível citar os seguintes títulos: “Carta a Sanny Wsaka”, “Carta a Heloísa”, “Resposta a seis cartas tristes”, “Resposta a uma carta”; “Uma heroína”; “Bálsamo para um coração”; “Carta a Maria Cerqueira”; “Carta a um noivo”; “Carta a um viúvo”; “Carta a um cidadão de dez anos”; “Carta ao Dr. Juiz de menores”; “Carta a duas Marias”; “Carta a um detento”, dentre outras.

A excêntrica reunião de casos ligados a tais cartas-crônicas fazia do autor um verdadeiro catalizador dos problemas sociais da sua época, indo desde questões de foro íntimo, como, por exemplo, o desabafo de uma esposa em relação ao seu marido, até questões mais complexas como a organização política do Brasil. Não é exagero afirmar que Humberto de Campos foi um jornalista à frente do seu tempo. Ele trouxe à baila questões que até hoje, cerca de um século depois, ainda carecem de debate, seja no marco legal, seja na implementação política. Os posicionamentos políticos e

sociais do autor estão na sua maioria expressos em suas crônicas, produto dos seus estudos e da sua vivência.

Nesse sentido, Humberto de Campos escreveu e se posicionou sobre os mais diversos assuntos. Numa época em que o casamento era perpétuo, indissolúvel, e que o desquite era o único viés possível de separação, o autor chegou a indicar o divórcio como solução para as mulheres, como se observa na crônica “Bálsamo para um coração” da obra *Sombras que sofrem*:

A senhora foi vítima de uma violência, da tirania e da prepotência de seu pai. [...] Seu casamento traz, pois, a eiva da nulidade. É nulo, perante a lei. É nulo, perante Deus.

[...] Sim senhora, tome animo, e rebele-se. [...] E vá a um advogado. Conte-lhe a sua história. E estou certo de que nenhum magistrado, feitas as provas do que me diz, deixará de anular o seu casamento, e de assinar, de modo resolutivo, o ato de sua libertação” (Campos, 1960, p. 42-44).

Vale reforçar, nesse sentido, que o desquite era o instituto usado à época para separar legalmente o casal, todavia mantendo o vínculo matrimonial entre as partes e conservando a mulher, mais que o homem, presa à relação, principalmente por conta da dependência financeira. Tal questão também pode ser vislumbrada no seguinte trecho retirado da obra *Críticas*:

Recomponha a sua vida, minha distinta amiga [...] Vá aos Estados Unidos, vá ao Uruguai; vá a qualquer país divorcista da Europa, e volte com o seu novo marido, uma vez que o primeiro conforme é notório, abandonou o próprio filho [...] Tenha coragem, e erga o seu rosto diante de toda gente... Prefira afrontar o mundo, servindo à sua consciência, a afrontar a sua consciência para ser agradável ao mundo! Não é esse, certamente, o regime vulgarmente adotado. A falta de uma legislação que permita às senhoras desquitadas ainda jovens a constituição de um novo lar, é um incentivo às ligações clandestinas, que humilham a mulher e lhe não satisfazem o coração [...] seja feliz, não se preocupe com os falsos escrúpulos dos devotos da mentira social [...] (Campos, 1941a, p. 242-244).

No trecho acima o autor aconselha a dona da missiva que, na falta de legislação brasileira que lhe conceda o divórcio, já que esse instituto só foi inserido no nosso ordenamento jurídico pátrio em 1977, através da Lei Federal 6.515/1977 (Lei do Divórcio), que ela procure outro país, em que possa se divorciar, se casar novamente e viver seu amor. Nota-se que só depois de quase quatro décadas que o autor

denunciava a falta de um marco regulatório para balizar essas questões que no Brasil se aprovou a Lei do Divórcio.

Campos expôs em seus textos sua opinião, uma visão progressista para sua época. Em um período extremamente machista, principalmente no mundo da política, ele mais uma vez apresentou sua opinião quanto ao direito das mulheres ao voto, como no trecho do livro *Notas de um diarista* (1ª série):

Não há realmente no Brasil, nenhum espírito medianamente refletido que considere legítima a situação atual, que nega, por exemplo, a uma senhora de apurada cultura, que administra seus bens e a sua casa, os direitos de escolher os administradores da coisa pública, e o concede, entretanto, ao seu cozinheiro, ao seu jardineiro, ao seu copeiro, que apenas sabe assinar o nome. Essa disparidade não é apenas injusta: é afrontosa. É o fruto de uma superstição antiga que considera a mulher inferior ao homem, não pela educação recebida, mas como um prejuízo irremediável do sexo (Campos, 1941b, p. 125-126).

Ao analisar o texto acima, podemos concluir, portanto, que Humberto de Campos era um defensor intransigente dos direitos das mulheres, militante das causas feministas. Numa análise mais aprofundada da sua obra, percebemos que o autor, de fato, era partidário da proposta de que as mulheres exercessem seu direito de votar; ademais, com isso, ele contrariava todo um universo masculino de eleitores que, por postular um cargo eletivo à época, dependia desses votos para se eleger, o que demonstra, como bem pontuou Almir de Oliveira, no seu livro *Humberto de Campos – um exemplo de vida*, “muita dignidade, desinteresse e coragem, para assim se expressar” (Oliveira, 1990, p. 86); daí concluirmos que, ele, Humberto de Campos, defendia o voto, não de homens ou mulheres, numa dicotomia de gênero, mas de pessoas que pudessem contribuir com Estado.

Preocupado com os problemas humanos, ele se colocou contra a exploração dos miseráveis pelos gananciosos. Muitos registros desse seu ideal humanitário e social podemos ver na crônica “Uma voz na sombra”, da obra *Os Párias*, em que expõe suas convicções em resposta a uma carta que lhe foi enviada. Tal carta teria sido redigida por uma mulher, e ele, em seu texto, trata a autora da missiva como “minha camarada”:

[...] Não me atrevo a dizer que a Felicidade humana está no nivelamento das classes e que há, entre as doutrinas correntes e em experiência, uma destinada a corresponder a essa eterna aspiração das massas proletárias. Sei, e compreendo que se faz mister destruir o estado burguês, arrasar aristocracia do ouro que se levantou sobre os ombros das estocadas e a do sangue. Compreendo, e sei, que se torna preciso modificar as válvulas econômicas da sociedade, de modo a poder-se irrigar tornando-as mais produtivas, as camadas populares, as quais produzirão incomparavelmente mais, com o braço e com o cérebro, se chegarem até elas, em pão, ensino e conforto, o que consomem superfluamente, no vício e no luxo, as camadas superiores (Campos, 1941c, p. 10).

O escritor defendia os direitos dos trabalhadores numa época em que a maioria das conquistas trabalhistas, no Brasil, ainda não havia sido pautada, encontrando-se ainda em fase de debates. As benesses que, na época, já haviam sido transformadas em lei, raramente eram cumpridas, como: jornada de oito horas, descanso semanal, pensão para a velhice e invalidez, proteção contra acidentes de trabalho, a proibição de trabalho do menor de quatorze anos, e muito mais.

Campos defendia a participação do trabalhador nos lucros da empresa. No Brasil, esse intento estava longe da realidade, posto que existisse farta mão de obra submetida a condições de trabalho miseráveis e degradantes. Ao seu ver, havia algumas medidas que deveriam ser implementadas, primordiais para mudar a vida de grande parte dos que viviam na mais pura miséria:

Em primeiro lugar faz-se mister interessar o operário na prosperidade das fábricas em que trabalham dando-lhes uma participação nos lucros, de modo que a vida opulenta do patrão não constitua viva como acontece atualmente, um insulto a sua miséria. Não é irritante, realmente, ver levantar-se no centro da cidade um Palácio de milhares de contos no momento em que o proprietário reduz o salário dos trabalhadores das suas fábricas, reduzindo, portanto, o pão, e apenas um ano depois de haver pedido aos poderes públicos o aumento das tarifas alfandegárias para evitar a concorrência estrangeiras aos produtos da sua indústria? (Campos, 1941c, p. 18-19).

A implantação desta medida mudaria a realidade de muitas famílias e tiraria muitos homens, mulheres e crianças de uma vida de desconforto e privações. Outra medida importante, a melhor distribuição da terra, que há séculos está concentrada nas mãos de poucos:

Em segundo lugar, urge rever a nossa legislação agrária se é que alguma existe, digna deste nome. É preciso acabar com os latifúndios,

com a manutenção de imensas extensões de terras nas unhas dos políticos dos estados e dos coronéis dos municípios, que não se utilizam, quando em torno fervilha uma triste multidão miserável, que não tem onde atire um grão de milho ou um caroço de feijão para a fome da companheira e dos seus filhos. A **Terra é de quem a pode cultivar**, e não de quem a recebeu do pai ou do avô, ou qual arrancou à gente humilde que a trabalhava (Campos, 1941c, p. 19, **grifo nosso**).

A pauta defendida, aqui, por Humberto de Campos, é a da reforma agrária – questão extremamente delicada que avançou muito pouco nos últimos quase cem anos da história brasileira e que ainda causa grande celeuma no cenário político atual. A reforma agrária parte do princípio de que a terra deveria ser concedida a quem nela cultive, tirando dela o seu sustento. Ela critica os grandes latifúndios, as terras improdutivas. Importante frisar que ainda convivemos com a chagas da violência e morte no campo, capitaneada, principalmente, pela concentração de grandes porções de terras nas mãos de poucos privilegiados. Ainda não foi feita uma distribuição justa de terras entre os cidadãos do país – um contexto que possibilite implementar uma verdadeira reforma agrária no Brasil, reivindicação historicamente defendida pelos movimentos dos sem-terra e, por consequência, dos sem-teto, os quais logram suas conquistas sempre à custa de muita luta.

Outra medida sugerida pelo autor está na ideia de que deveria existir uma melhor distribuição de renda no país:

Faça-se uma distribuição mais radical das rendas de modo que possamos ter mais hospitais, mais higiene, mais escolas, mais serviços de assistência. Suprima-se o santuário em proveito do necessário (Campos, 1941c, p. 20).

Denunciando a falta de saúde e educação pública e de qualidade, Humberto de Campos, por várias vezes, em suas crônicas, chamou a atenção não só dos governantes, mas da população, para que o poder público construísse hospitais de qualidade, com condições para atender a população carente.

O autor humildemente ressalta que suas ideias, seu ponto de vista, podem ser considerados equivocados ou mesmo inaceitáveis. Mas ressalta que:

Cada indivíduo é portador involuntário dos hábitos e prejuízos do seu século. Cada geração se supõe depositária da Verdade Eterna, condutora de facho que iluminará definitivamente o mundo. Eu serei, talvez, uma vítima dessa ilusão coletiva. Não será preferível, porém, e

mais honesto, que eu afirme um erro, uma superstição em cuja intimidade fui criado, a bater-me insinceramente por uma verdade que não creio? “O defeito de Robespierre é crer no que diz”, observa Mirabeau. E eu sou como Robespierre (Campos, 1941c, p. 27).

O escritor ainda continua dizendo que, naquele momento, havia tomado melhor consciência de sua condição de proletário: “Nunca fui proletário tão caracteristicamente definido como o sou agora” (Campos, 1941c, p. 28). E continua afirmando que foi obrigado a retirar seus filhos adolescentes dos colégios em que estudavam “ciências aristocráticas”, atirando-os “vida prática”, para que pudessem auxiliá-lo nas despesas com a manutenção da casa:

Vejo-os sair, todos os dias, um às sete, outra às seis horas da manhã, afrontando a chuva e o frio, ainda meninos, para a luta pela vida. Mas é por isso mesmo, por ser um proletário entre proletários, que temo se aventurem estes a uma empresa em que seriam sacrificados inutilmente (Campos, 1941c, p. 28-29).

Ainda segundo Almir de Oliveira (1990), na visão de Humberto, para diminuir as diferenças sociais no Brasil, deveria ser criado “um imposto progressivo a ser aplicado sobre as heranças” (Oliveira, 1990, p. 87). O autor demonstra ser um intelectual preocupado com os problemas sociais do povo brasileiro, sugerindo algo que lembra a taxaço de grandes fortunas, reivindicaço até hoje ainda não assumida pelos governantes do país.

Como se pode verificar nos trechos abordados acima, o posicionamento crítico (sociopolítico) do autor era uma de suas marcas enquanto jornalista, posto que fazia questão de expor suas ideias de modo franco e autêntico. Lidava com temas fulcrais, como o divórcio, direitos dos trabalhadores e reforma agrária – questões que ainda causam conturbações no espaço público brasileiro mesmo no século XXI.

Além dos temas abordados acima, o autor demarcava posição sobre questões que, ainda hoje, são muito sensíveis, como por exemplo a imigração, em caráter meramente filantrópico, considerando que no Brasil a massa de desassistidos já nos bastava. Qual seja: o autor não concordava com a política de imigração que aceitava refugiados ou aventureiros estrangeiros no país sem um mínimo de estrutura profissional ou econômica da parte destes. Outro problema abordado pelo autor era o controle da natalidade, pois, segundo ele, só assim poderemos diminuir a miséria e suas consequências.

Dentre as questões polêmicas que defendia estava a eutanásia, desde que fosse prescrita por médico, como último recurso para atenuar a dor e o sofrimento. O escritor, como já afirmado, foi, de fato, um homem de ideias progressistas, no sentido estrito da palavra; ousou abordar temas de interesse social que até hoje são caros para nossa sociedade.

3.2 O CONSELHEIRO XX

Como vimos até aqui, Humberto de Campos foi um escritor altamente proativo que se dedicou a vários projetos literários dentro de diversos gêneros. Ele próprio reclamava, em vários de seus trabalhos, do fato de que sua pena de escritor, embora nascida para fazer sua glória literária e “desenhar a auréola da glória”, tornou-se um simples meio de vida, pois a literatura deixou de ser “sacerdócio para passar a ser indústria, numa sociedade de mercado” (Reis *in*: Reis; Carvalho; Souza, 1986, p. 48).

Foi no intuito claro de atender a tal dimensão mercadológica que Humberto de Campos passou a manter no jornal *O Imparcial* uma seção assinada pelo pseudônimo Conselheiro XX. O ano era 1917 e, em pouco tempo, todos começaram a se interessar por tal seção, que, nas palavras de Brito Broca, era constituída por:

[...] pequenos contos brejeiros, à maneira de certos autores franceses, como André Birabeau, nos quais o escritor se aproveitava frequentemente de anedotas conhecidas, dando-lhes uma forma nova com aquela facilidade que tinha de tirar do assunto mais insignificante uma página capaz de interessar o público. O detalhe picante, às vezes mesmo muito picante, vinha sendo atenuado pela habilidade do narrador, nas dobras de um subentendido capaz de acomodar a malícia às exigências de um jornal destinado a penetrar em todos os lares (Broca, 1991, p. 357-358).

Campos já era cronista bastante conhecido e, como tal, assinava suas crônicas assim como também punha pseudônimos em outras. Ocorre que, no caso do Conselheiro XX, optou-se por uma dinâmica editorial diferente, uma vez que tal personagem parecia criar vida própria; possuía retrato e caricaturas, as quais estampavam jornais e revistas, além do fato de que sua função ia além da de mero redator: em seções de jornal como “Senhoras e Senhoras”, de *O Imparcial* ou em capas de revistas, como *A maçã*, também passou a assinar como editor ou diretor.

Figura 3 – Capa da revista *A Maçã*.



Fonte: *A Maçã*. Ano I, n. 1. Rio de Janeiro, edição de 25 fev. 1922, p. 01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=338109&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=52>. Acesso em: 15 set. 2021.

Figura 4 – Os contos do Conselheiro XX em A Maçã.



Fonte: A Maçã. Ano I, n. 1. Rio de Janeiro, edição de 25 fev. 1922, p. 05. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=338109&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=52>. Acesso em: 15 set. 2021.

A vasta produção literária de Humberto de Campos foi, praticamente, publicada primeiro nos jornais, e só depois organizada e lançada no formato de livro. Desse modo, Campos foi cada vez mais se rendendo às características necessárias para formar e atingir a grande massa. Como já vimos neste estudo, ao não visar só a elite, ele recorreu à escrita curta e de fácil compreensão, dinâmica esta a partir da qual desenvolveu uma linguagem simples e despojada pautada em situações do cotidiano.

Suas crônicas traziam um tom lírico, mas com uma linguagem simples, e marcas eruditas inspiradas na Antiguidade Clássica. Com uma incrível habilidade técnica, fez-se apreciado por muitos.

Segundo Hermes Vieira (s.d.) como um grande observador que foi, o autor foi percebendo a preferência dos leitores da época por textos com um tom mais humorístico, com toques picantes. Movido por uma grande revolta em relação às hipocrisias da sociedade em que vivia, e acobertado pelas máscaras do pseudônimo ou do heterônimo, o cronista decidiu escrever algumas crônicas lançando mão de certa dose de humor e licenciosidade; através do recurso da sátira, expôs algumas verdades sobre as personalidades de seu tempo de modo irônico e divertido.

O uso de pseudônimos para escrever de forma mais livre sempre foi uma prática comum entre os jornalistas. Campos, nesse caso, apenas seguiu uma tradição já bastante forte no meio jornalístico brasileiro. Dentre os pseudônimos que Humberto de Campos usou na imprensa nacional estão: Almirante Justino Ribas, Luís Phoca, João Caetano, Giovani Morelli, Batu-Allah, Micromegas e Hélios; no entanto, o pseudônimo mais famoso foi o Conselheiro X.X. Este, aliás, possui características tão fortes que fazem com que ele deixe de ser mero pseudônimo para ser visto como um heterônimo.

De acordo com Pereira, enquanto o pseudônimo deve ser visto apenas como “uma atribuição de um outro nome para o autor do texto”, o heterônimo, por sua vez, é algo mais complexo pois trata-se de uma “uma criação de um *ethos* diferente daquele que o cria e que se desenha na elocução” (Pereira, 2014, p. 22).

No Jornal *O Imparcial*, em 1917, Campos publicou uma nota curta, onde, de forma a despistar o criador do Conselheiro XX, caracterizou tal heterônimo como:

[...] um senhor alcançado de idade, malicioso, “de pontudo cavanhaque mais ou menos mefistofélico [...].

E, a seguir, formulou a primeira crônica, na qual alvejou a personalidade cintilante de Medeiros e Albuquerque (Vieira, s.d., p. 84).

O apelo gráfico no jornalismo praticado por Humberto de Campos sempre foi uma constante. Como editor da revista *A Maçã*, por exemplo, ele lançou mão de técnicas de desenho muito avançadas para a época. *A Maçã* foi um periódico ilustrado que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1922 e 1929.

Segundo Aline Haluch, no seu artigo intitulado “A Maçã e a renovação do design editorial na década de 1920”:

A Maçã explorava assuntos como relacionamentos extraconjugais não só de homens com as *cocottes* [...], mas também de suas esposas. Isto revela uma conduta que não coincide com o imaginário de moralidade e comportamento que se tem de 1922. Mesmo em trechos publicados de obras de escritores como Eça de Queiroz, Olavo Bilac, Aluísio Azevedo e do próprio Humberto de Campos, eram privilegiados os que tivessem em seu pano de fundo o desejo e a traição (Haluch *in*: Cardoso, 2005, p. 86).

Humberto de Campos já cultivava, desde 1917, os contos satíricos do Conselheiro XX, que foram lançados no Jornal *O Imparcial*. Percebendo o sucesso dos contos mais picantes, resolveu investir em um outro espaço que não fosse aberto ao grande público – daí a ideia de criar uma revista direcionada ao público adulto e masculino, uma vez que na revista certos assuntos poderiam ser tratados de forma mais aberta e profunda, e caberia ao público decidir se adquiria ou não uma revista mais ousada e picante. Em sua revista Campos continua a assinar seus textos como Conselheiro XX que também assinava como “Director” do periódico (Figuras 1 e 2).

De acordo com Haluch (2005), a revista trazia um projeto literário e gráfico muito ousado e inovador, pois utilizava recursos de diagramação incomuns para a época. O discurso verbal era sustentado pelo uso de ilustrações muito provocantes e escandalosas:

A Maçã era direcionada ao público masculino e trazia contos, crônica e comentários picantes e muitas vezes constrangedores. Desde seus primeiros números utilizava vinhetas e clichês tipográficos, ilustrações, caricaturas, fotografia e uma diagramação dinâmica, resultado de uma integração primorosa entre imagem e texto (Haluch, 2005, p. 85).

A revista também tratava de temas como a prostituição, a condição da mulher e as transformações no imaginário carioca a partir da modernidade. Segundo Haluch (2005), *A Maçã* chegou a ser a revista semanal de maior circulação na capital do país, tendo sido um projeto que se manteve em constante inovação gráfica e literária até o desligamento de Humberto de Campos.

Um traço importante apontado por Haluch (2005, p. 93) diz respeito à representação da mulher na revista, ao afirmar que trata-se de “uma mulher poderosa, que não perde a oportunidade de humilhar e usar os homens, mas é também bela e

vaidosa”. Isso ia de encontro à ideia comum no âmbito da moralidade da época que vislumbrava uma mulher frágil, submissa e sem qualidades intelectuais.

Guardadas as devidas proporções, *A Maçã* de Humberto de Campos antecipava, em 1922, quase o mesmo escândalo que revistas masculinas e pornográficas como *Playboy* (1953), *Penthouse* (1965) e *Hustler* (1974) causariam nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Não por acaso, Campos recebeu duras críticas não só da Igreja, mas também de alguns membros da Academia Brasileira de Letras. Segundo Brito Broca (1991), alguns acadêmicos como Afrânio Peixoto e Goulart de Andrade, se indignaram com o fato de um acadêmico estar envolvido com uma publicação “pornográfica”.

Com tanta polêmica em torno da revista, sofrendo ataques de todos os lados, a sede da revista chegou a ser invadida pela polícia, que chegou a apreender algumas edições. Como relata Brito Broca, a ação policial provocou muitas manifestações de vários escritores; uns foram favoráveis à polícia, outros estavam do lado do escritor:

Humberto de Campos defendeu-se pelo *O Imparcial*, tachando de injustificada a arbitrariedade – a apreensão de uma revista em tudo semelhante a outras existentes no estrangeiro, como *Le Rire* e *Le Sourire*, e que quase só se limitava a reproduzir páginas de autores consagrados, membros da Academia Brasileira de Letras. Mas como estávamos numa democracia, ia agir pelos meios legais contra essa prepotência (Broca, 1991, p. 361).

O escritor Lima Barreto, que em suas crônicas costumava criticar Humberto de Campos, ao saber da ação policial contra a sede de *A Maçã*, escreveu um texto defendendo Campos e seu periódico. Barreto saiu em sua defesa contra a censura policialesca empreendida contra o autor e sua revista, como podemos ver na crônica de Lima Barreto publicada no *Careta* dia 11 de março de 1922:

Noticiam os jornais que a polícia por intermédio de seus agentes e prepotentes, anda a vigiar *A Maçã*, semanário que o ilustre poeta Humberto de Campos publica com um sal que, se não é de azedas, deve ser ático.

Sou escritor e, se mérito outro não tenho, me gabo de ser independente.

Sendo assim, não admito críticas a meus livros e aos meus escritos senão aquelas provindas de escritores que como eu não dispõem de força, nem de chanfalho. [...]

A polícia, pela sua feição própria, é incapaz desse papel de censura de qualquer manifestação de pensamento. [...]

Conforme se diz em estilo diplomático, eu protesto contra a censura policial feita à revista de Humberto de Campos, em nome da liberdade de pensamento e tendo em vista a incompetência literária da polícia para fazer censura de escritos e a sua falta de autoridade moral. [...]

O que o Sr. Humberto de Campos escreve na sua revista é do conhecimento de todos nós, inclusive do da polícia; e, se ele edita o que edita, embora eu fosse incapaz de fazer o mesmo, a responsabilidade dele não pode ser diante de simples apitos de polícia e delegados, cuja competência em tal assunto não tem nenhuma base na lei e nos costumes (Barreto, 2004, vol. 2, p. 510).

Pouco tempo depois da intervenção policial em *A Maçã*, a revista voltou a circular. Sucesso de vendas, a idealização e desenvolvimento de *A Maçã* apenas comprova o tino editorial de Humberto de Campos e sua atenção às produções jornalísticas de seu tempo; ou seja: comprova que ele sabia entender como poucos o público leitor brasileiro de seu tempo.

Sendo assim, no que tange à caracterização do Conselheiro XX como um verdadeiro idoso, de cavanhaque “mais ou menos mefistofélico”, vez por outra passou a criar caricaturas e também usar fotografia na coluna assinada pelo famoso Conselheiro (posto que seja prática comum até os dias de hoje, no jornalismo, o uso destes recursos a fim de se designar os autores de artigos e colunas).

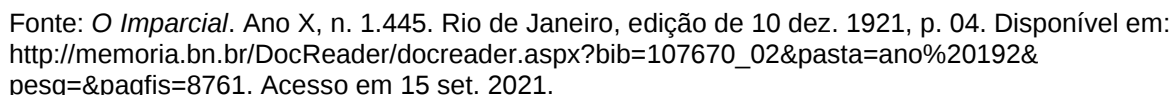


Figura 6 – Detalhe da Figura 3.

LOJA DE AMOSTRAS

O livro do dia

TONEL DE DIOGENES, do
Conselheiro X. X. (nova edi-
ção) — Livraria Lette Ribeiro.
— Rio, — 1921.

“Ante a intimativa daquellas vinte
boquitas risonhas, o moço enguliu
duas vezes, e assentiu, em subir, ao
lado de um aviador militar. Entrou
para a “nacelle”, tomou lugar, pediu
que o amarrassem aos forros do appa-
relio, fechou os olhos, e deixou-se le-
var, num arranço violento, rumo das



nuvens, cortando o céu. De vez em
quando, pallido, gelado, com as palpe-
bras semicerradas, o heróe perguntava,
com a voz tremula, á coragem do pi-
loto :

Fonte: *O Imparcial*. Ano X, n. 1.445. Rio de Janeiro, edição de 10 dez. 1921, p. 04. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=107670_02&pasta=ano%201922&pesq=&pagfis=8761. Acesso em 15 set. 2021.

Identificado por foto, como mostram as figuras 3 e 4, temos o personagem de longas barbas brancas inventado por Campos, o qual, segundo Medeiros (2010, p. 29), “brindava o público com anedotas sarcásticas e casos ‘fesceninos’, como se dizia na época. Por tais inclinações, o Conselheiro XX não tinha entrada franca nas chamadas casas de família”.

Figura 7 – Caricatura do heterônimo Conselheiro XX na seção “Senhoras e Senhores” do Jornal O Imparcial.



Fonte: O Imparcial. Ano IX, n. 1.771. Rio de Janeiro, edição de 27 fev. 1921, p. 04. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=107670_02&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=5401. Acesso em 15 set. 2021.

Figura 8 – Detalhe da Figura 5.



Fonte: *O Imparcial*. Ano IX, n. 1.771. Rio de Janeiro, edição de 27 fev. 1921, p. 04. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=107670_02&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=5401. Acesso em 15 set. 2021.

Segundo Vieira (s.d., p. 84), por meio do heterônimo Conselheiro XX Campos passa a formular um tipo de crônica “de um alcance tão justo, de uma habilidade tão extraordinária” que só reforçam sua maestria como escritor e homem de jornal. Tão logo deu-se o aparecimento do Conselheiro houve um grande alvoroço que tomou conta do jornal: eram cartas, telefonemas e telegramas de todos os lados. Foi uma jorrada de elogios, de todas as classes; um grande sucesso que fez com que aquilo que era pra ser um conjunto de crônicas esparsas caísse de tal modo no gosto popular que se tornasse algo que demandasse muitos e muitos anos futuros de dedicação por parte do escritor:

[...] a forma sutil e a maravilhosa expressão estilística, com que as apresentava” despertaram nas altas rodas intelectuais e políticas um interesse de tal ordem, que o Conselheiro [...] tornou-se, por fim, “uma das necessidades diárias da cidade (Vieira, s.d., p. 84-85).

De acordo com Agra (2014), o Conselheiro XX publicou uma nota no jornal *O Imparcial*, com sua suposta fotografia, em que, de fato, apresentava-se como um idoso de “71 anos, paulista, calvo e barbudo, que tecia comentários que beiravam o humor acerca de alguns dos novos costumes sociais ligados à modernidade urbana” (Agra, 2014, p. 36).

Segundo Agra (2014), inicialmente, ninguém sabia da relação direta entre Humberto de Campos e o suposto Conselheiro. Depois de muitas especulações, sobre quem seria o autor de tais crônicas tão singulares, e devido ao tom bastante irônico das mesmas, começaram a conjecturar se o redator por trás da máscara de Conselheiro XX não seria mesmo Humberto de Campos. Ao que o jornal respondeu publicando uma nota afirmando que se tratava de um tio padrinho de Humberto.

Também de acordo com Agra (2014) a referida afirmação não conseguiu dissuadir seus leitores, uma vez que o próprio jornal passou a fazer associação entre os dois nomes, a exemplo de um anúncio do livro *A serpente de bronze*, de 1920, como sendo uma obra do Conselheiro XX e que, assim o sendo, também era de autoria de Humberto de Campos. Seja como for, mesmo assim o escritor continuou negando ser o verdadeiro autor dos textos do Conselheiro, de modo a dar certa independência heteronímica ao Conselheiro XX, fato este que se configurou como uma excelente campanha de *marketing*. Prova disso é o fato de que a fotografia e caricaturas do suposto Conselheiro XX continuaram sendo publicadas nos periódicos nos anos seguintes.

Por meio do Conselheiro XX, Campos produziu excelente crônica de costumes. Decerto que o estilo do heterônimo possui a mesma ironia fina do acadêmico, mas vai além por conta de seu teor irônico e picante. Não por acaso essa vertente literária de Humberto de Campos tenha sido taxada de fescenina, imoral, obscena, pornográfica, dentre outros termos pejorativos. Em sua maioria, os textos do Conselheiro eram anedotas galantes; todavia, por vezes também desenvolviam fortes críticas à sociedade (tendo como alvos figuras ilustres dos campos intelectual, político e cultural). O autor, nesse sentido, desenvolve uma espécie de literatura satírica que

corresponde à definição de sátira proposta no *Dicionário de Termos Literários* de Massaud Moisés (1995):

Modalidade literária ou tom narrativo, consiste na crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou dos indivíduos. Vizinha da comédia, do humor, do burlesco, da paródia, da ironia, e cognatos, envolve uma atitude ofensiva, ainda quando dissimulada: o ataque é a sua marca distintiva, a insatisfação perante o estabelecido, a sua mola básica. De onde o substrato moralizante da sátira, inclusive nos casos em que a invectiva parece gratuita ou fruto do despeito (Sátira, 1995, p. 470).

No período em questão ainda não havia uma censura institucionalizada, mas havia os representantes religiosos, homens e mulheres que se apresentavam como guardiões dos bons costumes e da moral que se levantaram para atacar o Conselheiro e seus textos. Tidos como leitura proibida para moças de família e tabu em casas de famílias honradas, os textos do Conselheiro XX foram ganhando fama reversa. Isso porque todas as proibições e debates acalorados acerca do Conselheiro e seus textos profanos estimulava ainda mais a imaginação do público, em geral. Isso fez com que o autor se tornasse cada dia mais popular, seja como o mais amado ou o mais odiado entre os cronistas da época.

A polêmica gerada em torno da figura do Conselheiro XX foi talvez o impulso para que Humberto de Campos atingisse o sucesso tanto nos jornais, como nos livros. O jurista Mário Picanço (1937), seu primeiro biógrafo, sobre este período relata:

E ele, que se vai tornando dia a dia mais livre, se esconde sob o pseudônimo de Conselheiro XX, o mais conhecido talvez dos que já foram usados no Brasil. Centenas e centenas de anedotas são publicadas e o número de leitores cresce extraordinariamente. O Conselheiro XX torna-se popular, não há quem o não conheça, quem o não discuta e ele segue o seu caminho, distribuindo alegrias por todas as partes. [...] Ele anda em todas as bocas, vive em todas as rodas, mas amparado sempre, e cada vez mais, no prestígio da imoralidade (Picanço, 1937, p. 176).

Mucio Leão, no seu discurso de posse, afirma que, para ele, não eram justas as acusações:

Segundo entendo, não existe literatura imoral. A literatura é, sempre, e apenas, o espelho das sociedades que a produzem. No caso de Humberto de Campos, imoral não seria o Conselheiro XX – seria a

sociedade que produzia, que exigia que se produzisse, o Conselheiro XX. Será suficiente olharmos, ainda hoje, as cifras das edições dos livros de Humberto de Campos, para desde logo o verificarmos. As duas séries de *Poeira...*, livros graves e belos, onde o sonho era alto e a imaginação era pura, não tinham chegado além da segunda edição. Enquanto isso, os volumes facetos do Conselheiro XX cresciam, cresciam, cresciam em tiragens sucessivas. Em pouco anos, a *Bacia de Pilatos* alcançava doze milheiros; *Os Gansos do Capitólio* e o *Vale de Josafá* alcançavam cada um treze milheiros; *A Serpente de Bronze* alcançava quatorze milheiros; *O Tonel de Diógenes* alcançava dezesseis milheiros. São êxitos colossais, para o Brasil (Leão, 1935, n.p.).

O trecho acima sugere que os textos de Campos assinados com o pseudônimo Conselheiro XX, tratados na época como contos, de alguma forma representavam a sociedade; isto é: para ele, o autor produziu o que os leitores exigiam, e se embeveciam, tanto que os êxitos de vendas dos referidos textos, tidos como imorais foram cada vez mais um grande sucesso de vendas, enquanto que a venda de seus livros de poesias não avançou muito.

Alguns testemunhos indicam que Humberto de Campos talvez tenha optado pelos contos cômicos não necessariamente pelo sucesso ou pela fama, mas sim pela necessidade financeira, uma vez que o referido pseudônimo lhe deu bons rendimentos mensais. Picanço (1937, p. 240-241) afirma que Campos “não escrevia as suas anedotas porque as sentisse, porque as achasse filhas de sua alma, mas porque precisava, porque elas lhe davam nome e um pouco de pão”. E, lançando mão da fala de Mucio Leão, confirma que o autor, de certo modo, sentia certa angústia pelo fato de ter que produzir tais narrativas:

Homem de gosto [...] de sensibilidade e poesia, não acrediteis que Humberto de Campos deixasse de sentir a atroz tristeza de assumir aquela humilhante caracterização [a do Conselheiro]. Mas, se era aquela a sua forma de ganhar a vida?... No íntimo, o poeta andaria a percorrer os jardins suaves, onde se apraziam as Armidas⁶ dos seus sonhos. Mas, se a sua literatura refletisse apenas a pureza e a doçura, quem lhe pagaria os miseráveis mil réis, que os contos rabelaisianos do Conselheiro X X cada quinzena lhe garantia? (Leão, 1935, n.p.)

O fato é que de 1917 a 1927, ele produziu uma série de contos satíricos assinados pelo Conselheiro XX, e os onze volumes publicados chegaram a vender

⁶ Armida: feiticeira sarracena que é personagem da obra *Jerusalém libertada* (1581), que foi criada pelo poeta italiano da Renascença Torquato Tasso (1544-1595).

dezoito mil exemplares – o que se caracteriza como um verdadeiro sucesso que transformou Humberto de Campos em autor brasileiro de *best-sellers*.

No seu *Diário Secreto* o próprio escritor lamenta não ter realizado o sonho de escrever obras poéticas, e que dadas suas responsabilidades familiares, precisou dedicar sua vida à imprensa, na qual ele instituiu crônicas ligeiras e humorísticas, que lhe renderam popularidade, que lhe deu dinheiro e condições de se eleger deputado. Assim abençoa as dificuldades financeiras que o levaram a mudar “humoristicamente” de planos.

Em seu livro *Críticas*, ao comentar sobre o conteúdo “fescenino” dos textos redigidos sob o heterônimo Conselheiro XX, Campos defende-se:

Os dez volumes alegres que escrevi, e que formam um acervo de 1.120 pequenos contos originais ou traduzidos, não são, sem dúvida, dos mais edificantes e modelares, sob o ponto de vista moral ou, antes, da moralidade. [...] Eu tenho uma bibliografia galante, confesso; mas não tenho uma obra propositalmente imoral. Os meus miúdos contos maliciosos foram escritos para fazer sorrir a uma sociedade que conhece o pecado; mas não ensinam, eles mesmos, o pecado [...]. Nas 3.690 páginas que formam esses dez volumes erradamente classificados de fesceninos, não se encontra, em suma, um só termo brutal ou vocábulo que não possa ser proferido em voz alta. O que poderia haver de inconveniente e censurável está em subentendidos, no duplo sentido das expressões, no equívoco das situações cômicas, nos atributos literários, enfim, que caracterizam a literatura galante e a distinguem da literatura licenciosa (Campos, 1941b, p. 309-310).

Ele aceitava a crítica até certo ponto, admitindo ser engraçado e levemente malicioso; porém, nega ser um autor depravado.

Campos continua a escrever normalmente para os jornais. Diariamente, redige artigos na coluna política intitulada “Ecos”, os quais são assinados com seu próprio nome. No entanto, a linguagem utilizada aí era mais formal e rebuscada; já os textos assinados como Conselheiro XX denotam uma linguagem simples e informal, com uma crítica humorística e até cômica. De acordo com Scheibe (2008):

Os textos do Conselheiro XX apresentam um narrador onisciente intruso e são escritos na terceira pessoa, fazendo o uso de diálogos. As crônicas da obra apresentam denúncias e exprimem juízos de valor, utilizando-se de comparações entre fatos atuais e acontecimentos pertencentes ao passado histórico (Scheibe, 2008, p. 99).

Através do Conselheiro, Campos redigia narrativas do cotidiano, lançando mão de assuntos por vezes extremamente insignificantes, mas que, observados a partir de seu modo peculiar, acabavam chamando a atenção do público. Foi, portanto, a dinâmica de tais textos curtos e divertidos, apimentados com um tom malicioso, que conquistou grande parte do público brasileiro daquele período.

Já em 1937, após três anos da morte do escritor, Picanço faz questão de frisar que o famoso Conselheiro XX não passava, àquela época, de “uma reminiscência, de uma lembrança. Ele é, atualmente, a folha lida e virada de um livro” (Picanço, 1937, p. 242). Segundo o biógrafo, o Conselheiro não empolga os leitores, nem atrai a atenção de ninguém, posto que sobre a fama do heterônimo nasceu a de um outro Humberto de Campos, a qual acabou obscurecendo a primeira:

O que hoje se admira e ama é o Humberto que descreveu a própria vida, é o Humberto que aconselha, que se lamenta, que tudo faz para, com palavras repisadas de cordura, conduzir o homem pela estrada do bem, elevando-o à culminância de si mesmo, fazendo descobrir no céu do seu destino a estrela da própria salvação (Picanço, 1937, p. 242).

Lançando mão de um tom bastante laudatório no tocante à memória do homem que foi Humberto de Campos, Picanço (1937, p. 242), por fim, tenta deixar claro em sua biografia que o verdadeiro Humberto era aquele que, em vida, foi querido por todos – aquele homem “fino, maneiroso e bom” que se contrastava com o “Humberto Conselheiro XX”, o qual, quase sempre, estava envolto “no manto escuro da imoralidade” e que descia às baixezas da condição humana para dali retirar suas narrativas.

3.3 HUMBERTO DE CAMPOS REDIVIVO/IRMÃO X

Afirmamos acima que, apesar de seu grande sucesso literário na época (tanto editorial quanto de crítica), o nome de Humberto de Campos sofreu um apagamento na história literária brasileira, de modo que referências à sua fortuna crítica praticamente inexistem nos principais manuais da história da literatura nacional. Menções ao seu nome, no entanto, são bem mais comuns quando envolvem o chamado “Caso Humberto de Campos”, o qual se deu a partir do processo jurídico

movido em 1944 pela viúva e pelos filhos de Humberto de Campos contra a Federação Espírita Brasileira (FEB) e o médium Francisco Cândido Xavier. A questão girava em torno do reconhecimento autoral e consequente usufruto de direitos sobre a obra de Campos como autor espiritual ou, ainda, indenização por danos morais pelo uso do seu nome.

Em 1937, após três anos do falecimento do escritor, Francisco Cândido Xavier passou a publicar pela FEB uma série de textos psicografados cuja autoria era atribuída ao Espírito Humberto de Campos. De acordo com Rocha (2008), do ponto de vista editorial, os seus livros *Palavras do infinito* (1936), *Crônicas de além-túmulo* (1937), *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho* (1938), *Novas mensagens* (1940), *Boa nova* (1941) e *Reportagens de Além-túmulo* (1943) revelaram-se um enorme sucesso de vendas. Pautada em questões de direitos autorais e respectiva indenização pelo uso do nome do falecido autor, a família de Humberto de Campos empreendeu uma batalha judicial que teve início e fim no mesmo ano de 1944. Ao término do processo, o caso repercutiu em todo o país devido à enorme polêmica gerada no campo midiático, sendo destaque nos principais periódicos brasileiros da época.

No ano de 1959, o advogado Miguel Timponi, que atuou na defesa da FEB e de Francisco Cândido Xavier, publicou um livro intitulado *A Psicografia ante os Tribunais* (publicado pela FEB), sendo a principal referência sobre o caso Humberto de Campos. Tal obra relata todo o processo judicial até a decisão final, segundo a qual vale a constatação de que, legalmente, os direitos autorais não poderiam ser imputados a um espírito. O Juiz Dr. João Frederico Mourão Russell, que cuidava da ação, considerou a ação inepta, rejeitando-a:

Ora, nos termos do art. 10 do Código Civil 'a existência da pessoa natural termina com a morte'; por conseguinte, com a morte se extinguem todos os direitos e, bem assim, a capacidade jurídica de os adquirir. No nosso direito é absoluta o alcance da máxima *mors omnia solvit*. Assim, o grande escritor Humberto de Campos, depois de sua morte, não poderia ter adquirido direito de espécie alguma e, consequentemente, nenhum direito autoral poderá da pessoa dele ser transmitido para seus herdeiros e sucessores (Russel apud Timponi, 2021, p. 251).

No entendimento do referido magistrado, portanto, em vida, o cidadão goza de direitos civis; porém, ao morrer, os seus direitos cessam. Desse modo, estando

Humberto de Campos legalmente morto, não havia meios de resgatar tais direitos autorais alegados pela ação.

Certamente em decorrência do grande desgaste sofrido por conta do processo judicial e com vistas a se evitar novos dissabores, todos os livros subsequentes ditados pelo Espírito Humberto de Campos e psicografados por Francisco Cândido Xavier passaram a ser assinados pelo pseudônimo Irmão X. Portanto, entre 1945 e 1989, vieram a lume as seguintes obras: *Lázaro redivivo* (1945), *Luz acima* (1948), *Pontos e contos* (1951), *Contos e apólogos* (1958), *Contos desta e doutra vida* (1964), *Cartas e crônicas* (1966), *Estante da vida* (1969), *Relatos da vida* (1988) e *Histórias e anotações* (1989).

Segundo Rocha (2008), baseado em cartas e depoimentos pessoais de Chico Xavier, ao que tudo indica, a estratégia em questão foi tecida conjuntamente pelo Espírito Humberto de Campos, pelo médium e pela direção da FEB. Na impossibilidade de se inserir o nome de Campos, a melhor saída foi a de se criar um “pseudônimo semi-reconhecível” (Rocha, 2008, p. 120), o qual cumprisse a dupla função de ser identificado no meio espírita como uma máscara que mais mostrasse do que escondesse e que, por outro lado, não oferecesse a possibilidade de novos processos. A semi-reconhecibilidade do pseudônimo em questão estava justamente no fato de que, em vida, Humberto de Campos reconheceu glória literária através dos textos do Conselheiro XX. A letra “X”, portanto, repetida em Irmão X, estaria fazendo alusão ao famoso pseudônimo, além de indicar a noção de incerteza que lhe é tão característica.

Quando postos em análise, todos os textos atribuídos ao Espírito Humberto de Campos, com ou sem pseudônimo, revelam traços comuns em relação aos trabalhos publicados em vida pelo autor. O cotejo entre a obra do autor vivo e do autor *redivivo* vem gerando muitas discussões ao longo do tempo, desde os anos 1930. De acordo com Rocha (2008), Agra (2014) e Prata (2016), os quais, em seus trabalhos, comentam o chamado “Caso Humberto de Campos”, muitos foram os detratores das obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier. Talvez pelo fato de ter sido Humberto de Campos membro da ABL, tal depreciação parece ter se intensificado nesse caso em particular. Das comparações entre os textos surgiram muitas críticas negativas que afirmam que o material psicografado por Xavier seria, em verdade, uma cópia ou imitação do estilo do falecido autor (Reis; Carvalho; Souza, 1986).

A ideia de uma autoria mediúnica sempre motivou muitos debates, principalmente no que diz respeito às obras psicografadas pelo famoso médium brasileiro. Exemplo disso é o volume *Parnaso de além-túmulo* (1932), que é uma coletânea de poemas mediúnicos sob a autoria espiritual de escritores renomados. Segundo Prata (2016, p. 137), esse livro inaugurou “longos debates quanto à veracidade ou não dos textos”, posto que tenha sido a partir dela que discussões acaloradas em torno da questão do *pastiche* tenham sido travadas.

4 ACERCA DO CONCEITO DE PATEMIZAÇÃO

De acordo com Lima (2011), a obra *A Arte Retórica*, do filósofo grego Aristóteles, influenciou todo o desenvolvimento da cultura ocidental em seus aspectos científicos, metafísicos, morais, políticos, estéticos e retóricos. Para o autor, trata-se de um texto importantíssimo “que classificou e ordenou as formas de discursos vigentes até o séc. III a. C. e que se mantiveram, com raras modificações, até os nossos dias” (Lima, 2011, p. 10). Vulgarmente compreendida como um conjunto de regras relativas à eloquência, confundida com a oratória no senso comum, a retórica sempre foi muito valorizada no âmbito do exercício da política, do direito e da comunicação.

O contexto de desenvolvimento dos estudos aristotélicos sobre esse tema diz respeito ao direito no mundo grego, ou, mais especificamente, ateniense, quando as questões legais eram resolvidas no espaço da ágora, ou praça pública. Todas as formas de litígio, naquele tempo, eram debatidas pelos próprios cidadãos, sem interferência de advogados; sendo assim, para a obtenção de bons resultados em quaisquer pendências judiciais, as próprias pessoas envolvidas nos problemas legais precisavam lançar mão de excelentes recursos retóricos. Famílias mais abastadas pagavam muito dinheiro aos sofistas, que eram professores de oratória, gramática, história, matemática, geografia e filosofia. De posse de tais conhecimentos e recursos técnicos, os jovens representantes de famílias ilustres estariam minimamente preparados para o exercício de sua cidadania.

Surge desse contexto, portanto, o grande interesse de Aristóteles sobre a temática das paixões ou emoções, posto que todo exercício de cidadania no seu tempo estava intimamente ligado a essa performance na ágora, o que implicava num controle das próprias emoções. O filósofo também observava em seus pioneiros trabalhos sobre ética que as sociedades humanas só se desenvolvem justamente através de um rigoroso freio das paixões primitivas, que estão associadas à noção de instinto. Talvez por isso que, segundo ele, quando são freados os impulsos mais agressivos das pessoas (mesmo diante de seus oponentes e inimigos):

[...] ampliam-se as probabilidades de que haja uma abertura para o diálogo com cada outro em sociedade. Assim, o filósofo de Estagira sente a importância de que sejam construídas e conservadas inter-relações sociais que favoreçam à comunicação e à reflexão diante dos

problemas vividos na pólis; numa busca por soluções, sem que as paixões prevaleçam como obstáculos frente à interação social (Lima, 2011, p. 94).

Dentro dessa perspectiva, a ligação entre arte retórica, ética e paixões humanas é estabelecida por esse pensador no sentido de que, através da retórica, o homem poderia aperfeiçoar a sua capacidade de clarificar e conhecer melhor as suas próprias emoções, como elas se manifestam em si e nos demais indivíduos, para poder orientá-las e manifestá-las em condutas equilibradas visando à finalidade ética que é própria do ser humano (Lima, 2011).

Para além da filosofia, foi também no campo da psicanálise que a temática das emoções recebeu atenção específica, sendo entendida como uma resposta emocional e física a um estímulo externo, a qual está diretamente ligada à personalidade humana, ao temperamento e à motivação. Importante notar que as discussões acerca das emoções, nos estudos ligados à psicologia e à psicanálise, estão sob o rótulo da chamada teoria dos afetos, a qual começou a ser esboçada nos estudos pioneiros de Sigmund Freud:

"Se eu nos sonhos sinto medo de uns ladrões, os ladrões são por certo imaginários, mas o medo é real, e ocorre o mesmo quando me regozijo nos sonhos" (Freud, 1900/1976, p. 458). Prestar atenção nos afetos parecia a Freud ser um bom caminho para entender a natureza da alma humana. Para compreender um sonho, por exemplo, ele seguia os afetos nas séries de representações. O mesmo acontecia nos encontros com seus pacientes: as variações afetivas, das paixões intensas às hostilidades ao psicanalista e ao tratamento em geral, indicavam-lhe que direção dar ao tratamento (Winograd; Teixeira, 2011, p. 166).

Nesta tese de doutorado, a temática das emoções serve como baliza teórica para a análise das obras de Humberto de Campos (vivo e redivivo). Todavia, aqui tratamos o assunto das emoções através de pressupostos teóricos provenientes da análise do discurso proposta pelo linguista francês Patrick Charaudeau. Inicialmente, cumpre observar que o ponto de vista de uma análise do discurso difere daquele da filosofia e da psicanálise. Em tal seara teórica não nos preocupamos exatamente com a descrição da natureza dos indivíduos, nem com uma disposição essencialista do problema, já que o foco está na situação comunicacional em que o indivíduo reage; mais ainda: o foco estaria melhor localizado na construção das mensagens, e não em sua recepção.

Segundo Charaudeau (2010), a metodologia adotada pela análise do discurso não busca realizar uma sociologia das emoções visando estabelecer categorias interpretativas e ideais típicas por meio de reconstruções do que deveria ser o comportamento humano no jogo de regulações e normas sociais:

Parece-me que o ponto de vista de uma análise do discurso não pode confundir-se totalmente nem com o da psicologia – ela seria social –, nem com o da sociologia – ela seria interpretativa e internacionalista. O objeto de estudo na análise do discurso não pode ser aquilo que os sujeitos efetivamente sentem (o que é vivenciar a cólera), nem aquilo que os motiva a querer vivenciar ou agir (por que ou que ocasião se vivencia a cólera), nem tampouco as normas gerais que regulam as relações sociais e se constituem em categorias que sobredeterminam o comportamento dos grupos sociais (Charaudeau, 2010, p. 25).

Assim, para Patrick Charaudeau (2010), embora a análise do discurso se distinga da psicologia e da sociologia, precisa de ambas na medida em que suas análises destacam os mecanismos da intencionalidade do sujeito, os da interação social e a forma como as representações sociais são constituídas. O linguista entende que a análise do discurso não pode investigar a emoção como uma realidade manifesta vivenciada por um sujeito, pois ela não teria os meios metodológicos capazes de auferir tal fenômeno.

Por outro lado, Charaudeau acredita ser possível estudar o processo discursivo através do qual a emoção pode ser acionada; isto é, tratá-la como um efeito pretendido, sem jamais ter qualquer garantia sobre o efeito alcançado. É por isso que, nesse caso, o objeto de investigação está sempre no âmbito do discurso produzido pelo emissor da mensagem, e não nos supostos efeitos produzidos no íntimo do destinatário.

Para não ter sua abordagem acerca da questão dos sentimentos confundida com outras perspectivas teóricas, Charaudeau prefere usar os termos *pathos*, *patêmico* e *patemização* no lugar de palavras como *emoção*, *emotivo* ou *emocional*. Isso, para ele, permite, “por um lado, inserir a análise do discurso das emoções na filiação da retórica que desde Aristóteles trata os discursos em uma perspectiva de visada e de efeitos”, mesmo que certos ajustes sejam necessários a essa filiação; por outro lado, isso também permite ao estudioso “dissociar a análise do discurso, caso seja necessário, da psicologia e da sociologia” (Charaudeau, 2010, p. 35).

Como sabemos, a análise do discurso é um campo da linguística que lida, obviamente, com o discurso verbal. Portanto, quando o nosso intento é analisar aspectos semânticos e comunicacionais ligados ao universo do não-verbal precisamos lançar mão de outras áreas do conhecimento, como a semiologia, a semiótica ou, mais especificamente, a semiótica social. Ocorre que, como afirmado por Charaudeau em suas pesquisas sobre o fenômeno da patemização (2006; 2007; 2010; 2019), o ato comunicacional, visando ser efetivo, pode vir a lançar mão de uma série de elementos para além do aspecto meramente verbal (um exemplo simples seria o fato de gesticularmos durante uma conversa; um exemplo mais elaborado seria o jornalista fazer uso de imagens numa matéria jornalística).

É por isso que tal pesquisador, sendo um linguista proveniente do ramo da análise do discurso, sentiu a necessidade de desenvolver uma nova vertente nessa área que foi batizada por ele como Semiolinguística – cuja proposta é alargar o seu campo de estudo a todas as produções linguísticas, estabelecendo um diálogo entre diversas correntes teóricas, também permitindo um intercâmbio com outros ramos do conhecimento, cuja principal ferramenta é o discurso:

A teoria [semiolinguística] efetiva-se como modelo de análise linguística cuja preocupação incide não apenas na linguagem, em sua dimensão social, mas também na extensão de se conceber o social como uma instância de produção do linguístico. Nesse sentido, a análise semiolinguística tem seu interesse direcionado para o sentido social e os efeitos da linguagem em uso, perpassando uma produção discursiva vasta, de textos verbais e não verbais ligados às práticas sociais da linguagem em seu formato linguístico mais diverso – escrito/falado; formal/informal; pessoal/público; literário/não literário – em que se ressalta a preocupação não só com os aspectos voltados para a sua recepção, mas também com os procedimentos interativos determinantes da produção/recepção. Enfim, trata-se de uma teoria que se interessa sempre pelas diferentes formas languageiras de interação entre locutores, em um determinado contexto e obedecendo a determinadas circunstâncias. Esse é o ponto de vista da Análise Semiolinguística do Discurso (Charaudeau; Monnerat, 2019, p. 703-704).

Charaudeau é um dos grandes nomes da análise do discurso surgidos a partir dos anos 1970, sendo pesquisador do Centro de análise do discurso da Universidade de Paris XIII. No Brasil, suas publicações mais importantes são as obras: *Dicionário de análise do discurso* [em coautoria com Dominique Maingueneau] (2004), *Discurso das mídias* (2006), *Discurso político* (2008), *Linguagem e discurso* (2008) e *A*

conquista da opinião pública (2016). Tendo principalmente como foco os discursos midiático/jornalístico e político, em tais estudos o pesquisador reflete sobre os alcances da pesquisa semiolinguística.

Em *Discurso das mídias*, por exemplo, Charaudeau (2006) reflete sobre a complexidade da máquina midiática, seus dispositivos de encenação (rádio, televisão, imprensa escrita), a complexidade de cada gênero (entrevista, debate, reportagem, programas televisivos), os modos de organização e as estratégias de encenação da informação. Grande questão colocada pelo linguista diz respeito às performances das mídias visando a manipulação das mensagens para o público em geral, já que uma mesma mensagem pode ser divulgada para a população de maneiras diversas por diferentes órgãos midiáticos. Há matérias que prezam por um alto nível de objetividade, ao mesmo tempo em que há outras que fazem questão de produzir um discurso marcado pelo sensacionalismo. Captar a atenção do interlocutor é, obviamente, uma das metas da patemização. O projeto de intencionalidade do emissor pode, nesse âmbito, envolver estratégias patêmicas como a polêmica sensacionalista, a sedução retórica e a dramatização/narração.

Na obra *Discurso político* Charaudeau também segue o mesmo caminho metodológico utilizado ao analisar as mídias, tendo como objeto, desta vez, o discurso produzido no microcosmo da política – a qual, para o linguista, pode ser vista, por excelência, como o lugar de um jogo de máscaras, já que toda palavra pronunciada nesse campo deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que diz e pelo que não diz. Em sua obra, Charaudeau (2008) mostra o que escondem e o que revelam os políticos quando falam e quais os artifícios que utilizam para persuadir e seduzir os seus interlocutores.

O pensador Patrick Charaudeau, portanto, percebe que tanto no discurso das mídias quanto no discurso político existiria, de fato, um espaço aberto para a prática de atos persuasivos e de sedução por parte do emissor da mensagem, e é justamente nessa dimensão que ele aprofunda suas pesquisas em torno do conceito de patemização. Seguindo esse raciocínio, a patemização (termo este que é proveniente da palavra grega *pathos*), que, na retórica de Aristóteles, designava as paixões suscitadas no auditório, poderia ser vista como:

[...] uma estratégia discursiva que visa a persuadir o interlocutor, relacionando-se à estratégia de captação. Assim, a depender dos

imaginários sociodiscursivos e valores de crença apresentados pelo ouvinte ou leitor, é possível que certos enunciados desencadeiem nele algum estado emocional, o que poderia levá-lo a concordar com o ponto de vista do sujeito que argumenta (Souza; Silvestre; Silva, 2020, p. 103).

Do ponto de vista da semiolinguística, as emoções surgem de “um estado qualitativo afetivo relacionado à fisiologia e às pulsões do indivíduo” (Alves, 2007, p. 66). Tais emoções podem ser incitadas, no âmbito do discurso. Porém, para que isso ocorra, é necessário existir um conjunto compartilhado de saberes, crenças e representações entre emissor e receptor. Para Alves (2007), com efeito, as reações comportamentais de um sujeito são diretamente influenciadas por valores surgidos a partir de um consenso social, o que nos permite estabelecer as seguintes diretrizes:

- 1) Todo ato de linguagem envolve uma interação de intencionalidades, na qual cada participante tem uma expectativa de significação particular;
- 2) O ato de linguagem é produto da ação de seres psicossociais, testemunhas das práticas sociais e representações imaginárias da comunidade à qual pertencem;
- 3) O ato de linguagem consiste numa encenação/*mise en scène*, em que o locutor se apropria dos componentes do dispositivo de comunicação em função dos efeitos de sentido que pretende causar no interlocutor, lançando mão de estratégias (Alves, 2007, p. 68).

Para ilustrarmos a argumentação de Alves (2007), faremos uso de um detalhe da Figura 3 desta tese de doutorado, a qual mostra uma capa da revista *A Maçã*, editada por Humberto de Campos e publicada em fevereiro de 1922.

Como afirmado no subcapítulo 3.2 deste estudo, que trata das publicações de Humberto de Campos sob o heterônimo Conselheiro XX, a revista *A Maçã* tornou-se um verdadeiro sucesso de vendas, e pode ser vista como uma prova do verdadeiro tino editorial do autor. Isso porque ele demonstrava dominar, como poucos, determinadas táticas editoriais que faziam com que suas publicações conquistassem rapidamente o interesse do público. E um fator que parece determinante para tal sucesso é o uso que ele fazia de estratégias de patemização, tanto no que tange ao aspecto verbal, quanto no que diz respeito ao aspecto não-verbal de seus trabalhos.

Figura 9 – Detalhe da Figura 3



Fonte: A Maçã. Ano I, n. 1. Rio de Janeiro, edição de 25 fev. 1922, p. 01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=338109&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=52>. Acesso em: 19 nov. 2022.

A Figura 9, acima, mostra detalhe da capa do número 03 da citada revista, lançada em 25 de fevereiro de 1922, e nela lemos a frase “S.R. [Sociedade Recreativa] Carnavalesca ‘Os amigos do peito’”, seguida da imagem de uma mulher, ao modo de Colombina, sentada nas costas de um homem com trajes de Pierrot⁷. Ambos estão num ambiente onde há outras pessoas que também usam roupas que remontam a

⁷ De acordo com Abreu (2016), Pierrot e Colombina, assim como Arlequin, são personagens típicos da chamada *Commedia dell'Arte*, gênero dramático de origem italiana, surgido no século XVI. A peça teatral possuía diferentes versões, mas, de maneira geral, trazia como núcleo a história do triângulo amoroso entre Pierrô, Colombina e Arlequim. Eles interpretam serviçais de uma casa senhorial que constantemente se encontram rodeados por outros personagens de camada social mais alta, trazendo histórias que faziam sátiras sociais e crítica. Com o tempo, tais figuras dramáticas foram incorporadas nas festas carnavalescas, com maior destaque para Colombina e Pierrot.

um baile de carnaval. Ela, cujos seios estão à mostra, segura com a mão direita uma maçã enquanto, com a outra, aperta a mama esquerda, de onde sai um jato de leite que vai respingar na fruta que está segurando.

Como se pode perceber, há na imagem em questão certas estratégias patêmicas que têm como interesse causar riso no público leitor. Inicialmente, tais estratégias pressupõem que os leitores da revista façam a correlação entre a expressão “amigos do peito”⁸ com a própria imagem dos seios (peitos) que são exibidos na figura (vale mencionar que, ao fundo, há outra mulher que também tem os seios à mostra). Isto é: os membros da suposta sociedade recreativa da ilustração, além de camaradas entre si (amigos do peito), poderiam ser vistos como íntimos dos seios das mulheres que frequentam tal grêmio recreativo.

Seguindo o mesmo raciocínio, pressupõe-se que os leitores também façam imediatamente associação entre três dimensões, a saber: (1) a imagem da maçã, (2) o nome da revista e (3) a noção de “pecado”. Importante notar que a maçã em questão está sendo molhada com o leite do seio da Colombina, que é sensualmente exposto num desenho bastante ousado para a época. No imaginário cristão, a transgressão do primeiro homem e da primeira mulher, no Paraíso, ficou associada tanto à imagem do fruto proibido (este, mal traduzido como “maçã” para o Ocidente) quanto às noções de desejo e erotismo. Sobre tal questão, Silva (2021) explica que:

Em Gênesis 3 é descrita a queda da humanidade, quando a serpente, tratada como o mais astuto dos animais, tenta a mulher a comer do fruto proibido. A serpente diz que, ao contrário do que avisou Deus, eles não morreriam, e sim se tornariam como deuses, adquirindo o conhecimento do bem e do mal. A mulher, vendo que o fruto era apetitoso, come-o e o oferece ao marido. Deus os questiona e proclama sua sentença, que acarreta uma série de punições e, por fim, expulsa-os do Jardim do Éden. A serpente também é castigada e a inimizade eterna entre ela e a humanidade é proferida (Silva, 2021, p. 11).

Ao explicar a diferença entre o carnaval da Antiguidade Clássica e o carnaval da sociedade medieval, Zani (2010) afirma que, para os antigos, “o corpo era a glória do homem e a exaltação de uma sexualidade pagã”, sendo praticamente transformado

⁸ A expressão “amigo do peito”, em português brasileiro, significa “amigo muito querido” ou “amigo íntimo. Conforme verbete AMIGO. *Michaelis – Dicionário Brasileira da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/amigo/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

em “veneno da alma, uma prisão e um inimigo aos ideais de purificação” no contexto cristão medieval (Zani, 2010, p. 145). Com o tempo, mesmo num mundo marcado pela força da Igreja e do sagrado, o profano (trazendo resquícios do mundo clássico pagão) se fez novamente presente, surgindo daí a dialética cristã entre a relação uso/abuso no período carnavalesco e a relação negação/privação no período da Quaresma, posterior ao Carnaval.

Ao lançar mão de todos esses elementos numa capa de revista lançada justamente no mês de fevereiro, no período do Carnaval, Humberto de Campos (editor da revista e aqui tomado, livremente, para efeitos didáticos, como “emissor” da mensagem) sabia que os seus leitores iriam ler a imagem proposta da maçã a partir da aura pecaminosa/libidinosa que subjaz à imagem da referida fruta. Isso está inteiramente de acordo com o que propõe Alves (2007), que vê todo ato de linguagem como um produto da ação de pessoas que servem como testemunhas das práticas sociais e representações imaginárias da comunidade à qual pertencem. Além disso, como também afirma a autora, tal ato consiste numa performance em que o emissor da mensagem usa certos dispositivos de comunicação em função dos efeitos de sentido que pretende causar nos seus interlocutores.

Ao refletir sobre a questão do erotismo como agente da emoção no discurso midiático, Miranda (2007) afirma que “os meios de comunicação se apropriam do sexo, porque sexo captura e vende” (Miranda, 2007, p. 84). Dentro dessa perspectiva, chama a atenção nessa capa de *A Maçã* o uso que Humberto de Campos faz do erótico enquanto agente patêmico.

Para Miranda (2007), o Ocidente desenvolveu uma certa “memória discursiva” nos textos que tende a fazer com que os assuntos girem quase sempre em torno do mundo masculino, de preocupações do homem com sua masculinidade; assim, encontramos nos textos midiáticos um nível do erótico que busca reproduzir “questões relacionadas ao universo propriamente sexual do homem, em suas conquistas amorosas” (Miranda, 2007, p. 84). O erótico, desse modo, é tomado de uma forma quase que “espetacularizada, mas que faz rir, que promove um certo efeito patêmico, pois lança mão de figuras estereotipadas e garantem uma certa credibilidade e, por sua vez, a fidelização do leitor” (Miranda, 2007, p. 85).

Ainda retomando o que afirma Alves (2007) acerca do fato de que cada ato de linguagem envolve uma interação de intencionalidades, na qual cada participante tem uma expectativa de significação particular, é importante notar que a imagem erotizada

da mulher com os seios à mostra pode ter efeitos patêmicos diferentes ao longo do tempo. Isto é, para o público de 1922, pouco acostumado à nudez feminina em veículos midiáticos, certamente o efeito de estranhamento é superior ao que pode ocorrer nos dias atuais, em 2023, posto que ao longo dos últimos cem anos tenha ocorrido uma grande banalização do corpo feminino no cinema, na televisão, em revistas e na internet, em geral.

5 ESTRATÉGIAS DE PATEMIZAÇÃO NAS CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

Segundo Resende (2001, p. 11), ao comentar a natureza da crônica, ela é naturalmente escrita para ser “publicada em folhetins, jornais, revistas ou suplementos”, sendo uma “criação literária ligada ao imediato”, assim “como o veículo que lhe serve de suporte”. Porém, se, como diz a voz popular, “o jornal serve para ser lido hoje e embrulhar o peixe amanhã, segue por vezes o alimento envolto em obras-primas preciosas” (Resende, 2001, p. 11). A originalidade da crônica enquanto gênero, portanto, segundo a pesquisadora, está nesse seu caráter “provisório” e repleto de “leveza”, que preza pela brevidade, mas que também pode conter valor estético e reflexões importantes tão dignas quanto as do romance.

Esta também é a opinião de Arrigucci Jr. (1987), que enxerga a crônica como que presa a uma contínua tensão entre a fugacidade dos fatos e a eternidade da história. Para o crítico, a crônica, comumente:

[...] adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história (Arrigucci Jr., 1987, p. 53).

Candido (1984), por sua vez, já discutiu o fato de a crônica não ser considerada como um gênero “maior”. Para ele, como não se pode imaginar uma literatura nacional feita apenas de grandes cronistas, assim como há grandes romancistas, dramaturgos e poetas, a crônica estaria fadada a ser “um gênero menor” (Candido, 1984, p. 5). Porém, o crítico entende que, pelo fato de lidar com matéria específica, cujo tratamento é sempre acerca de coisas do cotidiano, da vida comum, rasteira, o “rés-do-chão” talvez realmente o melhor lugar para a crônica. Este parece ser o principal motivo do seu sucesso: a despretensão e a simplicidade da linguagem que se aproxima do nosso modo de ser e de falar:

O seu intuito não é dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um,

e quando passa do jornal ao livro, nos verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (Candido, 1984, p. 6).

A crônica também é um gênero literário bastante propício para o exercício de performances patêmicas. Isso ocorre porque a crônica possui uma estrutura na qual há muito espaço para a exploração de memórias, as quais, por sua vez, mobilizam estados mentais que se apoiam sobre fortes experiências emocionais. De acordo com Santos (2010, p. 115), a memória pode ser vista como:

[...] um espaço virtual de cultivo de experiências que se tornaram referências na trajetória de vida de um indivíduo. Um espaço virtual porque é sempre reconstituído de forma inédita, embora a essência de seus sentidos se mantenha na longevidade de seus processos de reconstituição. Um espaço de cultivo porque reflete uma alternância de valores pelo acúmulo, pela re-significação e até pela distância com a qual se enxerga a itinerância desses sentidos. Um espaço de retenção de ocorrências que significaram para o indivíduo (Santos, 2010, p. 115).

Em sua obra *Discurso das mídias*, ao comentar a natureza da crônica, Patrick Charaudeau afirma que tal gênero jornalístico possui uma peculiaridade na área da informação que é poder “reivindicar o direito à personalização do ponto de vista e mesmo à subjetividade” (Charaudeau, 2006, p. 235), já que dá muita importância ao papel das testemunhas na descrição dos fatos. Charaudeau (2006) enumera quatro tipos de efeitos de extrema importância para um texto cuja essência esteja ligada a um relato testemunhal (o que é muito característico na crônica): (1) o efeito de decisão; (2) o efeito de saber; (3) o efeito de opinião e (4) o efeito de testemunho.

O **efeito de decisão** se dá quando a declaração vem de um locutor que tem o poder de decidir, ou seja, tem efeito performativo, pois é declaração ao mesmo tempo em que é a realização de uma ação. Por sua vez, o **efeito de saber** vem de um locutor que tem autoridade pelo saber, envolve as análises e as explicações. Já o **efeito de opinião** ocorre quando a declaração vem de um locutor que julga ou aprecia um fato, podendo envolver avaliações. Por fim, o **efeito de testemunho**, propriamente dito, é proveniente de um emissor que descreve o que viu ou ouviu. De acordo com Charaudeau (2006), todo relato se reveste de um caráter de veracidade já que possui como única finalidade a descrição da realidade tal como foi vista e ouvida. Esse é o papel das fontes testemunhais. É por isso que, no discurso midiático, cabe aos

testemunhos descrever como tudo aconteceu sempre partindo de um ponto de vista individual, e isso necessariamente inclui o relato de sentimentos como o medo e a angústia (Amaral, 2013).

5.1 ANÁLISE DE CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS (VIVO)

5.1.1 “Um amigo de infância”

De acordo com Agra (2014) e Scheibe (2008), a crônica “Um amigo de infância”, de Humberto de Campos, é provavelmente uma de suas obras mais famosas, sendo lembrada por Carlos Heitor Cony (1926-2018), importante nome do jornalismo nacional e membro da ABL, como “a mais bonita da literatura brasileira” (Scheibe, 2008, p. 39). O texto foi publicado no livro *Memórias*, de 1933. Nele, Humberto de Campos conta que, ainda menino, com nove anos de idade, na cidade de Parnaíba – PI, plantou uma castanha de caju no quintal de sua casa e, ao longo dos anos, acompanhou o crescimento daquele cajueiro que se tornaria o seu grande “amigo de infância”, tal como indicado no título da crônica:

No dia seguinte ao da mudança para a nossa casa dos Campos, em Parnaíba, em 1896, toda ela cheirando a cal, a tinta e a barro fresco, ofereceu-me a Natureza, ali, um amigo. Entrava eu no banheiro tosco, próximo ao poço, quando os meus olhos descobriram no chão, no interstício das pedras grosseiras que o calçavam, uma castanha de caju que acabava de rebentar, inchada, no desejo vegetal de ser árvore. Dobrado sobre si mesmo, o caule parecia mais um verme, um caramujo a carregar a sua casca, do que uma planta em eclosão. A castanha guardava, ainda, as duas primeiras folhas úmidas e avermelhadas, as quais eram como duas joias flexíveis que tentassem fugir do seu cofre.

[...] Faço com as mãos uma pequena cova, enterro aí o projeto de árvore, cerco-o de pedaços de tijolo e telha. Rego-o. Protejo-o contra a fome dos pintos e a irreverência das galinhas. Todas as manhãs, ao lavar o rosto, é sobre ele que tomba a água dessa ablução alegre. Acompanho com afeto a multiplicação das suas folhas tenras. Vejo-as mudar de cor, na evolução natural da clorofila. E cada uma, estirada e limpa, é como uma língua verde móbil, a agradecer-me o cuidado que lhe dispenso, o carinho que lhe voto, a água gostosa que lhe dou. (Campos, 1982, p. 215-216).

Dada a enorme repercussão da crônica a partir de sua publicação, o cajueiro de Humberto de Campos ganhou fama nacional ao longo das décadas seguintes,

tendo sido alçado a ponto turístico e a monumento municipal da cidade de Parnaíba, em torno do qual foram construídos um jardim e uma praça.

Figura 10 – O cajueiro de Humberto de Campos.



Fonte: LEAL, Francisco. O cajueiro do poeta [Humberto de Campos]. *Jornal da Parnaíba*. 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldaparnaiba.com/2020/02/o-cajueiro-do-poeta-humberto-de-campos.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Figura 11 – Placa explicativa – monumento “Cajueiro Humberto de Campos”



Fonte: LEAL, Francisco. O cajueiro do poeta [Humberto de Campos]. *Jornal da Parnaíba*. 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldaparnaiba.com/2020/02/o-cajueiro-do-poeta-humberto-de-campos.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Como é possível perceber já no primeiro parágrafo da crônica, Humberto de Campos lança mão de algumas estratégias patêmicas visando “personificar” o cajueiro, que é tratado como um “amigo” que lhe teria sido oferecido pela Natureza. Trata-se de um processo contínuo que é iniciado a partir do momento em que o vegetal é discursivamente “animalizado”, desde a fase em que ainda é apenas uma semente brotando. O autor, para tanto, começa usando palavras e expressões, como “verme”, “caramujo”, “língua verde móbil”, visando caracterizar o broto em seu “desejo vegetal de ser árvore”; desenvolvendo-se, sendo regada e protegida pela criança, a planta chega até a lhe “agradecer” pelos cuidados dispensados.

A situação estabelecida entre a criança e o vegetal, portanto, vai sendo caracterizada através de palavras escolhidas com o intuito de ilustrar uma relação de afeto entre os dois – uma relação, embora não impossível entre humanos e plantas, perfeitamente mais verossímil entre nós e os animais de estimação. Nesse sentido, depois de ser discursivamente “animalizado”, o cajueiro, crescendo, passa por um gradativo processo de humanização no discurso, até transformar-se em “irmão” do narrador:

O meu cajueiro sobe, desenvolve-se, prospera. Eu cresço, mas ele cresce mais rapidamente do que eu. Passado um ano, estamos do mesmo tamanho. Perfilamo-nos um junto do outro, para ver qual é mais alto. É uma árvore adolescente, elegante, graciosa. Quando eu completo doze anos, ele já me sustenta nos seus primeiros galhos. Mais uns meses e vou subindo, experimentando a sua resistência. Ele se balança comigo como um gigante jovem que embalasse nos braços o seu irmão de leite (Campos, 1982, p. 216).

Importante notar que, antes de comparar o cajueiro a um gigante (seu “irmão de leite”) que o embala em seus braços, o narrador recorre a uma imagem que remonta a uma cena muito comum entre irmãos ou pessoas de um mesmo grupo familiar: o ato de comparar alturas. A frase, especificamente, revela o nível de humanização proposto pelo cronista em relação ao vegetal: “Perfilamo-nos um junto do outro, para ver qual é mais alto”; ou seja, assim, no plural, a frase também imputa ao cajueiro a vontade de saber quem dos dois era mais alto, e a cena toda é pintada tal como se duas crianças brincassem juntas no quintal.

Daí para a frente, o cajueiro, de fato, vai se tornando o amigo inseparável do menino, que, após quatro de convivência, precisa viajar para outro estado, saindo do

Piauí e mudando-se para o Maranhão; trata-se, portanto, da primeira despedida entre ambos:

Aos treze anos da minha idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu. Embarco para o Maranhão, e ele fica. Na hora, porém, de deixar a casa, vou levar-lhe o meu adeus. Abraçando-me ao seu tronco, aperto-o de encontro ao meu peito. A resina transparente e cheirosa corre-lhe do caule ferido. Na ponta dos ramos mais altos abotoam os primeiros cachos de flores miúdas e arroxeadas como pequeninas unhas de crianças com frio.

– Adeus, meu cajueiro! Até à volta!

Ele não diz nada, e eu me vou embora.

Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca, a sua folha mais alta, pequenino lenço verde agitado em despedida (Campos, 1982, p. 219).

A cena de despedida entre os amigos é bastante visual, quase cinematográfica, posto que a narração indique que, no momento da partida, o jovem Humberto corre para abraçar o cajueiro; e uma vez abraçado ao tronco da árvore, surge a descrição seguinte, informando que “a resina transparente e cheirosa corre-lhe do caule ferido”. Ora, como geralmente ocorre em situações de despedida entre pessoas que se amam, há entre elas abraços, choro, lágrimas e adeuses. Aqui não é o menino que chora, mas sim a árvore, “ferida”, que lacrimeja a resina transparente.

A prosopopeia sugerida atinge um alto grau de desenvolvimento quando o cronista afirma: “Ele não diz nada, e eu me vou embora”, tal como se fosse possível ao cajueiro falar. Por fim, ao longe, num outro sinal de adeus, também visual e cinematograficamente, a árvore “acena” para o amigo com uma folha, “pequenino lenço verde agitado em despedida”.

Mais à frente, a mãe escreve uma carta para o filho dizendo que a árvore lhe “manda lembranças”. O tempo passa e Humberto dá início a um processo de idas e vindas a Parnaíba, bastante espaçadas entre si. Após um período bem mais longo, volta à casa da infância dizendo que o cajueiro não lhe reconhece mais:

– Meu cajueiro, aqui estou!

Mas ele não me conhece mais. Eu estou homem: ele está velho. A enfermidade cava-me o rosto, altera-me a fisionomia, modifica-me o tom da voz. Ele está imenso e escuro. Os seus galhos ultrapassam a cerca e vão dar sombra, na rua, às cabras cansadas, aos mendigos

sem pouso, às galinhas sem dono... Quero abraçá-lo, e já não posso. Em torno ao seu tronco fizeram um cercado estreito. No cercado imundo, mergulhado na lama, ressona um porco... Ao perfume suave da flor, ao cheiro agreste do fruto, sucederam, embaixo, a vasa e a podridão!

– Adeus, meu cajueiro! (Campos, 1982, p. 221).

Importante notar que, neste texto memorialístico, metaforicamente, o autor tenha lançado mão da imagem do cajueiro da infância para traçar um paralelo com a sua própria vida. Na sua última visita ao cajueiro, revela já estar maduro e doente e encontra o amigo de infância também velho, enorme, com flores e galhos que apontam para o alto, mas, com a base transformada em chiqueiro, onde o tronco se encontra chafurdado na podridão. Ele sugere que há certa semelhança entre ambos ao dizer o último adeus ao amigo de infância, afirmando que lá se vai “outra vez e para sempre, pelo mundo largo”, onde vive, “como ele, com os pés na lama, dando, às vezes, sombra aos porcos, mas, também, às vezes, doirado de sol lá em cima, oferecendo frutos aos pássaros e pólen ao vento” (Campos, 1982, p. 221).

Em linhas gerais, ao término de seu texto Humberto de Campos faz, provavelmente, uma alusão à velha questão por ele tantas vezes debatida que diz respeito ao desejo literário de produzir uma arte pura, que comovesse e instrísse as pessoas frente à dura realidade de precisar trabalhar como um verdadeiro “carpinteiro das letras”, um mercador de palavras visando o sustendo diário. Seus pés estão fincados nessa arte “suja”, mercadológica, editorialesca, enquanto sua cabeça está visando a grande arte que não tem tempo ou condições para produzir.

Como é possível depreender, a crônica de Humberto de Campos busca fazer com que seus leitores criem várias conexões emocionais com a narrativa apresentada, que é uma perspectiva sobre a narrativa de vida do próprio escritor. A primeira das conexões emocionais sugeridas se dá pela animalização e humanização do vegetal, o que faz com que ele seja interpretado como um personagem digno de sentimentos e se torne uma espécie de “melhor amigo” ou quase “irmão” de uma criança. O leitor, por certo, compartilhará com a leitura apresentada um saber de crença que diz respeito ao “mito da infância” – a infância representando um período de pureza, equilíbrio e felicidade de nossas vidas que jamais irá retornar, pois lá estão pessoas e situações que nunca mais poderão coexistir novamente, posto que o mundo e as pessoas estejam em movimento e constante transformação.

A segunda conexão emocional pode ser sugerida por duas experiências trágicas vivenciadas pelo escritor; a primeira experiência diz respeito à hipertrofia da hipófise, doença que lhe acomete a saúde, e cujos detalhes são dados de maneira sutil no texto quando ele afirma: “A enfermidade cava-me o rosto, altera-me a fisionomia, modifica-me o tom da voz”. A segunda experiência revela-se quando o autor, por assim dizer, “despe-se” diante de seu público ao revelar-se um escritor frustrado, que não conseguiu escrever a grande obra que desejava.

De acordo com Amaral (2013, p. 81), os efeitos patêmicos se organizam através de três regras práticas que visam produzir a emoção desejada no público. A primeira regra que o orador/locutor/escritor deve seguir é a de querer “mostrar-se emocionado”, colocando-se ou fingindo estar no estado emocional que deseja transmitir. O emissor da mensagem propõe aos seus destinatários um modelo de emoção que desencadeie empatia. As emoções, assim, são autenticadas por várias figuras, como exclamação, interjeição e interrogações. A segunda regra prática descrita por Amaral (2013, p. 81) é a de que o emissor “mostre objetos”, como a casa destruída ou a lágrima da mãe. A terceira regra é “descreva coisas emocionantes”, ou seja, torne emocionante as coisas indiferentes e descreva as coisas de modo exasperante (Amaral, 2013, p. 81-82).

Como é possível perceber, tais regras práticas, que são estratégias de patemização, são usadas por Humberto de Campos na crônica “Um amigo de infância”. O texto, em primeira pessoa, estrutura-se a partir de um narrador que mostra-se o tempo todo emocionado, tal como prevê a primeira regra. Ele busca criar empatia com o público leitor a partir daquilo que nomeamos, acima, como conexões emocionais. Nesse sentido, acaba mostrando objetos, como detalhes da casa da infância, sua vizinhança, parentes e, principalmente, o cajueiro, que é o *leitmotiv* da crônica. Por fim, a personificação da árvore e a descrição quase cinematográfica que ele faz em algumas cenas se adequam perfeitamente à lógica da descrição de coisas emocionantes, citada por Amaral (2013). É como se narrativa de Campos se esforçasse para tornar pungentes e dolorosas certas cenas, transformando, por exemplo, a simples resina de uma árvore em lágrimas e o balançar de suas folhas num adeus.

5.1.2 “Carta a Sanny Wsaka”

Como já afirmado neste estudo, nos seus últimos anos de vida, Humberto de Campos foi modificando gradativamente a sua forma de escrever, e tal mudança está diretamente ligada à doença que alterou sua forma de viver. O escritor passou a desenvolver um tipo de crônica que funcionava tal como uma espécie de carta aberta que era publicada nos jornais e até lida em programas de rádio. Nesse tipo de texto ele se colocava como um sofredor que conhecia bem as amarguras humanas e, por isso, sensibilizava-se com as dores alheias.

Um quadro que ilustra bem essa questão está ligado ao contexto de escrita da crônica “Carta a Sanny Wsaka”, publicada por Humberto de Campos no *Diário Carioca* no dia 17 de abril de 1934. Wsaka era uma moça que tentara o suicídio, e encontrava-se hospitalizada, entre a vida e a morte. Ao saber do caso, o cronista publica a carta-crônica endereçada à jovem. Em seu texto, o autor tenta dissuadi-la de tirar a própria vida; ela, porém, estava internada em um hospital e acabou não resistindo, vindo a falecer dois dias depois da publicação da crônica.

Segundo Agra (2014), Sanny Wsaka era uma moradora do Rio de Janeiro, que era supostamente uma estrangeira e que atentara contra a própria vida devido a uma desilusão amorosa. Ainda de acordo com Agra (2014), Humberto de Campos estava se restabelecendo de uma cirurgia quando decidiu tentar ajudar a moça com seus conselhos em forma de crônica. No seu texto, ele faz questão de usar seu próprio caso de sofrimento como exemplo de superação das dificuldades.

Do ponto de vista semiolinguístico, podemos perceber o uso de algumas estratégias usadas por Campos tanto na confecção desta crônica, em particular, quanto no *modus operandi* que está por trás da concepção das “cartas-crônicas”, em geral. Se pensarmos no que Charaudeau (2006) afirma quanto aos tipos de efeitos patêmicos relacionados a um texto, no caso deste ora em análise, Humberto de Campos lança mão, principalmente, de dois: o **efeito de saber**, já que ele é o emissor “autorizado” pela vida, dadas as suas trágicas experiências pessoais, e o **efeito de opinião**, já que ele julga os fatos constantemente, orientando e fazendo avaliações a partir desse lugar de fala.

As cartas abertas, ou em formato de crônica também guardam um detalhe importante sob a ótica da semiolinguística de Charaudeau: o duplo endereçamento da missiva, que é escrita, ao mesmo tempo, tanto para uma pessoa, em particular, quanto

para o público em geral. Para Siess (2010), o fenômeno trata-se de um tipo de discurso no qual o locutor/emissor pode dirigir-se a dois ou mais alocutários/destinatários diferentes, pois “há desde o início um segundo destinatário construído no e pelo discurso além do alocutário-correspondente” (Siess, 2010, p. 170-171). Isso é bastante perceptível na crônica “Carta a Sanny Wsaka”, posto que, ao escrever o texto, Humberto de Campos sabia que a moça, naquele momento, encontrava-se inconsciente, no hospital. Ou seja, ele lhe escreve uma carta, mas sabe que o leitor possível de sua crônica é o seu público que o lê todos os dias pelos jornais.

Segundo Siess (2010), os efeitos patêmicos que subjazem aos textos com duplo endereçamento estão construídos sobre um duplo eixo que dizem respeito à relação entre o privado e o público. Isto ocorre porque, numa primeira perspectiva, a carta está sendo escrita para uma pessoa em particular, que representa a dimensão de um universo privado, de informações confidenciais; assim, quando o público em geral “intercepta” tal leitura, dá-se uma espécie de fenômeno patêmico que pode ser explicado pela noção de curiosidade, que não deixa de ser desejo e também emoção. O leitor desse tipo de crônica-carta, portanto, já começa a leitura de um texto dessa natureza como que motivado por razões patêmicas subjacentes.

Para reforçar essa questão salientada por Siess (2010), pode-se recorrer a Silva (2007), para quem a patemização na informação midiática pode ser vista como uma forma de socialização da intimidade. Isto é: quando a vida privada “invade a representação do espaço público, e o princípio de pertinência” encontrando-se mais ligada ao princípio de influência e à finalidade de captação do que propriamente à finalidade de informar (Silva, 2007, p. 132).

No que diz respeito aos recursos retóricos com vistas à criação de efeitos patêmicos nos leitores, “Carta a Sanny Wsaka” prima pela utilização de um recurso muito bem desenvolvido por Campos que é a descrição de cenas emocionantes. Tal recurso, segundo Charaudeau (2006, p. 222), visa “satisfazer às condições de sedução da finalidade de captação” (da atenção) do público, o que se dá através de “dramatizações destinadas a tocar a afetividade do espectador”.

Vejamos, abaixo, alguns trechos da crônica em que o autor lança mão de tal expediente:

Eu estava, Sanny Wsaka, em um hospital de cirurgia, com um saco de gelo sobre **o ventre, que o bisturi rasgara na véspera**, quando você

entrou para outra casa de Caridade e Sofrimento, **com os intestinos dilacerados por uma bala de revólver** (Campos, 1947, p. 5, **grifo nosso**).

Quando um sonho é grande demais, é preferível morrer com ele a deixar que ele morra sozinho. **Daí aquele tiro. Daí aquela dose de veneno, que ingeriu para maior segurança da morte** (Campos, 1947, p. 7, **grifo nosso**).

Suspeitando que o imperador Guatimozim, bravo, jovem e belo, havia lançado às águas do lago sagrado os tesouros do seu tio, mandou Fernando Cortez que **o untassem com óleo, a ele e ao seu secretário, e os pusessem, aos dois, sobre carvões ardentes**. [...] E Guatimozim, tranquilo e estoico, **sentindo subir das brasas o cheiro da sua própria carne** [...] (Campos, 1947, p. 8, **grifo nosso**).

Faz parte do processo de captação da atenção do público, por intermédio das dramatizações, a criação de cenas visualmente violentas que tendem a marcar emocionalmente o leitor. A utilização de recursos sensacionalistas, portanto, engloba o uso de palavras e/ou expressões escabrosas que pintam um quadro violento, tocando, assim, o emocional do leitor.

Outra forma de também desenvolver esse processo de captação diz respeito ao apelo para a sensibilidade ou “humanismo” do leitor, que podem ser evocados através da autocomiseração e da exposição de valores cristãos:

Você não me conhece, provavelmente, e nunca ouviu falar no meu nome, e, ainda menos, na minha vida. Que diria você, porém, de **um homem que passasse quarenta anos a estudar e a sofrer**, consagrando a leitura todas as horas destinadas aos prazeres e ao repouso, como a ideia de acumular conhecimentos para escrever uma grande obra na maturidade, e que, chegando à maturidade, se visse, e **de modo irreparável, pobre, doente e quase cego**, impossibilitado, portanto, de realizar a obra que constituirá sua Esperança e seu sonho de toda a vida? (Campos, 1947, p. 09-10, **grifo nosso**).

Não queira, pois, morrer. [...] **Deus, que lhe conservou a vida**, apesar de tudo o que você fez para perdê-la, é porque precisa dela, e de você, neste mundo. Conserve-a, portanto, e a dignifique. **Erga os olhos da terra, que é imunda, e os fixe na altura, pontilhada de estrelas**. E verá você, então, com surpresa, que, quando se tem os olhos nas estrelas, as roseiras, no chão em que pisamos, aumentam o número das rosas, e vão, pouco a pouco, diminuindo o dos espinhos... (Campos, 1947, p. 13, **grifo nosso**).

Ao falar de suas escolhas diante dos infortúnios trazidos pela doença, que acabaria lhe tirando a vida, bem como sobre sua capacidade de ressignificar suas

dificuldades, Humberto de Campos usa tais informações pessoais como recursos patêmicos. Seus próprios sofrimentos e suas reflexões marcadas por um profundo pensamento cristão têm, de um ponto de vista semiolinguístico, a função de ativar valores e crenças nos seus leitores, criando afinidade discursiva e certo nível de satisfação ao verem confirmados, no texto, ideais dos quais eles compartilham.

Por fim, um ponto importante que deve ser considerado no caso de Humberto de Campos, e que é tratado, inclusive, por Patrick Charaudeau em sua obra *Discurso das mídias* é a questão da posição social, da notoriedade ou da representatividade ocupada pelo emissor de uma mensagem. Para o linguista, com efeito:

O crédito que se pode dar a uma informação depende tanto da *posição social* do informador, do *papel* que ele desempenha na situação de troca, de sua *representatividade* para com o grupo de que é porta-voz, quanto do *grau de engajamento* que manifesta com relação à informação transmitida (Charaudeau, 2006, p. 52).

Jornalista famoso, deputado federal, imortal da ABL e exemplo de *self-made man* para os seus leitores, Humberto de Campos possuía um excelente lugar de fala para o seu público no sentido de se passar por um “conselheiro”. Ele se encaixa perfeitamente no quesito *notoriedade*, salientado por Charaudeau (2006), já que era uma pessoa pública, com certa autoridade reconhecida e de quem a palavra era digna de fé.

5.1.3 “Aos meus amigos da Bahia”

Em algumas de suas crônicas, narrativas memorialísticas e também em certos trechos de seus diários, Humberto de Campos costumava carregar bastante o discurso com marcas patêmicas que revelavam angústias, desespero, dor e tristeza. Isso é patente em seus diários, onde é possível detectar vários relatos melancólicos e desoladores. As queixas, em geral, podem ser traduzidas como “saudades” do homem que um dia fora; um homem em pleno vigor, senhor de suas faculdades físicas, com boa visão, capaz de se locomover com facilidade, que gozava de boas noites de descanso e que não sentia dor física. Num de seus registros, em seu diário, no dia 22 de setembro de 1934, por exemplo, ele afirma:

Há seis meses, precisamente, a 22 de março, fui operado. **Abriam minha bexiga, escancararam-me como a um peixe.** E, ainda hoje, parcialmente aberto, sofro. Sofro mais do que antes da operação. Sofro, e **tenho nojo de mim com este apêndice de borracha que me sai de sob o umbigo, e com este mau cheiro**, que, não obstante a higiene mantida, os dois curativos diários, às vezes me entontece!

Às vezes, choro sozinho. Choro com pena de mim. Choro, com saudade de mim. Mas, é preciso trabalhar, e eu trabalho. Trabalho, e sorrio. E quantas vezes, ao ser entregue à porta, ao portador, o artigo que acabo de escrever, e em que há alegria ou sarcasmo, não mergulho a cabeça nas mãos, e soluço longamente, atormentado pelas dores que me perseguem!...

— Ri-te, palhaço!... (Campos, 1954a, vol. II, p. 467, **grifo nosso**)

Nesse recorte, percebemos sua amargura, seu pesar pelo homem debilitado que se tornou. E ainda no *Diário Secreto*, mais uma vez retoma o discurso da consternação: “O pranto desce pelo meu rosto, em gotas lentas e solitárias. Sinto uma saudade inquieta e funda. Mas, de quem? Procuo, e descubro. Saudades de mim mesmo. Saudades de alguém que morreu dentro de mim...” (Campos, 1954a, vol. II, p. 416).

O autor revela que chora sozinho, não deixando transparecer sua dor para os demais. Mas é necessário viver, e ele vive. E escolhe se impor; quando busca espalhar alegria, prefere fazer sorrir, como modo de desafiar a morte. Compara-se, alegoricamente, à figura do palhaço que, independentemente do que lhe passe, quando as cortinas se abrem, sobe ao picadeiro e faz seu grande público gargalhar. Para tanto, faz menção ao verso “Ridi, Pagliacci”, da ária “Vesti la giubba”, que faz parte da ópera italiana *Pagliacci*, composta em 1892 por Ruggero Leoncavallo (Cardoso, 2018).

Para atingir o seu público, Humberto de Campos parece se esforçar para usar a linguagem mais simples e coloquial possível. Assim, despindo-se do jargão acadêmico empolado, seus textos foram a cada dia chegando nos lares mais humildes. Várias de suas crônicas-cartas, na época, eram veiculadas pelas rádios. Era um momento em que a família se reunia para ouvir os famosos textos e as mensagens edificantes do autor. Em grande parte desses textos Campos expunha suas ideias, suas sinceras opiniões e convicções, deixando sempre transparecer seus sentimentos e emoções.

Com o tempo, e com o sofrimento, o escritor parece ter compreendido melhor as dificuldades e aflições dos outros, posto que se tratem também de infortúnios parecidos com aqueles vivenciados por ele ao longo dos seus últimos anos. Aos poucos, ele vai se colocando como interlocutor daqueles seus admiradores, massa formada, sobretudo, por pessoas muito sofridas, que lhe enviam cartas, fazem ligações telefônicas e até chegam a lhe visitar. São pessoas de todos os lugares, de todas as classes sociais: ricos, pobres, homens, mulheres, jovens e velhos. Mesmo “não tendo religião”, recebia inclusive orações de vários credos.

Como podemos observar pelo relato que ele próprio fez do seu quadragésimo sétimo aniversário, registrado no seu diário no dia 25 de outubro de 1933, ele estava feliz, radiante com tantas manifestações de afeto e carinho que recebera durante todo o dia. Foram visitas, cartas, flores e telefonemas que lhe deram “a doce e consoladora certeza” de que ele tinha sabido aproveitar o seu tempo, “na inquieta peregrinação por este mundo” (Campos, 1954a, vol. II, p. 393). Ele ainda acrescenta que todas as manifestações “vinham de longe apenas “confortar um escritor pobre e enfermo” (Campos, 1954a, vol. II, p. 394).

O escritor finaliza o seu registro dizendo que nesse dia tão especial, além de um telegrama de sua querida mãe, também recebeu telegramas e visitas de alto escalão: desde ministros do Supremo Tribunal a ministros do Estado, posto que mesmo o presidente Getúlio Vargas era um dos seus grandes admiradores:

Grande dia. Dia feliz, e consolador, este marcado hoje no calendário da minha vida!

Obrigado, meu Deus! (Campos, 1954a, vol. II, p. 394, **grifo nosso**)

Nesta data, do trecho acima, Campos já se encontrava quase cego, com dores terríveis, com dificuldades financeiras, mas, mesmo assim conseguia lograr momentos de felicidade. Poucos autores tiveram em vida tanta demonstração de afeto de seu público como teve Humberto de Campos, e talvez tenha sido justamente isso o elemento que lhe nutria as forças para resistir tão bravamente a tanto suplício.

De acordo com Picanço (1937), foi o próprio Humberto que em suas crônicas “formou esse ambiente de compaixão em torno de sua pessoa, chegando ao ponto de se ver na necessidade de lançar mão da sua pena e fazer luz sobre sua própria vida” (Picanço, 1937, p. 294). A imagem criada por Humberto de Campos sobre si foi,

portanto, a de um homem que através da sua dor ressignificou seu olhar e sua postura durante seus últimos dias, no percurso da sua jornada. Ele foi um homem capaz de imprimir em grande parte dos brasileiros da época a sua figura de escritor/intelectual que buscou servir de guia, que levou luz e conforto aos sofredores.

Mas, **como eu me sinto pago de todos os tormentos da vida quando recebo essas cartas que diariamente me chegam**, assinadas com os nomes mais absurdos e vagos, mas **que me dão a certeza de que eu penetrei em uma casa pobre, na intimidade de um coração dolorido, e alegrei um triste e confortei um desesperado**, e fui, como um sacerdote cego que visita seus paroquianos sem os conhecer, o amigo manso e caridoso daquele que não tem amigo! A minha coleção de cartas alheias, que eu guardo como os escritores guardam os artigos que lhes citam o nome, constituem o índice da minha possível utilidade entre os simples. Gemem, ou gritam, nelas surdamente, todas as angústias humanas, todos os órfãos da vida a que eu levei um conforto, e todos os desesperados a que eu levei a extrema-unção de uma esperança. As palavras de gratidão desses mártires são as moedas do meu cofre. E eu guardo esse tesouro de lágrimas como um usurário Grandet guardava o seu ouro (Campos *apud* Picanço, 1937, p. 296, **grifo nosso**).

Em seu livro *Sombras que sofrem*, por exemplo, especificamente na crônica intitulada “Carmem Cinira”, o escritor parecer querer se redimir ainda em vida por possíveis faltas cometidas contra a poetisa que dá nome à crônica. O referido texto trata-se, portanto, de uma espécie de homenagem póstuma à escritora:

O obscuro homem das letras que escreve, hoje, esta nova crônica sobre a jovem e formosa poetisa, que tanto sofreu, não a seguiu jamais, quando ela parecia feliz. Não foi do seu séquito. Não era da sua amizade. **A missão desse escritor, na Terra, é, porém, confortar os tristes e enfeitar a sepultura dos mortos** (Campos, 1960, p. 85, **grifo nosso**).

No recorte acima, percebemos que Humberto de Campos se coloca como um consolador dos sofredores. Mas mesmo buscando atenuar as dores alheias, ele não escondia sua própria dor; pelo contrário, discursivamente, como já mencionado, ele fazia questão de expô-la. E tal exposição também muito se deu por se tratar de uma personalidade que se sentia no dever de informar a seu público, uma vez que circulavam nos jornais notícias muito distorcidas sobre sua saúde. A crônica aqui analisada foi escrita dentro desse contexto.

Diante de algumas informações segundo as quais Humberto de Campos passava por problemas financeiros, surgiram, no estado da Bahia, algumas vozes de auxílios ao escritor, as quais eram lideradas pelo professor Otávio Torres. A ação era auxiliada pela imprensa, apelando-se para a sociedade assistência ao ilustre escritor, a fim de que se evitasse que ele, “enfermo e cansado, trabalhe tanto para conquistar seu pão de cada dia” (Campos, 1960, p. 267). Muitos outros apelos se levantaram, e foi devido a tanta polêmica a respeito da sua saúde e da sua dificuldade financeira que Campos se viu obrigado a vir a público; ao fazê-lo, fez o seu relato de vida, e informou que não aceitaria caridade pública, pois, mesmo com toda dificuldade, ele fazia questão de trabalhar para conquistar o seu sustento.

Tal crônica foi publicada no livro *Sombras que sofrem*, e recebeu o título “Aos meus amigos da Bahia”. Nela, Humberto de Campos agradece a nobre intenção daqueles que se preocupam com ele:

[...] O escritor em favor do qual se operavam movimento generoso vive doente, e trabalhando muito. Mas é um homem válido em condições de conquistar bravamente o necessário à sua subsistência. A enfermidade que lhe vai tirando a luz dos olhos, ainda não lhe tirou a coragem. Os tormentos de cada noite duplicam-lhe as forças de cada dia para enfrentar a fatalidade. A cada assalto dos velhos sofrimentos, ele se levanta mais desassombrado, para afrontar os novos. Das suas dores, fez ele o seu prazer. E sobe-lhe da alma um orgulho leonino e titânico, ao ergue-se cada manhã para a luta peito a peito com a morte, e ao senti-la, cada noite, batendo em retirada (Campos, 1960, p. 267-268).

Lançando mão de um discurso figurado, o autor afirma o quão importante é para ele esse seu “erguer-se” a cada dia. Ele se coloca na vida com coragem e força para vencer a morte. E para isso o homem Humberto de Campos necessita acreditar em si mesmo, precisa se manter agarrado ao que acredita, e seria, de certa forma, uma desonra para ele não preceder assim:

Qualquer movimento no sentido de impedir esse combate entre um homem e seu destino é, pois, improfícuo. E, porque luta, e a sua luta é fecunda, esse escritor não sofre privações. O seu lar tem conforto, o seu gabinete tem livros, a sua mesa tem pão (Campos, 1960, p. 267-268).

Cabe somente a ele enfrentar a batalha do seu sustento, e afirma que o que tem lhe basta. Quanto aos diversos boatos, discussões e até verdadeiras

demonstrações de compaixão para com sua pessoa que se formaram em torno de suas condições de vida, à época, ele relata:

Formou-se, em verdade, em torno da minha saúde e da minha situação econômica, um círculo de lendas que se tornam preciso reduzir as proporções exatas da realidade. As versões mais estranhas foram criadas, e circulam pelo país, transformando em comiseração um sentimento que não devia passar de simples e humana simpatia (Campos, 1960, p. 269).

Ele prossegue narrando cronologicamente os males advindos da enfermidade que lhe acometia:

Diante dessas lendas e versões, é preciso que eu proclame corajosamente a verdade. Sou um homem doente, mas não estou leproso. Sou um homem pobre, mas não me encontro na miséria. Assediado por um conjunto de males quem me bloquearam dentro da vida imito a planta, que transforma em fruto o estrume que ele ponha aos pés. Vivi as horas mais terríveis que pode viver um homem, quando viva em janeiro de 1928, recebi a sentença condenatória da ciência, com o diagnóstico da hipertrofia da hipófise, que se caracterizava de modo alarmante. Em meados de 1930 os efeitos dessa enfermidade se alastravam. O olho esquerdo ficou perdido, sem nenhuma lesão aparente as mãos se tornaram volumosas, acompanhadas de dormência, que aumentavam durante o trabalho ou durante o sono. A parte inferior do braço tomada de dores, pela falta de circulação, fazia me levantar de hora em hora, para mergulhar as mãos em álcool e desentorpecê-las. Por esse tempo, a hipertrofia da hipófise refletiu-se em outras glândulas, determinando a hipertrofia prostática, seguida de uma intoxicação consequente. Durante quase 3 anos não tive sono que durasse mais de 1 hora, e a cada hora de sono era povoado de sonhos tremendos, de pesadelos assombrosos, que me enchiam de pavor, ante a ideia de dormir outra vez. Trabalhava, e dormia, cercado de sacos de água quente, que me aliviavam os tormentos. Sentia a cabeça enorme, a língua pesada, dificultando a enunciação das palavras. [...] (Campos, 1960, p. 270-271).

E continua com os detalhes:

Multiplicavam-se as vertigens, que eu vencia correndo para um automóvel, deixando-me tomar pelos **suores frios, os olhos fechados, a respiração curta e difícil, o coração batendo forte**. Mais de uma vez **capitulei, sendo socorrido na via pública**. Por essa época submeti-me a uma **punção na espinha para extração do líquido cefalorraquidiano** que me permitiu ligeira melhora. Pouco depois voltavam, porém, as mesmas **perturbações**, agravadas pela

dormência e pelas dores nas pernas (Campos, 1960, p. 272, **grifo nosso**).

Mas ressalta sua resistência:

Não obstante isso, trabalhei sempre, escrevi sempre, não deixei de prover com os recursos da minha pena, às necessidades da minha casa. Retirei os meus filhos do colégio, a menina com 15 e o menino com 13 anos, atirando-os ao trabalho, de modo a prepará-los para o momento em que lhes faltasse o meu braço (Campos, 1960, p. 272, **grifo nosso**).

Demonstrando ser um homem que não se deixa abater, o autor busca enfatizar sua perseverança, sua dedicação e sua responsabilidade com os seus. Suas palavras reforçam a ideia de que ele sempre foi um indivíduo que lutou bravamente, e que a cada tropeço, procura se reerguer:

Mas não desanimei nunca. Uma alegria diabólica me enchia o coração toda a vez que, eu, numa crise mais violenta, vencia a morte, que rondava a minha porta. Raro dia, por isso, em que não aparecia, na imprensa, o meu artigo alegre. A ironia das minhas crônicas era, quase, o esgar da caveira que fazia sorrir os que tinham carne na face (Campos, 1960, p. 272, **grifo nosso**).

O autor revela que a sua “arma”, a sua força de superação era o seu trabalho. Com o seu trabalho ele se via tripudiando sobre a morte, e cada artigo seu publicado era, para ele, sua demarcação de força e coragem. No entanto, a terrível enfermidade não cessou; ela continuou a assolar seu corpo e sua alma:

Mas trabalho contente. Sim porque a minha alma se purifica não sofrimento, e que o meu coração trabalhado pelas dores próprias, se preparou melhor para a compreensão das dores alheias. Perdi, com minha casa hipotecada, tudo o que possuía como fortuna terrena. Mas o trabalho não me falta, e, como produto do meu trabalho, **tenho tudo o que desejo porque hoje desejo pouco** (Campos, 1960, p. 272-273, **grifo nosso**).

E mais adiante acrescenta:

Estou, assim, conformado e sereno. Quando a minha vista me permite, escrevo. Se não posso escrever, medito. Com a meditação longa e o trabalho curto, ainda tenho pão, conforto e alegria (Campos, 1960, p. 275).

Campos parece querer demonstrar sua bravura através de suas palavras. Ele, de fato, precisou aprender a conviver com a sua enfermidade, vendo a vida esvair-se, procura ser útil a quem mais necessitava. Conseguiu, assim, fazer um processo de adaptação, transformando a sua dor em esperança. Não se rendendo à caridade, nem do Estado, nem de ninguém, viveu do seu trabalho. Ele sofre, mas sofre resignado, confessa seus pecados, e se sente como a pagar por todos eles. E como se precisasse se redimir dos seus atos, trabalha pelas dores alheias.

Segundo Picanço (1937), em suas crônicas, Humberto de Campos parece querer revelar o mesmo objetivo nos últimos anos de sua vida, com raras exceções: “a luta contra todos os sofrimentos, sejam os próprios ou os alheios” (Picanço, 1937, p. 289):

[...] o dever de um escritor pobre, em um país pobre: manter-se no seu posto até a morte, sem ser pesado a ninguém, e comer, se preciso, o seu braço esquerdo para que a mão direita permaneça livre e trabalhe infatigável, condenando o erro, espalhando bem, semeando a verdade.

[...] Nasci em 1886. E tenho 300 anos de idade. Quem é, porém, por aí, que tome o coração na mão, e o erga mais alto do que eu? (Campos, 1960, p. 281-282).

E foi assim que, através das suas próprias dificuldades, passa a ter mais empatia como as dificuldades alheias. Ele ouve os apelos, atente as súplicas e busca confortar os abandonados e renegados. Foi um dos autores mais populares, na sua época, e mais uma vez, no contexto de seu falecimento, seu nome foi lembrado e comentado por todos, em todos os cantos do Brasil. Não só o povo pobre e sofrido se lembrou dele; também o fez a classe dominante: a alta sociedade, intelectuais, doutores, juristas, religiosos, inclusive o alto escalão do Estado.

Nessa expansão de admiração e estima popular, Humberto de Campos se viu glorificado em vida, mas essa glória lhe exigiu muito sacrifício. E todo processo de adaptação a essa nova condição, de se ver um homem debilitado, e ser capaz de lidar com as mudanças, reinventar um novo caminho para seguir sua jornada, foi importante para sua evolução moral. Utilizando-se de sua popularidade, de seu prestígio e legitimidade junto à imprensa, garantia às suas crônicas grande circulação por todo o território brasileiro.

A crônica lhe serviu de confessional, foi o espaço no qual buscou ecoar situações e fatos da sua jornada de vida. De acordo com o biógrafo Picanço (1937), a crônica foi para Humberto “o seu confessional, foi o espelho onde procurou refletir acontecimentos de sua vida e de suas murmurações. **Humberto viveu em grande parte, nos seus artigos, neles se personalizando**” (Picanço, 1937, p. 292, **grifo nosso**).

Quanto mais a vida se lhe esvaía, mais ele buscava se imortalizar nos seus textos. Tal como a necessidade de morfina que lhe atenuasse as dores, também havia a necessidade diária de demonstrações de admiração e afeto, de manifestações que acusassem a ressonância das suas crônicas.

Desde a retórica aristotélica é sabido que tentar persuadir um auditório consiste em tentar produzir nele certos sentimentos ou sensações que tendem a fazer com que o ponto de vista dele se iguale ao do orador. No que tange à questão das estratégias de patemização no discurso, percebemos no exemplo das crônicas de Humberto de Campos que ele lança mão de certas estratégias discursivas que tendem a tocar emoções variadas dos leitores. O processo que Charaudeau (2006) chama de sedução ou captação da atenção do público se dá em Campos por intermédio de dramatizações que ele desenvolve, nas quais ele lança mão de palavras e expressões que visam provocar a adesão passional do outro, atingindo o máximo de carga patêmica possível.

Nas dramatizações efetivadas pelo cronista há descrições de imagens fortes, pungentes, que falam de tragédias pessoais ou fazem ecoar sentimentos cristãos através de imagens bíblicas, referências e alusões ao Deus judaico cristão. A evocação dos imaginários emocionais (Melo, 2010) por parte de Campos é muito bem conduzida, já que suas crônicas marcaram época e deram a ele grande prestígio entre todas as camadas da população brasileira da primeira metade do século XX.

5.1.4 “A Santa Casa”

Ao refletir sobre a natureza da crônica, Sá (2001, p. 23) afirma que o pitoresco é o elemento que permite a todo cronista “captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade”. O excêntrico e o inusitado, portanto, há longa data vêm servindo de parâmetro para a

criação de crônicas cuja carga patêmica recai na intenção de criar situações engraçadas. O riso, em circunstâncias desse tipo, pode advir de ironias, situações de *nonsense*, escárnio ou sátira que focam na exploração de cenas e de personagens da realidade social.

Segundo Minois (2003), foi a partir de um contexto mais pleno do exercício democrático, no século XIX, que o riso encontrou, através da sátira política, um terreno fértil para se desenvolver plenamente, já que os debates parlamentares e a imprensa livre criaram condições ideais para a efervescência do debate de ideias. Da Europa, tal prática se espalhou pelo mundo; no Brasil, já no século XIX, encontrou espaço excelente para desenvolvimento, fortalecendo-se ainda mais ao longo do século XX. Telarolli (1999, p. 70), por exemplo, afirma que pode ser detectada na literatura nacional certa “produção marginal” que revela um olhar “às avessas”, seja satirizando a política e os costumes, seja fazendo arremedo da literatura dita acadêmica, “revelando também seus limites, ao parodiar clichês, mimetizar tiques e sestros pasteurizados”.

Dentro dessa perspectiva, Lima (2016) defende que é a proximidade com a realidade imediata que fornece uma certa leveza particular à prosaística cronista, já que:

[...] falar do cotidiano de um povo é falar com o povo, é trazê-lo para dialogar com a descrição que está sendo revelada. A linguagem, em uma mistura de ironia e sátira, desvela os assuntos com um humor sombrio, de rebaixamento, que entrelaça no gênero o sério e o cômico: ao mesmo tempo que estamos retratando assuntos sérios, somos convidados a refletir sobre os problemas denunciados (Lima, 2016, p. 97).

Vimos neste estudo que Humberto de Campos ganhou muito destaque no meio jornalístico principalmente por intermédio de textos humorísticos publicados sob o heterônimo de Conselheiro XX. Ele começou redigindo crônicas e, devido ao sucesso de tais escritos, também produziu contos que seguiam o mesmo perfil satírico, irônico, por vezes até licencioso. Rocha (2008) elenca as seguintes publicações, no formato de livro, que fazem parte das obras de Campos que levam o nome do Conselheiro XX: *Vale de Josafá* (1918), *Tonel de Diógenes* (1920), *A serpente de bronze* (1921), *Gansos do capitólio* (1922), *A bacia de Pilatos* (1923), *A funda de Davi* (1924), *Grãos*

de mostarda (1925), *Pombos de Maomé* (1925), *Antologia dos humoristas galantes* (1926), *O arco de Esopo* (1926) e *Alcova e salão* (1927).

Em muitas das vezes, suas crônicas e contos imitam a estrutura da anedota, e é isso que ocorre com a obra intitulada “A Santa Casa”, publicada no volume *A serpente de bronze*. O texto, respeitando a lógica de capturar pequenos detalhes do cotidiano, assemelha sua estrutura à de uma piada, e até mesmo a sua brevidade dá sinais disso. Transcrevemos, abaixo, o texto completo da obra para melhor visualização desse aspecto:

A SANTA CASA

(Paródia a uma sátira de Emílio de Menezes)

As nuvens começavam a tomar uma cor arroxeadada, anunciando o fim do crepúsculo e o início de uma noite soturna, quando alguém bateu, medroso, à luminosa porta do Céu.

— Quem bate? — gritou, de dentro, São Pedro, arrastando as suas alpercatas de couro e tilintando, trêmulo, a sua enorme penca de chaves.

— Sou eu! — respondeu de fora o recém-chegado.

Aberta a portinhola do parlatório, informou o retardatário haver sido despachado da vida naquele dia, com destino à mansão dos justos, onde devia, portanto, ser admitido.

— Aqui? — observou o apóstolo, espantado. — Aqui, não. Todas as pessoas que tinham de entrar hoje, já entraram. Não falta mais nenhuma.

E bondoso:

— Não será engano seu, meu filho? Você não terá sido despachado para o Purgatório?

O peregrino admitiu a hipótese de uma confusão, e, saltando de nuvem em nuvem, como quem salta de rochedo em rochedo, foi ter à porta de fogo do Purgatório, onde bateu.

— Quem vem lá? — trovejou um anjo, escancarando, com um gancho, a rubra fornalha das penitências.

O desventurado deu o seu nome, e, momentos depois, reabria-se o forno.

— Há engano na direção, camarada! — informou o guardião, soprando, severo, a sua vermelha espada de chama. — O seu lugar não será no Inferno? Aqui, é que não é. Não consta nada sobre a sua pessoa!

E, fechando a fornalha, deixou-o na amplidão, tristonho, solitário, abandonado, tendo aberto, apenas, à sua frente, o caminho escuro do Inferno.

Resolvido a cumprir o seu destino, tomou o infeliz esse rumo, até ir ter, corajoso, à porta da caverna formidável.

— Quem é? — rugiu, de dentro, uma voz que parecia um trovão.

Tremendo de pavor, o mísero deu o seu nome, e esperava, já, o instante de ser precipitado nas enormes caldeiras ferventes, quando o portão monstruoso se abriu, dando passagem aos chavelhos de ferro de Belzebu.

— Quem o mandou para cá? — indagou o bruto, acendendo os olhos.

— A mim? — gemeu o desventurado. — Ninguém. Fui ao Céu, disseram-me que não era lá. Fui ao Purgatório, e informaram-me a mesma coisa. Logo, é aqui, por força.

O Diabo meditou um instante, consultou umas chapas de ferro incandescente que estavam próximas, e protestou, firme:

— Aqui, também, não é!

— Não?

— Não; absolutamente! — tornou o Capeta. — O seu lugar deve ser mesmo no Céu. O Pedro está muito velho, já, e, com certeza, não viu bem. Volte lá! Volte lá!

Um momento depois, estava o desgraçado, de novo, à porta do Paraíso.

— Outra vez? — observou São Pedro, paciente.

— Outra vez, sim, — confirmou, grosso, a vítima. — O meu lugar não é no Purgatório, não é no Inferno; deve ser, forçosamente, aqui. Veja bem!

O apóstolo enforquilhou os óculos no nariz, abriu o livro em que estavam registrados os nomes das almas, folheou, folheou, folheou, e, de repente, voltando-se, indagou:

— Diga-me uma coisa: onde foi que você morreu?

— Eu? Na Santa Casa do Rio de Janeiro! — respondeu a vítima.

E o chaveiro, escancarando a porta:

— É aqui mesmo, entre!

E mostrando o livro:

— A culpa não foi minha, filho! Você devia vir para cá, daqui a vinte anos!

E aborrecido:

— Esta Santa Casa tem me estragado a escrita!... (Campos, 1962a, p. 71-74).

De acordo com Scheibe (2006), os textos do Conselheiro XX são “recheados de ideias implícitas, que deixam a opinião do autor aparecer de modo subliminar”, de forma que a ironia e o humor do Conselheiro podem ser vistos como um mecanismo encontrado por Humberto de Campos para subverter a linguagem e tornar a leitura “um ato de exercitar a inteligência” (Scheibe, 2006, p. 82). É como se o jornalista combativo, que publicava denúncias, atento aos problemas da população, estivesse escondido por detrás do cronista-humorista que produzia anedotas mordazes sobre as mazelas sociais.

Scheibe (2006) também afirma que as crônicas de Campos eram ferinas e tornavam-se populares no momento em que eram publicadas, porque o povo se via representado em tais textos, num processo muito natural e verdadeiro de espelhamento. Ao invés de redigir um artigo sério e, talvez, enfadonho para muitos sobre um grave problema de saúde pública, Campos prefere produzir um texto cuja narrativa interna se dá tal como numa piada – que é, por certo, um tipo de narrativa que capta imediatamente a atenção das pessoas, independentemente de sua classe social ou nível de leitura. Na visão de Scheibe (2006, p. 89), faz-se possível caracterizar esse tipo de crônica desenvolvida por Campos de várias formas: “crônica especializada satírico-humorística”, por criticar e ironizar uma situação ou uma pessoa; “crônica-informação”, por trazer informações sobre algo ou alguém; “crônica-diálogo”, por lançar mão de diálogos na sua estrutura.

Em “A Santa Casa”, que faz referência direta à instituição de assistência médico-hospitalar Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, o cronista Humberto de Campos/Conselheiro XX usa a ironia que lhe é peculiar para criticar a entidade, sugerindo que as suas condições de funcionamento concorrem mais para a morte das pessoas do que para o seu restabelecimento.

Como se pode notar, Campos novamente usa estratégias patêmicas para captar a atenção do público leitor, as quais se entendem pelo estímulo ao riso e pela percepção de uma estrutura narrativa que foge ao padrão da crônica tradicional para alinhar-se ao da anedota. Além disso, há no pano de fundo da narrativa um saber popular proveniente da cultura cristã católica segundo a qual São Pedro seria o porteiro do Céu/Paraíso, responsável pela entrada dos justos (cujos nomes estariam previamente listados num documento). Há também referência a outras palavras, como “Purgatório”, “Inferno”, “anjo”, “Belzebu”/“Diabo”/“Capeta”, das quais o conhecimento prévio é imprescindível para a interpretação das situações e consequente efetivação do efeito cômico.

A falta de formalidade unida ao tom de humor que a situação descrita sugere acaba divertindo o leitor, conquistando sua atenção e confiança ao mesmo tempo em que informa. Trata-se de um texto que usa uma linguagem bastante leve e descompromissada, unindo crítica social e bom humor para falar de coisa séria. Não por acaso, há uma informação muito peculiar logo abaixo do título da crônica de Campos, na qual se lê: “Paródia a uma sátira de Emílio de Menezes”. Essa nota, que explicita a natureza do texto de Humberto de Campos ao mesmo tempo em que rende

homenagem ao amigo curitibano, filia a publicação à linhagem satírica da literatura brasileira. Foi Humberto de Campos, aliás, que ocupou a cadeira de número 20 da Academia Brasileira de Letras, antes destinada a Emílio de Menezes, que não chegou efetivamente a tomar posse, posto que tenha falecido antes (Pareja, 1997).

Pareja (1997) informa que Emílio de Menezes foi poeta e jornalista, e seu nome era ligado ao parnasianismo, ao humor e à sátira. Em seu discurso de posse, Campos tece longos elogios ao falecido amigo, afirmando que o humor satírico era uma das armas escolhidas por Menezes para fazer arte, já que a sátira, para ele, tinha a função social de ser a sentinela da virtude:

Denunciando o vício atrevido, amedrontando o crime insolente, assinalando, rápido, com um traço de fogo, as feridas de caráter onde elas mostrem os bordos, o satírico é um dos elementos indispensáveis à disciplina dos instintos, dos costumes, das instituições. A sátira é, mesmo, o freio de ouro das sociedades desembestadas (Campos, 1920, n.p.).

Para Manoel (1991), com efeito, foi precisamente no momento de organização do Brasil republicano que Emílio de Menezes descobriu e aprofundou o veio cômico da nossa vida pública, “transfigurando de maneira sarcástica a feição da autoridade e dos agentes políticos da nova ordem” (Manoel, 1991, p. VI). A afirmação de Manoel corrobora o que foi afirmado por Minois (2003) acerca do fato de ter sido no século XIX, através da sátira política, que o riso encontrou um espaço perfeito para o seu desenvolvimento. Experiências como Emílio de Menezes, portanto, abriram caminho para os trabalhos humorísticos de Humberto de Campos nas primeiras décadas do século XX.

5.1.5 “O ninho do curió”

O texto “O ninho do curió” segue o mesmo pendor satírico-humorístico que tão bem caracteriza a crônica “A Santa Casa”. A obra também foi publicada no volume *A serpente de bronze*, e traz, em sua essência, a marca de sucesso que fez do Conselheiro XX, de Humberto de Campos, um ícone do humor nacional nas primeiras décadas do século passado: a narrativa bastante enxuta e o final cômico que nunca é explícito.

Ao refletir sobre a questão da fruição no ato da leitura, Feres (*in*: Mendes; Machado, 2010) faz alusão à metáfora do *iceberg*, segundo a qual haveria uma parte visível num texto, que seria análoga à pequena porcentagem do bloco de gelo que se situa acima do nível do mar; por outro lado, o “não-dito, as informações pressupostas, as ironias, a pluralidade de sentidos do texto literário, enfim, tudo o que está além do texto, além do que é concretamente percebido, estaria ‘abaixo do nível do mar’” (Feres *In*: Mendes; Machado, 2010, p. 126). No ato comunicativo, todas essas questões que estão “submersas” são preenchidas pelo leitor/ouvinte/receptor, de tal modo que o seu acionamento se dá de modo individualizado. Por isso que a piada “funciona” para alguns, e não “funciona” para outros. Da mesma forma, há pessoas que precisam de um tempo maior para a percepção da suposta incongruência de um texto de humor, enquanto há outras que já a percebem no exato segundo em que a mensagem é finalizada.

Do ponto de vista semiolinguístico, podemos afirmar que ambos os escritos de humor de Humberto de Campos aqui analisados possuem em comum a técnica da *punchline*, que é a frase ou trecho final de uma piada que tende a gerar o ápice do efeito cômico no destinatário. Santos (2009, p. 195) entende que a *punchline*, “obrigatoriamente, remete a interpretação do ouvinte à aplicabilidade de regras inferenciais disponíveis”, o que corrobora a afirmação de Feres (*in*: Mendes; Machado, 2010) acerca da ação de “preenchimento”, por parte de cada leitor, das possíveis lacunas de sentido num dado discurso.

Em “O ninho do curió” entram em cena algumas questões de fundo muito importantes que precisam ser levadas em consideração para um bom aproveitamento cômico da obra, como a influência da figura do padre nas sociedades interioranas brasileiras do início do século XX e a prática da confissão. Na história em questão, acompanhamos o personagem Luizinho, que é intimado pelo padre daquela paróquia a se confessar. Importante notar que o padre Guilherme percebe que a criança fizera alguma travessura tão somente pelo fato de que o menino corria afoito pela praça, o que revela que o religioso representava o papel de um atento censor da comunidade, conhecendo bem o seu rebanho:

Rosto em brasa, olhos vivos, cabelos alvoroçados, atravessava o Luizinho a praça do povoado, denunciando no desalinho da roupa, no fogo das faces, no susto das maneiras, a sua última travessura,

quando, ao passar pela frente da igreja, foi detido suavemente, brandamente, pela bondade do padre Guilherme.

— Venha cá, ó Luizinho!

O garoto tremeu, desconcertado, e o vigário, homem de uns quarenta anos, insistiu:

— Venha cá!

Luizinho chegou-se, respeitoso, de olhos no chão e chapéu entre os dedos, e o sacerdote indagou:

— Então, por onde andou você, hoje?

— Eu?

— Sim, você.

O pequeno corou, envergonhado, e o padre, excelente pastor, pegou-lhe da mão, puxando-o para dentro da igreja.

— Venha cá; venha se confessar.

Um minuto depois estava o Luizinho, com os olhos muito espantados, ajoelhado no confessionário, a contar ao padre Guilherme o seu grande pecado do dia.

— Eu estive hoje na mata do outro lado do rio, tirando uns ninhos de curió... confessava o garoto (Campos, 1962a, p. 28-29).

No confessionário, o menino acaba revelando para o padre que, num ponto específico da mata, naquele dia, esteve a capturar filhotes de curió, que é uma ave muito apreciada por colecionadores de pássaros de gaiola. O vigário, então, faz dura reprimenda ao garoto, dizendo que era pecado retirar filhotes de passarinhos dos ninhos, pois, assim, a criança estava roubando os filhotes dos seus pais.

Chama a atenção, então, a partir desse ponto, o interesse do padre Guilherme pela exata localização do ninho de curió, assim como da possível quantidade de aves em seu interior:

[...] — Ninho de curió? — estranhou o confessor, franzindo a testa. — Você não sabe, então, que é pecado tirar os ninhos das avezitas, roubando os pobres passarinhos ao conchego de seus pais?

Luizinho mantinha-se cabisbaixo, vermelho de arrependimento e de vergonha, e não respondeu. O vigário insistiu, porém:

— E onde foi que você achou esses ninhos de curió?

— Na ingazeira, junto do morro.

— E havia muitos?

— Havia, sim, senhor.

— Pois, não tire mais, não. É pecado, e pecado mortal! (Campos, 1962a, p. 29).

Ocorre, porém, que, no dia seguinte, por acaso, Luizinho acaba descobrindo que o padre usara a sua informação privilegiada quanto à localização do ninho, indicando que ele também era um grande aficionado pela criação de passarinhos:

Na manhã seguinte, após uma noite de apreensões aflitivas, ia o garoto procurar urnas vacas na outra margem do rio, quando viu, ao longe, o vulto de padre Guilherme, que se aproximava, cauteloso, da ingazeira de que lhe falara na véspera. Luizinho escondeu-se, de um salto, em uma das moitas das proximidades, e observou tudo. Padre Guilherme chegou, com o breviário nas mãos e nariz no ar, examinou, sondou, olhou para um lado, olhou para outro, e, como não visse ninguém, descansou o livro na raiz da árvore, endireitou os óculos e subiu. Momentos depois, assinalados pelo piar dos passaritos implumes e pelo voo das aves aninhadas, o servo de Deus descia da ingazeira, sustentando nas mãos os bolsos da batina, repletos de curiós.

Luizinho viu tudo isso, da sua moita, e não disse nada. Padre Guilherme apanhou o seu breviário e foi-se embora para a aldeia (Campos, 1962a, p. 29-30).

Luizinho sente-se enganado, posto que abrisse mão da captura dos passarinhos diante da possibilidade de incorrer em pecado, segundo o que anunciara o próprio vigário; porém, percebe que o padre Guilherme usou a sua confissão em benefício próprio, já que ambicionava os passarinhos.

Após o acontecido, a narrativa, então, dá um salto no tempo e informa que Luizinho cresceu, tendo ido embora da cidade por muitos anos. Porém, agora retornara porque havia noivado com uma moça de lá:

Forte, moço, querido das moças, ia, uma tarde, o Luiz pela praça da matriz, quando o detiveram pelo braço:

— Olá, Luiz, como vai?

— Oh! o Sr. padre Guilherme! — sorriu o rapagão, feliz.

E travou-se a palestra

— Então, veio à terra para casar, não?

— É verdade, sim, senhor.

O padre deu-lhe parabéns, mas, não satisfeito, insistiu:

— E a noiva?... Afinal, quem é a noiva?

Luiz encarou, firme, o reverendo, e trovejou:

— A noiva? Eu sou tolo, então, para lhe dizer quem é?

E, dando-lhe as costas, indignado:

— Pensa, então, que isto é ninho de curió?...

E afastou-se, resmungando (Campos, 1962a, p. 30-31).

Como é possível perceber, “O ninho do curió” repete a estrutura anedótica que tão bem caracteriza a vertente dos escritos de Campos ligados à figura do Conselheiro XX. A *punchline*: “Pensa, então, que isto é ninho de curió?” denuncia o caráter de piada que essa narrativa possui, já que o texto parece satirizar não só o padre Guilherme, mas, por extensão, também toda a Igreja Católica. Tendo sido ludibriado na infância pelo padre, que lhe roubara os passarinhos, Luizinho/Luiz supõe que se revelar a ele a identidade de sua noiva, também corre o risco de perdê-la para o padre Guilherme. Se já havia uma sátira, portanto, ao falso moralismo que poderia haver no meio eclesiástico, já que o vigário mostrou-se como um pecador que roubava e enganava inocentes, agora há também a suspeita de que o mesmo não seja casto, já que, pelo menos na cabeça de Luiz, poderia ambicionar sua futura esposa.

Segundo Scheibe, as crônicas de Humberto de Campos “assinadas com o seu próprio nome” apresentavam um texto “mais lírico”, assim como “um português rebuscado”. Por outro lado, quando o autor assinava os textos com pseudônimos, como o do Conselheiro XX, “suas crônicas, geralmente, eram irônicas, e, ao final, sempre levavam ao riso” (Scheibe, 2006, p. 49). Tal diferença estaria no fato de que, “ao contrário de Campos, o Conselheiro XX “fala fácil”, escreve num tom informal para o povo que compra e lê o jornal nas ruas”, lançando mão de uma “crônica especializada satírico-humorística que critica, ironiza ou ridiculariza pessoas ou fatos” (Scheibe, 2006, p. 77).

Quando lidas em conjunto, as crônicas “A Santa Casa” e “O ninho do curió”, assinadas pelo Conselheiro XX, revelam o modo peculiar usado por Humberto de Campos para emocionar seus leitores através da comicidade. Trata-se, de fato, de uma performance textual totalmente diferente daquela usada em textos como “Um amigo de infância”, “Carta a Sanny Wsaka” e “Aos meus amigos da Bahia”, onde o foco emocional está voltado para aspectos sério-trágicos.

O sucesso de público do autor, tanto num subgênero quanto noutro, e as grandes diferenças de tom e de jargão em ambas as dimensões são indícios de que Humberto de Campos, de fato, era um escritor extremamente versátil, capaz de instigar emoções diversas em seus leitores. Que seja somada também a isso, evidentemente, a sua argúcia enquanto editor, já que em publicações como a revista *A Maçã* ele foi além do aspecto verbal, causando sensação em seu tempo com os ousados projetos gráficos daquele periódico que trazia, segundo Haluch (2005),

diagramação incomum para a época, além de ilustrações provocantes e escandalosas.

Em sua obra *O discurso das mídias*, Patrick Charaudeau chama a atenção justamente para essa questão tão importante para a imprensa escrita, que ele inscreve nos campos da *visibilidade*, da *legibilidade* e da *inteligibilidade*, as quais, podemos afirmar, Humberto de Campos dominava muito bem.

Segundo Charaudeau (2006), é a exigência de visibilidade que obriga a imprensa a compor as páginas de um periódico de tal modo que as notícias possam ser facilmente encontradas e apreendidas pelos leitores:

Assim sendo, a instância midiática deve ter um cuidado particular com a maneira de anunciar e apresentar as notícias. Isso é feito através da paginação (primeira página, rubricas, fotos, desenhos, gráficos, tabelas, tipos de colunas, molduras etc.) e da titulação (títulos, pré-títulos, subtítulos, *leads*). Tais elementos constituem formas textuais em si e têm uma tripla função: *fática*, de tomada de contato com o leitor, *epifânica*, de anúncio da notícia, e *sinóptica*, de orientação ao percurso visual do leitor [...] (Charaudeau, 2006, p. 233).

No que tange às crônicas de Humberto de Campos até aqui analisadas, percebemos que o autor revela uma grande preocupação redacional com aspectos que Charaudeau (2006) vincularia ao campo da *dramatização*, que diz respeito à exigência discursiva de provocar a adesão passional do interlocutor atingindo suas pulsões emocionais. A dramatização está ligada ao “*script*” do texto, ao roteiro performativo escolhido, dentro de um gênero ou tipo textual, para atingir as emoções alheias; ela é um conjunto de estratégias discursivas com foco na captação dos sentimentos do público leitor ou ouvinte.

Em Humberto de Campos, vimos que as crônicas “A Santa Casa” e “O ninho do curió” se assemelham quanto a aspectos tipológicos (textos narrativos voltados para o humor, apesar de possuírem certo fundo de seriedade por tratarem de temas sensíveis, como saúde pública e ética religiosa – fato este que os liga à dimensão da sátira). Nelas, o método de dramatização escolhido pelo autor é a estrutura de anedota, cuja *punchline* dá ao texto um grande potencial de captação da atenção do leitor.

Já as crônicas “Um amigo de infância”, “Carta a Sanny Wsaka” e “Aos meus amigos da Bahia” se assemelham quanto a aspectos tipológicos marcados por uma carga patêmica sério-trágica, voltada para a reflexão motivada por imagens tristes e

angustiantes. Porém, para cada um desses três textos parece haver um método de dramatização específico. “Um amigo de infância”, por exemplo, foca no lirismo e na singeleza das imagens no “falar de si” proposto pelo cronista. Principalmente no fim da obra, ele encaminha o texto para um jogo metafórico, onde há enfoque no paralelo entre a vida do cajueiro (elevado, mas fazendo sombra a porcos e lama) e a sua (altivo, mas preso a coisas baixas e/ou sujas, como a política e o dinheiro).

A dramatização em “Carta a Sanny Wsaka” atinge um alto grau de sofisticação, posto que o autor lance mão de empréstimos ao gênero carta, criando uma situação confessional muito interessante em que os leitores participam como “intrusos” na leitura ao mesmo tempo em que a crônica parece ser escrita mais para eles do que para a destinatária cujo nome está no título da obra. O “falar de si” aparece de modo muito mais intenso que em “Um amigo de infância”, mas ainda assim há certa moderação nessa tendência. Outro aspecto de dramatização muito importante nesse texto é o papel de “aconselhador” tomado pelo autor ao longo da obra, que, amparado em pressupostos morais e religiosos, dá contornos de autoajuda à sua publicação. Leitor de Samuel Smiles, pai da literatura de autoajuda, Humberto de Campos usa bastante as noções de “sucesso” e de “fracasso” em seu discurso endereçado a Sanny Wsaka. Assim, o apelo que faz a ela quanto à busca por mais consciência de seu lugar no mundo e da necessidade de livrar-se do egoísmo, tornando-se mais altruísta, serve, na verdade, como uma espécie de conselho a todos os seus leitores acerca de virtudes que podem transformar o mundo num lugar melhor.

Diferentemente das outras crônicas, “Aos meus amigos da Bahia” revela um tipo de dramatização mais apelativa, através da qual o “falar de si” toma um aspecto mais livre e sentimental. Isso é reforçado pelo uso de imagens fortes que revelam o sofrimento pessoal do escritor. Há riqueza de detalhes quanto aos castigos físicos que a doença lhe imputa, assim como quanto às angústias psicológicas sofridas. Ao mesmo tempo, também aparece aí certo caráter de resistência do narrador cuja bravura frente aos percalços da vida reforçam novamente as nuances de autoajuda que subjazem a muitas de suas crônicas.

5.2 ANÁLISE DE CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS (REDIVIVO)

5.2.1 “Encontro em Hollywood”

A crônica “Encontro em Hollywood” foi publicada pela primeira vez no livro intitulado *Estante da vida*, lançado em 1969. O volume é uma obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier e é assinada pelo pseudônimo Irmão X.

“Encontro em Hollywood” é uma crônica estruturada, em sua maior parte, no formato de entrevista/diálogo. Logo no início do texto, o narrador Irmão X/Humberto de Campos afirma que se encontrava ao lado de outros amigos, também desencarnados, caminhando pela Wilshire Boulevard, em Hollywood, quando fizeram uma parada no Memorial Park Cemetery:

A formosa mansão dos mortos mostrava grande movimentação de Espíritos libertos da experiência física [...] Entre as árvores que a primavera pintara de verde novo, numerosas entidades iam e vinham, muitas delas escoradas umas nas outras, à feição de convalescentes, sustentadas por enfermeiros em pátio de hospital agradável e extenso.

Numa esquina que se alteava com o terreno, duas laranjeiras ornamentais guardavam o acesso para o interior de pequena construção que hospeda as cinzas de muitas personalidades que demandaram o Além, sob o apreço do mundo. A um canto, li a inscrição: =Marilyn Monroe – 1926-1962=. Surpreendido, perguntei a Clinton, um dos amigos que nos acompanhavam:

- Estão aqui os restos de Marilyn, a estrela do cinema, cuja história chegou até mesmo ao conhecimento de nós outros, os desencarnados de longo tempo no Mundo Espiritual?

- Sim – respondeu ele, e acentuou com expressão significativa: - não se detenha, porém, a tatear-lhe a legenda mortuária... Ela está viva e você pode encontrá-la. Aqui e agora...

- Como?

O amigo indicou frondoso olmo chinês, cuja galharia compõe esmeraldino refúgio no largo recinto, e falou:

- Ei-la que descansa, decerto em visita de reconforto e reminiscência...

A poucos passos de nós, uma jovem desencarnada, mas ainda evidentemente enferma, repousava a cabeleira loura no colo de simpática senhora que a tutelava. Marilyn Monroe, pois era ela, exibia a face desfigurada e os olhos tristes. Informados de que nos seria lícito abordá-la, para alguns momentos de conversa, aproximamo-nos, respeitosos (Irmão X, 2013, p. 5).

“Encontro em Hollywood”, portanto, tem como pano de fundo a realização de uma breve entrevista concedida pelo espírito da celebridade norte-americana Marilyn Monroe ao espírito de Humberto de Campos/Irmão X.

Figura 12 – Famosa cena do filme *The Seven Year Itch* [No Brasil: *O pecado mora ao lado*].



Fonte: TRUHLER, Kimberly. Cinema Style File – Marilyn Monroe in 1955's style essential *The seven year itch*. *GlamAmor*. 29 Mai. 2012. Disponível em: <http://www.glamamor.com/2012/05/cinema-style-file-marilyn-monroe-in.html>. Acesso em: 30 nov. 2022.

Atriz, modelo e cantora norte-americana, Monroe foi um ícone do cinema hollywoodiano e da cultura *pop* dos anos 1950, tornando-se também um dos maiores símbolos sexuais de todo o século XX. A Figura 12, acima, retrata uma cena icônica do filme *The seven year itch*, lançado em 1955, cujas inúmeras reproduções midiáticas ajudaram a consolidar a imagem de *sex symbol* de Marilyn Monroe no imaginário ocidental dos últimos sessenta anos.

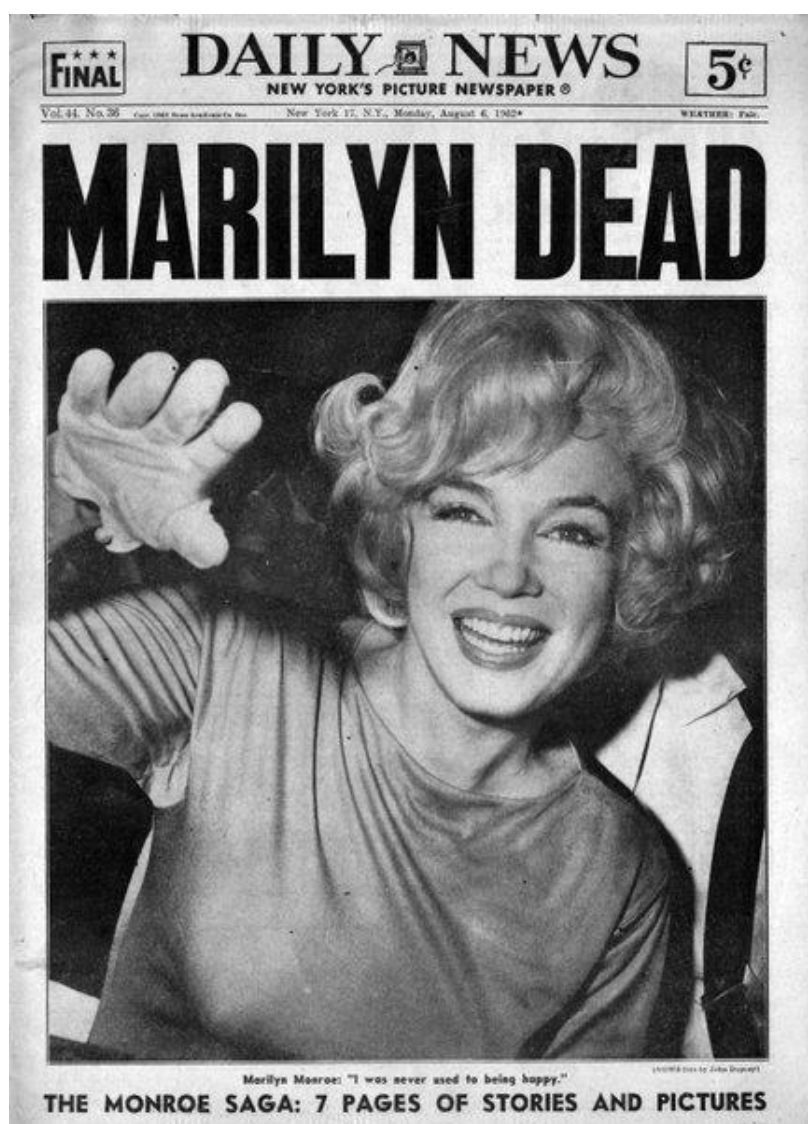
Ao discorrer sobre a influência de Monroe na cultura *pop*, Gomes (2017) afirma que a atriz foi uma das estrelas mais aclamadas de todos os tempos:

A vitalidade de seu trabalho se perpetuou durante as décadas, construindo uma imagem mítica e influente da *femme fatale*, que foi escolhida como a atriz mais sexy de todos os tempos pela revista *Empire*, em 1995, e como a mulher mais sexy do século pela revista *People*, em 2000 [...] Marilyn Monroe irradia influência até os nossos dias, o que se comprova pelos mais de 600 livros escritos sobre ela [...]. De todos os símbolos sexuais que Hollywood produziu, nenhum se tornou tão lendário e influente quanto Marilyn Monroe. Os cabelos

loiros platinados, os lábios insinuantes, a pele hiperbranca, a pinta no canto da boca, a voz de veludo, os seios volumosos, um olhar inocente que contrastava com uma enorme sensualidade (Gomes, 2017, p. 193).

A Figura 13, abaixo, reproduz a capa do Jornal *Daily News*, de Nova York, do dia 06 de agosto de 1962, noticiando o falecimento da estrela, ocorrido no dia anterior.

Figura 13 – Capa do Jornal *Daily News*, de 06 de agosto de 1962.



Fonte: MARKS, Scott. 50 years later: vintage newspapers from the week Marilyn Monroe died. *San Diego Reader*. 04 Aug. 2012. Disponível em: <https://www.sandiegoreader.com/weblogs/big-screen/2012/aug/04/50-years-ago/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

Falecida aos 36 anos, devido a uma overdose de pílulas para dormir, Marilyn Monroe teve uma carreira relativamente curta se comparada ao enorme sucesso que

obteve. Sua própria morte tornou-se assunto midiático recorrente ao redor do mundo, tendo servido de pano de fundo para muitas matérias, filmes e documentários desde os anos 1960 até o presente. Exemplo disso, como informa Polk (2022), é o fato de que no ano 2000, a escritora norte-americana Joyce Carol Oates publicou uma versão ficcional da vida de Monroe, a qual serviu de base para a adaptação cinematográfica *Blonde*, produzida e distribuída pela Netflix em 2022. O filme, a exemplo de outros longas que se utilizam de dados biográficos, tende a renovar o interesse das novas gerações acerca da vida e da obra de Monroe. De certo modo, também acaba reacendendo os debates sobre as circunstâncias de sua morte prematura.

Publicada sete anos após o trágico falecimento da diva hollywoodiana, a crônica aqui analisada ainda reproduz, em certo sentido, muito do impacto midiático que a morte de Marilyn Monroe causou ao redor do mundo. Há, portanto, uma grande carga patêmica que subjaz a essa entrevista, seja pela novidade que a mesma representa enquanto gênero e possibilidade ímpar de dramatização de uma experiência (entrevista de uma pessoa falecida), seja pelo investimento emocional próprio de fãs e curiosos (isto é: o fato de terem acesso a notícias/informações de uma personalidade admirada já falecida).

Do ponto de vista da dramatização textual, é importante salientar que os próprios títulos das obras assinadas pelo Espírito Humberto de Campos, como *Crônicas de além-túmulo* e *Reportagens de além-túmulo* mostram-se extremamente patêmicas; isso se explica pelo fato de que, para Charaudeau (2006, p. 236), os títulos, em si, também podem ser considerados como um gênero, “na medida em que são objeto de regularidades textuais sob o controle de uma instância de enunciação”, seja introduzindo algo do acontecimento relatado, ou quando apresentam, “de maneira mais ou menos explícita, elementos de comentário”.

As palavras “crônicas” e “reportagens” associadas à locução adjetiva “de além-túmulo” despertam, automaticamente, no leitor, sensações positivas de antecipação em relação ao que esperar dos textos que compõem tais obras. Aliás, há um grande investimento patêmico, por exemplo, no título da Apresentação do livro *Reportagens de além-túmulo*, que traz os dizeres: “Do noticiarista desencarnado”. Ou seja, Humberto de Campos, notório jornalista quando vivo, agora assina um texto na condição de jornalista redivivo, ou “noticiarista desencarnado”, prometendo continuar, no plano espiritual, o antigo exercício de repórter que tão bem desempenhou quando

encarnado. O trecho final de tal Apresentação não deixa dúvidas quanto ao investimento patêmico nesse discurso:

[...] termino afirmando que **todas estas reportagens são reais** e que, se os nomes das personagens obedecem à convenção da caridade fraternal, **aqui não há ficções nem coincidências**. Cada história representa um caso individual, no imenso arquivo das experiências humanas, para compreensão da vida eterna (Campos, 2014a, p. 9, **grifo nosso**).

Para Charaudeau (2006, p. 275), o discurso da verdade (ser *real*, ser *verdadeiro*) é a grande baliza utilizada pelo discurso das mídias, e exemplo disso é o fato de que, “do telejornal aos diferentes *talk shows*, e passando por certas reportagens”, tudo o que seja apresentado, mesmo que flagrantemente encenado ou montado, é feito de modo a parecer “autêntico e real”. Como podemos perceber, isso não é diferente no que diz respeito à produção reditiva (crônicas e reportagens) de Humberto de Campos. Na obra *Estante da vida*, em que figura o texto “Encontro em Hollywood”, a mesma tônica do “mostrar a verdade” se repete. E ela parecer ser intensificada, de certo, nesse caso, com a utilização do gênero entrevista, o qual também aparece numa outra crônica desse livro intitulada “Depoimento”.

No que diz respeito à entrevista enquanto gênero, Gregório (2018, p. 44) afirma que ela pode significar qualquer “procedimento de apuração junto a uma fonte capaz de diálogo” que resulte numa “conversa de duração variável com personagem importante ou portador de conhecimentos de interesses para determinado público”, ou também “matéria publicada com as informações colhidas por meio destas personalidades”. Importante perceber, dentro dessa perspectiva, que o contato pessoal na entrevista não é necessariamente obrigatório, já que pode ser feito remotamente (isto é: por escrito ou por intermédio de quaisquer outros meios audiovisuais).

Do ponto de vista semiolinguístico, Patrick Charaudeau (2006, p. 212) afirma que três desafios estão presentes em qualquer gênero de informação, sendo eles: “um desafio de *visibilidade*, um desafio de *inteligibilidade* e um desafio de *espetacularização*, que fazem eco à dupla finalidade de informação e de captação do contrato”. A dimensão da visibilidade tende a fazer com que as notícias selecionadas para veiculação pela instância midiática sejam percebidas o mais imediatamente possível pelo público; está intimamente ligada ao que o linguista classifica como

“efeito de anúncio” (Charaudeau, 2006, p. 212). A inteligibilidade, por sua vez, diz respeito aos mecanismos textuais usados para fazer com que a informação se torne acessível ao público, levando-se em consideração a “encenação verbal (a escritura), visual (a montagem icônico-verbal) e auditiva (a fala e os sons) de tal maneira que dê a impressão de que o conteúdo da informação é acessível” (Charaudeau, 2006, p. 212-213). Por fim, a dimensão da espetacularização leva em consideração o desafio de “trabalhar essas diferentes encenações, de tal maneira que, no mínimo, elas suscitem interesse e, na melhor das hipóteses, emoção” (Charaudeau, 2006, p. 213).

Para o autor de *Discurso das mídias*, a entrevista jornalística é um gênero que se parece com todos os outros tipos de entrevista; porém, ela se diferencia pelo fato de ser especificada por uma espécie de contrato midiático, onde entrevistador e entrevistado são ouvidos por um terceiro-ausente, que é o leitor/destinatário, num dispositivo triangular:

O primeiro [entrevistador] tira sua legitimidade de um “Procurar fazer falar seu convidado para revelar uma verdade oculta” [...]; o segundo [entrevistado] de um “Tenho algo a dizer que concerne ao bem comum” [...]; o terceiro [leitor/destinatário] de um “Estou aqui para ouvir alguma coisa de interesse geral que me seja dada como uma revelação” (Charaudeau, 2006, p. 214-215).

A entrevista, portanto, pode reproduzir naturalmente um mecanismo eficaz de espetacularização da notícia quando estivermos vendo/lendo a informação produzida pela boca do entrevistado – fato este que intensifica o poder de dramatização do texto. É como se para cada pergunta tivéssemos uma resposta por sua vez marcada por sentimentos diversos, os quais podem ser captados pelo público, que se vê como testemunha de uma reação verdadeira da parte do entrevistado.

Charaudeau (2006) informa que há variantes nesse gênero, que podem ser: a entrevista política, a entrevista de especialista, a entrevista de testemunho, a entrevista cultural e, finalmente, a entrevista de estrelas. Quanto a esta última variante, o pesquisador afirma que “seu propósito diz respeito à vida das personalidades do mundo do espetáculo (atores, cantores, etc.)” (Charaudeau, 2006, p. 216). Nela, o entrevistador procura fazer com que o entrevistado fale de sua vida privada, sempre tentando ir além das informações convencionais ou sabidas pela maioria de seu meio:

[...] baseando-se no conhecimento e no convívio com o mesmo meio artístico, [o entrevistador] utiliza estratégias discursivas ora de convivência e de sedução, ora de provocação, e mesmo de impertinência e insolência, para tentar penetrar no espaço privado e no universo de intimidade do convidado (Charaudeau, 2006, p. 217).

Dessa forma, para Charaudeau (2006), é possível afirmar que a variante *entrevista de estrelas*, no âmbito do gênero *entrevista*, exhibe à opinião pública uma série de apreciações emocionais visando suscitar uma espécie de “prazer culpado”, já que o contrato midiático de informação só deveria abordar o espaço público e, ao se mostrar determinado fragmento de um espaço privado dos indivíduos, as mídias colocariam o público/destinatário na posição de *voyeur*.

Sendo assim, é possível afirmar que as publicações assinadas pelo Espírito Humberto de Campos/Irmão X prezam pelo uso de certas técnicas patêmicas através das quais ele dramatiza e espetaculariza situações dentro das suas crônicas e reportagens “do além”; o autor espiritual se coloca realmente na posição de repórter: perquirindo, questionando e entrevistando outros desencarnados predispostos a lhe fornecerem dados que se transformem em matéria de interesse aos vivos.

Em “Encontro em Hollywood” há evidente carga patêmica na primeira caracterização de Marilyn Monroe fornecida pelo texto, já que ela é inicialmente descrita como uma jovem “evidentemente enferma”, de “face desfigurada e olhos tristes”, repousando a cabeça no colo de uma enfermeira (Irmão X, 2013, p. 5). A imagem sofredora e debilitada da estrela reforça informações que correspondem a um quadro de seus últimos dias de vida, já que, segundo Machado, Abreu e Martini (2015), a overdose que ocasionou a morte de Marilyn Monroe sempre é associada pela mídia a especulações que giram em torno de problemas como depressão/tristeza e suicídio.

Quando a entrevista realmente começa, ante a afirmação do entrevistador de que era brasileiro e que desejava ouvi-la, posto que sua experiência pessoal interessava a milhões de pessoas pelo mundo a fora, Marilyn demonstra surpresa e diz que sua experiência na última encarnação teria sido “fracassada”:

- Sou um amigo do Brasil que deseja ouvi-la.
- Um brasileiro a procurar-me, depois da morte?
- Sim, e porque não? – acrescentei – a sua experiência pessoal interessa a milhões de pessoas no mundo inteiro...

E o diálogo prosseguiu:

- Uma experiência fracassada...
- Uma lição talvez.
- Em que lhe poderia ser útil?
- A sua vida influenciou muitas vidas e estimaríamos receber ainda que fosse um pequeno recado de sua parte para aqueles que lhe admiraram os filmes e que lhe recordam no mundo a presença marcante...
- Quem gostaria de acolher um grito de dor?
- A dor instrui...
- Fui mulher como tantas outras e não tive tempo e nem disposição para cogitar de filosofia.
- Mas fale mesmo assim... (Irmão X, 2013, p. 5-6).

O espírito de Marilyn Monroe, então, começa a falar acerca da popularidade que coisas como a beleza, a fortuna, a emancipação e o sucesso podem criar na vida das pessoas; segundo ela, somente poucas pessoas demonstram grandeza moral suficiente para não se deixarem levar pela ilusão da fama, que é apenas aparência e nunca essência. Estimulada pelo entrevistador, ela ainda reflete um pouco sobre temáticas como a emancipação feminina, liberdade sexual e igualdade entre homens e mulheres quanto à organização da família.

Por fim, ao elogiar as reflexões de Marilyn Monroe sobre o sexo, o entrevistador confessa ter ficado “encantado” com suas palavras e sua lucidez, embora ela tenha cometido suicídio. Ao que ela contesta:

- A tese do suicídio não é verdadeira como foi comentada – acentuou ela sorrindo. – Os vivos falam acerca dos mortos o que lhes vem à cabeça, sem que os mortos lhes possam dar a resposta devida, ignorando que eles mesmos, os vivos, se encontrarão, mais tarde, diante desse mesmo problema... A desencarnação me alcançou através de tremendo processo obsessivo. Em verdade, na época, me achava sob profunda depressão. Desde menina, sofri altos e baixos, em matéria de sentimento, por não saber governar a minha liberdade... Depois de noites horríveis, nas quais me sentia desvairar, por falta de orientação e de fé, ingeri, quase semi-inconsciente, os elementos mortíferos que me expulsaram do corpo, na suposição de que tomava uma simples dose de pílulas mensageiras do sono... (Irmão X, 2013, p. 7).

Nesse ponto da crônica chega-se a um nível muito alto de investimento patêmico, uma vez que os leitores recebem, em primeira mão, da própria celebridade

falecida, a informação de que sua morte não foi fruto de um suicídio. A informação tem a missão de transmitir certo alento aos fãs espíritas que leem a entrevista, posto que, segundo a doutrina, exista toda uma problemática envolvendo o destino dos suicidas no mundo espiritual. Ao mesmo tempo, a notícia também serve como uma espécie de “furo jornalístico” de além-túmulo pelo fato de trazer uma informação nova para o caso da morte de tão grande estrela de Hollywood.

A crônica termina com Irmão X/Humberto de Campos informando que a entrevistada começou a demonstrar sinais de fadiga, e ele, assim, percebeu que já era o momento de encerrar a conversa. Por fim, então, ele se despede realizando uma última pergunta:

- Miss Monroe – concluí -, foi um prazer para mim este encontro em Hollywood. Podemos, acaso, saber quais são, na atualidade, os seus planos para o futuro?

Ela emitiu novo sorriso, em que se misturavam a tristeza e a esperança, manteve silêncio por alguns instantes e afirmou:

- Na condição de doente, primeiro, quero melhorar-me... Em seguida, como aluna no educandário da vida, preciso repetir as lições e provas em que falei... Por agora, não devo e nem posso ter outro objetivo que não seja reencarnar, lutar, sofrer e reaprender...

Pronunciei algumas frases curtas de agradecimento e despedida e ela agitou a pequenina mão num gesto de adeus. Logo após, alinharei estas notas, à guisa de reportagem, a fim de pensar nas bênçãos do Espiritismo Evangélico e na necessidade da sua divulgação (Irmão X, 2013, p. 8).

Em sua despedida, a imagem sofredora e debilitada do espírito Marilyn Monroe é reforçada, já que ela se mostra cansada e se caracteriza como “doente”. O cronista informa que o seu sorriso revela tristeza e esperança, e sua mensagem final informa que o seu caminho será o da reencarnação, a fim de “repetir lições e provas” em que falhara.

No que concerne às estratégias de patemização, a crônica “Encontro em Hollywood” lança mão de vários artifícios para capturar a atenção do público-leitor. O texto usa muito bem o gênero *entrevista*, sabendo explorar a contento a variante *entrevista de estrela*. Por se tratar de uma importante figura pública, a qual, em 1969, data da publicação da obra, ainda possuía grande legião de fãs pelo mundo a fora, inclusive no Brasil, a entrevistada Marilyn Monroe (espírito) representava uma ótima opção do ponto de vista midiático. Seja por parte de fãs da estrela de cinema ou

mesmo de curiosos a respeito das circunstâncias de seu falecimento, a crônica “Encontro em Hollywood” traz novidades que instigam a leitura. A obra serve, a um só tempo, como espaço para divulgação da doutrina espírita, pelas bocas da própria entrevistada e do entrevistador, e como espaço inovador de divulgação de atualizações acerca da vida dos famosos no além-túmulo.

5.2.2 “Desapontamento de um suicida”

Na crônica “Encontro em Hollywood”, o Espírito Humberto de Campos/Irmão X tangenciou o tema do suicídio ao refletir sobre as condições do falecimento da artista Marilyn Monroe; de certo modo, pode-se afirmar que o suicídio é uma questão bastante cara ao Espiritismo, de modo que ocupa muitas páginas de reflexão, tanto nos livros basilares de Allan Kardec quanto nas outras obras (ficção e não-ficção) próprias da literatura espírita. Segundo Gonçalves (2019, p. 8), o suicídio deve ser encarado como um fenômeno bastante complexo, e prova disso é o fato de que foi “recentemente apontado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um problema de saúde pública, passível de prevenção”. Dentro dessa perspectiva, faz-se importante notar que o próprio Humberto de Campos, de um ponto de vista não-espírita, também refletiu sobre o assunto em “Carta a Sanny Wsaka”.

Em *O livro dos espíritos*, primeiro volume relativo à codificação da doutrina, formado por perguntas e respostas, por exemplo, a questão é inicialmente tratada da seguinte forma:

351. *O homem tem direito de dispor de sua própria vida?* [LE-944]

“Não; somente Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão à lei divina”.

351-a. *Nem sempre o suicídio é voluntário?* [LE-944a]

“Não; o louco que se mata não sabe o que faz”.

352. *Que se deve pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?* [LE-945]

“Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada”.

353. *E do suicídio cujo fim é escapar às misérias e decepções deste mundo?* [LE-946]

“Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem, e não aos que não têm força nem coragem. As atribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados!” (Kardec, 2013, p. 269).

A problemática ainda é desenvolvida, nessa obra, a partir de questionamentos acerca do ato de se induzir alguém a se matar; do suicídio enquanto forma de autopunição a uma ação má; do suicídio como forma de impedimento que a vergonha manche a honra da família; como meio de se chegar mais depressa a uma vida melhor e do suicídio como algo meritório, ou menos grave, caso seja realizado para salvar a vida de outrem.

Em linhas gerais, todas as formas de suicídio discutidas ou previstas *n’O livro dos espíritos* são tidas como atos de grande culpabilidade e, portanto, merecedores de algum tipo de reparação (o que deverá ocorrer tanto no plano espiritual quanto na próxima encarnação do indivíduo). Para Gonçalves (2019), o Espiritismo pode ser visto como uma doutrina cuja base é cristã, mas com a diferença de que no ideário cristão-católico, por exemplo, o suicida é visto como um transgressor, “cuja infração à lei divina é punida com a ida do réu diretamente para o inferno sem direito, portanto, a estadia no purgatório” (Gonçalves, 2019, p. 120). Já no âmbito espírita, o suicida será visto como “um infrator da lei divina”, todavia não lhe sendo imputado algum tipo de punição definitiva, já que a doutrina de Kardec não adota o princípio das “penas eternas”. Sendo assim, dentro dessa perspectiva, por infringir a lei divina de valorização da vida, o suicida “sofrerá os efeitos do seu ato, até que se recupere dos efeitos do ato cometido contra o seu corpo perispiritual – cópia etérea do seu corpo carnal –, em hospitais existentes no mundo espiritual” (Gonçalves, 2019, p. 120-121). Publicada no livro *Reportagens de além-túmulo*, a crônica “Desapontamento de um suicida” relata uma experiência do espírito Humberto de Campos nas chamadas regiões inferiores ou zonas umbralinas. A convite de um amigo do plano espiritual, que atende pelo nome de Rogério, o cronista o acompanha numa viagem de socorro a um suicida chamado Tomazino Pereira, que já estava há 30 anos no Umbral. A palavra “Umbral” é proveniente do latim *umbra*, que significa “sombra” – redundando, dessa forma, na ideia de um espaço sombrio, escuro, nebuloso. Por outro lado, também existe o termo *umbral* proveniente da língua espanhola, cujo sentido está ligado às palavras em português umbreira ou soleira, próprias da construção civil. Neste caso, especificamente, a palavra já indicaria uma noção de “limiar” ou mesmo de “entrada”

– o que, metaforicamente, para o Umbral espírita, possui total correlação de sentido, já que tal espaço funcionaria como um primeiro portal entre as dimensões da matéria e da espiritualidade.

Com base em informações retiradas das obras *Memórias de um suicida*, do espírito Camilo Cândido Botelho, psicografada por Yvonne do Amaral Pereira, e *Nosso lar*, do espírito André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier, Gonçalves (2019) tece algumas importantes considerações sobre o umbral. Segundo a pesquisadora, tal região foi descrita pela primeira vez com esse nome no livro *Nosso Lar*, não sendo diretamente abordada nas obras doutrinárias de Kardec:

Segundo o relato do Espírito autor, a região começa na crosta terrestre e é muito vasta. Caracteriza-se por ser uma área nevoenta e lamacenta que funciona como uma espécie de purgatório cujo objetivo é o “esgotamento de resíduos mentais” de Espíritos recém desencarnados. Nela, afirma André Luiz “se queima a prestações o material deteriorado que a criatura adquiriu por atacado” nas vivências anteriores [...]. Para entendermos o que seria a “queima” desse material, recorreremos às explicações do enunciador Camilo Cândido Botelho. Conforme afirma no seu relato, em decorrência do fenômeno da morte do corpo carnal – fenômeno da desencarnação –, o Espírito precisa passar por um processo de desanimalização, ou seja, de desenlace dos fluidos e força vitais que necessariamente se agregaram no momento da formação do corpo material. Esse processo possui caráter singular, tanto quanto aos modos de realização quanto ao tempo de duração. Todavia, o princípio básico é que todos os Espíritos, em processo de desencarne, deverão passar por essa fase e para tanto, deverão ser detidos, pelo tempo que for necessário, em regiões específicas do mundo espiritual; no caso, as já referidas zonas umbralinas (Gonçalves, 2019, p. 154-155).

Nas chamadas zonas umbralinas, segundo a autora, a estadia e a penúria seriam temporárias e variáveis, uma vez que tudo ocorre em “conformidade com o caráter, as ações praticadas, o gênero de vida e de morte do desencarnado” (Gonçalves, 2019, p. 155). Dentro desse contexto, não é possível o estabelecimento de prazos específicos para permanência no Umbral, de modo que alguns podem ficar apenas alguns instantes em tal região, enquanto poderão levar meses, anos, décadas ou centenas de anos para estarem em condição de serem assistidos ou, se for o caso, de encarnarem novamente.

Na crônica “Desapontamento de um suicida”, como afirmado, Tomazino Pereira permanecia há 30 anos no Umbral. Ante o espanto e a curiosidade do amigo em relação a tamanho período de provações, Rogério explica que o caso de Tomazino

estava intimamente ligado a seus próprios atos de irreflexão e de rebeldia, já que, mesmo estando ali há tanto tempo, ainda realmente acreditava estar com a razão e ter sido injustiçado. Ele passa a relatar, então, a trajetória do suicida, que, vivo, teria sido um empregado de uma tipografia no Rio de Janeiro, mas que passava a vida a lamentar-se, não vendo muito sentido nas coisas, mesmo tendo trabalho digno, mulher e filhos.

Queixando-se diariamente de sua vida, culpava a tudo e a todos pelos seus problemas, e jamais dava ouvidos a seus colegas, os quais procuravam transmitir-lhe mensagens de coragem e otimismo; no entanto:

O mísero estava sempre excessivamente nervoso ou irremediavelmente desalentado. A família numerosa, os deveres cotidianos, as contas mensais do armazém, açougueiro e padeiro, amedrontavam-lhe o espírito. Entretanto, a maior tragédia de Tomazino, na apreciação de si próprio, era o problema conjugal. A esposa ignorante não o compreendia. E em vez de melhorar-lhe as condições espirituais com carinho e paciência, levantando-lhe as concepções em busca dos horizontes superiores da vida, o infeliz gastava o tempo em promessas de pancada, ameaças de separação, gestos violentos e rudes. A situação enchia os filhinhos do casal de espanto e amargura, pois o chefe da casa, em desespero, dava a impressão de um louco, sem esperança de cura (Campos, 2014a, p. 64).

Dentre as pessoas mais próximas de Tomazino havia uma chamada Oscar Fraga, amigo de infância que havia se tornado um estudioso do Espiritismo. Percebendo que o colega andava possuído pela ideia fixa do suicídio, Fraga muitas vezes tentava convencê-lo de que ele precisava mudar de perspectiva e de atitudes em relação à vida. Para tanto, lançava mão de ideias e reflexões retiradas da doutrina kardecista, as quais eram prontamente rejeitadas pelo outro:

A verdade, contudo, é que o Fraga sempre se retirava sem obter nenhum resultado satisfatório. Irascível, teimoso, impermeável aos benefícios da fé religiosa, Tomazino Pereira manteve-se inacessível a todos os processos de socorro espiritual. E na ideia orgulhosa de que poderia enfrentar o próprio Deus, a fim de inquirir o Criador, quanto aos enigmas do destino, uma noite tranquila, **sem que ninguém esperasse, estourou os miolos** irrefletidamente (Campos, 2014a, p. 67, **grifo nosso**).

Para Charaudeau (2006), do ponto de vista da patemização discursiva, a exploração midiática do suicídio pode ser encaixada numa categoria jornalística a qual

se convencionou chamar de *faits divers* [literalmente, “fatos diversos”], ondem também abundam outras coisas trágicas, como acidentes, assassinatos, roubos ou desastres naturais. Quando tais fatos não podem ser classificados ou ligados a eventos que não sejam necessariamente políticos, sociais, econômicos ou culturais, eles acabam caindo na categorização de *faits divers*. Interessante notar que, mesmo não sendo “importantes”, do ponto de vista jornalístico em geral, os *faits divers* ocupam bastante espaço na mídia, já que cada redação tem suas razões para promover determinadas notícias. Na imprensa regional, por exemplo, uma notícia pode ser considerada como importante, uma vez que diz respeito mais diretamente aos habitantes de uma dada área, os quais reconhecem nela pessoas, lugares ou situações. Na imprensa nacional, as notícias tendem a abordar temas mais gerais. Mas uma notícia local pode então assumir uma dimensão nacional e, assim, tornar-se um fato social. Quando um jornal da TV aberta nacional, por exemplo, abre com um acidente de carro ou um assassinato, ele não está se referindo necessariamente a um problema geral. E a evocação dessas tragédias pode ser dolorosa para os familiares das vítimas, mas ocorre que, nesses casos, a notícia serve menos para informar do que para provocar fortes emoções para atrair novos públicos.

Charaudeau afirma que o acidente é uma questão pontual da qual as mídias tiram partido; todavia, para o linguista, “não é o acidente enquanto tal que interessa s mídias, mas o que ele comporta de drama humano” (Charaudeau, 2006, p. 140). Em última análise, quer sejam fatos de caráter político, questões sociais, judiciais, ou mesmo *faits divers*, todos devem ser tratados segundo categorias próprias de modo a evocar os dramas do destino humano, quais sejam:

[...] o *insólito*, que desafia as normas da lógica; o *enorme*, que ultrapassa as da quantidade, obrigando o ser humano a se reconhecer como pequeno e frágil; o *misterioso*, que remete ao além como lugar de poder, muito mais das forças do mal que do bem; o *repetitivo*, que transforma o aleatório em fatalidade, o *acaso*, que faz coincidir duas lógicas em princípio estranhas uma à outra, obrigando-nos a pensar nessa coincidência; o *trágico*, que descreve o conflito entre paixão e razão, entre pulsões de vida e pulsões de morte; **o horror, enfim, que conjuga exacerbação do espetáculo da morte com frieza no processo de extinção** (Charaudeau, 2006, p. 140-141, **grifo nosso**).

Integrante de um volume cujo objetivo é tornar públicas algumas reportagens de além-túmulo, onde os *faits divers* também são importantes enquanto ferramentas

mediáticas, a crônica “Desapontamento de um suicida” não deixa de lançar mão da categoria do *horror*, tal como anunciado por Patrick Charaudeau em sua obra *Discurso das mídias*. Bom exemplo disso está na maneira através da qual o narrador descreve o ato suicida de Tomazino usando uma expressão bastante “visual” e sensacionalista que é “estourar os miolos”. Noutras situações, usa descrições como as que seguem, as quais se dão a partir do momento em que o narrador e seu companheiro Rogério se encontram com o suicida no Umbral:

De fato, sem despender maior esforço, descemos a uma **região de sombras muito espessas**. Assemelhava-se, antes de tudo, a uma **grande caverna pestilenta e úmida, como deveriam ser os calabouços da Idade Média. Viam-se ali criaturas estiradas, em gemidos lancinantes** (Campos, 2014a, p. 67, **grifo nosso**).

O infeliz **aproximou-se, de rastros. Parecia um monstro, tal a desfiguração pelo sofrimento** (Campos, 2014a, p. 67, **grifo nosso**).

Sim, terás de ser revestido, novamente, de um corpo terrestre. No Planeta encontrarás o remédio para teus males. **Despedaçaste o crânio** e voltarás a exhibir, no mundo, **o crânio despedaçado** (Campos, 2014a, p. 69, **grifo nosso**).

Como é possível perceber a partir da leitura dos trechos acima, tanto a descrição de Tomazino quanto a descrição do ambiente em que este se encontra seguem a mesma perspectiva da exploração do horror através de palavras, expressões e imagens impactantes.

A narrativa apresentada tem o intuito claro de ser “pedagógica”; lançando mão de argumentos extraídos da doutrina espírita, ela procura mostrar aos leitores que os suicidas não terão paz e tranquilidade após a consumação do auto-aniquilamento. Dentro dessa perspectiva, o texto busca pintar um quadro impactante que busca conscientizar os leitores através do horror.

5.2.3 “Judas Iscariotes”

Como foi possível perceber até aqui, na qualidade de cronista ou jornalista de além-túmulo, o Espírito Humberto de Campos busca estimular a curiosidade e a emoção dos leitores trabalhando com os chamados *faits divers*, assim como também procura explorar o gênero entrevista. No caso aqui analisado, especificamente, há

uma predileção por entrevistas com vultos históricos ou celebridades falecidas, como se deu em relação a Marilyn Monroe.

Na crônica intitulada “Judas Iscariotes”, integrante do livro *Crônicas de além-túmulo*, publicado em 1937, há novamente a exploração do gênero entrevista, embora nesse brevíssimo texto se faça bastante uso de trechos narrativos. Conforme informação inserida logo abaixo do título do texto, a crônica teria sido redigida no dia dezenove de abril de 1935, e nela o cronista faz questão de evidenciar o fato de que, na perspectiva espírita, as vidas continuam após a morte física, de modo que os possíveis crimes ou erros pregressos podem ser reparados ao longo de outras existências posteriores, as quais virão enquanto novas oportunidades de auto-aperfeiçoamento.

Judas Iscariotes, portanto, é mostrado no texto em questão como um espírito desencarnado que, em abril de 1935, encontra-se como um ser evoluído – não sendo mais aquele triste personagem da história bíblica amaldiçoado pelas marcas da ganância, da traição, do arrependimento e do suicídio – isto é, aquele que para sempre será lembrado como o grande traidor de Jesus Cristo. Ao contrário, a reveladora entrevista proporcionada pelo Espírito Humberto de Campos quer mostrar para os seus leitores uma versão atualizada de Judas, o qual teria passado por muitas e muitas provações em outras encarnações ao longo dos séculos, tornando-se, no presente da entrevista, o que Rocha (2008, p. 139) resume como sendo “uma soma feliz de várias outras experiências posteriores à crucificação”.

Sem necessariamente prender-se ou aprofundar-se numa análise linguística ou discursiva do texto, Rocha (2008) é bastante feliz ao perceber uma dimensão patêmica reveladora nessa e em outras obras atribuídas ao Espírito Humberto de Campos que diz respeito ao que ele chama de “efeito de revelação”, quando o autor “se vale de sua alegada autoridade de quem ocupa uma posição a que nós outros não temos acesso” (Rocha, 2008, p. 139). Para o pesquisador, no rol de tais escritos cujo efeito de revelação se faz presente estão algumas entrevistas, nas quais o jornalista desencarnado trabalha para dar voz a personagens históricos falecidos. Tal procedimento, como já aludido acima, busca estimular a curiosidade e outras emoções dos leitores.

Caso façamos uma leitura da afirmação de Rocha sob a luz dos estudos da Semiologia de Patrick Charaudeau (2006), vamos perceber que ela se adéqua a um conjunto de fatores que o linguista francês reconhece como sendo a *posição social*

do informador, bem como o seu *papel na situação discursiva*, de sua *representatividade* perante o grupo para o qual se dirige e seu *engajamento* no que tange à informação transmitida. Assim, nessa perspectiva, Charaudeau estabelece que dentro dessa dinâmica da informação, o crédito que se pode dar a uma informação depende dos seguintes fatores: (1) o informador tem notoriedade; (2) o informador é uma testemunha; (3) o informador é plural (isto é: a informação emana de várias fontes, de vários informadores) e (4) o informador é um organismo especializado (centros institucionais encarregados de recolher e estocar informações).

De modo geral, é possível afirmar que o Espírito Humberto de Campos esteja pautado no fator de ser um informante testemunhal, já que, para Charaudeau, o informador é uma testemunha quando ele:

[...] desempenha o papel de “portador da verdade” na medida em que sua fala não tem outro objetivo a não ser de dizer o que viu e ouviu. É por isso que é tão solicitado (particularmente pelas mídias). Diferentemente do que ocorre com a notoriedade, ele não é suspeito de utilizar alguma estratégia de ocultamento, pois é considerado completamente ingênuo, isto é, desprovido de qualquer tipo de cálculo, quanto à utilização de seu testemunho: ele só poderia dizer a verdade, a menos que seja manipulado ou que produza voluntariamente um falso testemunho (mas então sua identidade deixa de ser a de uma testemunha) (Charaudeau, 2006, p. 53)

Como vimos, segundo Rocha (2008, p. 139), a “autoridade” imputada ao Espírito Humberto de Campos enquanto cronista é a de um sujeito que ocupa uma “posição a que nós outros não temos acesso” – o que, aqui, tem a ver com o fato de ele ser uma testemunha “do além”, do mundo espiritual. Noticiarista desencarnado, como ele mesmo se intitulou na apresentação do livro *Reportagens de além-túmulo*, ele faz questão de chamar para si a incumbência de buscar notícias (e, com elas, a verdade) por onde quer que esteja. A vontade de realizar uma entrevista, como no caso de Marilyn Monroe, se dá da mesma forma no caso de Judas. O encontro é fortuito, mas parte dele o interesse de solicitar permissão de seus superiores (guias espirituais mais evoluídos) para a efetivação de ambas as entrevistas. Ele mesmo faz questão de acentuar essa sua “falha” ligada à sua imensa curiosidade (e consequente atrevimento) de repórter:

Aquela figura de homem magnetizava-me [referindo-se a Judas]. Eu não estou ainda livre da curiosidade do repórter, mas entre as minhas maldades de pecador e a perfeição de Judas existia um abismo. O meu atrevimento, porém, e a santa humildade de seu coração, ligaram-se para que eu o atravessasse, procurando ouvi-lo (Campos, 2013, p. 18).

Iniciada a conversa, o entrevistador acaba descobrindo que é comum a certos desencarnados, por mais evoluídos que estejam, voltar em espírito ao plano físico, exatamente nos locais onde viveram, a fim de ressignificarem seus erros através de um mergulho nas impressões da vida passada. E o repórter vai descobrir, então, que com Judas não era diferente, já que ele costuma vir à Terra exatamente nos dias em que se comemora a Paixão de Cristo, para meditar acerca de seus terríveis atos.

Mesmo que ao término da entrevista descobramos que Judas Iscariotes encontra-se no presente da conversa como um “ser de luz”, evoluído, é importante para o cronista de além-túmulo explorar as emoções ligadas ao testemunho de Judas concernentes às agruras pelas quais passou para chegar até sua condição de bem-aventurança. Assim, após um breve relato sobre a sua versão do ato de traição a Cristo, Judas afirma que, devido ao peso do imenso remorso, ele presumiu que o único modo de redimir-se a Deus diante de tamanha falta seria o suicídio, ao que o entrevistador pergunta:

- E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

- Não. Não consegui. O remorso é uma força preliminar para os trabalhos reparadores. **Depois da minha morte trágica submergi-me em séculos de sofrimento expiatório** da minha falta. **Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado.** Vítima da felonía e da traição deixei na Terra os derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do século XV. Desde esse dia, em que me entreguei por amor do Cristo a todos os tormentos e infâmias que me aviltavam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentido na frente o ósculo de perdão da minha própria consciência... (Campos, 2013, p. 19).

Importante notar que, na resposta de Judas, como geralmente acontece em situações testemunhais nos textos do Espírito Humberto de Campos/Irmão X, há exploração patêmica na valorização do sofrimento, das possíveis agruras sofridas pelo informante. Com efeito, tal fato corrobora o que afirma Amaral (2013, p. 76) ao

dizer que o “discurso midiático busca boas vítimas que possam fazer o seu leitor, do conforto de sua leitura, compadecer-se com o que aconteceu”. Isto é: quando o testemunho reflete as dores, situações angustiantes, cenas abjetas, violentas e medo, isso de certo modo revela certo tom de veracidade que interessam ao investimento patêmico. Não basta, portanto, que o fato seja emocionante em si; cabe ao redator ou repórter saber colher exatamente as palavras do entrevistado que representem uma ou várias situações intensas, mas cujas descrições individuais sejam capazes de emocionar.

5.2.4 “A escrava do senhor”

De modo geral, em vida, o escritor Humberto de Campos mostrou grande interesse em informações, imagens e provérbios retirados das *Sagradas Escrituras*, conforme nos ensinam Agra (2014) e Scheibe (2006). Agra, por exemplo, afirma em seu estudo que a formação familiar de Humberto de Campos era católica, e que, aos poucos, o escritor foi aprofundando-se em leituras ligadas a teóricos materialistas, abandonando “filiação a qualquer instituição religiosa” de modo a tornar-se “ateu e, em seguida, cético” (Agra, 2014, p. 202). Todavia, o pesquisador também afirma que a vinculação ao materialismo não atrapalhou em nada a relação do autor com os textos bíblicos, já que várias referências religiosas oriundas do Cristianismo podem ser encontradas ao longo de sua vasta obra, sendo muitos exemplos extraídos do livro sagrado dos cristãos.

O uso de temáticas vinculadas ao Cristianismo ou de palavras e expressões provenientes da *Bíblia* é investigado pela pesquisadora Dylia Lysardo-Dias (*in*: Mendes; Machado, 2010) no âmbito da Semiologia, especificamente focando na questão do gênero proverbial. Para ela, tal pesquisa pode ser reveladora no que tange ao estudo dos fundamentos da patemização do discurso, já que quando falamos de provérbios estamos lidando com uma dimensão que integra tanto componentes psicológicos, quanto sociais e históricos das emoções. Segundo a autora, isso se dá porque “as emoções são vividas na linguagem e pela linguagem”, não podendo ser “desvinculadas das formas de convivência de uma dada coletividade, nem da racionalidade que direciona as trocas verbais” (Lysardo-Dias *in*: Mendes; Machado, 2010, p. 98). Ou seja: herdeiros que somos da tradição moral judaico-cristã, nós,

ocidentais, de certo modo fomos sendo retroalimentados culturalmente por ideais cristãos veiculados ao longo dos séculos através da linguagem popular e das artes em geral, sobretudo da literatura.

Assim, para a autora, os enunciados proverbiais fazem parte de um “querer-dizer padronizado”, uma vez que:

[...] apresentam uma configuração formal cristalizada (composição lexical convencionalizada), dentro de uma comunidade sociolinguística; esses enunciados que compreendem provérbios, máximas e ditos populares se inserem em diferentes gêneros como uma fala socialmente produzida com valor de verdade coletiva (se integra a um outro discurso como um dizer cultural) e apresentam um caráter didático-moralizante pelo conteúdo valorativo que expressam (Lysardo-Dias *in*: Mendes; Machado, 2010, p. 99).

O fundo bíblico de alguns textos de Campos, dessa forma, retrabalha informações que, de uma forma ou de outra, já fazem parte do imaginário das pessoas, no seu dia a dia. Do ponto de vista retórico-discursivo, portanto, são textos eficientes no sentido de despertarem as emoções dos leitores. Complementando essa perspectiva sobre a natureza semiolinguística de tais textos, vale a pena lançar mão das palavras do pesquisador José Benedito Donadon-Leal, para quem o discurso religioso é sedutor, já que se traduz por verdades incontestes para grande parte das pessoas, servindo como uma espécie de base para a formação das emoções: “a emoção não é em essência nem jurídica, nem política; ela é religiosa” (Donadon-Leal *in*: Machado; Menezes; Mendes, 2007, p. 187).

Nesse sentido, é importante notar que, dentre alguns textos publicados sob a autoria do Espírito Humberto de Campos/Irmão X, também há alguns nos quais a questão bíblica se faz presente. “Judas Iscariotes”, de *Crônicas de além-túmulo*, analisado no subcapítulo anterior, é um bom exemplo desse fenômeno. Outro exemplo que pode ser citado é o texto “A escrava do senhor”, que foi publicado em 1945 no livro *Lázaro redivivo*.

Nessa narrativa, a personagem principal é Maria, mãe de Jesus. E o texto é organizado de tal forma que os seus leitores vão acompanhando, junto com ela, certas informações concernentes à prisão, ao julgamento e à crucificação de Cristo. A crônica, portanto, não busca explorar o lado meramente divino, “mágico” ou sobrenatural da história de Maria e de Jesus de Nazaré, mas sim focar na relação entre uma mãe e um filho que se encontra em perigo; ou seja: trata-se da história de

uma mãe que tenta, desesperadamente, encontrar forças para suportar a angústia que é ver o filho preso e injustamente condenado à morte sem poder fazer nada para salvá-lo, a não ser aceitar a vontade de Deus.

O texto começa da seguinte forma:

Quando João, o discípulo amado, veio ter com Maria, anunciando-lhe a detenção do Mestre, o coração materno, consternado, recolheu-se ao santuário da prece e rogou ao Senhor Supremo poupasse o filho querido. Não era Jesus o Embaixador Divino? Não recebera a notificação dos anjos, quanto à sua condição celeste? Seu filho amado nascera para a salvação dos oprimidos... Ilustraria o nome de Israel, seria o rei diferente, cheio de amoroso poder. Curava leprosos, levantava paralíticos sem esperança. A ressurreição de Lázaro, já sepultado, não bastaria para elevá-lo ao cume da glorificação?

E Maria confiou ao Deus de Misericórdia suas preocupações e súplicas, esperando-lhe a providência; entretanto, João voltou em horas breves, para dizer-lhe que o Messias fora encarcerado (Irmão X, 2014, p. 7).

A crônica é bastante feliz em seu intuito de fazer um recorte narrativo com foco no olhar materno. Ao longo da leitura, a personagem Maria é continuamente humanizada, já que revela as preocupações típicas que uma mãe manifesta diante de um perigo iminente no tocante aos filhos. A carga patêmica na construção do texto é bastante acentuada, já que, malgrado o fato de Maria rogar a Deus pela salvaguarda do filho, todas as suas esperanças vão sendo frustradas – fato este que, do ponto de vista narrativo, emociona o leitor, que se apieda pelo sofrimento da personagem.

Tal perspectiva é corroborada pelo estudo “Instinto materno e emoções”, de Donadon-Leal (*in*: Machado; Menezes; Mendes, 2007, p. 184), para quem “amor e proteção são instâncias primárias das relações humanas”, sendo que na relação entre uma mãe e seu filho “amor e proteção são dados constitutivos do comportamento cotidiano”. Isso porque para o autor:

Os processos de significação dessas relações envolvem questões que enunciam a possibilidade de manutenção da presença ou da iminente perda do ente, em que o amor pressupõe laços de aproximação ou de distanciamento, em função da proteção a esse ente, jogada na possibilidade de sucesso ou fracasso. Do ponto de vista religioso, o amor e a proteção constituem pilares das relações familiares, visto que a proteção divina é dada de forma especial às crianças – “vinde a mim as crianças”, conforme a evocação atribuída a Jesus (Donadon-Leal *in*: Machado; Menezes; Mendes, 2007, p. 184-185).

Em “A escrava do senhor”, após o anúncio do apóstolo João acerca da prisão de Cristo, sua mãe retorna à oração silenciosa, chorando e implorando a Deus que interceda pelo filho: “**Em pranto**, implorou o favor do Pai Celestial” (Irmão X, 2014, p. 7, **grifo nosso**). Então, por um momento, pensa em procurar as autoridades de Jerusalém, a fim de conseguir auxílio proveniente do poder político da cidade; mas, logo depois, pensa friamente sobre sua situação: “**humilde e pobre**, que conseguiria dos poderosos da Terra?” (Irmão X, 2014, p. 7, **grifo nosso**). Os termos grifados, acima, revelam que o texto explora bastante algumas palavras e expressões que denotam a condição subalterna de Maria e também a sua dor de mãe diante da situação – fato este que se revela como estratégia de patemização da crônica, já que o leitor tende a se emocionar também diante do quadro de injustiças que vai visualizando. Outros exemplos semelhantes podem ser encontrados em excertos nos quais estão expressões, como: “Oh! Infinita amargura!” (Irmão X, 2014, p. 7); “fronte sangrenta” (Irmão X, 2014, p. 7), “situação dolorosa” (Irmão X, 2014, p. 7), “Oh! A terrível angústia daquela hora!” (Irmão X, 2014, p. 8).

Maria também não se contenta apenas em prostrar-se, rezando, pois em determinado momento ela resolve ir pessoalmente à prisão, tentar convencer os guardas a deixá-la ver o filho encarcerado; todavia, vê seus planos mais uma vez frustrados: “Afastando-se da casa modesta a que se recolhera, ganhou a rua e intentou penetrar o cárcere; todavia, não conseguiu comover o coração dos guardas” (Irmão X, 2014, p. 7). Por fim, recebe a notícia do julgamento e da condenação à morte por crucificação. Mesmo diante de muitas e muitas orações, tudo o que ela percebe é sempre um sofrimento pior do que o anterior. O quadro final é bastante dramático:

Em copioso pranto, viu seu filho vergado ao peso da cruz. Ele caminhava com dificuldade, corpo trêmulo pelas vergastadas recebidas e, obedecendo ao instinto natural, Maria avançou para oferecer-lhe auxílio. Contiveram-na, todavia, os soldados que rodeavam o Condenado Divino.

Angustiada, recordou-se repentinamente de Abraão. O generoso patriarca, noutro tempo, movido pela voz de Deus, conduziu o filho amado ao sacrifício. Seguiu Isaac inocente, dilacerado de dor atendendo a recomendação de Jeová, mas, eis que no instante derradeiro, o Senhor determinou o contrário, e o pai de Israel regressara ao santuário doméstico em soberano triunfo. Certamente, o Deus Compassivo escutava-lhe as súplicas e reservava-lhe júbilo igual. Jesus descia do Calvário, vitorioso, para o seu amor, continuando no apostolado da redenção; no entanto, dolorosamente

surpreendida, viu-o içado no madeiro, entre ladrões (Irmão X, 2014, p. 8).

Interessante notar que, ao longo da narrativa, o texto como que nos faz acompanhar os pensamentos de Maria através de uma série de perguntas retóricas estrategicamente colocadas na crônica após cada situação difícil que se interpõe no caminho de Jesus. Tais questionamentos parecem querer simular uma espécie de tentativa de aceitação, por parte de Maria, da triste realidade imposta, como se ela não quisesse perder a esperança de que as coisas reverter-se-iam numa situação melhor.

A lembrança da história do quase sacrifício de Isaac perpetrado por seu pai, Abraão, e seu salvamento no último instante é um exemplo dessa espécie de “devaneio” inserido na obra. Maria projeta o salvamento milagroso de Isaac na possibilidade de salvamento do próprio filho. Essa estratégia narrativa diz respeito a um eficiente recurso patêmico desenvolvido pela crônica, já que, através dele, o leitor tem a possibilidade de se deixar levar pelos devaneios realizados pela personagem em busca de um senso de justiça para explicar tudo de mal que ocorria a Jesus. Selecionamos, abaixo, alguns desses trechos em que a voz narrativa se confunde com os pensamentos da personagem principal e mãe sofredora:

Não era Jesus o Embaixador Divino? Não recebera a notificação dos anjos, quanto à sua condição celeste? Seu filho amado nascera para a salvação dos oprimidos... Ilustraria o nome de Israel, seria o rei diferente, cheio de amoroso poder. Curava leprosos, levantava paráliticos sem esperança. A ressurreição de Lázaro, já sepultado, não bastaria para elevá-lo ao cume da glorificação? (Irmão X, 2014, p. 7).

E, acaso, não contava com a proteção do Céu? Certamente, o Deus de Bondade Infinita, que seu filho revelara ao mundo, salvá-lo-ia da prisão, restituí-lo-ia à liberdade (Irmão X, 2014, p. 7).

Naturalmente, Deus modificaria os acontecimentos, tocando a alma de Antipas. Não duvidaria um instante. Que fizera seu filho para receber afrontas? Não reverenciava a lei? Não espalhava sublimes consolações? (Irmão X, 2014, p. 7).

Não era seu filho o escolhido para a salvação? Lembrou-lhe a infância, amparada pelos anjos... Guardava a impressão de que a Estrela Brilhante, que lhe anunciara o nascimento, ainda resplandecia no alto! (Irmão X, 2014, p. 8).

Como equiparar o Mensageiro do Pai ao malfeitor cruel que todos conheciam? A multidão, porém, manifestou-se, pedindo a liberdade

para Barrabás e a crucificação para Jesus. Oh! – pensou a mãe atormentada – onde está o Eterno que não me ouve as orações? Onde permanecem os anjos que me falavam em luminosas promessas? (Irmão X, 2014, p. 8).

Como é possível perceber, há uma quantidade expressiva de frases interrogativas nos trechos que se assemelham a “devaneios” da personagem Maria, fato este que aponta para uma estratégia patêmica, já que o discurso se torna altamente carregado de emoções diante da existência de tantas perguntas retóricas.

Ao encaminhar-se para o fim, o texto retoma a premissa cristã/bíblica que lhe serve de fundo. Contemplando o filho morto, na cruz, Maria finalmente percebe que todas as suas súplicas foram em vão, já que Deus não tinha o objetivo de atender aos seus anseios de mãe, mas sim aos Seus próprios planos divinos:

Foi então que, Maria, compreendendo a perfeição, a misericórdia e justiça da Vontade do Pai, ajoelhou-se aos pés da cruz e, contemplando o filho morto, repetiu as inesquecíveis afirmações: - "Senhor, eis aqui a tua serva! Cumpra-se em mim, segundo a tua palavra!" (Irmão X, 2014, p. 9).

Somente na última frase da crônica, portanto, é que o leitor passa a entender o sentido do título da obra, “A escrava do senhor”, ainda não perfeitamente compreensível até aquele momento. Serva ou escrava dos desígnios de um Deus justo, que não poupou o filho das injustiças dos homens e das dores físicas, mas preparou-o para mudar a história do mundo, Maria finalmente encontra redenção para a sua dor.

5.2.5 “Carta aberta”

De acordo com Brito (2015), o gênero textual carta pode ser considerado como um dos meios mais antigos de comunicação através da escrita, o qual foi se desenvolvendo de forma variada ao longo do tempo. Há, portanto, diversos tipos de cartas, que foram sendo criados para inúmeras situações específicas, a saber: comerciais (bancos, lojas, comércio), instrucionais (universidades, escolas, livros), jornalísticas (jornais, revistas, periódicos), jurídicas (Fórum), publicitárias (editoras, lista telefônica), religiosas (Igrejas) e ligadas à saúde (clínicas). Seguindo essa lógica, as cartas podem existir enquanto cartas de resposta, de comunicado, de

apresentação, carta ao leitor, carta aberta, carta de boas-vindas, de intimação, carta-convite, de agradecimento, carta-programa, dentre outras.

No que diz respeito, especificamente, ao gênero “carta aberta”, Brito (2015) afirma que ela tem sido classificada como texto argumentativo, dada a natureza tipológica que nela predomina:

De um modo geral, a carta aberta tem a finalidade discursiva de publicizar informações, denunciar problemas, seja de um indivíduo, seja de um grupo/comunidade, com o objetivo de buscar soluções para eles. Não é raro que o autor da carta aberta, além de denunciar o problema, também apresente uma solução. Para tanto, utiliza-se de um tom persuasivo, com vistas a sensibilizar seu interlocutor que, neste caso, pode ser uma autoridade, uma empresa, uma comunidade (Brito, 2015, p. 53).

Neste estudo, vimos que o jornalista Humberto de Campos, em determinado momento de sua vida, passou a desenvolver um tipo de crônica muito semelhante a uma “carta aberta”; tais cartas eram publicadas em jornais e também lidas em programas de rádio, causando grande comoção no público. Um exemplo de carta aberta analisado neste trabalho foi o texto “Carta a Sanny Wsaka”, de 1934, onde Campos endereçava mensagens de conforto e esperança a uma jovem que atentara contra a própria vida.

Em *Lázaro redivivo*, mesmo volume assinado pelo codinome Irmão X em que consta a narrativa “A escrava do senhor”, há uma crônica *sui generis* justamente intitulada “Carta aberta”. Trata-se de um texto muito peculiar, onde o Espírito Humberto de Campos/Irmão X se dirige a um interlocutor (“você”/“meu amigo”/“meu caro”) e também a interlocutores (“vocês”) tratando de questões bastante pertinentes à doutrina espírita como um todo.

A carta aberta do Espírito Humberto de Campos/Irmão X é um texto que parece fugir ao padrão dos textos espíritas, em geral, uma vez que é permeada de muitas ironias e provocações. O efeito de escárnio em questão pode ser considerado como velado, já que a troça produzida só faz sentido se o leitor tiver conhecimento de toda a questão envolvendo o “Caso Humberto de Campos”, ligado ao famoso processo jurídico movido em 1944 pela viúva e pelos filhos do escritor em desfavor da Federação Espírita Brasileira (FEB) e do médium Francisco Cândido Xavier.

Assim começa a crônica:

Meu amigo – soube que vocês esperaram, em Sebastianópolis, um escritor já morto, com grande estardalhaço jornalístico.

À maneira do viajante que volta de longe, estranho na própria terra e irreconhecível aos seus, deveria ele descer de algum ônibus invisível e aparecer como fantasma autêntico, relacionando novidades e anedotas do país das sombras.

[...] Reclamavam vocês a presença do morto, com todos os pormenores anatômicos e características psicológicas e, para tanto, pediam o apoio da organização judiciária, apesar da dificuldade para encontrar um meirinho habilitado a entregar mandados no “outro mundo” (Irmão X, 2014, p. 10).

Como se pode notar, o cronista já começa o texto em tom irônico e de reprimenda, dirigindo-se ao interlocutor (mas também, discursivamente, a todos que o leem, já que se trata de uma “carta aberta”) de forma questionadora sobre a necessidade exigida pelos vivos em relação a pretensas comprovações fenomênicas da espiritualidade. A referência à cidade do Rio de Janeiro não se dá de forma direta, mas sim através de um pseudônimo: Sebastianópolis – possivelmente em referência ao fato de que tal cidade, fundada por Estácio de Sá em 1565, recebeu inicialmente o nome de “São Sebastião do Rio de Janeiro”. É interessante notar, nesse sentido, que o termo “Sebastianópolis” também é usado pelo Espírito Humberto de Campos em outras crônicas, como “O carnaval no Rio”, do livro *Novas mensagens*, e “A suave compensação”, de *Crônicas de além-túmulo*:

O carnaval no Rio de Janeiro, em 1939, foi mais uma nova realização da alegria carioca, entornando nas almas da agigantada Sebastianópolis o vinho dos prazeres fáceis e das vibrações ruidosas, que produz o temporário esquecimento das mais nobres responsabilidades da vida (Campos, 2014b, p. 10).

Uma atração incoercível conduziu-me a Sebastianópolis, que faiscava. As luzes do dia arrancavam das suas praias uma paisagem fulgurante (Campos, 2013, p. 25).

A referência irônica ao “estardalhaço jornalístico” ocorrido em Sebastianópolis/Rio de Janeiro está ligada ao caso da judicialização envolvendo o espólio literário de Humberto de Campos. Chama a atenção no texto, assim, desde o início, o fato de que, nele, o Humberto de Campos “redivivo” faz menção ao Humberto de Campos “vivo”, sem necessariamente ser direto e objetivo em suas afirmações. O cronista, de certa forma, reclama da necessidade que as pessoas têm de repetirem a

incredulidade do apóstolo Tomé quando se veem diante da questão de um fato espiritual:

Segundo a tradição venerável do Evangelho, Jesus apareceu numa sala de portas cerradas, em Jerusalém, depois da ressurreição, mas somente aos discípulos amados, à luz da confiança na intimidade do coração, contando-se, ainda, que um deles, transformando-se, de chofre, em investigador renitente, avançou para o Mestre, apalpando-lhe as chagas ainda vivas, como se o Cristo só pudesse ser identificado pelas feridas da cruz.

O escritor que vocês aguardavam, porém, era chamado a testemunho maior. Exigiam que ele retomasse os ossos carcomidos no apartamento de subsolo, onde seu corpo descansa, e viesse para a via pública discutir com os sacerdotes, confundir os médicos, esclarecer tabeliães e serventuários da justiça e mostrar, não somente as úlceras exclusivamente a um amigo, mas todas as suas vísceras à curiosidade popular (Irmão X, 2014, p. 10)

A reprimenda, como se percebe, serve tanto para o público em geral (curiosos, personalidades ligadas ao universo literário ou ao mundo jurídico) quanto para os próprios seguidores da doutrina espírita, já que o autor está criticando a insistência das pessoas em quererem “ver para crer, convencidos de que a fé representa construção fenomênica, sem lasca no raciocínio e no coração” (Irmão X, 2014, p. 11). O que ele repreende é a espetacularização do espiritismo, como se só e somente só importasse à doutrina o efeito “mágico” e de entretenimento de se ver pessoas falecidas:

Não faltaram os que lambiam os beijos, esperando a surpresa final, transformando o respeitável estudo das questões do destino e do ser em ruidosa luta de boxe, com o menosprezo de todos os patrimônios espirituais que a civilização ajuntou, devagarinho, vertendo sangue e lágrimas nos conflitos evolutivos (Irmão X, 2014, p. 11).

De certo modo, é possível afirmar que o autor esteja criticando o descrédito por parte da opinião pública em relação ao trabalho mediúnico e psicográfico – algo que ficou bastante evidenciado no Brasil justamente a partir do caso jurídico envolvendo a FEB, Francisco Cândido Xavier e a família de Humberto de Campos. É como se o enorme volume de trabalho desenvolvido por médiuns ou a quantidade gigantesca de livros publicados por editoras espíritas ainda fossem pouco, e a única coisa que

realmente pudesse saciar a curiosidade dos vivos fosse uma aparição pública de uma pessoa já falecida (um fenômeno visual). Ao que ele adverte:

Os fenômenos não saciam a sede espiritual e a sensação não substitui o trabalho necessário ao desenvolvimento [...] recordando as antigas ilusões que também me dominaram, quando perambulei no vale de sombras da carne, e notando a desvairada paixão com que se reclamava a presença do morto, ousou terminar esta carta com uma interrogação. Teriam vocês, de fato, bastante desassombro e serenidade para ver tranquilamente o fantasma e ouvir as revelações da morte? (Irmão X, 2014, p. 11).

Como afirmado por Brito (2015, p. 53), uma das funções de uma carta aberta é “denunciar problemas, seja de um indivíduo, seja de um grupo/comunidade, com o objetivo de buscar soluções para eles”. Há, como se pode notar, por parte do cronista “de além-túmulo”, uma clara tentativa de sensibilizar seus leitores acerca de uma questão que, para ele, está na base da doutrina e que diz respeito à incredulidade das pessoas frente ao que ele chama de “verdades espiritualistas” (Irmão X, 2014, p. 57).

Fato importante é que, apesar de seu caráter de seriedade e de denúncia, a crônica “Carta aberta” é redigida de uma forma bem mais “livre” que outros textos do gênero, já que exhibe alta dose de ironia e sarcasmo, além de também apresentar palavras e expressões um tanto quanto grosseiras e jocosas, como “lambiam os beijos”, “atolados até o pescoço” e “defuntolândia” (Irmão X, 2014, p. 11).

Nos termos de Charaudeau (2006b), qualquer fato humorístico é um ato de fala que faz parte de uma situação comunicacional, mas que, em si, não constitui a totalidade da situação de comunicação. Prova disso é o fato de que textos cômicos que aparecem em várias situações diferentes, cujo contrato comunicativo é variável: publicidade, discurso político, mídia, palestra, missa/culto. Trata-se, antes, de um certo modo de dizer nessas diversas situações, um ato de enunciação com o objetivo estratégico de fazer de seu interlocutor um “cúmplice” – já que, como todo ato de fala, o ato humorístico é resultado do jogo que se estabelece entre os interlocutores da situação de comunicação e os protagonistas da situação de enunciação.

O linguista ainda complementa dizendo que autor de um ato humorístico mostra inteligência ou perspicácia com seus dizeres, ao passo que o outro que lê ou escuta o que ele diz, mostrando que aprecia, por sua vez também demonstra inteligência. Trata-se, pois, de um jogo, de uma estratégia lúdica de um “eu” face ao “outro”, de

modo a produzir um efeito de cumplicidade entre o seu autor e o seu destinatário (Charaudeau, 2006b).

Dessa forma, faz-se possível afirmar que a estratégia patêmica que subjaz à crônica “Carta aberta”, do Espírito Humberto de Campos/Irmão X, está ligada à tentativa de se firmar uma relação de intimidade e confiança entre o autor e seus leitores, mostrando que o redator do referido texto, apesar de desencarnado, é tão humano quanto quem lê – isto é: brinca com as palavras, faz troça de determinadas situações sérias, usa até algumas palavras engraçadas que os vivos costumam usar. Tal relação de cumplicidade estaria apta a tornar o texto em questão mais agradável e, dessa forma, mais susceptível de transmitir suas mensagens ao público leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo desenvolvemos análises de dez crônicas associadas ao nome do autor maranhense Humberto de Campos com foco em estratégias de patemização descritas pela teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau (2006; 2007; 2010; 2019). O que tornou o nosso trabalho uma tarefa um tanto quanto complexa foi o fato de que metade de tais crônicas aqui analisadas pertence à chamada Literatura Espírita, uma vez que foram escritas através de técnicas psicográficas tendo como autor pressuposto o Espírito Humberto de Campos.

A autoria espiritual diz respeito a uma questão sensível, pois pertence a um universo de crença vinculado à doutrina espírita ou kardecista. Segundo ela, o processo de produção de uma obra psicografada leva em consideração duas dimensões de trabalho: a do autor espiritual e a do médium escrevente (ou psicógrafo). As obras produzidas são organizadas e publicadas por casas editoriais específicas, em sua grande maioria vinculadas diretamente a grupos seguidores da doutrina de Allan Kardec. As cinco crônicas espíritas analisadas neste estudo, cuja autoria é atribuída ao Espírito Humberto de Campos, o qual também assina alguns de seus livros com o codinome Irmão X, foram psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier (1910-2002).

Ao escolhermos para esta tese de doutorado objetos de análise provenientes da literatura espírita sabíamos, desde o início, dos desafios metodológicos que deveriam ser enfrentados, posto que os textos desse nicho literário ainda hoje sofram bastante resistência por parte da crítica especializada, malgrado o fato de já existirem trabalhos acadêmicos importantes a seu favor na área de Linguística, Letras e Artes, como comprovam os estudos de Chinellatto (1989), Lignani (2000), Rocha (2001), Fernandes (2001), Sousa (2001), Dias (2006), Rocha (2008), Gonçalves (2011), Silva (2012), Silva (2014), Prata (2016) e Abreu e Silva (2020).

O tema deste trabalho surgiu, inicialmente, do interesse em investigar a obra de Humberto de Campos, grande nome da literatura brasileira que, apesar da glória alcançada no início do século XX, caiu num enorme ostracismo ao longo do tempo. O que sempre nos chamou a atenção nesse autor é o fato de que, se, por parte da tradição literária, os escritos de Campos foram esquecidos (tanto pelas editoras quanto pelos estudos acadêmicos), suas obras mediúnicas (isto é: assinadas como Espírito Humberto de Campos ou Irmão X) tornaram-se verdadeiros *best-sellers*, e

seu nome continua ainda hoje bastante conhecido e reverenciado no nicho espírita como um todo.

Assim, percebendo essa situação *sui generis* na qual se encontra o nome de Humberto de Campos, cujo legado literário possui o privilégio de figurar tanto numa dimensão “viva”, por assim dizer, quanto numa esfera “rediviva”, decidimos estabelecer um diálogo entre esses dois universos. Embora o ímpeto inicial tenha sido o de partirmos para um trabalho de análise comparativa em busca de similaridades de estilo entre as duas dimensões literárias, logo percebemos que tal empreitada seria inútil, já ela que possui problemas metodológicos de base. Vimos, assim, que se quiséssemos tentar “provar”, a partir de cotejo textual, que ambos os autores sejam, de fato, a mesma pessoa, corríamos o risco de sair da esfera científico-acadêmica para entrarmos no senso comum. Da mesma forma, se visássemos mostrar que os textos psicografados não sejam nada mais do que mero pastiche desenvolvido pelo médium Francisco Cândido Xavier, também estaríamos incorrendo num outro tipo de problema, pois estaríamos negando “verdades” ou elementos dogmáticos do Espiritismo.

A percepção de problemas metodológicos e éticos na base da premissa inicial da pesquisa fez com que buscássemos novas perspectivas para o trato com as obras “viva” e “rediviva” de Humberto de Campos. Sendo assim, após realizarmos um levantamento de tudo o que pudemos recolher acerca de produções acadêmicas da área de Letras voltadas à literatura espírita, chegamos à conclusão de que esta já representa um campo de investigação legítimo no âmbito universitário. E sua produção se dá, especificamente, sob quatro vieses, quais sejam, (1) da teoria da literatura, (2) da historiografia literária, (3) dos estudos culturais e (4) dos estudos linguísticos.

Ao contemplarmos nossas possibilidades, percebemos que a análise do discurso pôde ser vista como uma importante ferramenta para se trabalhar com textos da literatura espírita, uma vez que, no âmbito do discurso, pretensas veleidades de purismo literário se anulem. Esse caminho metodológico se mostrou como o mais proveitoso para a nossa pesquisa, já que proporcionou uma situação de equacionamento da distância entre a literatura tradicional e a espírita.

Assim, uma vez selecionado o campo da análise do discurso como o melhor viés para a execução da pesquisa, decidimos escolher, de dentro dele, o caminho da Semiologia de Patrick Charaudeau, cujos estudos sobre estratégias de

patemização abrem amplo leque de possibilidades de investigação sobre a obra geral de Humberto de Campos, principalmente pelo fato de que nossa intenção sempre foi investigar o gênero crônica, e a semiolinguística possui amplo trabalho desenvolvido sobre os usos da emoção no campo midiático. Foi assim, portanto, que chegamos ao tema definitivo desta tese, que diz respeito a uma *análise comparativa entre 5 crônicas publicadas pelo escritor Humberto de Campos (1886-1934) e 5 crônicas atribuídas ao Espírito Humberto de Campos (ou Irmão X) levando em consideração as estratégias de patemização constantes em ambas as dimensões textuais*.

O problema de pesquisa estruturado a partir daí ficou estabelecido da seguinte forma: *posto que tanto a obra publicada por Humberto de Campos quanto aquela atribuída ao seu espírito tenham ganhado notoriedade quanto à sua capacidade de emocionar o público de várias maneiras, far-se-ia possível analisar as suas crônicas e os textos atribuídos ao Espírito Humberto de Campos (Irmão X) sob a perspectiva da teoria da patemização de Patrick Charaudeau?*

O plano de trabalho de nossa tese de doutorado foi organizado da seguinte maneira: uma Introdução, quatro seções de desenvolvimento, além de uma seção onde constam nossas considerações finais.

O primeiro capítulo de desenvolvimento, “2 – Fundamentos metodológicos para o estudo da literatura espírita”, mostrou-se como peça fundamental para que pudéssemos repensar a pesquisa imaginada no projeto inicial com o qual ingressamos no Poslit/UnB em 2019. Todo o trabalho de pesquisa para a confecção dessa seção envolveu não só um grande levantamento de material bibliográfico acerca da literatura espírita, como também de outras áreas, como a teoria literária, os estudos linguísticos, a história, a sociologia e a ciência da religião. Fez-se fundamental nesse capítulo a estruturação de certas balizas conceituais, como, por exemplo, o próprio estabelecimento sobre o ser da literatura espírita, desde a sua conceituação até a discussão sobre a existência ou não existência de um campo literário espírita consolidado.

Para tanto, primeiramente partimos da constatação de que, se existe uma literatura espírita, antes de ser “espírita”, ela é “literatura” e, assim o sendo, deve responder pela lógica da literatura enquanto *sistema*, segundo a concepção teórica estruturada por Antonio Candido. Nesse sentido, para existir, tal literatura precisa estar enquadrada em certa dinâmica que prevê a existência de três instâncias: a do autor, a da obra e a do público leitor.

De posse dessa noção proposta por Candido, passamos a lançar mão da teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu, no que ela diz respeito especificamente à literatura. Assim, chegamos à conclusão de que, de fato, é possível falarmos num campo literário espírita – pelo menos, no Brasil, já que nossa pesquisa teve como foco apenas a literatura nacional. Vimos que os mecanismos de produção e circulação de obras espíritas reproduzem exatamente a mesma lógica indicada por Bourdieu para a existência de um campo literário, incluindo-se aí certa dinâmica que prevê a organização de dois princípios de diferenciação. Dentro dessa perspectiva, em tais grupos fatalmente ocorreria uma oposição entre uma produção pretensamente “pura”, voltada para os valores dos próprios produtores, e outra “impura”, mais voltada para as expectativas do grande público.

Comprovamos a teoria do campo literário a partir de exemplos da literatura espírita brasileira, mostrando que, nela, já é possível se detectar a mesma lógica de oposição sustentada por Bourdieu; no nosso caso, temos as produções mais tradicionais (geralmente publicadas pela FEB) que resguardam para si certa noção de “purismo”, uma vez que tais publicações estejam mais alinhadas ao ideário da doutrina kardecista. Por outro lado, também já podemos detectar outro tipo de produção dita espírita que, mesmo sendo publicada e taxada como tal, não se alinha mais aos preceitos da tradição iniciada pelas obras de Kardec.

No capítulo “3 – Humberto de Campos: um caso singular na literatura brasileira” e suas subdivisões, buscamos fazer um levantamento sistematizado acerca da vida e da obra do escritor maranhense. Discorreremos acerca de sua origem e sua ascensão nas letras nacionais, tendo como suporte material retirado de sua própria obra o livro *Memórias* (Campos, 1935; 1941; 1954a), assim como estudos críticos e biográficos sobre o autor. Buscamos trabalhar em subseções especiais tanto a produção de Campos ligada à figura do famoso Conselheiro XX (nas quais defendemos a ideia de que este tratava-se não de um mero pseudônimo, mas sim de um heterônimo) quanto a sua produção literária dita “rediviva”.

O capítulo “4 – Acerca do conceito de patemização” foi necessário no sentido de servir como espaço de esclarecimento em relação aos pormenores da teoria da patemização dentro da Semiologia de Patrick Charaudeau. Três obras foram fundamentais para o desenvolvimento desse capítulo, a saber, o livro *Discurso das mídias* (2006), do próprio Charaudeau, e os volumes 1 e 2 do livro *As emoções no discurso*, organizado por Emília Mendes, Ida Lúcia Machado e William Menezes

(2007; 2010), os quais, juntos, somam trinta e três importantes estudos acerca dos usos que fazemos das emoções no âmbito da linguagem – com foco ampliado principalmente na teoria semiolinguística.

Os estudos de Patrick Charaudeau acerca da patemização dentro do discurso dos meios de comunicação mostrou-se extremamente importante para a análise de um escritor/jornalista/editor como Humberto de Campos, já que esse autor possuía um *timing* também muito afinado com a publicidade e a propaganda – ou seja: lidamos com um homem de letras que sabia metamorfosear a sua escrita conforme a necessidade para melhor “vender” o seu produto.

O uso das ideias de Charaudeau também se fez necessário devido ao fato de termos focado nas crônicas de Campos, e em *Discurso das mídias* o linguista francês dedica atenção especial a tal gênero jornalístico, enumerando quatro tipos de efeitos decisivos dentro de uma crônica: (1) efeito de decisão; (2) efeito de saber; (3) efeito de opinião e (4) efeito de testemunho.

Como bem afirma Beatriz dos Santos Feres numa frase que elegemos como epígrafe deste estudo, ler é “sentir os afetos provocados pelo texto” (Feres *in*: Mendes; Machado, 2010, p. 127) – afetos estes que a Psicanálise de Freud, aliás, indicou como sendo um bom caminho para se compreender a própria natureza da alma humana⁹. Analisar as projeções da emoção no discurso, investigar seus afetos, é a função primordial da semiolinguística de Charaudeau, cuja eficiência é ainda maior que os tradicionais estudos de retórica, uma vez que também abre espaço para questões envolvendo aspectos não-verbais da linguagem (dimensão pictográfica dos textos).

No capítulo de análise do nosso estudo, intitulado “5 – Estratégias de patemização nas crônicas de Humberto de Campos”, criamos duas subdivisões principais, as quais correspondem às duas dimensões da crônica investigadas na tese, a saber, a “viva” e a “rediviva”. Para o estudo da questão patêmica nas crônicas de Humberto de Campos, principalmente do autor “vivo”, lançamos mão da semiolinguística porque percebemos nos textos analisados uma dose evidente de sensacionalismo, já que o escritor também conhecia como ninguém a linguagem jornalística, por ser editor, e, assim, fez muito uso de apelos à emoção do público.

Com efeito, sabemos que, para captar a atenção dos leitores, os meios de comunicação apelam para recursos patêmicos, seja através de pontos de

⁹ A citação original é de Winograd e Teixeira (2011, p. 166), e se encontra na página 94 desta tese.

interrogação (que “interagem” com o leitor, tornando a leitura mais reflexiva), seja através de imagens impactantes (sejam metafóricas ou pictográficas) ou de efeitos gráficos (usados na disposição do texto, na paginação, na escolha da fonte ou da cor do texto). Os *faits divers* também são elementos muito importantes na construção dos textos de Campos, e foi através de jornais e revistas que ele produziu o melhor de sua literatura. Na crônica ele pôde praticar bastante um tipo de arte capaz de emocionar o leitor de seu tempo, de persuadi-lo através de estratégias patêmicas que iam facilmente da alegria à tristeza, do riso ao sentimento de pena.

Campos possuía, de fato, uma grande verve jornalística e editorial, e seu sucesso nesse meio não foi um mero acaso. Exemplo disso foi a perfeita exploração que ele soube fazer do pseudônimo Conselheiro XX, promovido a heterônimo quando se criou para ele biografia própria, além de imagem (fotografia) em sua coluna no jornal. Múltiplo e controverso, Humberto de Campos foi uma espécie de homem de letras dado a negócios, demonstrando muito traquejo em se comunicar com as pessoas. Não foi por acaso que ele, ao mesmo tempo, conseguiu agradar desde a um público que buscava por pautas sérias, com discursos moralizantes e que soavam a “autoajuda”, a um público que apenas buscava o riso com sátiras ou com materiais licenciosos (a exemplo da revista *A Maçã*).

Todos os textos assinados pelo Espírito Humberto de Campos ou pelo codinome Irmão X possuem, em sua base, um fundo “pedagógico”, pois eles sempre parecem mirar a transmissão de ensinamentos ou valores ligados à doutrina de Kardec. Todavia, o que se pode notar em tais escritos é uma grande liberdade criativa que imita a lógica dos *faits divers* dos tabloides, de onde o autor espiritual retira matérias ou temáticas de suas andanças ou encontros fortuitos pelo mundo espiritual – comportando-se verdadeiramente como uma espécie de cronista/noticiarista de além-túmulo (como o próprio Espírito Humberto de Campos se intitula num prefácio a um de seus livros).

Como visto acima, o *corpus* escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa centrou-se nas seguintes crônicas na subseção destinada ao estudo das marcas patêmicas nas crônicas de Humberto de Campos “vivo”: (1) “Um amigo de infância”; (2) “Carta a Sanny Wsaka”; (3) “Aos meus amigos da Bahia”; (4) “A Santa Casa” e (5) “O ninho do curió”. Da mesma forma, também foram escolhidas como parte do *corpus* da pesquisa outras cinco crônicas assinadas, ora pelo Espírito Humberto de Campos, ora pelo codinome Irmão X, que são: (1) “Encontro em Hollywood”; (2)

“Desapontamento de um suicida”; (3) “Judas Iscariotes”; (4) “A escrava do senhor” e (5) “Carta aberta”.

Em linhas gerais, percebemos em ambos os conjuntos textuais algumas características marcantes que possuem alta performance patêmica, como o uso do gênero carta aberta, a escolha pelos *faits divers* na construção das pautas de certas crônicas, a tendência para o “falar de si”, o uso do humor e da ironia, o interesse pela temática do suicídio e a preferência pela dramatização.

Alguns textos aqui analisados possuem uma grande carga patêmica com pendor para a seriedade e para o trágico, principalmente quando o contexto da crônica é voltado para algum tipo de reflexão motivada por imagens tristes e angustiantes. Há bastante uso, também, de imagens impactantes, que são ativadas através de palavras e expressões fortes.

Convém ressaltar, também, que os efeitos de dramatização usados nas dez crônicas são variados, demonstrando modos particulares de desenvolvimento de recursos patêmicos. A maioria delas usa uma estrutura narrativa como base, por vezes com a caracterização e fala de personagens e demais efeitos de representação, como passagem de tempo e mudança de espaço. Às vezes, também simulam a estrutura própria de uma anedota, com direito a *punchline* e todos os detalhes de uma narrativa piadística. Já outras preferem dramatizar o texto através de uma estrutura de diálogos, com menor utilização de narratividade.

Importante notar, por fim, que, do ponto de vista semiolinguístico, ainda é possível aprofundar esta pesquisa ampliando-se o foco nas possíveis estratégias patêmicas extraliterárias presentes na literatura espírita – isto é: com vistas a se buscar entender melhor como se dá o processo de edição/organização das obras por parte das editoras espíritas.

Levantamos essa questão, que pode servir de incentivo a pesquisadores futuros, com base na premissa de que as possíveis semelhanças textuais ou de estilo muito bem analisadas por Rocha (2008) entre os escritos do Humberto de Campos “vivo” e do Humberto de Campos “redivivo” podem ser vistas, elas mesmas, também como um fator patêmico extraliterário, já que o público conhecedor da obra do escritor, falecido em 1934, pôde ser estimulado a sentir algum tipo de êxtase ao reconhecer seu ídolo nas palavras do autor redivivo. Isso, provavelmente, deu-se de forma muito mais forte durante os anos 1930 e 1940, quando o nome do escritor e político ainda estava em evidência na grande mídia brasileira.

O texto “Na Escola do Evangelho”, que serve de introdução ao livro *Boa nova*, lançado em 1941, pode servir como um bom exemplo da questão acima suscitada. O referido volume, assinado pelo Espírito Humberto de Campos e psicografado por Francisco Cândido Xavier, apresenta 30 episódios relacionados à vida de Jesus Cristo, seus discípulos e outros personagens bíblicos. Chama a atenção do leitor o fato de que no referido texto introdutório o Espírito Humberto de Campos faça questão de afirmar que os textos ali reunidos são bem diferentes daqueles que ele escrevia enquanto autor encarnado. E considera ainda o fato de que, durante sua atividade literária, na Terra, tenha produzido obras que podem ser divididas em duas fases distintas: uma relativa às páginas cômicas do Conselheiro XX e outra marcada pelas considerações sérias sobre a vida (considerações estas fundamentalmente motivadas pela terrível doença que lhe acometeu).

Ante as duas fases ilustradas, o autor espiritual informa que agora escreve de forma diversa, já que seu problema atual não seja o de escrever para agradar a este ou àquele leitor, mas tão somente o de produzir algo que lhe pareça ser útil. Chama a atenção, nesse caso específico de “Na Escola do Evangelho”, o fato de que o Humberto de Campos “redivivo” reflita sobre os escritos do Humberto de Campos “vivo”, citando abertamente o pseudônimo do Conselheiro XX e peculiaridades de sua crônica. Tal situação, como afirmado acima, ilustra uma circunstância patêmica extraliterária muito peculiar, principalmente quando se pensa num público leitor espírita também conhecedor das antigas crônicas que tanto notabilizaram o escritor Humberto de Campos em vida.

Ao término de nossas considerações, julgamos importante esclarecer que sempre tivemos consciência do enorme desafio metodológico que está na base da temática trabalhada neste estudo. Também temos consciência de que, felizmente, não tivemos que enfrentar tal desafio sozinhos, já que a própria criação do eixo de interesse “Literatura Espírita Brasileira” dentro da linha de pesquisa “Representação na Literatura Contemporânea”, *per se*, signifique muito, enquanto incentivo, para os pesquisadores da questão espírita no Brasil, bem como para os entusiastas da doutrina em geral.

Ao refletirmos sobre o universo acadêmico, neste estudo, dissemos que ele tem o poder de reelaborar sua própria perspectiva em relação aos objetos que analisa ou deixa de analisar, negando ou aceitando determinadas coisas, renegando verdades cristalizadas ou revisando os próprios conceitos que ajuda a criar. Dentro da grande

área de Linguística, Letras e Artes, no nosso país, essa iniciativa nascida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília representa uma formidável porta aberta para o futuro, merecedora de nossos aplausos e de nosso profundo respeito.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Relines Rufino de. *Mulher de papel, mulher de talento: a representação da escritora na ficção em Reparação*, de Ian McEwan, e em *Um beijo de Colombina*, de Adriana Lisboa. Juiz de Fora: UFJF, 2016. (Tese de Doutorado)
- ABREU E SILVA, Verônica Bemvenuto de. *Cinderela e os pequenos leitores: a percepção infantil de figuras femininas nas obras literárias Família da Cinderela*, de Roque Jacintho, e *Cinderela em Família*, de Kate Lúcia Portela. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- AGRA, Giscard Farias. *Quando a doença torna a vida um fardo: a trajetória de Humberto de Campos (1928-1934)*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2014. (Tese de Doutorado)
- ALVES, Carolina Assunção e. Efeitos de patemização no discurso fílmico. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William Augusto; MENDES, Emília (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 63-74.
- ALVES, Ricardo Ribeiro. Literatura espírita para além da psicografia. *Novo Momento*. 2022. Disponível em: <https://www.novomomento.com.br/literatura-espirita-alem-psicografia/>. Acesso em: 09 set. 2022.
- AMARAL, Márcia Franz. Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à patemização midiática. In: *Revista Contracampo*, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013, p. 71-86.
- ARRIGUCCI JR., Davi. “Fragmentos sobre a crônica”. In: *Enigma e comentário*. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Apresentação e notas de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, v. 2.
- BASTOS, Maria Helena C. Leituras da Ilustração Brasileira: Samuel Smiles (1812-1904). *Revista Ícone*, Uberlândia, ano 1, n. 1, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte – gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRIGGS, Asa. Samuel Smiles and the Gospel of work. *Victorian people a reassessment of persons and themes – 1851-67*. Chicago: University of Chicago Press, 1955, p. 116-139. Disponível em: <https://archive.org/details/victorianpeoplea000327mbp/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 18 set. 2021.
- BRITO, Lidiane Moreira Silva de. *Ressignificando a produção textual na EJA: uma experiência com o gênero textual carta aberta*. Mamanguape: UFPB, 2015. (Dissertação de Mestrado)

CAMPOS, Humberto de. *A funda de Daví*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1954b. (Série Conselheiro X. X.)

CAMPOS, Humberto de. *A serpente de bronze*. São Paulo: Editora Brasileira, 1962a. (Série Conselheiro X.X.)

CAMPOS, Humberto de (Espírito). *Boa nova / pelo Espírito Humberto de Campos; [psicografadas por] Francisco Cândido Xavier*, 37. ed. 1. Imp. Brasília: FEB, 2013.

CAMPOS, Humberto de [1938]. *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

CAMPOS, Humberto de. *Contrastes* (crônicas). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1941a.

CAMPOS, Humberto de. *Crítica* – segunda série. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1941d. (Coleção Obra Completa, vol. 22).

CAMPOS, Humberto de (Espírito). *Crônicas de além-túmulo / pelo Espírito Humberto de Campos; [psicografadas por] Francisco Cândido Xavier*, 17. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013.

CAMPOS, Humberto de. *Destinos...* (crônicas). Obra póstuma. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1947.

CAMPOS, Humberto de. *Diário secreto*. Volume I. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954a.

CAMPOS, Humberto de. *Diário secreto*. Volume II. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954a.

CAMPOS, Humberto de. Discurso de posse. Academia Brasileira de Letras. 08 mai. 1920. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/mucio-leao/discurso-de-posse>. Acesso em: 26 nov. 2022.

CAMPOS, Humberto de. *Grãos de mostarda*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1943. (Série Conselheiro X. X.)

CAMPOS, Humberto de [Irmão X]. *Histórias e anotações*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

CAMPOS, Humberto de. *Memórias* – primeira parte, 1886-1900. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1941.

CAMPOS, Humberto de. *Memórias* – II. São Paulo: Opus Editora, 1982.

CAMPOS, Humberto de. *Memórias inacabadas* (obra póstuma). Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1935.

CAMPOS, Humberto de. *Notas de um diarista* – 1ª série (obra póstuma). Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1941b. (Coleção Obra Completa, vol. 09).

CAMPOS, Humberto de (Espírito). *Novas mensagens* / pelo Espírito Humberto de Campos; [psicografadas por] Francisco Cândido Xavier, 14. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2014b.

CAMPOS, Humberto de. *O Brasil anedótico* – frases históricas que resumem a crônica do Brasil-Colônia, do Brasil-Império e do Brasil-República. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1962b.

CAMPOS, Humberto de. *Os Párias* (Crônicas). Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1941c. (Coleção Obra Completa, vol. 04).

CAMPOS, Humberto de [1936]. *Palavras do infinito*. 6. ed. São Paulo: Drake, 1982.

CAMPOS, Humberto de (Espírito). *Reportagens de Além-túmulo* / pelo Espírito Humberto de Campos; [psicografadas por] Francisco Cândido Xavier, 13. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2014a. (Coleção Humberto de Campos/Irmão X)

CAMPOS, Humberto de. *Sombras que sofrem* (crônicas). São Paulo: Editora Mérito S.A., 1960.

CAMPOS, Humberto de. *Tonel de Diógenes*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: Editora Mérito, 1967. (Série Conselheiro X.X.)

CANDIDO, Antonio. Prefácio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1984. v. 5.

CARDOSO, Manuela Castelo Branco de Oliveira. *Nedda, Colombina, Matusquella e Zerpina*: ensaios sobre palhaçaria e ópera. Brasília: UNB, 2018.

CEIA, Carlos (Org.). Paraliteratura. *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL). 2011, p. 338-339. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/392069423/E-Dicionario-de-Termos-Literarios-EDTL>. Acesso em: 04 set. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 23-56.

CHARAUDEAU, Patrick. Des catégories pour l'humour. Questions de communication: humor et média. Définitions, genres et cultures. Nancy: *Presses Universitaires de Nancy*, n. 10. 2006b. p. 19-41. Disponível em: <https://journals.openedition.org/questionsdecommunication/7688>. Acesso em 21 jan. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William Augusto; MENDES, Emília (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 240-251.

CHARAUDEAU, Patrick; MONNERAT, Rosane. Apresentação – análise semiolinguística do discurso: concepções e interfaces. *Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 50, p. 703-709, set.-dez. 2019.

CHINELLATTO, Thais Montenegro. *Espírito da paraliteratura*: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester. 1989. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

CHINELLATTO, Thais Montenegro. *O espírito da paraliteratura*: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester. São Paulo: Editorial Espírita Radhu, 1989.

COUTINHO, Fernanda Maria Abreu. Pierre Bourdieu e a gênese do campo literário. *Rev. de Letras* - N0. 25 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2003, p. 53-59.

DIAS, José Roberto de Lima. *A evolução (1892-1893)*: uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita. 2006. 121f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

DONADON-LEAL, José Benedito. Instinto materno e emoções. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William Augusto; MENDES, Emília (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 182-187.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FEB. Catálogo da FEB. 2021. Disponível em: <https://fec.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Apresentacao-Catalogo-FEB.pdf>. Acesso em: 07 set. 2022.

FERES, Beatriz dos Santos. Competência para ler com emoção. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 123-140.

FERNANDES, Magali Oliveira. *Chico Xavier em comunicação*: personagem, biografias, edições e psicografia. 2001. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo, PUC, 2001.

FRANCO, Divaldo Pereira. Literatura espírita. *Seara Bendita – Instituição Espírita*. 2018. Disponível em: <https://www.searabendita.org.br/literatura-espirita>. Acesso em: 09 set. 2022.

GIRALDI, Renata. Morre, aos 92 anos, a escritora Zibia Gasparetto. Agência Brasil. 11 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/morre-aos-92-anos-escritora-zibia-gasparetto#!>. Acesso em: 15 set. 2022.

GOMES, Tânia Maria de Oliveira. *As pin-ups contemporâneas*: dos moldes da moda ao modo de vida. Um estudo sobre *ethos*, estereótipos e ideologia em *blogs* com temática retrô. Belo Horizonte: UFMG, 2017. (Tese de Doutorado)

GONÇALVES, Iracilda Cavalcanti de Freitas. *Autópsia espiritual: análise de narrativas psicofonadas de espíritos suicidas*. 2019. Tese (Doutorado em Ciência das Religiões). Programa de Pós-Graduação em Ciência das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

GONÇALVES, Iracilda Cavalcanti de Freitas. *Na discursivização de Nosso Lar: as verdades do Espiritismo*. 2011. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GREGÓRIO, Sônia Maria Fernandes. *Projeto Entrevista: uma alternativa de letramento por meio de gêneros discursivos*. Assis, 2018. 149 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

HALUCH, Aline. *A Maçã e a renovação do design editorial na década de 1920*. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *O Design Brasileiro antes do design: Aspectos da história gráfica, 1870 – 1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 84-98.

IBGE. Humberto de Campos. *IBGE*. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/humberto-de-campos/historico>. Acesso em: 18 set. 2021.

IRMÃO X (Espírito). *Cartas e crônicas / pelo Espírito Irmão X*. [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 14. ed. Brasília: FEB, 2013. (Coleção Humberto de Campos/Irmão X)

IRMÃO X (Espírito). *Contos desta e doutra vida / pelo Espírito Irmão X*. [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 14. ed. 1 imp. Brasília: FEB, 2013. (Coleção Humberto de Campos/Irmão X)

IRMÃO X (Espírito). *Luz acima / pelo Espírito Irmão X*. [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 11. ed. 4 imp. Brasília: FEB, 2013. (Coleção Humberto de Campos/Irmão X)

IRMÃO X (Espírito). *Estante da Vida / pelo Espírito Irmão X*. [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 10. ed. 3 imp. Brasília: FEB, 2013. (Coleção Humberto de Campos/Irmão X)

IRMÃO X (Espírito). *Pontos e contos / pelo Espírito Irmão X*. [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 13. ed. 1 imp. Brasília: FEB, 2014. (Coleção Humberto de Campos/Irmão X)

IRMÃO X (Espírito). *Lázaro redivivo / pelo Espírito Irmão X*. [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 13. ed. Brasília: FEB, 2014. (Coleção Humberto de Campos/Irmão X)

IRMÃO X (Espírito). *Contos e apólogos / pelo Espírito Irmão X*. [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 13. ed. 1 imp. Brasília: FEB, 2014. (Coleção Humberto de Campos/Irmão X)

IRMÃO X (Espírito). *Relatos da vida / pelo Espírito Irmão X*. [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 1. ed. Eletrônica. Capivari-SP: AME, 2019.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. O consolidador entre os homens. Edição histórica bilíngue. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2013.

LEÃO, Mucio. Discurso de posse. Academia Brasileira de Letras. 1935. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/mucio-leao/discurso-de-posse>. Acesso em: 13 mar. 2022.

LEBERT, Maria de Lourdes. *Humberto de Campos*. São Paulo: Melhoramentos, 1956. (Coleção Grandes vultos das letras, v. 18)

LIGNANI, Ângela Maria de Oliveira. *Psicografia e inscrições discursivas*. A escrita de Chico Xavier. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

LIMA, Elizabete Barros de Sousa. *Contos e crônicas sério-cômicos de Lima Barreto: um estudo dialógico do riso e da sátira*. Brasília: UNB, 2016. (Dissertação de Mestrado)

LIMA, Marcos Aurélio de. *A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia*. Natal: Editora IFRN, 2011.

LIMA JÚNIOR, Gilberto. Os contrapontos entre a tecnologia e a espiritualidade. 07 set. 2020. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/ofuturojacomecou/2020/09/07/os-contrapontos-entre-a-tecnologia-e-a-espiritualidade/>. Acesso em: 08 set. 2022.

LOES, João. A senhora dos espíritos. *Revista Isto é*. n. 2272, 30 mai. 2013. Disponível em: https://istoe.com.br/302900_A+SENHORA+DOS+ESPIRITOS/. Acesso em: 15 set. 2022.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. *Bagatelas e Marginália: cultura intelectual e revide ao Poder nas crônicas de Lima Barreto*. 2014. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília: UNB, 2014.

LYSARDO-DIAS, Dylia. Estereótipos e emoção: empatia e afetividade do gênero proverbial. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 95-103.

MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William Augusto; MENDES, Emília (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MACHADO, Renata Lisbôa; ABREU, Kátia Hoffmann de; MARTINI, Ivanosca Inês. A vida de Marilyn Monroe a partir da teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott. *Winnicott e-prints*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-20, 2015.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira. 1870-1930)*. São Paulo: Grijalbo/Edusp, 1973.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEDEIROS, Benício. *Humberto de Campos: cadeira 20, ocupante 3*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

MELO, Mônica Santos de Souza. A socialização de experiências particulares pessoais sobre o acidente da TAM, publicados na Revista *SOU + EU! In: MEDEIROS, Benício. Humberto de Campos: cadeira 20, ocupante 3*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 153-168.

MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MILANI, Marco. O império não-espírita de Zíbia Gasparetto. *Educador Espírita*. 4 jun. 2013. Disponível em: educadorespirita1.blogspot.com/2013/06/reportagem-da-revista-isto-e-sobre.html. Acesso em: 15 set. 2022.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. O erótico como agente da emoção. *In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William Augusto; MENDES, Emília (Orgs.). As emoções no discurso*. Volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 75-88.

OLIVEIRA, Almir de. *Humberto de Campos: um exemplo de vida*. Salvador: Editora Universitária Americana, 1990.

PAREJA, Cleide Jussara Müller. *Emílio de Menezes: a máscara de alguns deuses*. Florianópolis: UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado)

PASSINI, José. A nova literatura mediúnica. *Mundo Espírita* – órgão de divulgação da Federação Espírita do Paraná. 2008. Disponível em: www.mundoespirita.com.br/?materia=a-nova-literatura-mediunica. Acesso em: 09 set. 2022.

PERANDRÉA, Carlos Augusto. *A psicografia à luz da grafoscopia*. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1991.

PEREIRA, Mariella Augusta. *A heteronímia: metamorfoses retórico-poéticas Ethos e Pathos nas Ficções do Interlúdio*. São Paulo: USP, 2014.

PICANÇO, Macário de Lemos. *Humberto de Campos*. Rio de Janeiro: Minerva, 1937.

POLK, Milan. How did Marilyn Monroe died? *Men'sHealth*. 28 set. 2022. Disponível em: <https://www.menshealth.com/entertainment/a41423529/marilyn-monroe-death/>. Acesos em: 30 nov. 2022.

PRATA, Denise Adélia V. *De Allan Kardec à Chico Xavier: uma visão histórica das poesias e dos romances mediúnicos*. 2016. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2016.

REIS, Roberto; CARVALHO, Lúcia Helena; SOUZA, Roberto Acízelo de (Orgs.). *O miolo e o pão: estudo crítico e antologia de Humberto de Campos*. Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor (1886-1986). Niterói/Brasília: EDUFF/INL, 1986.

RESENDE, Beatriz. "Introdução: o Rio de Janeiro e a crônica". In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

REZZUTTI, Paulo. *Mulheres do Brasil: a história não contada*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

ROCHA, Alexandre Caroli. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ROCHA, Alexandre Caroli. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, João Bôsko Cabral dos. *O Pathos da memória na identificação de práticas de leitura*. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 113-122.

SANTOS, Ricardo Caires dos. *O que é grafoscopia? Jusbrasil*. 2015. Disponível em: <https://ricardocaires.jusbrasil.com.br/artigos/240048439/o-que-e-grafoscopia>. Acesso em: 08 set. 2022.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. *A interpretação da piada na perspectiva da teoria da relevância*. Curitiba: UFPR, 2009. (Tese de Doutorado)

SÁTIRA. In: MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 469-471.

SCHEIBE, Roberta. *A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos*. Imperatriz: Ética, 2008.

SEVERINO, Paulo Rossi. *A vida triunfa*. 2. ed. São Paulo: FE, 1992.

SIESS, Jürgen. O duplo endereçamento no gênero epistolar. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 169-184.

SILVA, Ana Claudia da. O que é literatura espírita? In: BRITO JÚNIOR, Antônio B.; CAIMI, Claudia L.; OLIVEIRA, Rejane P. de. (Orgs.). *Entrelaçamentos com a literatura, o gótico, a religião, a música* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Class, 2021, p. 12-27.

SILVA, Ana Claudia da; ABREU E SILVA, Verônica Bemvenuto de. Literatura espírita e figurações no feminino em 'Há dois mil anos', de Emmanuel. In: *Revista Cerrados*, Brasília, v. 53, dez. 2020, p. 15-36.

SILVA, Ana Claudia da; ABREU E SILVA, Verônica Bemvenuto de. “Quem lê livros espíritas?”. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 57, 2019, p. 1-15.

SILVA, Cintia Alves da. *As cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*. 2012. 191 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012.

SILVA, Christiane Tavares Ferreira da. *A serpente na narrativa de Gênesis 3: interpretações e tradições judaicas na Antiguidade*. São Paulo: USP, 2021. (Dissertação de Mestrado)

SILVA, Giani David. A emoção como elemento constitutivo do discurso de informação televisiva. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William Augusto; MENDES, Emília (Orgs.). *As emoções no discurso*. Volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 131-139.

SILVA, Tamiris Vianna da. *A caridade é, em tudo, a regra de proceder: análise do discurso espírita kardecista*. 2014. 117 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A, 1972.

SOUSA, Francisco Alves de. *A study of reincarnation of Poe's “Ligeia” and “Morella”*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

SOUZA, Karen Pereira Fernandes de; SILVESTRE, Rachel de Carvalho Pinto Escobar; SILVA, Welton Pereira e. Patemização e argumentação em editoriais do jornal *O globo*: uma proposta para o ensino. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 20, v. 2, p. 100-122, ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47369/eidea-20-2-2668>. Acesso em: 19 nov. 2022.

TELAROLLI, Silvia. Entre a fúria e a esperança, o fel e o riso: presença da sátira na literatura brasileira. In: SEGATTO, José Antônio; BALDAN, Ude. *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999.

VERÍSSIMO, J. *Letras e literatos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

VIEIRA, Hermes. *Humberto de Campos e sua expressão literária*. São Paulo: Cultura Moderna, s.d.

WINOGRAD, Monah; TEIXEIRA, Leônia Cavalcanti. Afeto e adoecimento do corpo: considerações psicanalíticas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 14, n. 2, Dez. 2011, p. 165-182.

ZANI, Ricardo. *O carnaval buñuelesco: uma aurora ao entardecer*. Campinas: UNICAMP, 2010. (Tese de doutorado)

ANEXO

TEXTOS INTEGRAIS DAS DEZ CRÔNICAS ANALISADAS

UM AMIGO DE INFÂNCIA

No dia seguinte ao da mudança para a nossa pequena casa dos Campos, em Parnaíba, em 1896, toda ela cheirando ainda a cal, a tinta e a barro fresco, ofereceu-me a Natureza, ali, um amigo. Entrava eu no banheiro tosco, próximo ao poço, quando os meus olhos descobriram no chão, no interstício das pedras grosseiras que o calçavam, uma castanha de caju que acabava de rebentar, inchada, no desejo vegetal de ser árvore. Dobrado sobre si mesmo, o caule parecia mais um verme, um caramujo a carregar a sua casca, do que uma planta em eclosão. A castanha guardava, ainda, as duas primeiras folhas unidas e avermelhadas, as quais eram como duas jóias flexíveis que tentassem fugir do seu cofre.

- Mamãe, olhe o que eu achei! - gritei, contente, sustendo na concha das mãos curtas e ásperas o mostrengo que ainda sonhava com o sol e com a vida.

- Planta, meu filho... Vai plantar... Planta no fundo do quintal, longe da cerca...

Precipito-me, feliz, com a minha castanha viva. A trinta ou quarenta metros da casa, estaco. Faço com as mãos uma pequena cova, enterro aí o projeto de árvore, cerco-o de pedaços de tijolo e telha. Rego-o. Protejo-o contra a fome dos pintos e a irreverência das galinhas. Todas as manhãs, ao lavar o rosto, é sobre ele que tomba a água dessa ablução alegre. Acompanho com afeto a multiplicação das suas folhas tenras. Vejo-as mudar de cor, na evolução natural da clorofila. E cada uma, estirada e limpa, é como uma língua verde e móbil, a agradecer-me o cuidado que lhe dispenso, o carinho que lhe voto, a água gostosa que lhe dou.

O meu cajueiro sobe, desenvolve-se, prospera. Eu cresço, mas ele cresce mais rapidamente do que eu. Passado um ano, estamos do mesmo tamanho. Perfilamo-nos um junto do outro, para ver qual é mais alto. É uma árvore adolescente, elegante, graciosa. Quando eu completo doze anos, ele já me sustenta nos seus primeiros galhos. Mais uns meses e vou subindo, experimentando a sua resistência. Ele se balança comigo como um gigante jovem que embalasse nos braços o seu irmãos de leite. Até que, um dia, seguro da sua rijeza hercúlea, não o deixo mais. Promovo-o a mastro do meu navio e, todas as tardes, lhe subo ao galho mais empinado, onde, com o braço esquerdo cingindo o caule forte, de pé, solto, alto e sonoro, o canto melancólico da "Chegança", que é, por esse tempo, a festa popular mais famosa de Parnaíba:

Assobe, assobe, gajeiro,
Naquele tope real...
Para ver se tu avistas,
Otolina,
Areias de Portugal!

Mão direita aberta sobre os olhos, como quem devassa o horizonte equóreo, mas devassando, na verdade, apenas os quintas vizinhos, as vacas do curral de Dona Páscoa e os jumentos do sr. Antônio Santeiro, eu próprio respondo, com minha voz gritada, que a ventania arrasta para longe, rasgando-a, como uma camisa de som,

nas palmas dos coqueiros e nas estacas das cercas velhas, enfeitadas de melão-são-caetano:

Alvíssaras meu capitão,
Meu capitão-general!
Que avistei terras de Espanha.
Otolina,
Areias de Portugal!

A memória fresca, e límpida, reproduz, uma a uma, fielmente, todas as passagens épicas, todas as canções melancólicas e singelas da velha lenda marítima com que o majestoso mulato Benedito Guariba, uma vez por ano, à frente dos seus caboclos improvisados em marujos portugueses, alvoroça as ruas arenosas de Parnaíba. O vento forte, vindo das bandas da Amarração, dá-me a impressão de brisa do oceano largo. O meu camisão branco, de menino da roça, paneja, estalando, como uma bandeira solta. O cajueiro novo, oscilando comigo, dá-me a sensação de um mastro erguido rolando diante de mim, na curva do horizonte, onde o céu e o mar se beijam e misturam, as terras claras de Espanha, e areias de Portugal.

Pouco a pouco, a noite vem descendo. Um véu de cinza envolve docemente os coqueiros dos quintais próximos. Os bezerros de Dona Páscoa berram com mais tristeza. As vacas, apartadas deles, respondem com mais saudade. Os jumentos do sr. Antônio Santeiro zurram as cinco vogais e o estribilho "ípsilon", marcando sonoramente as seis horas. Os do sr. Antonio do Monte, ao longe, conferem e confirmam o zurro, o focinho para o alto, olhando o milho de ouro das primeiras estrelas. E eu, gajeiro de uma nau ancorada na terra, desço tristemente do folhudo mastro do meu cajueiro, sonhando com o oceano alto, invejando a vida tormentosa dos marinheiros perdidos, que não tinham, pelo menos, a obrigação de estudar, à luz de um lampião de querosene, a lição do dia seguinte...

Aos treze anos da minha idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu. Embarco para o Maranhão, e ele fica. Na hora, porém, de deixar a casa, vou levar-lhe o meu adeus. Abraçando-me ao seu tronco, aperto-o de encontro ao meu peito. A resina transparente e cheirosa corre-lhe do caule ferido. Na ponta dos ramos mais altos abotoam os primeiros cachos de flores miúdas e arroxeadas como pequeninas unhas de crianças com frio.

- Adeus, meu cajueiro! Até à volta!

Ele não diz nada, e eu me vou embora.

Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca, a sua folha mais alta, pequenino lenço verde agitado em despedida. E estou em S. Luís, homem-menino, lutando pela vida, erijando o corpo no trabalho bruto e fortalecendo a alma no sofrimento, quando recebo uma comprida lata de folha acompanhando uma carta de minha mãe: "Receberás com esta uma pequena lata de doce de caju, em calda. São os primeiros caju do teu cajueiro. São deliciosos, e ele te manda lembranças..."

Há, se bem me lembro, uns versos de Kipling, em que o Oceano, o Vento e a Floresta palestram e blasfemam. E o mais desgraçado dos três é a Floresta, porque, enquanto

as ondas e as rajadas percorrem terras e costas, ela, agrilhoadas ao solo com as raízes das árvores, braceja, grita, esgrime com os galhos furiosos, e não pode fugir, nem viajar... Recebendo a carta de minha mãe, choro, sozinho. Choro, pela delicadeza da sua idéia. E choro, sobretudo, com inveja do meu cajueiro. Por que não tivera eu, também, raízes como ele, para me não afastar nunca, jamais, da terra em que eu, ignorando que o era, havia sido feliz?

Volto, porém. O meu cajueiro estende, agora, os braços, na ânsia cristã de dar sombra a tudo. A resina corre-lhe do tronco, mas ele se embala, contente, à música dos mesmos ventos amigos. Os seus galhos mais baixos formam cadeiras que oferece às crianças. Tem flores para os insetos faiscantes e frutos de ouro pálido para as pipiras cinzentas. É um cajueiro moço, e robusto. Está em toda a força e em toda a glória ingênua da sua existência vegetal.

Um ano mais, e parto novamente. Outra despedida; outro adeus mais surdo, e mais triste:

-Adeus, meu cajueiro!

O mundo toma-me nos seus braços titânicos, arrepiados de espinhos. Diverte-se comigo como a filha do rei de Brobdingnag com a fragilidade do capitão Guliver. O monstro maltrata-me, fere-me, tortura-me. E eu, quase morto, regresso a Parnaíba, volto a ver minha casa, e a rever o meu amigo.

- Meu cajueiro, aqui estou!

Mas ele não me conhece mais. Eu estou homem; ele está velho. A enfermidade cava-me o rosto, altera-me a fisionomia, modifica-me o tom da voz. Ele está imenso e escuro. Os seus galhos abraçam coqueiros, afogam laranjeiras que noivam, ou ultrapassam a cerca e vão dar sombra, na rua, às cabras cansadas, aos mendigos sem pouso, às galinhas sem dono... Quero abraçá-lo, e já não posso. Em torno ao seu tronco fizeram um cercado estreito. No cercado imundo, mergulhado na lama, ressona um porco... Ao perfume suave da flor, ao cheiro agreste do fruto, sucederam, em baixo, a vasa e a podridão!

- Adeus, meu cajueiro!

CARTA A SANNY WSAKA

Eu estava, Sanny Wsaka, em um hospital de cirurgia, com um saco de gelo sobre o ventre, que o bisturi rasgara na véspera, quando você entrou para outra casa de caridade e sofrimento, com os intestinos dilacerados por uma bala de revólver. Padecíamos, no momento, mais ou menos, as mesmas dores. As minhas eram, porém, a moeda com que eu procurava comprar a vida. E as suas, o ouro com que você procurava comprar a morte. As minhas, vinham da ciência e da esperança. As suas, das suas próprias mãos, movidas pelo desespero. E eu, ao ouvir, de olhos fechados, a leitura da sua tragédia, prometi a mim mesmo que, ao erguer-me do leito, e ao tornar à atividade das minhas letras, seria para você, neste mundo ou no outro, a minha primeira carta de amigo.

Segundo disseram os jornais, lidos à minha cabeceira, você é linda, inteligente, e conta vinte e quatro anos, isto é, a metade, apenas, da minha vida. E resolveu matar-se por não corresponder o mundo à sua expectativa e ao seu sonho. Resolveu matar-se porque a Terra lhe pareceu vazia, e porque não descobriu, em toda ela, as flores que lhe haviam prometido para enfeitar, no relógio dos seus dias, cada uma das suas horas. Não encontrando no salão de festa os pares e os prazeres de que falavam os convites, tomou você a deliberação de retirar-se. E, com um tiro, chamou o seu automóvel, que devia ser todo negro, e todo ornamentado de rosas.

O conhecimento dessa causa tornou mais intenso o meu desejo de escrever essa carta a você. Porque a sua enfermidade, Sanny, a enfermidade do seu espírito, não é unicamente sua, mas a manifestação de uma epidemia que lavra largamente pela Terra. Assolando lindas almas como a sua, destruindo lindos corpos como o seu. Disseram-lhe, parece, que a vida era um sonho maravilhoso, e que lhe cabia o direito de viver esse sonho. O tempo, com a sua mão invisível, trouxe você ao lugar em que devia dar-se a revelação. E eis que você verifica a mentira da promessa. O recinto a que você foi conduzida, era decorado de sarrafos, que de longe pareciam sêda, e de flores de papel, que, à distância, pareciam refrescadas pelo orvalho da manhã. E você teve uma decepção. E, diante da falsidade de tudo, da mentira de tudo, preferiu morrer a conformar-se. Quando um sonho é grande demais, é preferível morrer com ele a deixar que ele morra sozinho. Daí aquele tiro. Daí aquela dose de veneno, que ingeriu para maior segurança da morte. Daí aquela declaração, que você fez, de que, se sobreviver à tentativa de agora, fará outra amanhã, saindo do mundo por qualquer porta, contando que se livre da mentira da sua Verdade, ou da verdade da sua Mentira.

E é para pedir-lhe que não insista no seu movimento injustificado e deselegante destruindo uma obra a que a Natureza apusera um dos seus selos de maior custo, que eu me levanto, Sanny, de um leito de hospital, para vir, nesta carta, conversar com você. Não sei se você conhece, no tumulto das suas leituras românticas, aquele episódio da conquista do México, do qual resultaram apenas, uma frase para a literatura e uma vergonha para a Civilização. Suspeitando que o imperador Guatimozim, bravo, jovem e belo, havia lançado às águas do lago sagrado os tesouros do seu tio, mandou Fernando Cortez que o untassem com óleo, a ele e ao seu secretário, e os pusessem aos dois, sobre carvões ardentes. No auge do suplício, o secretário acovardado pelo tormento, volta-se para o soberano, e exclama:

– Senhor, deixai-me falar... Não posso mais!...

E Guatimozim, tranquilo e estóico, sentindo subir das brasas o cheiro da sua própria carne:

– E eu? Pensas tu que eu em encontro num leito de rosas?

Você se considera desgraçada, e ludibriada pela vida, Sanny, porque não atenta para os carvões sobre os quais se acham estendidos os seus vizinhos na terra. Como o secretário de Guatimozim, imagina você que só você, no mundo, foi traída no seu sonho e na sua esperança. E, no entanto, se olhar em torno, se preferir, como o filósofo, comparar-se a julgar-se, talvez venha a convencer-se que não é tão desventurada como supõe. Não conhece você a história de um monge que vivia num eremitério, à margem de um córrego, e que não tinha como alimento, diariamente, senão uma pequena maçã? “Senhor, – gemia ele, – quem há na terra, mais miserável e humilde do que eu? Quem há, no mundo, que se alimente apenas com uma pequena maçã e alguns goles d’água, bebidos no leito de um riacho?” Tempos depois, entretanto, veio ele a saber que, mais abaixo, havia outro monge que se alimentava unicamente com as cascas da sua maçã, que o riacho levava na correnteza... Quem sabe, Sanny, se aquilo que você considera infortúnio, não seria, no mundo, felicidade para muita gente? Quantos desgraçados se considerariam felizes se contassem com as cascas da sua maçã?

Você não me conhece, provavelmente, e nunca ouviu falar no meu nome, e, ainda menos, na minha vida. Que diria você, porém, de um homem que passasse quarenta anos a estudar e a sofrer, consagrando a leitura todas as horas destinadas aos prazeres e ao repouso, com a ideia de acumular conhecimentos para escrever uma grande obra na maturidade, e que, chegado à maturidade, se visse, e de modo irreparável, pobre, doente e quase cego, impossibilitado, portanto, de realizar a obra que constituíra sua esperança e seu sonho de toda a vida? E, no entanto, esse homem existe, Sanny; existe, sofre, e não desespera. Existe, sofre, e, como não pode tirar um grande livro da sua saúde, dos seus estudos e da sua alegria para consagrá-lo aos felizes, tira dos seus padecimentos, e da sua tristeza tranquila, uma grande lição de humildade, de paciência e de resignação, destinada aos desgraçados. Dois beduínos iam, um dia, por um deserto da Arábia, quando um Gênio lhes deu, além de alguns palmos de terra num oásis, a um, um saco de ouro, a outro, um saco de estrume. No ano seguinte, o Gênio voltou. O homem do saco de ouro continuava com seu ouro. O homem do saco de estrume possuía um jardim todo coberto de rosas. A sabedoria humana, Sanny, consiste, não na conservação das cousas boas que recebemos, mas em transformar em cousas boas as más cousas que o céu nos dá.

A sua infelicidade, é, assim, oriunda, toda ela, de um defeito de educação. Imaginou você a terra de um paraíso, todo cheio de cousas deliciosas. E como encontrou o Éden sem as maravilhas que a sua imaginação nele pusera, perdeu a paciência, deixando-se tomar pela revolta. Fez você como as meninas caprichosas, que, porque não receberam, no dia de Natal, uma grande boneca, rebentam, e põem fora a boneca de tamanho mediano que encontraram no sapato. E fez você muito mal procedendo assim. O dever de cada um de nós é contentar-se com a sua boneca. Da sua vida vazia podia você, se o quisesse, ter tirado um mundo. A felicidade de uma criança que levanta uma cidadezinha de areia à beira do rio é tão grande como a de Alexandre ou a de Constantino Magno, que fundaram cidades de pedra à beira do mar. Você não encontrou na vida o que imaginou. Mas podia ter enfeitado com a sua imaginação aquilo que ela lhe deu. Não sabia você o que fazer da sua existência? Consagrasse-

a aos outros, mais desgraçados do que você. Olhe em torno, e veja quanto sofrimento: nos hospitais, nos cárceres, nos asilos, nos orfanatos. Todos os que choram, e gemem, nesses lugares, são seus irmãos, e meus. E que bonito seria, você, formosa e moça, levando com a sua graça um pouco de lenitivo e de pão às criancinhas sem mãe e aos velhos sem família, nas casas a que você os recolheu a piedade humana?!... Você conhece, sem dúvida, aquele apólogo em que o Diabo compra a alma de um boêmio, cuja carteira enche diariamente de cédulas, para que ele as gaste até a última. No dia em que ficar uma cédula sem ser consumida, está concluída a transação e a alma tem de ser entregue ao comprador. O boêmio gasta cada dia centenas de contos com o luxo, com o amor, com o jogo, com as bebidas, com as várias formas de dissipação. Até que, uma noite, resolve capitular. Não tem mais em que empregue o dinheiro do Diabo. E vai entregar-lhe a alma.

– Aqui me tens – diz-lhe. – Não encontrei mais em que dispende dinheiro na terra.

O Diabo sorri, toma-lhe a alma. E depois de tomá-la:

– Há, no entanto, no mundo, alguma coisa em que um homem pode consumir, diariamente, e até o fim dos séculos, todo o dinheiro em que tenha nas mãos.

E olhando o homem nos olhos:

– Nunca ouviste falar na Caridade?

E a Caridade não serve, Sanny, unicamente para empregar o dinheiro que sobra, mas, também, os pensamentos sem dono e as horas que são demais.

Não queira, pois, morrer. Não insista em lançar às ondas o anel de Polícrates, que acaba de lhe voltar às mãos. Deus, que lhe conservou a vida, apesar de tudo o que você fez para perdê-la, é porque precisa dela, e de você, neste mundo. Conserve-a, portanto, e a dignifique. Erga os olhos da terra, que é imunda, e os fixe na altura, pontilhada de estrelas. E verá você, então, com surpresa, que, quando se tem os olhos nas estrelas, as roseiras, no chão em que pisamos aumentam o número das rosas, e vão, pouco a pouco, diminuindo o dos espinhos...

AOS MEUS AMIGOS DA BAHIA

A atitude generosa e gentil, acima descrita assumida pela mocidade acadêmica da Bahia, por iniciativa de um dos seus mais brilhantes professores, e pela imprensa de São Salvador, representada pela sua associação de classe, vem oferecer-me, contudo, à margem da recusa e dos agradecimentos já expressos, oportunidade para uma explicação a alguns leitores e amigos que não me conhecem de perto.

Formou-se, em verdade, em torno da minha saúde e da minha situação econômica, um círculo de lendas, que se torna preciso reduzir às proporções exatas da realidade. As versões mais estranhas foram criadas e circulam pelo país, transformando em comiseração um sentimento que não devia passar de simples e humana simpatia. “Humberto de Campos está cego e na miséria!”, leio eu constantemente. Um jovem e vigoroso jornalista sergipano, Passos Cabral, comentando, há meses, a minha vida e a minha obra literária em uma folha de Aracaju, escreveu: “Humberto de Campos, doente, sem família, ferido até em um dos maiores bens da vida, que é sua visão, vive exclusivamente da sua pena, vive de literatura”. Um seu leitor e amigo, residente em Ubá, apressou-se, porém, em definir melhor as condições a que me achava reduzido, em carta publicada no mesmo jornal. “Posso informar-te com segurança, – dizia ele, em palavras que conservei na memória – que Humberto de Campos está enganado e não durará muito tempo. Acha-se completamente cego, e atacado de uma moléstia semelhante à lepra”. No Ceará, segundo me informam pessoas dali procedentes e que me encontram sem qualquer vestígio desse mal, não é outra a versão corrente. E eu vou assim aos olhos de meus amigos distantes, me extinguindo aos poucos, roído, como Jó, de chagas e vérmina, que raspo no abandono do meu monturo de Uz, com os últimos cacos de telhas da minha casa.

Diante dessas lendas e versões é preciso que eu proclame corajosamente a verdade. Sou um homem doente, mas não estou leproso. Sou um homem pobre, mas não me encontro na miséria. Assediado por um conjunto de male que me bloquearam dentro da vida, imito a planta que transforma em fruto o estrume que lhe põem aos pés. Vivi as horas mais terríveis que pode viver um homem quando, em janeiro de 1928, recebi a sentença condenatória da ciência, com o diagnóstico da hipertrofia da hipófise, que se caracterizava de modo alarmante em meado de 1930 os efeitos dessa enfermidade se alastravam. O olho esquerdo ficou perdido, sem nenhuma lesão aparente. As mãos se tornaram volumosas, acompanhadas de dormência, que aumentava durante o trabalho ou durante o sono. A parte inferior do braço tomada de dores, pela falta de circulação, fazia-me levantar de hora em hora, para mergulhar as mãos em álcool e desentorpecê-las. Por esse tempo, a hipertrofia da hipófise refletiu-se em outras glândulas, determinando a hipertrofia prostática, seguida de uma intoxicação consequente. Durante quase três anos não tive sono que durasse mais de uma hora, e cada hora de sono era povoada de sonhos tremendos, de pesadelos assombrosos, que me enchiam de pavor, ante a ideia de dormir outra vez. Trabalhava, e dormia, cercado de sacos de água quente, que me aliviavam os tormentos. Sentia a cabeça enorme, e a língua pesada, dificultando a enunciação das palavras. No centro da cidade, quando era forçado a sair de casa, a minha passagem era a de uma sombra, ou de um fantasma, porque eu próprio não sentia os meus pés. Assaltou-me a surdez. Tudo se movia em torno de mim, e eu não percebia a voz dos homens nem o ruído das cousas. Multiplicavam-se as vertigens, que eu vencia correndo para um automóvel, deixando-me tomar pelos suores frios, os olhos fechados, a respiração curta e difícil, o coração batendo forte. Mais de uma vez capitulei, sendo socorrido na

via pública. Por essa época submeti-me a uma punção na espinha, para extração do líquido céfalo-raquidiano, que me permitiu ligeira melhora. Pouco depois, voltavam, porém, as mesmas perturbações, agravadas pela dormência e pelas dores nas pernas.

Não obstante isso, trabalhei sempre, escrevi sempre, e não deixei de prover, com os recursos de minha pena, as necessidades da minha casa. Retirei os meus filhos do colégio, a menina com quinze e o menino com treze anos, atirando-os ao trabalho, de modo a prepará-los para o momento que lhes faltasse o meu braço. Mas não desanimei nunca. Uma alegria diabólica me enchia o coração toda vez que eu, numa crise mais violenta, vencida a morte, que rondava a minha porta. Raro o dia, por isso, em que não aparecia, na imprensa, o meu artigo alegre. A ironia das minhas crônicas era, quase o esgar da caveira que fazia sorrir os que tinham carne na face.

A enfermidade implacável que me assaltou continua no seu curso. Mas sofro menos. Os meus sonos são curtos, de duas horas. Cessaram, todavia, os sonhos maus, e os pesadelos horrendos. A dormência das mãos diminuiu. Deixei de ler, porque as letras se fundem e confundem diante de mim, obrigando-me, nos casos imprescindíveis, a isolar as linhas que os olhos têm de percorrer. As dores nas pernas são mais fortes, pela vida sedentária a que me obriga a profissão. Mas trabalho contente. Sinto que a minha alma se purifica no sofrimento, e que o meu coração, trabalhado pelas dores próprias, se preparou melhor para a compreensão das dores alheias. Perdi, com minha casa hipotecada, tudo o que possuía como fortuna terrena. Mas o trabalho não me falta, e, com o produto do meu trabalho, tenho tudo o que desejo, porque hoje desejo pouco. Ensinei os meus filhos a ganhar o seu pão quando lhes faltar o que lhes dou, e, dessa maneira, vou lhes deixar, quando morrer, o mais precioso dos tesouros. Fico, às vezes, já, algumas horas, sem os meus olhos, mas quando eles me faltarem de todo, quando desaparecerem para sempre diante deles as teclas da máquina em que executo voluptuosamente o hino das ideias silenciosas, passarei a ditar o meu pensamento, descrevendo aos homens que têm olhos o brilho triste das estrelas da minha noite.

Não sou, pois, como ficou explicado, um homem atacado de doença repugnante, “semelhante a lepra”, nem carecido, por inválido, do auxílio do meu próximo. Escrevendo constantemente contra a esmola direta não poderia, de nenhum modo, recebê-la, sob qualquer forma, e a qualquer título. Quando os médicos me “cientificaram” de que a vista esquerda estava perdida, tive, naturalmente, o meu momento de funda tristeza. Ia consolar-me com Luís de Camões, mas encontrei-me nessa tarde, com Alcântara Machado, então diretor da Faculdade de Direito de São Paulo e hoje *leader* da bancada paulista na Câmara Constituinte, e ele me fortaleceu com uma revelação.

– Dois olhos, para o Brasil, são muita coisa, meu velho, – disse-me.

E ao meu ouvido:

– Eu só tenho, sadio, o direito. O esquerdo serve-lhe apenas de companhia. Se me privassem do olho direito, eu estaria cego!

Dias depois, em um encontro com o general Tasso Fragoso, pediu-me ele com a gentileza habitual, notícias da minha saúde. Dei-lhas. Lamentei a minha pupila morta. E ele:

– Não se queixe na minha presença. Eu conheço um general quase nessas condições... e é chefe do Estado-Maior do Exército!...

Lembrei-me de Alfredo Pinto, que perdera um dos olhos aos doze anos e fora deputado, chefe de Polícia, ministro da Justiça e ministro do Supremo Tribunal, e costumava dizer aos íntimos:

– Nunca senti falta do olho que perdi quando menino.

E, superiormente:

– Isso de ter olhos é luxo!

Se, com uma vista só, Alcântara Machado, Tasso Fragoso e Alfredo Pinto haviam sido das maiores figuras do Brasil, e das suas glórias mais altas e puras, por que havia eu de ter pena do meu olho? Perdido? Conformei-me, pois. Um dos nossos aviadores navais mais atrevidos e experimentados no vôo, seguno me contou o Dr. Moura Brasil do Amaral, tem unicamente a vista esquerda... De repente, porém, começou-me a compressão, em mim, do nervo ótico interessando a vista direita. E foi, então, quando me lembrei de Homero, de Milton, de Salvador de Mendonça, de Juvenal Galeno, e, principalmente, de Augustin Thierry, cego aos trinta e dois anos e que, não obstante, foi renovador da crítica histórica, no seu século.

Estou, assim, conformado e sereno. Quando a minha vista mo permite, escrevo. Se não posso escrever, medito. Com a meditação longa e o trabalho curto, ainda tenho pão, conforto e alegria. Quando, em Corinto, Alexandre Magno perguntou a Diógenes o que desejava do seu poderio, o filósofo não pediu senão que o famoso capitão lhe não tirasse aquilo que lhe não podia dar. Isto é, o raio do sol matinal que se projetava sobre o tonel, e que Alexandre interceptava com a sua figura. Desejam os meus amigos da Bahia dar-me aquilo que me falta. E a mim, que me falta a mim? Os meus olhos, apenas.

Mas, quem poderá restituir-me os meus olhos?

A SANTA CASA

(Paródia a uma sátira de Emílio de Menezes)

As nuvens começavam a tomar uma cor arroxeadada, anunciando o fim do crepúsculo e o início de uma noite soturna, quando alguém bateu, medroso, à luminosa porta do Céu.

— Quem bate? — gritou, de dentro, São Pedro, arrastando as suas alpercatas de couro e tilintando, trêmulo, a sua enorme penca de chaves.

— Sou eu! — respondeu de fora o recém-chegado.

Aberta a portinhola do parlatório, informou o retardatário haver sido despachado da vida naquele dia, com destino à mansão dos justos, onde devia, portanto, ser admitido.

— Aqui? — observou o apóstolo, espantado. — Aqui, não. Todas as pessoas que tinham de entrar hoje, já entraram. Não falta mais nenhuma.

E bondoso:

— Não será engano seu, meu filho? Você não terá sido despachado para o Purgatório?

O peregrino admitiu a hipótese de uma confusão, e, saltando de nuvem em nuvem, como quem salta de rochedo em rochedo, foi ter à porta de fogo do Purgatório, onde bateu.

— Quem vem lá? — trovejou um anjo, escancarando, com um gancho, a rubra fornalha das penitências.

O desventurado deu o seu nome, e, momentos depois, reabria-se o forno.

— Há engano na direção, camarada! — informou o guardião, soprando, severo, a sua vermelha espada de chama. — O seu lugar não será no Inferno? Aqui, é que não é. Não consta nada sobre a sua pessoa!

E, fechando a fornalha, deixou-o na amplidão, tristonho, solitário, abandonado, tendo aberto, apenas, à sua frente, o caminho escuro do Inferno. Resolvido a cumprir o seu destino, tomou o infeliz esse rumo, até ir ter, corajoso, à porta da caverna formidável.

— Quem é? — rugiu, de dentro, uma voz que parecia um trovão.

Tremendo de pavor, o mísero deu o seu nome, e esperava, já, o instante de ser precipitado nas enormes caldeiras ferventes, quando o portão monstruoso se abriu, dando passagem aos chavelhos de ferro de Belzebu.

— Quem o mandou para cá? — indagou o bruto, acendendo os olhos.

— A mim? — gemeu o desventurado. — Ninguém. Fui ao Céu, disseram-me que não era lá. Fui ao Purgatório, e informaram-me a mesma coisa. Logo, é aqui, por força.

O Diabo meditou um instante, consultou umas chapas de ferro incandescente que estavam próximas, e protestou, firme:

— Aqui, também, não é!

— Não?

— Não; absolutamente! — tornou o Capeta. — O seu lugar deve ser mesmo no Céu. O Pedro está muito velho, já, e, com certeza, não viu bem. Volte lá! Volte lá!

Um momento depois, estava o desgraçado, de novo, à porta do Paraíso.

— Outra vez? — observou São Pedro, paciente.

— Outra vez, sim, — confirmou, grosso, a vítima. — O meu lugar não é no Purgatório, não é no Inferno; deve ser, forçosamente, aqui. Veja bem!

O apóstolo enforquilhou os óculos no nariz, abriu o livro em que estavam registrados os nomes das almas, folheou, folheou, folheou, e, de repente, voltando-se, indagou:

— Diga-me uma coisa: onde foi que você morreu?

— Eu? Na Santa Casa do Rio de Janeiro! — respondeu a vítima.

E o chaveiro, escancarando a porta:

— É aqui mesmo, entre!

E mostrando o livro:

— A culpa não foi minha, filho! Você devia vir para cá, daqui a vinte anos!

E aborrecido:

— Esta Santa Casa tem me estragado a escrita!...

O NINHO DO CURIÓ

Rosto em brasa, olhos vivos, cabelos alvoroçados, atravessava o Luizinho a praça do povoado, denunciando no desalinho das roupas, no fogo das faces, no susto das maneiras, a sua última travessura, quando, ao passar pela frente da igreja, foi detido suavemente, brandamente, pela bondade do padre Guilherme.

— Venha cá, ó Luizinho!

O garoto tremeu, desconcertado, e o vigário, homem de uns quarenta anos, insistiu:

— Venha cá!

Luizinho chegou-se, respeitoso, de olhos no chão e chapéu entre os dedos, e o sacerdote indagou:

— Então, por onde andou você, hoje?

— Eu?

— Sim, você.

O pequeno corou, envergonhado, e o padre, excelente pastor, pegou-lhe da mão, puxando-o para dentro da igreja.

— Venha cá; venha se confessar.

Um minuto depois estava o Luizinho, com os olhos muito espantados, ajoelhado no confessionário, a contar ao padre Guilherme o seu grande pecado do dia.

— Eu estive hoje na mata do outro lado do rio, tirando uns ninhos de curió... confessava o garoto.

— Ninho de curió? — estranhou o confessor, franzindo a testa. — Você não sabe, então, que é pecado tirar os ninhos das avezitas, roubando os pobres passarinhos ao conchego de seus pais?

Luizinho mantinha-se cabisbaixo, vermelho de arrependimento e de vergonha, e não respondeu. O vigário insistiu, porém:

— E onde foi que você achou esses ninhos de curió?

— Na ingazeira, junto do morro.

— E havia muitos?

— Havia, sim, senhor.

— Pois, não tire mais, não. É pecado, e pecado mortal!

Na manhã seguinte, após uma noite de apreensões aflitivas, ia o garoto procurar urnas vacas na outra margem do rio, quando viu, ao longe, o vulto de padre Guilherme, que se aproximava, cauteloso, da ingazeira de que lhe falara na véspera. Luizinho escondeu-se, de um salto, em uma das moitas das proximidades, e observou tudo. Padre Guilherme chegou, com o breviário nas mãos e nariz no ar, examinou, sondou, olhou para um lado, olhou para outro, e, como não visse ninguém, descansou o livro na raiz da árvore, endireitou os óculos e subiu. Momentos depois, assinalados pelo piar dos passaritos implumes e pelo voo das aves aninhadas, o servo de Deus descia da ingazeira, sustentando nas mãos os bolsos da batina, repletos de curiós.

Luizinho viu tudo isso, da sua moita, e não disse nada. Padre Guilherme apanhou o seu breviário e foi-se embora para a aldeia. Ele tomou, também, o seu varapau, e lá se pelo mundo ganhar a vida, até que, anos depois, homem feito, voltou, de novo, à terra do seu nascimento.

Forte, moço, querido das moças, ia, uma tarde, o Luiz pela praça da matriz, quando o detiveram pelo braço:

— Olá, Luiz, como vai?

— Oh! o Sr. padre Guilherme! — sorriu o rapagão, feliz.

E travou-se a palestra

— Então, veio à terra para casar, não?

— É verdade, sim, senhor.

O padre deu-lhe parabéns, mas, não satisfeito, insistiu:

— E a noiva?... Afinal, quem é a noiva?

Luiz encarou, firme, o reverendo, e trovejou:

— A noiva? Eu sou tolo, então, para lhe dizer quem é?

E, dando-lhe as costas, indignado:

— Pensa, então, que isto é ninho de curió?...

E afastou-se, resmungando.

ENCONTRO EM HOLLYWOOD

Caminhávamos, alguns amigos, admirando a paisagem do Wilshire Boulevard, em Hollywood, quando fizemos parada, ante a serenidade do **Memoriam Park Cemetery**, entre o nosso caminho e os jardins de Glendon Avenue.

A formosa mansão dos mortos mostrava grande movimentação de Espíritos libertos da experiência física, e entramos.

Tudo, no interior, tranquilidade e alegria. Os túmulos simples pareciam monumentos erguidos à paz, induzindo à oração. Entre as árvores que a primavera pintara de verde novo, numerosas entidades iam e vinham, muitas delas escoradas umas nas outras, à feição de convalescentes, sustentadas por enfermeiros em pátio de hospital agradável e extenso.

Numa esquina que se alteava com o terreno, duas laranjeiras ornamentais guardavam o acesso para o interior de pequena construção que hospeda as cinzas de muitas personalidades que demandaram o Além, sob o apreço do mundo. A um canto, li a inscrição: “Marilyn Monroe — 1926-1962”. Surpreendido, perguntei a Clinton, um dos amigos que nos acompanhavam:

— Estão aqui os restos de Marilyn, a estrela do cinema, cuja história chegou até mesmo ao conhecimento de nós outros, os desencarnados de longo tempo no Mundo Espiritual?

— Sim — respondeu ele, e acentuou com expressão significativa: — não se detenha, porém, a tatear-lhe a legenda mortuária... Ela está viva e você pode encontrá-la, aqui e agora...

— Como?

O amigo indicou frondoso olmo chinês, cuja galharia compõe esmeraldino refúgio no largo recinto, e falou:

— Ei-la que descansa, decerto em visita de reconforto e reminiscência...

A poucos passos de nós, uma jovem desencarnada, mas ainda evidentemente enferma, repousava a cabeleira loura no colo de simpática senhora que a tutelava. Marilyn Monroe, pois era ela, exibia a face desfigurada e os olhos tristes. Informados de que nos seria lícito abordá-la, para alguns momentos de conversa, aproximamo-nos, respeitosos.

Clinton fez a apresentação e aduzi:

— Sou um amigo do Brasil que deseja ouvi-la.

— Um brasileiro a procurar-me, depois da morte?

— Sim, e porque não? — acrescentei, — a sua experiência pessoal interessa a milhões de pessoas no mundo inteiro...

E o diálogo prosseguiu:

— Uma experiência fracassada...

— Uma lição talvez.

— Em que lhe poderia ser útil?

— A sua vida influenciou muitas vidas e estimaríamos receber ainda que fosse um pequeno recado de sua parte para aqueles que lhe admiraram os filmes e que lhe recordam no mundo a presença marcante...

— Quem gostaria de acolher um grito de dor?

— A dor instrui...

— Fui mulher como tantas outras e não tive tempo e nem disposição para cogitar de filosofia.

— Mas fale mesmo assim...

— Bem, diga então às mulheres que não se iludam a respeito de beleza e fortuna, emancipação e sucesso... Isso dá popularidade e a popularidade é um trapézio no qual raras criaturas conseguem dar espetáculos de grandeza moral, incessantemente, no circo do cotidiano.

— Admite, desse modo, que a mulher deve permanecer no lar, de maneira exclusiva?

— Não tanto. O lar é uma instituição que pertence à responsabilidade tanto da mulher quanto do homem. Quero dizer que a mulher lutou durante séculos para obter a liberdade... Agora que a possui nas nações progressistas, é necessário aprender a controlá-la. A liberdade é um bem que reclama senso de administração, como acontece ao poder, ao dinheiro, à inteligência...

Pensei alguns momentos na fama daquela jovem que se apresentara à Terra inteira, dali mesmo, em Hollywood, e ajuntei:

— Miss Monroe, quando se refere à liberdade da mulher, você quer mencionar a liberdade do sexo?

— Especialmente.

— Porquê?

— Concorrendo sem qualquer obstáculo ao trabalho do homem, a mulher, de modo geral, se julga com direito a qualquer tipo de experiência e, com isso, na maioria das vezes, compromete as bases da vida. Agora que regressei à Espiritualidade, compreendo que a reencarnação é uma escola com muita dificuldade de funcionar para o bem, toda vez que a mulher foge à obrigação de amar, nos filhos, a edificação moral a que é chamada.

— Deseja dizer que o sexo...

— Pode ser comparado à porta da vida terrestre, canal de renascimento e renovação, capaz de ser guiado para a luz ou para as trevas, conforme o rumo que se lhe dê.

— Ser-lhe-ia possível clarear um pouco mais este assunto?

— Não tenho expressões para falar sobre isso com o esclarecimento necessário; no entanto, proponho-me a afirmar que o sexo é uma espécie de caminho sublime para a manifestação do amor criativo, no campo das formas físicas e na esfera das obras espirituais, e, se não for respeitado por uma sensata administração dos valores de que se constitui, vem a ser naturalmente tumultuado pelas inteligências animalizadas que ainda se encontram nos níveis mais baixos da evolução.

— Miss Monroe, — considere, encantado, em lhe ouvindo os conceitos, — devo asseverar-lhe, não sem profunda estima por sua pessoa, que o suicídio não lhe alterou a lucidez.

— A tese do suicídio não é verdadeira como foi comentada, — acentuou ela sorrindo.

— Os vivos falam acerca dos mortos o que lhes vem à cabeça, sem que os mortos lhes possam dar a resposta devida, ignorando que eles mesmos, os vivos, se encontrarão, mais tarde, diante desse mesmo problema... A desencarnação me alcançou através de tremendo processo obsessivo. Em verdade, na época, me achava sob profunda depressão. Desde menina, sofri altos e baixos, em matéria de sentimento, por não saber governar a minha liberdade... Depois de noites horríveis, nas quais me sentia desvairar, por falta de orientação e de fé, ingeri, quase semi-inconsciente, os elementos mortíferos que me expulsaram do corpo, na suposição de que tomava uma simples dose de pílulas mensageiras do sono...

— Conseguiu dormir na grande transição?

— De modo algum. Quando minha governanta bateu à porta do quarto, inquieta ao ver a luz acesa, acordei às súbitas da sonolência a que me confiara, sentindo-me duas pessoas a um só tempo... Gritei apavorada, sem saber, de imediato, identificar-me, porque lograva mover-me e falar, ao lado daquela **outra forma**, a vestimenta carnal que eu largara... Infelizmente para mim, o aposento abrigava alguns malfeitores desencarnados que, mais tarde, vim a saber, me dilapidavam as energias. Acompanhei, com indescritível angústia, o que se seguiu com o meu corpo inerme; entretanto, isso faz parte de um capítulo do meu sofrimento que lhe peço permissão para não relembrar...

— Ser-lhe-á possível explicar-nos porque terá experimentado essa agudeza de percepção, justamente no instante em que a morte, de modo comum, traz anestesia e repouso?

— Efetivamente, não tive a intenção de fugir da existência, mas, no fundo, estava incursa no suicídio indireto. Malbaratara minhas forças, em nome da arte, entregara-me a excessos que me arrasaram as oportunidades de elevação... Ultimamente, fui informada por amigos daqui de que não me foi possível descansar, após a desencarnação, enquanto não me desvencilhei da influência perniciosa de Espíritos vampirizadores a cujos propósitos eu aderira, por falta de discernimento quanto às leis que regem o equilíbrio da alma.

— Compreendo que dispõe agora de valiosos conhecimentos, em torno da obsessão...

— Sim, creio hoje que a obsessão, entre as criaturas humanas, é um flagelo muito pior que o câncer. Peçamos a Deus que a ciência no mundo se decida a estudar-lhe os problemas e resolvê-los...

A entrevistada mostrava sinais de fadiga e, pelos olhos da enfermeira que lhe guardava a cabeça no regaço amigo, percebi que não me cabia avançar.

— Miss Monroe, — concluí, — foi um prazer para mim este encontro em Hollywood. Podemos, acaso, saber quais são, na atualidade, os seus planos para o futuro?

Ela emitiu novo sorriso, em que se misturavam a tristeza e a esperança, manteve silêncio por alguns instantes e afirmou:

— Na condição de doente, primeiro, quero melhorar-me... Em seguida, como aluna no educandário da vida, preciso repetir as lições e provas em que fali... Por agora, não devo e nem posso ter outro objetivo que não seja reencarnar, lutar, sofrer e reaprender...

Pronunciei algumas frases curtas de agradecimento e despedida e ela agitou a pequenina mão num gesto de adeus. Logo após, alinhavei estas notas, à guisa de reportagem, a fim de pensar nas bênçãos do Espiritismo Evangélico e na necessidade da sua divulgação.

DESAPONTAMENTO DE UM SUICIDA

O generoso Rogério, excelente amigo do Plano espiritual, que, desde muitos anos, vem consagrando as melhores energias ao serviço das entidades sofredoras, procurou-me para um convite.

— Queres acompanhar-me no trabalho de socorrer um desventurado suicida que sofre nas regiões inferiores, há trinta anos?

— Trinta anos? — Interroguei, admirado.

— Outros existem, nos Círculos de padecimentos atrozes, com mais dilatado tempo que esse, — respondeu serenamente.

Por minha parte, não conseguia dissimular o assombro justo.

— Semelhantes angústias, — retorqui, — devem ser consequências de romance bem doloroso.

— Não tanto. No presente caso, ao lado do infortúnio, não podemos esquecer a irreflexão e a rebeldia.

A observação de Rogério espicaça-me a curiosidade.

— Gostaria de acompanhar-te, mas não me posso furtar ao desejo de conhecer alguma coisa da história dessa personagem que iremos visitar.

— É interessante, — replicou-me, — entretanto, não é incomum. Homens numerosos se encontram, atualmente, em suas antigas condições.

E, depois de tomar posição como narrador engraçado e otimista, começou atencioso:

— Há cerca de trinta anos, Tomasino Pereira era empregado de uma tipografia no Rio de Janeiro. Temperamento singular e atrabiliário, jamais pudera evadir-se do círculo das lamentações estéreis. Não se fazia ouvir senão para comover os interlocutores com queixas acerbadas. Lastimava-se incessantemente. Acusava o mundo, o país, o trabalho, os amigos. Em vão procuravam os companheiros injetar-lhe coragem e otimismo. O mísero estava sempre excessivamente nervoso ou irremediavelmente desalentado. A família numerosa, os deveres cotidianos, as contas mensais do armazém, açougueiro e padeiro, amedrontavam-lhe o espírito. Entretanto, a maior tragédia de Tomasino, na apreciação de si próprio, era o problema conjugal. A esposa ignorante não o compreendia. E em vez de melhorar-lhe as condições espirituais com carinho e paciência, levantando-lhe as concepções em busca dos horizontes superiores da vida, o infeliz gastava o tempo em promessas de pancada, ameaças de separação, gestos violentos e rudes. A situação enchia os filhinhos do casal de espanto e amargura, pois o chefe da casa, em desespero, dava a impressão de um louco, sem esperança de cura. Quando não esmurrava as mesas, em fúria doentia, mantinha-se em atitude de extrema desolação, apático, em prantos angustiosos. No quadro de seus afeiçoados, estava o Oscar Fraga, amigo de infância e de luta diária, que se valia das fases de desânimo do amigo para mais aproximar-se, tentando arrancar-lhe a alma das tempestades da incompreensão. O caso, porém, tornava-se mais complicado, dia a dia. Tomasino andava possuído de ideia sinistra. Alimentava o propósito de suicídio com preocupação crescente. No íntimo, sempre considerara os que fogem às tormentas da vida humana como criaturas privilegiadas e

corajosas. Não era a melhor maneira de protestar contra o destino, retirar-se do mundo, em silêncio? Não lhe parecia a existência terrestre enorme banquete, onde alguns se serviam dos manjares, reservando-se a outros as ervas amargas? Depor o fardo a meio do caminho, em seu modo de ver, constituía a atitude mais consentânea com a dignidade pessoal. No fundo, acreditava na existência de Deus, mas a cegueira de espírito não lhe deixava entrever o menor vislumbre das verdades essenciais, que o induziriam à coragem indispensável no combate comum. À medida que lhe crescia n'alma a intenção de escapar à luta, mais se sentia herói.

Percebendo-lhe tão perigosas disposições, o Fraga, que era espiritista convicto, aproximou-se com mais vigor, trazendo-lhe a cooperação fraternal de que dispunha. Eram mensagens de suicidas desventurados, exortações evangélicas, páginas de consolação e reerguimento moral.

— Tudo isso é fumo de ilusão — exclamava Tomasino, desalentado —, ninguém pode regressar da poeira do túmulo. Creio em Deus e estou certo de que Ele, mais que ninguém, compreende minha dor.

— Também eu, — murmurava o companheiro, pacientemente, — não ponho em dúvida o interesse amoroso do Altíssimo em nosso favor. Naturalmente entenderá nossas mágoas, mas não poderá tolerar nossas rebeldias.

— É isso! — Gritava mais fortemente o infeliz, — estou abandonado, tudo para mim está perdido! A desgraça colheu minha sorte, é preciso morrer. Tudo apodreceu, tudo caiu!...

E, enquanto o desventurado enxugava os olhos com o lenço, o companheiro retrucava com larga dose de bom humor:

— O nervosismo costuma também fugir à verdade. Não estás sendo reto.

— E ainda me acusas? — Perguntava Tomasino, desganhado.

— Nem todas as cousas permanecem derrubadas, — esclarecia o Fraga, calmamente, — pelo menos esta casa, que Deus transformou em ninho de teus filhos e onde encontramos refúgio para a conversação afetuosa, ainda está de pé.

A resposta parecia suavizar os abafamentos do interlocutor, pela nota de humorismo. Depois de alguns minutos pesados de meditação, Tomasino voltava em desalento:

— Mas... e Olinda?! Se minha mulher compreendesse as necessidades justas, talvez que a vida se equilibrasse...

— Por que não lhe auxilias a alma inculta, empenhando nisso as melhores forças do coração? — Inquiria o companheiro sensatamente. — Olinda não é má. Como sabes, a ignorância tem arestas que é necessário desgastar. Além disso, nunca deverias esquecer que se trata da mãe de teus filhinhos. Deus não vos teria unido sem razões fortes, na estrada da vida imortal. Vejo, em tudo isso, a representação de teus débitos espirituais no passado e que se torna imprescindível resgatar.

Tomasino atalhava em tom irado:

— Não tens outro argumento senão esta história de reencarnações?

— Tenho, sim... — murmurava o Fraga, sem se perturbar.

E enquanto o outro o contemplava espantado:

— É indispensável que cada um saiba carregar a sua cruz redentora.

— És sempre fecundo nos conselhos! — Clamava o mísero, desesperado.

O amigo, porém, sem qualquer irritação, prosseguia de bom humor:

— Estás enganado. Este conselho não é meu, é de Jesus-Cristo. Não me sinto devidamente iluminado para orientar a quem quer que seja; no entanto, creio que concordarás comigo quanto à competência do Salvador.

A verdade, contudo, é que o Fraga sempre se retirava sem obter nenhum resultado satisfatório. Irascível, teimoso, impermeável aos benefícios da fé religiosa, Tomasino Pereira manteve-se inacessível a todos os processos de socorro espiritual. E na ideia orgulhosa de que poderia enfrentar o próprio Deus, a fim de inquirir o Criador, quanto aos enigmas do destino, uma noite tranquila, sem que ninguém esperasse, estourou os miolos irrefletidamente.

A narração movimentada levou-me a recordar alguns companheiros das tarefas humanas, impressionando-me, vivamente.

— Esse é o Espírito que encontraremos daqui a alguns instantes — concluiu Rogério com um sorriso generoso.

De fato, sem despendar maior esforço, descemos a uma região de sombras muito espessas. Assemelhava-se, antes de tudo, a uma grande caverna pestilenta e úmida, como deveriam ser os calabouços da Idade Média. Viam-se ali criaturas estiradas, em gemidos lancinantes.

Conservando-se a distância, Rogério exortou-me a permanecer em sua companhia e enviou alguns auxiliares em busca do desventurado Tomasino.

O infeliz aproximou-se, de rastros. Parecia um monstro, tal a desfiguração pelo sofrimento. Observando os fluidos luminosos que envolviam Rogério a esperá-lo, o mísero supôs que defrontava um dos mais altos emissários de Deus. Enganado ainda pelas falsas concepções da Terra, começou a chorar, convulsivamente, acreditando que o Altíssimo lhe dispensava honrosas deferências, como se fora um herói esquecido, em revisão de processo.

— Anjo celeste, — murmurou prostrando-se ante Rogério, — eu sabia que Deus me faria justiça. Fui um infeliz na Terra, vaguei como cão sem dono entre aqueles que desfrutavam o banquete da vida humana; atravessei a existência incompreendido e aqui estou, em abandono, em pavorosa caverna de martírios, aguardando a Providência Divina...

As lágrimas caíam-lhe em suprema desesperação. O interpelado, porém, mantinha-se em serenidade impassível e disse-lhe com firmeza:

— Tomasino, esquece o vício da queixa. Não sou um anjo celestial, sou teu irmão no mesmo caminho evolutivo. Não vim até aqui para arquivar as tuas lamentações, mas para sugerir-te calma e boa vontade, atendendo a muitas rogativas dos que se interessam por ti. Não consta, no Plano espiritual mais elevado, que hajas sido tão infeliz e sim que sempre foste rebelde aos alvitre divinos, quanto preguiçoso nas realizações para a vida eterna.

O suicida experimentou indisfarçável surpresa. Esperava que todos os emissários do mundo superior fossem portadores de uma doçura de mel. Viciado como criança

necessitada e exigente, não entendia a bondade fora dos prismas da ternura. Assustado, Tomasino assumiu atitude diversa.

— Venho para ser útil às tuas necessidades presentes, — continuou Rogério sem emoção, — prestando-te este ou aquele informe que julgues necessário ao soerguimento do teu espírito.

Via-se que o choque fora benéfico a Tomasino. Começando a compreender que a responsabilidade não dispensa a energia, fazia esforços para esquecer as velhas lamúrias e enveredar por expressões sérias, condizentes com a sua posição espiritual.

— Desejaria receber notícias de meus filhos! — Disse num gesto mais digno.

— Todos realizam as suas tarefas satisfatoriamente, — esclareceu Rogério, generoso. — Como deves saber, as obras de Deus não sofrem solução de continuidade, porque este ou aquele dos trabalhadores delibere escapar aos compromissos assumidos. Teus filhos são homens de bem, úteis à sociedade de que são parte integrante e ativa; tuas filhas, nos dias que correm, são mães devotadas e generosas. Eles confiavam em ti, quando não possuías nenhuma parcela de confiança em ti mesmo. E porque hajas fugido ao lar, desamparando-os, nunca te esqueceram nas intercessões amorosas.

— Infeliz que fui! — Exclamou o suicida com acento amarguroso.

— Devias afirmar, antes de tudo, que foste tolo!

Extremamente desapontado, Tomasino quis desviar o assunto e interrogou:

— Creio que tendes poder para auxiliar-me. Que devo fazer para melhorar esta situação? Sinto a cabeça tonta, sem direção... Desejaria, pelo menos, alcançar um tantinho de saúde..

— Perguntaste bem, — disse-lhe o meu amigo, — esse desejo evidencia as tuas melhoras espirituais. O que te poderá restaurar a saúde e o equilíbrio é a nova aplicação de terra.

— Aplicação de terra? — Revidou Tomasino assombrado.

— Sim, terás de ser revestido, novamente, de um corpo terrestre. No Planeta encontrarás o remédio para teus males. Despedaçaste o crânio e voltarás a exhibir, no mundo, o crânio despedaçado. Não te faltará a medicação...

— Medicação?

— Perfeitamente, — esclareceu Rogério, — o idiotismo, a loucura, o desequilíbrio nervoso...

— São doenças — atalhou o suicida prontamente.

— É verdade, Tomasino, os seres terrenos ainda não compreenderam; mas, enquanto curam as enfermidades, acabam curados por elas. Aceitas, pois, o remédio do porvir?

Reconhecia-se o pavor do infeliz, em face da indicação, mas, ao cabo de longos minutos de meditação, murmurou humilhado:

— Aceito... Quando deverei voltar?

— Quando nossa irmã Olinda estiver em condições de te receber nos braços maternos.

O suicida compreendeu e entrou em profundo silêncio.

Daí a instantes, era novamente recolhido ao seu cárcere de dor. Acerquei-me, então, de Rogério, admirado. Meu amigo trazia agora os olhos úmidos, revelando enorme piedade e comoção.

Antes que lhe fizesse qualquer pergunta, tomou-me delicadamente o braço e murmurou compungido:

— Imensa é a tragédia dos Espíritos sofredores. Mas, no auxílio efetivo, é indispensável considerar que cada doente reclama o seu remédio. A maioria dos suicidas requisita a dureza e a ironia para que possa entender a verdade. Até que se verifique a próxima experiência terrestre, Tomasino Pereira estudará sinceramente a própria situação e não se queixará mais...

JUDAS ISCARIOTES

Silêncio augusto cai sobre a Cidade Santa. A antiga capital da Judéia parece dormir o seu sono de muitos séculos. Além descansa Getsêmani, onde o Divino Mestre chorou numa longa noite de agonia, acolá está o Gólgota sagrado e em cada coisa silenciosa há um traço da Paixão que as épocas guardarão para sempre. E, em meio de todo o cenário, como um veio cristalino de lágrimas, passa o Jordão silencioso, como se as suas águas mudas, buscando o Mar Morto, quisessem esconder das coisas tumultuosas dos homens os segredos insondáveis do Nazareno.

Foi assim, numa destas noites que vi Jerusalém, vivendo a sua eternidade de maldições.

Os espíritos podem vibrar em contacto direto com a história. Buscando uma relação íntima com a cidade dos profetas, procurava observar o passado vivo dos Lugares Santos. Parece que as mãos iconoclastas de Tito por ali passaram como executoras de um decreto irrevogável. Por toda a parte ainda persiste um sopro de destruição e desgraça. Legiões de duendes, embuçados nas suas vestimentas antigas, percorrem as ruínas sagradas e no meio das fatalidades que pesam sobre o empório morto dos judeus, não ouvem os homens os gemidos da humanidade invisível.

Nas margens caladas do Jordão, não longe talvez do lugar sagrado, onde Precursor batizou Jesus Cristo, divisei um homem sentado sobre uma pedra. De sua expressão fisionômica irradiava-se uma simpatia cativante.

- Sabe quem é este? – murmurou alguém aos meus ouvidos. – Este é Judas.

- Judas?!...

- Sim. Os espíritos apreciam, às vezes, não obstante o progresso que já alcançaram, volver atrás, visitando os sítios onde se engrandeceram ou prevaricaram, sentindo-se momentaneamente transportados aos tempos idos. Então mergulham o pensamento no passado, regressando ao presente, dispostos ao heroísmo necessário do futuro. Judas costuma vir à Terra, nos dias em que se comemora a Paixão de Nosso Senhor, meditando nos seus atos de antanho...

Aquela figura de homem magnetizava-me. Eu não estou ainda livre da curiosidade do repórter, mas entre as minhas maldades de pecador e a perfeição de Judas existia um abismo. O meu atrevimento, porém, e a santa humildade de seu coração, ligaram-se para que eu o atravessasse, procurando ouvi-lo.

-O senhor é, de fato, o ex-filho de Iscariot? – Sim, sou Judas – respondeu aquele homem triste, enxugando uma lágrima nas dobras de sua longa túnica. Como o Jeremias, das Lamentações, contemplo às vezes esta Jerusalém arruinada, meditando no juízo dos homens transitórios...

- É uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento com respeito à sua personalidade na tragédia da condenação de Jesus?

- Em parte... Os escribas que redigiram os evangelhos não atenderam às circunstâncias e às tricas políticas que acima dos meus atos predominaram na nefanda crucificação. Pôncio Pilatos e o tetrarca da Galiléia, além dos seus interesses individuais na questão, tinham ainda a seu cargo salvaguardar os interesses do Estado romano, empenhado em satisfazer as aspirações religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma história. O Sanedrim desejava o reino do céu pelejando por Jeová, a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagônicas com a sua pureza imaculada. Ora, eu era um dos apaixonados pelas idéias socialistas do Mestre, porém o meu excessivo zelo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos corações, eu via a política, única arma com a qual poderia triunfar e Jesus não obteria nenhuma vitória. Com as suas teorias nunca poderia conquistar as rédeas do poder já que, no seu manto de pobre, se sentia possuído de um santo horror à propriedade. Planejei então uma revolta surda como se projeta hoje em dia na Terra a queda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundário e eu arranjaria colaboradores para uma obra vasta e enérgica como a que fez mais tarde Constantino Primeiro, o Grande, depois de vencer Maxêncio às portas de Roma, o que aliás apenas serviu para desvirtuar o Cristianismo. Entregando, pois, o Mestre, a Caifás, não julguei que as coisas atingissem um fim tão lamentável e, ralado de remorsos, presumi que o suicídio era a única maneira de me redimir aos seus olhos.

- E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

- Não. Não consegui. O remorso é uma força preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte trágica submergi-me em séculos de sofrimento expiatório da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado. Vítima da felonía e da traição deixei na Terra os derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do século XV. Desde esse dia, em que me entreguei por amor do Cristo a todos os tormentos e infâmias que me aviltavam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentido na frente o ósculo de perdão da minha própria consciência...

- E está hoje meditando nos dias que se foram... - pensei com tristeza.

- Sim... Estou recapitulando os fatos como se passaram. E agora, irmanado com Ele, que se acha no seu luminoso Reino das Alturas que ainda não é deste mundo, sinto nestas estradas o sinal de seus divinos passos. Vejo-O ainda na Cruz entregando a Deus o seu destino... Sinto a clamorosa injustiça dos companheiros que O abandonaram inteiramente e me vem uma recordação carinhosa das poucas mulheres que O ampararam no doloroso transe... Em todas as homenagens a Ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor... Olho complacentemente os que me acusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenária, como sobre estes sítios cheios de miséria e de infortúnio. Pessoalmente, porém, estou saciado de justiça, porque já fui absolvido pela minha consciência no tribunal dos suplícios redentores.

Quanto ao Divino Mestre – continuou Judas com os seus prantos – infinita é a sua misericórdia e não só para comigo, porque se recebi trinta moedas, vendendo-O aos

seus algozes, há muitos séculos Ele está sendo criminosamente vendido no mundo a grosso e a retalho, por todos os preços em todos os padrões do ouro amoeado...

- É verdade – concluí – e os novos negociadores do Cristo não se enforcam depois de vendê-lo.

Judas afastou-se tomando a direção do Santo Sepulcro e eu, confundido nas sombras invisíveis para o mundo, vi que no céu brilhavam algumas estrelas sobre as nuvens pardacentas e tristes, enquanto o Jordão rolava na sua quietude como um lençol de águas mortas, procurando um mar morto.

A ESCRAVA DO SENHOR

Quando João, o discípulo amado, veio ter com Maria, anunciando-lhe a detenção do Mestre, o coração materno, consternado, recolheu-se ao santuário da prece e rogou ao Senhor Supremo poupasse o filho querido. Não era Jesus o Embaixador Divino? Não recebera a notificação dos anjos, quanto à sua condição celeste?... Seu filho amado nascera para a salvação dos oprimidos... Ilustraria o nome de Israel, seria o rei diferente, cheio de amoroso poder. Curava leprosos, levantava parálíticos sem esperança. A ressurreição de Lázaro, já sepultado, não bastaria para elevá-lo ao cume da glorificação?

E Maria confiou ao Deus de Misericórdia suas preocupações e súplicas, esperando-lhe a providência; entretanto, João voltou em horas breves, para dizer-lhe que o Messias fora encarcerado.

A Mãe Santíssima regressou à oração em silêncio. Em pranto, implorou o favor do Pai Celestial. Confiaria n'Ele.

Desejava enfrentar a situação, desassombradamente, procurando as autoridades de Jerusalém. Mas, humilde e pobre, que conseguiria dos poderosos da Terra? E, acaso, não contava com a proteção do Céu? Certamente, o Deus de Bondade Infinita, que seu filho revelara ao mundo, salvá-lo-ia da prisão, restituí-lo-ia à liberdade.

Maria manteve-se vigilante. Afastando-se da casa modesta a que se recolhera, ganhou a rua e intentou penetrar o cárcere; todavia, não conseguiu comover o coração dos guardas.

Noite alta, velava, súplice, entre a angústia e a confiança.

Mais tarde, João voltou, comunicando-lhe as novas dificuldades surgidas. O Mestre fora acusado pelos sacerdotes. Estava sozinho. E Pilatos, o administrador romano, hesitando entre os dispositivos da lei e as exigências do povo, enviara o Mestre à consideração de Herodes.

Maria não pôde conter-se. Segui-lo-ia de perto.

Resoluta, abrigou-se num manto discreto e tornou à via pública, multiplicando as rogativas ao Céu, em sua maternal aflição. Naturalmente, Deus modificaria os acontecimentos, tocando a alma de Ântipas. Não duvidaria um instante. Que fizera seu filho para receber afrontas? Não reverenciava a lei? Não espalhava sublimes consolações? Amparada pela convertida de Magdala, alcançou as vizinhanças do palácio do tetrarca. Oh! infinita amargura! Jesus fora vestido com uma túnica de ironia e ostentava, nas mãos, uma cana suja à maneira de cetro e, como se isso não bastasse, fora também coroado de espinhos!... Ela quis aproximar-se a fim de libertar-lhe a fronte sangrenta e arrebatá-lo da situação dolorosa, mas o filho, sereno e resignado, endereçou-lhe o olhar mais significativo de toda a existência. Compreendeu que ele a induzia à oração e, em silêncio, lhe pedia confiança no Pai. Conteve-se, mas o seguiu em pranto, rogando a intervenção divina. Impossível que o Pai não se manifestasse. Não era seu filho o escolhido para a salvação? Não era ele a luz de Israel, o sublime revelador? Lembrou-lhe a infância, amparada pelos anjos... Guardava a impressão de que a Estrela Brilhante, que lhe anunciara o nascimento, ainda resplandecia no alto!...

A multidão estacou, de súbito. Interrompera-se a marcha para que o governador romano se pronunciasse em definitivo.

Maria confiava. Quem sabe chegara o instante da ordem de Deus? O Supremo Senhor poderia inspirar diretamente o juiz da causa.

Após ansiedades longas, Pôncio Pilatos, num esforço extremo para salvar o acusado, convidou a turba farisaica a escolher entre Jesus, o Divino Benfeitor, e Barrabás, o bandido. O coração materno asilou esperanças mais fortes. O povo ia falar e o povo devia muitas bênçãos ao seu filho querido. Como equiparar o Mensageiro do Pai ao malfeitor cruel que todos conheciam? A multidão, porém, manifestou-se, pedindo a liberdade para Barrabás e a crucificação para Jesus. Oh! — Pensou a mãe atormentada, — onde está o Eterno que não me ouve as orações? Onde permanecem os anjos que me falavam em luminosas promessas?

Em copioso pranto, viu seu filho vergado ao peso da cruz. Ele caminhava com dificuldade, corpo trêmulo pelas vergastadas recebidas e, obedecendo ao instinto natural, Maria avançou para oferecer-lhe auxílio. Contiveram-na., todavia, os soldados que rodeavam o Condenado Divino.

Angustiada, recordou-se repentinamente de Abraão. O generoso patriarca, noutro tempo, movido pela voz de Deus, conduziu o filho amado ao sacrifício. Seguiu Isaac inocente, dilacerado de dor, atendendo a recomendação de Jeová, mas, eis que no instante derradeiro, o Senhor determinou o contrário, e o pai de Israel regressara ao santuário doméstico em soberano triunfo. Certamente, o Deus Compassivo escutava-lhe as súplicas e reservava-lhe júbilo igual. Jesus desceria do Calvário, vitorioso, para o seu amor, continuando no apostolado da redenção; no entanto, dolorosamente surpreendida, viu-o içado no madeiro, entre ladrões.

Oh! A terrível angústia daquela hora!... Por que não a ouvira o Poderoso Pai? Que fizera para não lhe merecer a bênção?

Desalentada, ferida, ouvia a voz do filho, recomendando-a aos cuidados de João, o companheiro fiel. Registrou-lhe, humilhada, as palavras derradeiras. Mas, quando a sublime cabeça pendeu inerte, Maria recordou a visita do anjo, antes do Natal Divino. Em retrospecto maravilhoso, escutou-lhe a saudação celestial. Misteriosa força assenhoreava-lhe do espírito.

Sim... Jesus era seu filho, todavia, antes de tudo, era o Mensageiro de Deus. Ela possuía desejos humanos, mas o Supremo Senhor guardava eternos e insondáveis desígnios. O carinho materno poderia sofrer, contudo, a Vontade Celeste regozijava-se. Poderia haver lágrimas em seus olhos, mas brilhariam festas de vitória no Reino de Deus. Suplicara aparentemente em vão, porquanto, certo, o Todo-Poderoso atendera-lhe os rogos, não segundo os seus anseios de mãe e sim de acordo com os seus planos divinos!...

Foi então que Maria, compreendendo a perfeição, a misericórdia e justiça da Vontade do Pai, ajoelhou-se aos pés da cruz e, contemplando o filho morto, repetiu as inesquecíveis afirmações: — “Senhor, eis aqui a tua serva! Cumpra-se em mim, segundo a tua palavra!”

CARTA ABERTA

Meu amigo — soube que vocês esperaram, em Sebastianópolis, um escritor já morto, com grande estardalhaço jornalístico.

À maneira do viajante que volta de longe, estranho na própria terra e irreconhecível aos seus, deveria ele descer de algum ônibus invisível e aparecer como fantasma autêntico, relacionando novidades e anedotas do país das sombras.

Segundo a tradição venerável do Evangelho, Jesus apareceu numa sala de portas cerradas, em Jerusalém, depois da ressurreição, mas somente aos discípulos amados, à luz da confiança na intimidade do coração, contando-se, ainda, que um deles, transformando-se, de chofre, em investigador renitente, avançou para o Mestre, apalpando-lhe as chagas ainda vivas, como se o Cristo só pudesse ser identificado pelas feridas da cruz.

O escritor que vocês aguardavam, porém, era chamado a testemunho maior. Exigiam que ele retomasse os ossos carcomidos no apartamento de subsolo, onde seu corpo descansa, e viesse para a via pública discutir com os sacerdotes, confundir os médicos, esclarecer tabeliães e serventuários da justiça e mostrar, não somente as úlceras exclusivamente a um amigo, mas todas as suas vísceras à curiosidade popular.

Francamente, a expectativa de vocês estarrecia a qualquer, embora compreenda com que naturalidade os vivos provocam os mortos, dentro do véu da carne, velho manto das ilusões.

Vocês, aí no mundo, enviam tantos amigos para o Céu e tantos inimigos para o Inferno, tentando subverter a justiça divina, que não era demais requisitar a presença de um comentarista morto, recorrendo à justiça humana. E, observando os apuros do escritor desencarnado, recordei o artigo vigésimo das famosas instruções de Torquemada, segundo Llorente, que, por espírito de caridade na salvação dos hereges, recomendava aos inquisidores a exumação dos cadáveres dos escrevinhadores impenitentes, para responderem aos processos de lesa-fé, embora os réus só pudessem comparecer em atitude pouco higiênica, em virtude dos vermes que se lhes apossavam dos ossos. Felizmente, porém, para a tranquilidade de todos nós, que já atravessamos as águas turvas do Aqueronte, e para honra da civilização, Tomás de Torquemada também já restituiu os despojos ao campo de cinzas, há quatrocentos e quarenta e sete anos. Não obstante esta certeza confortadora, impressionava-me o volume de opiniões desconcertantes e das acusações lançadas a esmo.

Reclamavam vocês a presença do morto, com todos os pormenores anatômicos e características psicológicas e, para tanto, pediam o apoio da organização judiciária, apesar da dificuldade para encontrar um meirinho habilitado a entregar mandados no “outro mundo”.

Muitos afirmavam que a providência estabeleceria a vitória definitiva da verdade, como se a ressurreição do Cristo não tivesse felicitado o espírito humano há quase vinte séculos. Outros queriam ver para crer, convencidos de que a fé representa construção fenomênica, sem bases no raciocínio e no coração. Não faltaram os que lambiam os beiços, esperando a surpresa final, transformando o respeitável estudo das questões do destino e do ser em ruidosa luta de boxe, com o menosprezo de

todos os patrimônios espirituais que a civilização ajuntou, devagarinho, vertendo sangue e lágrimas nos conflitos evolutivos.

Dissuadam-se, porém, se é que ainda conservam injustificável expectativa quanto aos demais.

Os mortos têm voltado em todos os tempos para acalentar a esperança dos vivos de boa vontade, mas os homens de má-vontade estão cegos e é impossível curar a cegueira voluntária, não obstante nossa dedicação afetuosa aos companheiros de luta. Ainda mesmo que os desencarnados surgissem de improviso aos olhos das criaturas humanas, em vista do entendimento rudimentar em que se encontram, recorreriam sem demora às teorias de negação, criando recursos para novos ensaios de dúvida palavrosa e brilhante.

Os fenômenos não saciam a sede espiritual e a sensação não substitui o trabalho necessário ao desenvolvimento. Convençam-se de que nenhum de nós confundirá as leis eternas. Nem a exigência de vocês e nem a nossa afetividade poderão perturbar a ordem estabelecida. Todas as realizações legítimas pedem preparo e serviço, e você já pensou nas graves consequências do fato que pleiteavam, apaixonadamente? Que seria dos vivos, atolados até o pescoço nos interesses mesquinhos do imediatismo terrestre, se os mortos andassem agora materializados, publicamente, exigindo-lhes a renovação instantânea que só o trabalho, o tempo e a experiência podem fornecer?

Desiluda-se, meu caro. Imensurável é a compaixão do Senhor que jamais nos fulminará a pequenez de vermes com a revelação inopinada e integral de sua grandeza.

Além disso, vocês todos virão para cá. Ninguém faltará na passagem silenciosa que alguns companheiros alegres costumam apelidar pelo nome pitoresco de “defuntolândia”. Sem exceção de um só, lançar-se-ão às águas pesadas do velho rio da morte. Não importa a identificação dos necrotérios onde vocês deixarão as vísceras cansadas... Conforta-nos, sobretudo, a certeza de que nos reuniremos uns aos outros, a fim de crescermos em sabedoria e compreensão.

Entretanto, recordando as antigas ilusões que também me dominaram, quando perambulei no vale de sombras da carne, e notando a desvairada paixão com que se reclamava a presença do morto, ousei terminar esta carta com uma interrogação. Teriam vocês, de fato, bastante desassombro e serenidade para ver tranquilamente o fantasma e ouvir as revelações da morte?